



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARTES E HUMANIDADE

DOUTORAMENTO EM HISTÓRIA

UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA

“LUÍS DE CAMÕES”

Lisboa Boémia e Modernista:

Sociabilidades no Bairro de Campo de Ourique (1900-1950)

Tese para a obtenção do grau de Doutor em História

Autor: José Eduardo dos Santos Soares Carvalho

Orientador: Prof. Doutor Frédéric Jean-Marc Vidal

Número do candidato: 30008112

Outubro de 2025

Lisboa

AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer ao Departamento de História, Artes e Humanidade, da Universidade Autónoma de Lisboa, na pessoa do seu anterior diretor, Professor Doutor Miguel Figueira Faria, pelo préstimo com que me acolheu como candidato ao Doutoramento em História, reconhecimento que torno extensivo ao Conselho de Administração da C.E.U. pela concessão da bolsa durante os anos letivos em que desenvolvi a tese.

Ao Professor Doutor Frédéric Jean-Marc Vidal expresso agradecimentos pela competência científica com que acompanhou o meu trabalho, sempre com disponibilidade e generosidade reveladas no decurso do seu desenvolvimento. Foi um orgulho tê-lo como orientador e, por isso, a minha admiração e gratidão.

Aos profissionais do Núcleo de Apoio a Provas Académicas e Controlo de Qualidade da UAL, pela atenção dispensada à análise da tese e suas colocações. O esclarecimento de dúvidas e as sugestões foram determinantes para o aprimoramento da fase final do trabalho.

Uma última palavra de gratulação e afeto aos meus bisnetos, Joaquim, José Eduardo, Caetano e Henrique, que nasceram e cresceram com esta tese.

RESUMO

A presente tese investiga a construção da memória social no quotidiano urbano de Lisboa na primeira metade do século XX, com enfoque especial nas formas de sociabilidade mundana e boémia, associadas à emergência do modernismo nas suas diversas expressões. O recorte espacial incide sobre o bairro de Campo de Ourique, cuja trajetória urbana revela uma dinâmica própria e pouco explorada, marcada por transformações físicas, sociais e simbólicas.

Esta abordagem responde a uma lacuna historiográfica; embora existam estudos sobre a boémia e modernismo em Lisboa, a interseção entre esses fenómenos e a história urbana de um bairro específico – fora da Baixa lisboeta – permanece pouco aprofundada. Com isso, o trabalho procura contribuir para a história urbana, da cultura e das mentalidades.

O percurso metodológico obedeceu a uma pesquisa bibliográfica sobre a temática em estudo, mediante a consulta de autores de referência sobre esse propósito. A consulta documental envolveu um processo cíclico de procura, exame e interpretação das fontes para formar o conhecimento histórico desejado. Processo que envolveu uma heurística, como fase crítica, quer para avaliar a originalidade dos documentos, quer o exame do conteúdo e a veracidade das informações.

Não se pretende elaborar uma cronologia exaustiva da primeira metade do séc. XX, como qualquer meta-narrativa de transposição mecânica de acontecimentos. Ao invés, mediante a noção de pitoresco, o propósito é fazer transparecer os movimentos observados pela sua singularidade; aspetos inusitados, diferentes que se distanciam dos preceitos convencionais, que são incomuns ou peculiares, que provocam estranhamento.

As asserções finais, que a investigação permite lograr, conduzem a discorrer sobre duas comprovações: a evolução da sociabilidade, observada em Campo de Ourique, foi marginal ao ambiente boémio e transgressor experienciado nos meandros da Baixa de Lisboa; ao invés, foi ativo e notável o papel de homens e mulheres da literatura e das artes - nascidos ou/e residentes em Campo de Ourique - participando nos movimentos do modernismo e da modernidade que despontaram na temporalidade estudada.

Palavras-chave: boémia, modernismo, sociabilidade, bairro, Lisboa, Campo de Ourique.

ABSTRACT

This thesis investigates the construction of social memory in Lisbon's urban daily life in the first half of the 20th century, with a special focus on the forms of worldly and bohemian sociability associated with the emergence of modernism in its various expressions. The spatial focus is on Campo de Ourique neighbourhood, whose urban trajectory reveals its own little-explored dynamics, marked by physical, social and symbolic transformations.

This approach responds to a historiographical gap; although there are studies on bohemia and modernism in Lisbon, the intersection between these phenomena and the urban history of a specific neighbourhood - outside Lisbon's *Baixa* district - remains little explored. With this, the work seeks to contribute to urban history, culture and mentalities.

The methodological approach followed bibliographical research on the topic under study, through consultation with leading authors on this topic. Documentary consultation involved a cyclical process of searching, examining, and interpreting sources to form the desired historical knowledge. This process involved heuristics, as a critical phase, to assess both the originality of the documents and the content and veracity of the information.

The aim was not to create an exhaustive chronology of the first half of the 20th century, like any metanarrative of mechanically transposing events. Rather, through the notion of the picturesque, the aim was to reveal the observed movements for their singularity; unusual, different aspects that depart from conventional precepts, that are uncommon or peculiar, that provoke estrangement.

The final assertions that the research has enabled us to reach are twofold: the evolution of sociability observed in Campo de Ourique was marginal to the bohemian and transgressive atmosphere experienced in the meanders of downtown Lisbon; on the other hand, the role of men and women of literature and arts - born or/and resident in Campo de Ourique - participating in the modernism and modernity movements that emerged during the period studied was active and notable.

Keywords: bohemia, modernism, sociability, neighborhood, Lisboa, Campo de Ourique.

ÍNDICE GERAL

PREFÁCIO – pág. 11

1. INTRODUÇÃO – pág. 15

- 1.1 - JUSTIFICAÇÃO E RELEVÂNCIA DO TEMA – pág. 15
- 1.2 – OBJETO, OBJETIVOS E PROBLEMÁTICA DA INVESTIGAÇÃO – pág. 16
- 1.3 – DELIMITAÇÃO TEMPORAL E ESPACIAL - pág. 17
- 1.4 – ESTRUTURA DA TESE – pág. 17

2. METODOLOGIA E ESTADO DE ARTE – pág. 21

- 2.1 – REFERENCIAL TEÓRICO E CONCEITUAL – pág. 21
- 2.2 – DISCURSO DA METODOLOGIA – pág. 27
- 2.3 – BOÉMIA E MODERNISMO EM LISBOA: UM ESTADO DE ARTE – pág. 30

3. LISBOA NA ALVORADA DE NOVECENTOS (1900-1910) – pág. 35

- 3.1 - A LISBOA BOÉMIA AO VIRAR DO SÉCULO - pág. 37
- 3.2 - NOS BASTIDORES DA BOÉMIA DA CORTE – pág. 52
- 3.3 - O QUARTELCOMO MARCO DO BAIRRO DE CAMPO DE OURIQUE – pág. 60
- 3.4 - A QUINTA DOS PRAZERES – pág. 65
- 3.5 – DOS CHÃOS RÚSTICOS À URBANIZAÇÃO – pág. 73
- 3.6 – SÚMULA DO CAPÍTULO 3 – pág. 89

4. CAMPO DE OURIQUE NA “LISBOA LOUCA” (1910-1926) – pág. 91

- 4.1 - NO ALVOR DA REPÚBLICA – pág. 93
- 4.2 - OS REVESES DA “NOVA AURORA” – pág. 103
- 4.3 - NOVOS PERSONAGENS NA SOCIABILIDADE – pág. 111
- 4.4 - O DESPONTAR DO MODERNISMO – pág. 127
- 4.5 - CAMPO DE OURIQUE RECEBE PESSOA – pág. 137
- 4.6 – PADRÕES DE SOCIABILIDADE MUNDANA – pág. 163
- 4.7 - PRESENÇA DA MULHER – pág. 176
- 4.8 – SÚMULA DO CAPÍTULO 4 – pág. 193

5. CAMPO DE OURIQUE NA “LISBOA NOVA” (1926-1950) – pág. 197

- 5.1 - CAMPO DE OURIQUE ABRE-SE À CIDADE – pág. 200
- 5.2 - DO MODERNISMO À MODERNIDADE – pág. 213
- 5.3 - O PÁTIO DOS ARTISTAS – pág. 226
- 5.4 - O MODERNISMO REVISITADO – pág. 231
- 5.5 – SÚMULA DO CAPÍTULO 5 – pág. 244

6. CONCLUSÕES – pág. 247

FONTES E BIBLIOGRAFIA – pág. 259

APÊNDICE I: OS PERCURSORES DO BAIRRO – pág. 290

APÊNDICE II: BREVE CRONOLOGIA – pág. 299

ÍNDICE DE FIGURAS

As oitenta e duas figuras que ilustram o texto estão numeradas, em separado, pelos três capítulos centrais da tese. Estão referenciadas com os autores e as datas, sempre que disponíveis.

Cap. 3 – LISBOA NA ALVORADA DE NOVECENTOS – 1900-1910

Fig. 3.1 - A Vanguarda, 23.10.1908 – pág. 40

Fig. 3.2 - O Fadinho do Bairro Alto, nº 1, Biblioteca Nacional de Portugal, s. d.- pág. 41

Fig. 3.3 - Zona do Chiado – AML – 1901 – pág. 45

Fig. 3.4 - A Capital, 18 de Dezembro de 1925 / Edital CML 19 de Maio de 1925 – pág. 47

Fig. 3.5 - Café Martinho no princípio do século – Joshua Benoliel, s. d. – pág. 49

Fig. 3.6 - A Brazileira, Rua Garret – 1911, Joshua Benoliel – pág. 50

Fig. 3.7 – Família Real em Vila Viçosa – AML – 27 Janeiro 1908 – pág. 52

Fig. 3.8 – Capa do “Diário de Notícias” de 2 Fevereiro 1908 – AML – pág. 53

Fig. 3.9 – “Le Matin” – Gallica – Bibliothèque National de France – 1908 – pág. 53

Fig. 3.10 – A LUCTA – Uma carta de Guerra Junquiro – pág. 54

Fig. 3.11 - Gabrielle Réjane – Goupil, Camées Artistiques – 1875 – pág. 57

Fig. 3.12 - Quartel de Campo de Ourique - Eduardo Portugal – 1940 AML – pág. 62

Fig. 3.13 – Pórtico da entrada do Cemitério dos Prazeres – AML s. d. – pág. 67

Fig. 3.14 – Centenário da Revolução 1820. Ilustração Portuguesa 27.09.1920 – pág. 70

Fig. 3.15 - Chafariz da Fonte Santa – Eduardo Portugal, 1939 – pág. 71

Fig. 3.16A - Alçado de Palácio Real em Campo de Ourique - Cap. Dionizio, 1760 – pág. 75

Fig. 3.16B - Alçado de Palácio Real em Campo de Ourique – Autor anónimo, 1760 – pág. 75

Fig. 3.17 – Igreja de Santa Isabel (ainda por acabar) – s. d. – pág. 77

Fig. 3.18 – Memorial a Wellington – 1997 – pág. 79

Fig. 3.19 - Tapada de Campo de Ourique - Carta Topográfica de Lisboa, 1812 – pág. 80

Fig. 3.20 - Planta cartográfica de Campo de Ourique – AML – 1856 – pág. 81

Fig. 3.21 - Plano da 1ª fase de urbanização do bairro Campo de Ourique – s. d. pág. 83

Fig. 3.22 – Planta de Lisboa. Zona de Campo de Ourique – s. d. - pág. 84

Fig. 3.23 – Traçado atual da Freguesia de Campo de Ourique – CML s. d. - 88

Cap. 4 CAMPO DE OURIQUE NA “LISBOA LOUCA” - 1910-1926

- Fig. 4.1 - Divisa dos “Makavenkos” – AML – pág. 95
- Fig. 4.2 - Esboço da planta do quartel no dia da Revolução - pág. 97
- Fig. 4.3 - António Machado dos Santos (1875-1921) - AML s. d. – pág. 101
- Fig. 4.4 – Casa onde viveu Guerra Junqueiro – AFCML 1923 – pág. 107
- Fig. 4.5 - Última foto de Guerra Junqueiro – Ilustração Portuguesa, 15-Julho-1923 – pág. 109
- Fig. 4.6 - Vila Maia, rua Domingos de Sequeira, João Hermes Goulart, 1966. AML – pág. 113
- Fig. 4.7 – Oficinas de S. José. Alto dos Prazeres – 1953 – pág. 115
- Fig. 4.8 - Primeiras instalações GILCO, Rua da Piedade, nº 28, s. d. – pág. 116
- Fig. 4.9 – A Padaria do Povo – R. Luís Douruet – pág. 117
- Fig. 4.10- Quota de sócio da UPP – 1929. Arqº Histórico-Social/Projeto MOSCA – pág. 118
- Fig. 4.11- Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo, Restos de Coleção, 1926 – pág. 119
- Fig. 4.12 - Casa dos Passarinhos (R. Silva Carvalho), Joshua Benoliel, AML 1912 – pág. 121
- Fig. 4.13 - A Tentadora, com duas portas de acesso, AML, 1912 – pág. 122
- Fig. 4.14 - Anúncio de promoção d’“A Tentadora”, s.d.” – pág. 123
- Fig. 4.15 - Medalhão na fachada d’A Tentadora – AML, 1912 – pág. 124
- Fig. 4.16 - Capas da revista Orpheu 1 e 2 – AML, 1915 - pág. 130
- Fig. 4.17 - Ilustração Portuguesa, 19 de Abril de 1915 – pág. 132
- Fig. 4.18 - Jornal “El Eco de Santiago”, Abril 1915 – pág. 133
- Fig. 4.19 - Fachada primitiva da casa na Rua Coelho da Rocha, 16 – s. d. – pág. 138
- Fig. 4.20 - Fernando Pessoa “Em Flagrante Delitro” – AML 1929 – pág. 144
- Fig. 4.21 - Última foto de Fernando Pessoa - Alfredo Pereira Gomes, 1935 – pág. 145
- Fig. 4.22 - Diário de Lisboa, 31 de Dezembro de 1934 – pág. 151
- Fig. 4.23 – Suplemento do Diário de Lisboa, 14 de Dezembro de 1934 – pág. 152
- Fig. 4.24 - Funeral de Fernando Pessoa, no Cemitério dos Prazeres – AML 1935 - pág. 153
- Fig. 4.25 – “Bristol Club” - Ilustração Portuguesa, 25 Março 1918 – pág. 167
- Fig. 4.26 – “Rua do Oiro” - Diário de Lisboa, 7 de Abril 1921 – pág. 171
- Fig. 4.27 - Feira de Agosto – Parque Eduardo VII – AML, 1911 – pág. 172
- Fig. 4.28 – Entrada do Parque Mayer – AML, 1922 – pág. 173
- Fig. 4.29 – Um crime sensacional – A Capital 31.03.1926 – pág. 174
- Fig. 4.30 – “Centenas cortam o cabelo”. Diário de Lisboa, 20 de Fevereiro de 1926 – pág. 176
- Fig. 4.31 - Léa Kiako – Revista CINE, Dezembro 1928 – pág. 178
- Fig. 4.32 - Margarida Bastos Ferreira - O Domingo Ilustrado, 17 de Abril 1927 – pág. 180

Fig. 4.33 - Judith Teixeira com a primeira obra, Ed. Líbano da Silva. Janeiro 1923 – pág. 184

Fig. 4.34 – Apreensão dos livros de Judith Teixeira. Diário de Lisboa, 6.03.1933 – pág. 185

Fig. 4.35 - Genoveva de Lima Maia Ulrich – 1917 – pág. 187

Fig. 4.36 - Palacete Ulrich – Rua S. João dos Bem-Casados – AML s. d. – pág. 188

Fig. 4.37 – Veva de Lima, entrevista da “Ilustração Portuguesa” 14/12/1921 – AML – pág. 189

Fig. 4.38 – Festa de caridade de Veva de Lima – Diário de Lisboa 30/4/1925 – pág. 190

Fig. 4.39 – Veva na “Venda da Flôr”, I Grande Guerra, Joshua Benoliel, AML 1917 – pág. 190

Cap. 5 - CAMPO DE OURIQUE NA “LISBOA NOVA” - 1926-1950

Fig. 5.1 - Programa de fados no “Café Latino” – 1947 – pág. 202

Fig. 5.2 - Alfredo Marceneiro – Museu do Fado, s. d. – pág. 203

Fig. 5.3 - Valentim de Carvalho com Amália Rodrigues – AML s. d. - pág. 204

Fig. 5.4 – Orquestra Sinfónica de Costa Pinto. TECLA/RTP – s. d.– pág. 206

Fig. 5.5 - Paris Cinema – Cinemateca Portuguesa, Museu de Cinema – 1931 – pág. 207

Fig. 5.6 - Cinema Europa – Estúdio Mário Novais – 1936 – pág. 208

Fig. 5.7 – Norberto Araújo - Diário de Lisboa, 4 de Junho de 1932 – pág. 210

Fig. 5.8 - Diário de Lisboa, 12 de Junho de 1932 – pág. 211

Fig. 5.9 - António Ferro, no seu gabinete no Palácio Foz – AML 1933 – pág. 217

Fig. 5.10 - Entrevista de António Ferro, “Diário de Lisboa”, 11 de Outubro 1933 – pág. 218

Fig. 5.11 - “Exposição 1937” – Diário de Lisboa, 15 de Abril 1937 – pág. 220

Fig. 5.12 - Anteprojeto Pavilhão de Portugal, Exposição Internacional de Paris -1936 – pág. 221

Fig. 5.13 – “Exposição do Mundo Português” – Eduardo Portugal – AML 1940 – pág. 223

Fig. 5.14 - Inauguração “Exposição Mundo Português”. Diário de Lisboa, 25.06.1940 – pág. 224

Fig. 5.15 – Espaço antigo do “Pátio dos Artistas” - R. Coelho da Rocha, 69 – pág. 226

Fig. 5.16 - Esboço do Projeto de construção do “Pátio dos Artistas” - s. d. – pág. 227

Fig. 5.17 - Victor Palla e Bento d’ Almeida no *atelier* do “Pátio dos Artistas” – s. d. – pág. 228

Fig. 5.18 - Casa Roque Gameiro, Prémio Valmor 1931 – R. Infantaria 16 - CML 2015 – pág. 229

Fig. 5.19 - Maria Gabriela Llansol – Revista Polichinelo, s. d. – pág. 235

Fig. 5.20 - Rómulo de Carvalho /António Gedeão - Eduardo Gageiro – s.d. – pág. 238

PREFÁCIO

“O tempo para aprender é agora a vida inteira”¹

Pode parecer despropositado, no âmbito das explanações que se seguem, citar o intento que precipitou esta tese. Ainda assim, tenho como devido mencionar a base sobre que repousa.

No final do ano letivo 2016/2017, ao proferir a última lição - “Nos bastidores do conhecimento: três décadas depois” (disponível *online*)² – coloquei um ponto final ao percurso académico como docente e investigador na área das ciências da economia e gestão das organizações. Naturalmente, a jubilação e a anosidade não me retiraram o conhecimento e a experiência acumuladas, continuando a usá-las investigando e escrevendo.

Foi assim que, antes do desassombro de me empenhar nesta tese, já havia pesquisado, escrito e publicado uma resenha histórica, com cerca de setecentas páginas, com incidência no espaço urbano de Campo de Ourique, freguesia do concelho de Lisboa. Sob o título “Campo de Ourique - a aldeia de Lisboa”, a história do bairro foi contada em três volumes.³

A seleção do tema que dá título à tese resulta, em decorrência, do desejo de dar seguimento às pesquisas anteriores. A ideia de tal intento emergiu de curiosidade pessoal, passou depois a projeto editorial, a que se juntou e animou fazê-lo com o rigor científico do método histórico. Reconhecidamente, afoitar-me a tal cometimento, com a proveta idade de 87 anos, constitui um rasgo insólito.

Ao mesmo tempo, o que me trouxe à investigação em termos académicos, foi a curiosidade de conhecer de perto o estatuto epistemológico da História, no quadro geral das humanidades. As metodologias de investigação, em sentido amplo, não me são estranhas, porquanto lecionei unidades letivas de “epistemologia” e “metodologias de investigação”, a par de ter acompanhado várias dissertações e teses académicas. Um livro sobre a matéria consta da minha bibliografia.⁴ O caminhar nesta investigação levou-me a descobrir que a escrita da História é, decisivamente, um processo retrospectivo; que a narrativa histórica constitui, sobretudo, a arte de construir e interpretar um passado inconhecível na sua plenitude.

¹ Declaração da Comissão Internacional da Educação para o Século XXI, que destaca a importância da aprendizagem ao longo da vida. In DELORS, Jacques – *Educação – Um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI. Ed. Cortez, 2003.

² Última lição: “Nos bastidores do conhecimento: três décadas depois” / Prof. José Eduardo Carvalho.

³ CARVALHO, José Eduardo - *Campo de Ourique, a aldeia de Lisboa* – Vol. I (2014), Vol. II (2016) e Vol. III (2020). Quimera Editores.

⁴ CARVALHO, José Eduardo - *Metodologia do Trabalho Científico: saber fazer da investigação para dissertações e teses*, Escolar Editora, 2009 (2ª edição).

Outra particularidade, fomentada pela idade, me animou a empreender esta investigação histórica. Existem sentimentos vividos no passado que ainda são presentes como “lugares de memória” das minhas primeiras experiências de exploração do espaço na proximidade das casas que habitei; lugares de infância, espaços que idealizo como partes onde fui mais ou menos festo. Vivo as recordações da pequenez até onde chegam os primórdios da minha memória.

Nascido ainda na década 30 de novecentos, recordo a Lisboa desse tempo como a cidade da minha infância. Era um espaço com um único centro a partir do qual tudo irradiava; a Baixa era esse centro. A Baixa da minha infância era sobretudo a Praça da Figueira, um dos mais icónicos edifícios da capital, uma enorme estrutura de ferro, onde acompanhava a minha mãe nas compras ao mercado. A abastecer o comércio da praça, transitavam nas vias mais carroças, puxadas pelos equídeos, do que automóveis e os que circulavam eram predominantemente de cor preta.

No comércio porta-a-porta, a cidade acordava ao som do vozerio dos vendedores ambulantes. Era um mercado a céu aberto, onde as varinas, leiteiros, padeiros e tantos outros, caminhavam de porta em porta concorrendo com os lojistas da Baixa lisboeta, sempre de olho à presença da polícia por não possuírem licença de venda.

Pelas ruas da Baixa passeava à noite com os meus pais a “ver as montras”. Lembro vários aspetos, consequência da II Guerra Mundial, como os vidros das montras e das janelas dos prédios protegidos por tiras de papel, para evitar a queda dos estilhaços dos vidros, marcado pelo medo de eventuais ataques alemães, na sequência do conflito militar.

Foi uma guerra na qual Portugal teve um estatuto de neutralidade, mas não deixou de sofrer as consequências. O agravamento da situação dos abastecimentos de produtos essenciais foi de tal forma sério que obrigou o governo a instituir o racionamento. Passou a ser muito comum verem-se grandes filas para levantar as senhas das respetivas famílias, esperando horas e horas a sua vez.

Desses tempos, quando ainda morava na Baixa, a minha mãe levava-me ao “Jardim da Estrela” para brincar no parque infantil. Apanhávamos o elétrico da carreira 28, na Rua da Conceição. O percurso era qualquer coisa de fantástico, percorrendo as ruas sinuosas, ora largas, ora estreitas; em alguns troços as paredes quase se encostavam ao elétrico. Apeávamos no Largo da Estrela, frente à Basílica. O parque infantil ficava logo, do lado esquerdo, na entrada principal do jardim. Outras vezes, íamos à “Feira Popular”, quando esta começou na Palhavã (1943), hoje jardins da Fundação Calouste Gulbenkian.

Nesse período da infância nunca houve oportunidade de conhecer Campo de Ourique, mesmo das vezes que ia ao Jardim da Estrela, brincar no parque infantil. Só vim a conhecer o

bairro já adulto, na década de 60, quando do regresso da guerra colonial em África. Apaixonei-me logo por este espaço urbano de Lisboa. Morava na altura nos arredores da capital, mas visitava com frequência Campo de Ourique. Habitualmente, jantava no Gigante, café com *snack-bar*, onde também se jogava bilhar. Depois ia à *soirée* do cinema Europa que exibia em *reprise* os filmes em estreia nos cinemas da Baixa. Após um período longe de Lisboa, no regresso em 1973, empenhei-me logo em encontrar casa em Campo de Ourique, e aqui fixei residência.

A escolha de Lisboa, em geral, e Campo de Ourique, em particular, como tema da tese, tem necessariamente uma relação implícita com a minha vivência neste espaço citadino. Não registar a memória do meu tempo era como apagar a minha história.

De quanto fica dito, o trabalho apresentado tem a sua legitimidade temática, histórica e pessoal. A tese que aqui exponho preenche dois requisitos: o primeiro dirige-se à inteção, isto é, a exigência epistemológica da investigação; o segundo convoca estímulos e sentidos, ou seja, a descoberta de memórias, de lugares, de objetos, de pessoas.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Justificação e relevância do tema

A presente tese investiga a construção da memória social no quotidiano urbano de Lisboa na primeira metade do século XX, com enfoque especial nas formas de sociabilidade mundana e boémia, associadas à emergência do modernismo nas suas diversas expressões. O recorte espacial incide sobre o bairro de Campo de Ourique, cuja trajetória urbana revela uma dinâmica própria e pouco explorada, marcada por transformações físicas, sociais e simbólicas.

Esta abordagem responde a uma lacuna historiográfica; embora existam estudos sobre a boémia e modernismo em Lisboa, a interseção entre esses fenómenos e a história urbana de um bairro específico – fora da Baixa lisboeta – permanece pouco aprofundada. Com isso, o trabalho procura contribuir para a história urbana, da cultura e das mentalidades.

O tempo e o espaço da investigação da tese decorrem num período em que Lisboa foi palco e personagem de acontecimentos fundamentais; um período histórico, da capital portuguesa, marcado umas vezes pela tragédia, pela folia noutras.

A monarquia viu os seus dias acabados no dia 1 de Fevereiro de 1908 - regicídio de D. Carlos e do príncipe herdeiro Luís Filipe - e destituída em 5 de Outubro de 1910 com a implantação da Primeira República. Em 1916, procurando consolidar a república, Portugal entra em guerra com a Alemanha, ao lado da Inglaterra e dos restantes Aliados (I Grande Guerra Mundial 1914-1918). Quase em simultâneo, o país é acometido pela pandemia de 1918, conhecida em Portugal como “a pneumónica” ou “a espanhola”.

Com o fim da guerra e debelada a pandemia, o país respirou de alívio, e Lisboa começou a viver com alguma excentricidade, replicando os hábitos e a literatura de Paris. Fruto dessas novas conceções estéticas que circulavam na Europa, o modernismo instala-se em Portugal, pela mão de um grupo de escritores e artistas plásticos, entre os quais se revela Fernando Pessoa, fazendo eco através da publicação da revista “Orpheu”.

Em 1926, no dia 28 de Maio, dá-se a mudança do regime político com a implantação da Segunda República, destituindo a Primeira. Com a aprovação da Constituição da República de 1933 é instaurado formalmente o Estado Novo. António Ferro, que integrara o desenvolvimento do modernismo, mobiliza artistas das mais diversas áreas a organizar exposições anuais, para afirmação internacional de Portugal (e.g. Exposição do Mundo Português - 1940).

No ano anterior novo flagelo começara na Europa com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Ao contrário do ocorrido durante a Primeira Guerra, o país manteve uma política de neutralidade. Não obstante, apesar de livre de bombas e vidas perdidas sofreu as contingências do racionamento de bens vitais de subsistência.

É, assim, no quadro político e social traçado que toma lugar o intento da construção da memória social no quotidiano urbano de Lisboa na primeira metade do séc. XX, como reflexo da vivência boémia de então, a par do emergir dos movimentos modernistas nas suas variantes. Com incidência particular, propõe-se reconstruir a sociabilidade no espaço urbano do bairro de Campo de Ourique.

Com a consciência justa de que um bairro, na sua escala e função dentro da cidade - para além da função mais específica, como residencial e comercial - tem uma identidade, seja ela social, cultural ou histórica. Campo de Ourique tem uma história, uma cultura e uma identidade própria, dentro da dinâmica urbana de Lisboa, que merece ser contada.

1.2 Objeto, Objetivos e Problemática da Investigação

O objeto de estudo tem como propósito a sociabilidade urbana em Campo de Ourique, entre 1900 e 1950 - período no qual decorreu a sua projeção urbana como bairro – entendida como um conjunto de práticas sociais, culturais e simbólicas que se materializam em espaços públicos e privados, especialmente em tempos de lazer, criação artística e vida noturna.

Seguindo o propósito, a investigação tem como pergunta central: - Como se configuraram as formas de sociabilidade em Campo de Ourique, no contexto da boémia e do modernismo lisboeta na primeira metade do século XX, e de que modo essas expressões refletiram e influenciaram a modernidade urbana do bairro?

Na base do intento traçado, o objetivo geral da investigação visa compreender o papel do bairro de Campo de Ourique como espaço de sociabilidade moderna na Lisboa de 1900-1950. Com esse alvo, os objetivos específicos propõem-se: analisar as eventuais práticas mundanas que emergiram no bairro no período estudado; identificar os protagonistas – homens e mulheres – dessas formas de sociabilidade; relacionar o bairro com os movimentos culturais modernistas e a produção artística; e, mapear as transformações urbanas, arquitetónicas e simbólicas que moldaram o bairro nesse intervalo temporal.

1.3 Delimitação Temporal e Espacial

Como referido, a pesquisa cobre os anos de 1900 a 1950, recorte que inclui transformações significativas, preliminarmente já apontadas: o fim da monarquia, a Primeira República, as primeiras décadas da Segunda República, a pandemia da pneumónica e as duas guerras mundiais. Foram mudanças políticas e sociais que influenciaram profundamente o tecido urbano e cultural do país e, em particular, a capital Lisboa.

O foco espacial traçado é o bairro de Campo de Ourique, zona de transição entre a cidade consolidada e os seus arrabaldes, cujas características morfológicas e sociais ofereceram condições específicas para o desenvolvimento de formas próprias de sociabilidade. O propósito aqui corresponde à sucessão de eventos identificados nos limites da primeira metade do século XX, narrados e dispostos numa sequência diacrónica dos decénios nessa temporalidade. Esta forma de organizar os acontecimentos em blocos de decénios pretende revelar que um determinado tempo se diferencia de outro.

O critério de décadas é uma ideia prática que a história frequentemente utiliza, devido a razões que se enraízam na nossa vivência quotidiana. A validade da sua base e a efetividade da sua aplicação podem não ter sempre gerado concordância, mas a realidade é que fornece conteúdos bastante específicos e exatos a esses períodos cronológicos e neles diferencia o que os definem e os distinguem. Nas palavras do historiador francês Braudel (1969), “A história é filha do seu tempo. Agimos e pensamos dentro do tempo em múltiplas temporalidades da história.”⁵

1.4 Estrutura da Tese

O estudo contínuo da tese está dividido em fases, tanto quanto possível correspondentes às épocas da sua história, organizado em seis capítulos (nas suas partes constituídas por temas e subtemas):

1. Introdução, justificando a relevância do tema, a definição do objeto de estudo, os objetivos, a problemática da investigação e a delimitação temporal e espacial;
2. Metodologia e Estado de Arte, com a fundamentação teórica e revisão bibliográfica;
3. Lisboa na alvorada de novecentos (1900-1910), contextualizando a cidade e os primeiros sinais de mudança;

⁵ BRAUDEL, Fernand - *Escritos sobre a história*, Editora Perspectiva, 1969. pp 17

4. Campo de Ourique na “Lisboa Louca” (1910-1926), percorrendo a vivência boémia e modernista da época;
5. Campo de Ourique na “Lisboa Nova” (1926-1950), fazendo a consolidação da identidade urbana e artística do bairro na modernidade crescente de Lisboa;
6. Conclusões com a síntese crítica dos resultados da investigação e contribuição do estudo.

Complementam, acessoriamente, o corpo da tese dois documentos conexos produzidos como Apêndices: I - Os Percursos do Bairro; II - Breve Cronologia 1900-1950.

Mais explicitamente, passando em revista os três blocos centrais da tese, o foco na década 1900-1910 tem como pano de fundo contextualizar a vida mundana que já ocorria à entrada do século XX, com o crescendo de lugares de sociabilidade e diversão noturna na capital. À data, Lisboa contava com cada vez mais espaços permanentemente abertos: cafés-concerto, cabarés e hospedarias, que constituam espaços de evasão de encontros libertinos.

No alvor do século XX, o Chiado, com as suas livrarias, os seus cafés, lojas de modas, as suas esquinas, as suas portas célebres, mais do que uma rua afamada da capital, tornou-se uma verdadeira instituição nacional. Em particular os seus cafés ganham importância para a sociabilidade política, para a aprendizagem e para a discussão dos temas que se tornaram públicos.

Na alvorada de novecentos o bairro de Campo de Ourique era, por assim dizer, um campo militar, sob a égide do seu Quartel erigido entre os anos de 1762-1763, a par do Cemitério dos Prazeres, datado de 1833. Aqui, a tese procura contextualizar os primórdios da urbanização do bairro, que se seguiu à iniciativa privada com a construção dos primeiros prédios. Não antes ter sido alvitado a construção no novo palácio real nesta zona da capital, na sequência de Despacho assinado em 1759 pelo rei D. José, após a catástrofe de 1755.

As décadas de 1910 e 1920 requerem uma análise mais detalhada da tese. Nesse intervalo do século XX emergem os chamados “loucos anos 20” intimamente relacionados às mudanças nos códigos sociais e nas mentalidades que marcaram essa época. Enraizada na tradição e na cultura francesa, em Lisboa vivenciam-se experiências análogas às que acontecem em Paris nesse mesmo tempo. É nesse período, entre os dois decénios, que surgem os primeiros indícios do modernismo, nomeadamente com a publicação da revista “Orpheu”.

Não sendo matéria substantiva da tese, seria desatento passar por cima dos acontecimentos em Outubro de 1910 que conduziram à queda da monarquia e à instauração da I República. Justifica-se fazê-lo também pela intervenção operante que, nesses acontecimentos,

teve papel ativo o Quartel de Campo de Ourique, através do Regimento de Infantaria 16, conduzido por Machado dos Santos (1911).⁶

A tese faz aqui uma incursão nos bastidores da ação revolucionário que conduziu à implantação da 1ª República, com menção do envolvimento de grupos ligados à maçonaria (e.g. sociedade secreta dos “Makaventos”, que reunia em Santa Isabel).⁷ A investigação encontrou algumas das figuras maçónicas que passaram por Campo de Ourique, já antes envolvidas em motins de ordem política.

Na resenha dos acontecimentos cabe, por outro lado, a menção aos reveses da mudança dos dezasseis anos do regime republicano e, bem assim, algumas das ações cívicas que ocorreram nesse período (e.g. Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique).

Este subtema mergulha sobretudo numa das partes nucleares da tese – a boémia – sobre as formas de expressão da vida urbana da capital por sujeitos em busca de diversão, subvertendo, em parte, a lógica do mundo do trabalho. Atende-se aos lugares boémios, vividos mais de noite do que de dia, que premeiam a realidade urbana de Lisboa e os seus atores.

Com suporte nas fontes e bibliografia arroladas, no entrosamento dos conceitos de boémia e sociabilidade, encontra-se a realidade dos ditos “loucos anos 20”. Na pesquisa dá-se ênfase aos padrões da mulher no contexto então vivido, relevando algumas das figuras femininas com visibilidade na época (e.g. Veva Lima, em Campo de Ourique).

A tese entra na década de 30 para estudar a “Lisboa Nova”, escrita, descrita, criada ou reinventada à época do Estado Novo. Os tempos tinham mudado e mudados estavam as formas de ocupação dos tempos livres, geradoras de outras sociabilidades. A Constituição Portuguesa de 1933 encerra o ciclo do modernismo, de tendências estéticas e literárias, para dar entrada ao advento da modernidade, uma consciência da época em si mesma, com novas estruturas e espaços na cidade.

Neste subtema estuda-se o contexto urbano de Lisboa numa época de transições - com a II Guerra Mundial (1939-1945) em pano de fundo - na qual, sociologicamente, surgem novas formas de sociabilidade na ocupação e entretenimento. Nesse contexto, a investigação sobressai o papel assumido por António Ferro, o grande mentor da propaganda cultural do novo regime, impulsionando e organizando várias exposições nacionais e internacionais.

⁶ SANTOS, Machado - *A Revolução Portuguesa: 1907 - 1910* (Relatório de Machado dos Santos), 1ª ed.: Typographia Liberty, 1911), ed. facsimilada: Arquimedes Livros, 2007

⁷ GRANDELLA, Francisco Almeida - *Memórias e Receitas Culinárias dos Makavenkos*, Editora Marginália. 1994.

Com o avançar da urbanização de Campo de Ourique, o novo espaço urbano estende-se como subúrbio da capital, marcado ainda pela presença dominante de famílias militares e pela vizinhança do quarteirão inglês, transmitindo ao bairro um cunho essencialmente burguês.

Neste subtema discorre-se sobre os espaços de sociabilidade que, sobretudo a partir da década de 30, surgem no bairro, com a chegada dos cinemas e a abertura de restaurantes e cafés onde se cantava o fado (e.g. Alfredo Marceneiro, nascido no bairro).

A investigação faz igualmente referência ao bastião de arquitetos, escultores e pintores e outros artistas plásticos, com estúdios em Campo de Ourique (Pátio dos Artistas) e a sua contribuição para a modernidade da Lisboa planeada por António Ferro. A tese retoma, aqui, Fernando Pessoa para assinalar os seus derradeiros anos em Campo de Ourique.

A última década estudada na tese corresponde aos anos 50, uma época de transição entre o período de guerras da primeira metade do século XX e o período das revoluções comportamentais e tecnológicas da segunda metade. Sob o apogeu da modernidade, Lisboa cresce sob a orientação do engenheiro Duarte Pacheco.

Nas artes e cultura, nas suas vertentes, há um novo modernismo emergente, revelando poetas, escritores e compositores, que se destacaram na época, com particular incidência sobre os (as) que viveram em Campo de Ourique: Maria Gabriela Llansol (1931-2008), Rómulo de Carvalho (1906-1997), Maria Cândida Araújo (1923-2019), Cristina de Castro (1921-2010), entre outros.

2. METODOLOGIA E ESTADO DE ARTE

2.1 Referencial Teórico e Conceitual

O percurso metodológico seguido na investigação tem o apoio em seis noções, conceptualmente assim interpretadas: a boémia percebida como um modo de vida alternativo e transgressor, associado a artistas, escritores, intelectuais e à rejeição dos valores burgueses tradicionais - e.g. Guinote (2002), Seigel (1992), Vaz (2019); o modernismo como movimento estético e cultural que rompeu com o academicismo, promovendo novas linguagens e sensibilidades, com epicentro na revista “Orpheu” e seus colaboradores - e.g. Pessoa, Sá-Carneiro, Almada Negreiros, António Ferro, entre outros; a sociabilidade remetendo para as formas de interação coletiva nos espaços urbanos, como os cafés, os clubes, os teatros, os salões e demais, articulado com as noções de espaço público e privado - e.g. Cordeiro e Vidal (2008); e a história das mentalidades, uma abordagem ao imaginário coletivo, aos valores, os costumes e à moralidade, como elementos estruturantes das práticas sociais.

Neste quadro conceptual, serão objeto de atenção as mudanças de hábitos sociais e o seu reflexo na marginalidade e transgressão no quotidiano urbano, tanto quanto a produção literária dos primeiros modernistas. Na história urbana, parte-se para a identificação da vivência da cidade e dos atores que nela se movimentaram, nas situações construídas. Enquanto memória social, Connerton (1999) defende que “as imagens do passado são, geralmente, convergentes e legitimadoras da ordem social presente.”⁸

Diz-se que Lisboa que é uma cidade de bairros. Maria Assunção Gato (2011) considera que “tal afirmação tanto pode remeter para uma ideia de fragmentação de espaços com características históricas, arquitetónicas, sociais e vivenciais, como para construções pictóricas e “romantizadas” de formas de vida urbana demonstraram cristalizadas, como ainda para unidades de gestão e intervenção sociopolítica.”⁹ Descreve a antropóloga:

“Da antiguidade histórica e “pitoresca” de alguns lugares da urbe original à reprodução planejada de “aldeias” urbanas, passando por novas áreas residenciais socialmente direccionadas que se foram acrescentando a uma cidade em expansão, assiste-se na cidade de Lisboa a um picotado de lugares que fazem dela uma “cidade de bairros”. Assim, e apesar do “bairro” ser uma referência constante nos mais diversos tipos de discurso, de ser comumente identificável e partilhado no coletivo,

⁸ CONNERTON, Paul - *Como as sociedades recordam*, Oeiras, Celta. Sage, 1999, pp 8-9.

⁹ GATO, Maria Assunção - *A Multipli(cidade) do Bairro*, Texto apresentado na Segunda Conferência Internacional de Jovens Pesquisadores Urbanos, ISCTE-IUL, 11 a 14 de Outubro de 2011 pp 1-2

não existe apenas uma categoria ou conceito reconhecido que consegue definir o que é um bairro. Este fato, ao invés de lhe retirar profundidade analítica, potência a multiplicidade de perspectivas, de reflexões e de escalas de análise que, no seu conjunto, tanto complexificam quanto as dimensões analíticas do objeto “bairro”, como também o torna mais inteligível.”¹⁰

Depreende-se desta descrição que, embora o “bairro” figure como uma menção frequente em diversos tipos de discurso, não há uma só marca que possa ser colada à categoria de “bairro” porquanto, como diz a autora, ao invés de diminuir a sua profundidade analítica, torna mais difícil, confuso e complexa as dimensões analíticas do objeto “bairro”.

Falando ainda de bairro, em outra perspectiva, segundo Cordeiro e Vidal (2008), “Trata-se de enfrentar realidades concretas – espaços, situações, atores, processos – não as tomando como unidades definidas *a priori*, mas construídas “de perto”, com atenção às mudanças históricas. Isso se torna possível pela conjunção de olhares principalmente da antropologia e da história, que enfocam a rua como lugar de troca e circulação de saberes disciplinares, o que não significa interdisciplinaridade.”¹¹

Assim, no entender Cordeiro e Vidal, a junção das visões antropológica e histórica torna mais fácil lidar “de maneira próxima” com lugares, contextos, práticas e protagonistas, pondo ênfase nas mudanças históricas, onde ressalta a rua como local de troca e fluxo de conhecimentos e experiências.

Dirigindo agora a análise conceptual à boémia, diz-nos a tese de Cecília Vaz (2019) que “abarca uma pluralidade de comportamentos e posicionamentos sociais, políticos e económicos, sendo caracterizada por formas de estar que não lhe são exclusivas. Dos diversos novos significados que assumiu na época, destaca-se a boémia literária e artística, da qual emerge um paradigma do que é a vida de um escritor, pintor, músico ou ator, principalmente em início de carreira. A boémia é então aqui conceptualizada enquanto identidade que se afirma no contexto urbano, revelando transformações operadas no estatuto e destaque social do artista, na valorização de sociabilidades mundanas e no seu papel como facilitadoras de relações de trabalho e de integração no meio literário e artístico.”¹²

Pretende a autora dizer que a boémia é concebida como uma afinidade que se manifesta no ambiente urbano, evidenciando as mudanças no *status* e na visibilidade social do artista, no

¹⁰ GATO, *Op. cit* (2011)

¹¹ CORDEIRO, Graça Í., & VIDAL, Frédéric - *A Rua : espaço, tempo, sociabilidade*, Livros Horizonte. 2008. “Introdução”, pp. 9-10.

¹² VAZ, Cecília Santos - *Identidades boémias em Lisboa: discursos e vivências (1850-1914)*, Tese de Doutoramento em História Moderna e Contemporânea, ISCTE, Departamento de História, 2019. pp iii.

enaltecimento das sociabilidades informais e na sua função como dinamizadoras de conexões profissionais e de interseção entre a escrita e outras formas de expressão artística.

O boémio, no parecer do historiador Paulo Guinote (2002), constitui-se como a negação de todas as regras. “O protagonista do lazer, do excesso, da passionalidade, da fruição dos prazeres, do efêmero, da ausência quase completa de uma gestão racional da conduta humana, sem respeito pelas bases da moral, da família e da religião. É uma definição que, mesmo pela negativa, define um modo de vida, não uma condição social ou material.”¹³

Guinote contextualiza aqui o boémio como o personagem central do divertimento, do excesso, da paixão, do gozo dos prazeres, do que é passageiro, da quase total falta de uma atitude lógica do comportamento humano, desconsiderando os princípios dos valores essenciais. Quando aponta a “um modo de vida” está a referir-se à maneira como vive, incluindo os seus hábitos, rotinas, escolhas e valores, que juntos moldam a sua experiência de vida e padrões de comportamento.

Ainda no séc. XIX, na descrição de Jerrold Seigel (1992), “a boémia surge associada ao fenómeno literário e social iniciado em França, que buscava um ideal artístico, provocando um despreendimento material e desprezo pelo racionalismo da burguesia. Era encabeçado pelos jovens artistas e intelectuais da época, que personificavam o jovem burguês que procura um estilo de vida distinto da mentalidade da época e claramente mais ocioso e mundano.”¹⁴

A perspetiva de Seigel relaciona a boémia com o fenómeno da socialização da literatura que teve início na França, liderado pelos jovens artistas e intelectuais daquele período, impondo um modo de vida diferente da mentalidade vigente, claramente mais ocioso e hedonista. Como historiador americano revelou, na sua obra “Paris Boémia”, que o estilo de vida alternativo e despreocupado da boémia possuía uma riqueza e complexidade maiores, sendo o cenário onde a burguesia moderna encenava os conflitos de suas identidades sociais, experimentando a liberdade prometida pela sociedade pós-revolucionária frente às barreiras criadas para limitá-la. Convertendo a existência em arte, a boémia transformou-se em um local onde diversas personalidades criativas e autênticas descobriram um abrigo.

Na Lisboa de 1900, a vida de boémia ainda passava por um ideal artístico, mas o tempo consagrou-a como uma existência noturna, feita de bares e cabarets, restaurantes fora de horas e casas de fado. Fortemente ancoradas na tradição francesa e com enorme influência da cultura

¹³ GUINOTE, Paulo - *The Old Bohemian Lisbon (c.1870-c.1920): prostitutes, criminals and bohemians*, Portuguese Studies (vol. 18), Modern Humanities Research Association, 2002.

¹⁴ SEIGEL, Jerrold - *Paris boémia: cultura, política e os limites da vida burguesa 1830-1930*, L&PM, 1992, pp 11-38.

parisiense, como caracterizou José-Augusto França (1983), “vivem-se em Portugal experiências similares às que percorrem a Europa em igual período. Ao mundo parisiense, *survolté*, modelo longínquo, respondia caricaturalmente o Chiado lisboeta com as suas casas de chá das 5, onde se vinha de automóvel com *chauffeur* de libré, elas, e eles arvoravam monóculo, tenentes ou advogados recém-formados, talhados para o *flirt*, como começava a dizer-se.”¹⁵

França contextualiza as experiências então vividas em Portugal, relatando o exemplo da referência aos salões de chá do Chiado que, de modo risível, procurava responder ao ambiente mundano de Paris, não deixando de fazer referência que também ali, damas e cavalheiros, chegavam de carro com motorista, também prontos para o *flirt*.

Na análise de Moura Teixeira (2012), nos anos que se seguiram a vida em Lisboa continuou “intensa nos seus aspetos mundanos de sociabilidade informal, numa cidade que carecia ainda de desenvolvimento urbano, social e económico. A alteração dos códigos sociais, influenciada de forma permeável pelas novas modas e desenvolvimentos europeus, a par com hábitos já subsistentes na sociedade lisboeta, elevam o clube noturno a paradigma. Apesar de se distanciar dos seus pares europeus, o clube noturno relaciona-se de forma clara com o mundanismo lisboeta, tornando-se uma forma de sociabilidade informal que agrega num mesmo espaço, diferentes frequentadores com diferentes expetativas.”¹⁶

Como nos conta o autor, o ambiente boémio da Lisboa foi-se mostrando, gradativamente como símbolo de sofisticação, com os clubes noturnos a mostrarem presença cada vez mais relevante nas noites da capital. A vida moderna que os novos espaços urbanos fizeram surgir tinha, por excelência, a marca do eu; o indivíduo como centro das atenções. A arte moderna também tinha de nascer daí, da experiência individual. O indivíduo deveria – ele mesmo – participar diretamente da vida e transcender-se.

Cecília Vaz (2008), na sua investigação, acrescenta:

“Ainda que Portugal, país rural e de desenvolvimento lento e tardio, estivesse longe da realidade vivida em outros países da Europa, em Lisboa tenta-se acompanhar o ritmo dos tempos modernos: importam-se os costumes, as modas, as músicas e as danças, numa ânsia de gozar os prazeres da vida e de partilhar o espírito da modernidade. Contudo, a situação vivida em Portugal apresenta características gerais distintivas relativamente a outros países do mundo ocidental. Nos primeiros trinta anos do século XX, a sua taxa de urbanização não ultrapassa os 15% e é marcada por uma evidente tendência para a macrocefalia da capital, que conta no final da década de 1920 com cerca de 592 000 habitantes.

O carácter fragmentário e heterogéneo da vida nas grandes cidades encorajou a criação de formas de entretenimento igualmente diversificadas. Trata-se de um fenómeno marcadamente urbano, produto dos novos costumes, da nova mentalidade,

¹⁵ FRANÇA, José-Augusto - *Sondagem nos anos 20 - cultura, sociedade, cidade*. Análise Social, vol. XIX, 1983, pp 823-844

¹⁶ TEIXEIRA, Manuel Domingos de Moura – *Mundanismo, Transgressão e Boémia em Lisboa dos Anos 20 – O Clube Noturno como Paradigma*, 2012, pp 55-57

fortemente influenciado pela dinâmica cosmopolita e consumista, resultado das adaptações e das inovações exigidas pela modernidade. Salientam-se, entre outros, os restaurantes, os *music-halls*, os cafés-concerto, os teatros de variedades, os salões de festas, os *cabarets*, os *dancings*, os *night-clubs*. Os clubes noturnos lisboetas dos anos 1920 são, acima de tudo, um espaço de sociabilidade mundana e urbana, de carácter informal, entre os muitos outros existentes, que surgem ou consolidam a sua posição na hierarquia de espaços de sociabilidade mundana na capital da época. São um dos espaços disponíveis, partilhando a sua clientela com outros locais, com outras formas e práticas de sociabilidade.

São locais de convívio que contam com a presença de figuras conhecidas da sociedade da época devido a particularidades que as caracterizam e que são do conhecimento geral, tanto pelo seu exotismo, como pela sua profissão ou história pessoal. São as “personagens da moda”, fruindo uma vida de diversão e prazer, que abrange um vasto leque de figuras que vão do aristocrata boémio, passando pelo artista modernista, pelo jornalista da mundanidade, os atores de variedades, burgueses endinheirados com as suas amantes, até às *papillons* de clubes. Os clubes aparecem também na literatura como representantes de uma vida mundana lisboeta, a par de outros espaços como os cafés, as casas de fado ou os bailes privados⁴⁵. Também nestes casos se realça a imagem de uma cidade falsamente cosmopolita, mas definitivamente mudada.”¹⁷

Cecília Vaz mostra, deste modo, a Lisboa da década de 1920 como uma época de opostos, com uma sociedade sofisticada mostrando requinte e classe, enquanto a boémia explorava novas vivências e desvios nos clubes e cabarés. Cenário de uma existência boémia e vibrante, caracterizada pela procura de prazer, modernidade e transgressão após os desafiadores anos da Primeira Grande Guerra.

A cidade pulsava com eventos sociais que cativavam uma comunidade sedenta por novidades e entretenimento. A noite era permeada por sofisticados clubes e cabarés, onde a música, a dança, o jogo, o fumo e o álcool estavam presentes até às primeiras horas da manhã. Os clubes noturnos e cabarés representavam o espírito da década de 20, onde a transgressão era considerada um indicativo de modernidade. A vontade de inovar, atualizar e liberalizar tradições e comportamentos era clara nessa época. As casas noturnas oferecem eventos e interações particulares, atraindo uma audiência variada com diferentes interesses.

Aludindo, ainda, à dissertação de Cecília Vaz (2008), retrata a autora:

“O regresso de intelectuais e artistas sediados em Paris, devido ao eclodir da I Guerra Mundial (1914-1918), é apontado como um motivo para a popularidade dos clubes noturnos – mimetismo da sofisticação parisiense onde era possível comer, beber e dançar até tarde.

O fim da guerra propiciou um sentimento de aparente bem-estar e leve melhoria das condições de vida provocando igualmente uma ânsia em gozar a vida e os seus prazeres. Este desejo de precipitação nos “prazeres da vida”, a par com novas músicas como o *jazz*, novas danças, como o *charleston* e novas modas, conduz a novas vivências cosmopolitas e a uma decadência de costumes e códigos.

¹⁷ VAZ, Cecília S. - *Clubes Nocturnos Modernos em Lisboa: Sociabilidade, Diversão e Transgressão (1917-1927)*. Tese de Mestrado em História Moderna e Contemporânea, ISCTE, Departamento de História. 2008. pp 4-21

Os cafés e pastelarias ou salões de chá ganham reputação como locais de convívio e sociabilidade mundana, espalhados por várias zonas da cidade e estratificados em hierarquia social com correspondência direta aos seus frequentadores. Nas tertúlias dos cafés e nos teatros surgiram as primeiras manifestações, onde escritores e artistas debatiam a modernidade e chocavam os académicos conservadores. Foi através da literatura e do desenho humorista que o modernismo se introduziu no início do séc. XX, e encontrou no Chiado o seu espaço predileto de acolhimento.”¹⁸

Como descreve Vaz, depois da Guerra, a vida na Europa vivenciou um período de transformação caracterizado por alterações sociais, culturais e políticas. Apesar do sofrimento causado pela guerra, a época seguinte foi caracterizada por uma forte procura por alegrias e entretenimento. Ocorreu um aumento na música jazz, na dança, no cinema e nas artes visuais. O tempo foi caracterizado pelas transformações culturais, sociais e económicas que definiram o século XX. O Chiado constituiu o significativo núcleo de ação literária e cultural em Lisboa. A zona lisboeta chamou a atenção de escritores, artistas e intelectuais, que frequentavam os cafés, livrarias e teatros, transformando-se em um local de encontro para discussões e conversas.

Relativamente ao modernismo, o seu marco verdadeiramente inaugural deu-se com a publicação da revista “Orpheu”, em 1915, influenciada pelas grandes correntes estéticas europeias, como o Futurismo, o Expressionismo, reunindo a jovem geração de Paris que ocorreu com o regresso à pátria, como Santa-Rita Pintor (1889-1918), Eduardo Viana (1881-1967), Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918), Almada Negreiros (1893-1970), Mário de Sá Carneiro (1890-1916), a que entre outros se juntaram, como Fernando Pessoa (1888-1935) e António Ferro (1895-1956), este o mais novo do grupo.

Na pesquisa dá-se ênfase ao papel assumido por Fernando Pessoa e seus heterónimos, poeta que, a partir de 1920, viveu em Campo de Ourique os últimos anos de vida. Concede-se também visibilidade às escritoras e poetisas femininas (e.g. Judith Teixeira, em Campo de Ourique) que, à data, eram praticamente desconhecidas e não representadas em qualquer antologia.

O segundo modernismo surgiu em Outubro de 1921, com a publicação do primeiro número da revista de doutrina e crítica “Seara Nova”, de tendência republicana, sob a iniciativa de Raúl Brandão (1867-1930), Raúl Proença (1884-1941), Aquilino Ribeiro (1885-1963), Ferreira Macedo (1887-1959) e Jaime Cortesão (1884-1960). Mais tarde, em Março de 1927, surge a revista “Presença” sob a direção de José Régio (1901-1969), Branquinho da Fonseca (1905-1974) e João Gaspar Simões (1903-1987).

¹⁸ VAZ, *op. cit* (2008) pp 87-89.

2.2 Discurso da Metodologia

Definido o referencial teórico e conceitual, o ponto de partida da investigação inicia-se com a pesquisa bibliográfica sobre a temática em estudo, cobrindo os primeiros cinco decênios do século XX, mediante a consulta de autores de referência sobre o mesmo propósito. Para as fontes consultadas e trabalhadas, recorreu-se a notícias e relatos publicados em jornais e revistas da imprensa escrita, e a obras literárias e biográficas.

A finalidade primeira consistiu em entrar em contacto direto com tudo aquilo que foi escrito na temporalidade fixada sobre o assunto a elaborar. A bibliografia relevante proporciona ferramentas para identificar, solucionar, não apenas questões já existentes, mas também investigar novos domínios, onde os problemas ainda não se solidificaram adequadamente.

Não existem estudos de conjunto sobre os decênios que a tese se ocupa no domínio da boémia e modernismo. Foi preciso procurar informações esparsas em muitos outros trabalhos de investigação, onde se recolheram dados de considerável utilidade, a que adiante se fará referência. Naturalmente, o objetivo não é, de todo, elaborar uma cronologia exaustiva da primeira metade do séc. XX, como qualquer meta-narrativa de transposição mecânica de acontecimentos.

Ao invés quer-se destacar eventos, personalidades e aspetos pertinentes e preponderantes, alguns de entre eles polarizam o sentido da época, para a construção e metamorfose da relação entre a boémia e o modernismo. Mediante a noção de pitoresco, o propósito é fazer transparecer os movimentos observados pela sua singularidade; aspetos inusitados, diferentes que se distanciam dos preceitos convencionais, que são incomuns ou peculiares, que provocam estranhamento.

Não obstante, a ideia de pitoresco estar inicialmente ligada a “algo digno de ser pintado”, o termo tomou outra feição e com o tempo, segundo Viviane Araújo (2016), a “expressão passa a ser empregada para designar aquilo que era único, particular, tradicional, e, em grande medida, associado ao passado, e por isso utilizada para identificar os tipos populares que circulavam pelas ruas das cidades, tornando-as singulares, compondo cenas interessantes e por isso dignas de serem, num sentido figurado, “pintadas”, ainda que por meio de crônicas e de ensaios fotográficos.”¹⁹

¹⁹ ARAUJO, Viviane S. - *Retratos do pitoresco: tipos urbanos entre modernidade e tradição*, Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina, S. Paulo, 2016. p 9

Na análise histórica, o pitoresco passou a desempenhar um papel importante na apreciação e na preservação de tradições culturais. A produção de um imaginário de pitoresco associado a tipos populares urbanos, e não só, representam características tradicionais que preservam uma imagem típica que não se quer perder totalmente no meio cosmopolita da cidade moderna.

Importa dizer que o desenho do estudo, apesar de incidir no período decorrente no século XX, entre 1900 e 1950, não dispensa uma incursão preliminar ao período antecedente do declínio da Monarquia e ao sedimentar das primeiras interpretações das vivências cosmopolitas no alvorecer da República. Considerações de ordem ideológica e política, e de ordem literária, entraram igualmente em linha de conta, embora em menor proporção.

Em termos de *corpus* documental, recorreu-se às fontes – primárias e secundárias - da imprensa escrita na época, publicadas em Lisboa, capazes de retratar o ambiente boémio e modernista, que então se vivia na capital na temporalidade demarcada. As fontes da imprensa periódica revelam-se fundamentais a pesquisa, pois proporcionam um acesso imediato ao pulsar diário do local, expondo o seu tecido social, político e cultural no instante em que os acontecimentos ocorrem. Diferente de outras categorias de fontes, os jornais e revistas registram a efervescência dos eventos, atuando como um espelho das ideias sociais de um período histórico.

Os textos literários selecionados, para análise e estudo, datam de um período de escrita e publicação no horizonte temporal da investigação. No conjunto foram arroladas cerca de quinhentas e sessenta referências em fontes e bibliografia prevaletentes. Em relação ao nível da sua abordagem, destaca-se a menção mais significativa a personagens ou eventos associados aos valores do contexto vivido naquele período.

A par da consulta dos jornais de referência, procuraram-se as notícias *fait divers* nas revistas que então se publicavam. As revistas foram um fenómeno de época, e como tal o seu espelho e consciência. Nelas se refletia o pulsar de um quotidiano alterado pela força dos acontecimentos e a necessidade de reflexão que daí advinha. Na vertigem de um tempo novo, nascido da euforia do pós-guerra, o registo e a referência eram dados vitais para a assimilação das ocorrências.

Com o desenvolvimento da fotografia no início do século XX, começaram a aparecer as ilustrações nas revistas. As páginas iniciais foram mudando na sua formatação, passando de mero texto para incluir imagens, tanto ilustrações, como fotografias, acostumando o olhar a diferentes modos de leitura. Também a força que o poder de evidência conferia às imagens para se

sobreporem ao texto fez com que, gradualmente, toda a primeira página e, conseqüentemente, o próprio texto, se estruturasse em torno delas.²⁰

Entre o conjunto de periódicos listados saltaram à vista os inúmeros pontos de contacto entre elas, de tal modo, que muitas vezes se tornou difícil a distinção entre os seus vários perfis, pela quantidade de repetições gráficas e temáticas encontradas.

Dentro da produção editorial de jornais e de revistas, publicados na época, a pesquisa realizada abarcou sobremaneira os periódicos constantes da tabela infra (Quadro 1).

Imprensa periódica	Datas consultadas
Capital (A)	1910 - 1925
Cine	1928
Colóquio/Letras	1986
Contemporânea	1926
Diário Ilustrado	1910
Diário de Lisboa	1921 - 1960
Diário da Manhã	1935
Diário de Notícias	1904 - 1918
Diário Popular	1950
Domingo Ilustrado	1927
<i>El Eco de Santiago</i>	1915
Ilustração Portuguesa	1910 - 1937
<i>Le Matin</i>	1908
Lucta (A)	1908
Mundo Gráfico	1943
Notícias Ilustrado	1932
OLISIPO	1941-a 1972
Primeiro de Janeiro (O)	1950
Revista dos Centenários	1939-1940
Revista Militar	2013
Século (O)	1900 - 1923

Quadro 1 - Fontes usadas da imprensa periódica

As revistas, com referido, têm uma participação significativa na imprensa periódica, com modelos fundamentais de informação e diversão para o público em geral, contribuindo com um papel fundamental nas mudanças culturais. Como descreve Luís Andrade (2009): “As revistas revelaram-se, uma modalidade de imprensa particularmente adequada à persecução de desígnios compartilhados: as grandes figuras da cultura dirigiram-nas, os títulos multiplicaram-se, as

²⁰ MCLUHAN, Marshall - *The Medium is the Message: An Inventory of Effects*, Harmondsworth, Penguin, 1967.

orientações programáticas diversificaram-se, os leitores adquiriram o hábito de acompanhar fielmente os semanários, os quinzenários e os mensários da sua simpatia.”²¹

Refere aquele autor, as publicações teceram a existência e o contexto cultural. O significado de que as revistas se transformaram, durante o período analisado, ganhou uma intensidade tão grande que passou a considerar essa forma de imprensa um objeto de estudo e de reflexão. Por outro lado, a análise da sua disposição no tempo, constitui também um fator interpretativo e de algum modo determinante para o estudo de um perfil editorial que necessariamente evolui com o passar dos anos. Este acervo das fontes ajudou à construção de anotações a respeito do objeto da investigação, favorecendo a identificação das lacunas no conhecimento desse mesmo objeto.

2.3 Boémia e Modernismo em Lisboa: um estado de arte

A boémia e o modernismo são temas, que não há, por assim dizer, ninguém sob os quais tenha já se debruçado, pois raras são as perguntas que jamais alguém fez num clima social que caracterizou fortemente o pensamento à época da sociedade lisboeta no período temporal das primeiras décadas do século XX. São muitos e diversos os estudos já publicados, nos quais se incluem dissertações e teses académicas, com foco em um ou outro dos temas.

Um dos mais interessantes desses estudos, da autoria de José-Augusto França (1992), sobre “Os Anos Vinte em Portugal”,²² faz uma resenha histórica com escolha atenta e arrumação semântica dos factos narrados, cobrindo uma Lisboa que 1920 tinha conhecido, durante uma dúzia de anos, dois regimes e duas ditaduras, dois regicídios e quatro revoluções maiores, e mais duas conheceria até ao fim da década, e outro regime ainda. Não havia dúvida de que, como refere o autor se vivia mais de noite que de dia em Lisboa, e de que os clubes eram um ornamento digno da capital, nota indispensável para a vida noturna da cidade.

Com a investigação desenvolvida por Maria Alexandra Lousada (2004) em “A rua, a taberna e o salão: elementos para uma geografia histórica das sociabilidades lisboetas nos finais do Antigo Regime”²³, a autora prende-se com alguns dos aspetos de mudança ocorridos na cidade

²¹ ANDRADE, Luís – *O Tempo das Revistas*, Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias (II Série) vol. 26, Centro de História da Cultura da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2009. pp 10-11

²² FRANÇA, José-Augusto – *Os Anos Vinte em Portugal*, Editorial Presença, 1992.

²³ LOUSADA, Maria Alexandra Lousada - *A rua, a taberna e o salão: elementos para uma geografia histórica das sociabilidades lisboetas nos finais do Antigo Regime*, in Maria Graça Mateus Ventura “*Os espaços de sociabilidade na Ibero-América, sécs. XVI-XIX*”, Ed. Colibri, 2004.

de Lisboa, tomando como ponto de partida da observação dos espaços físicos nas suas relações com as práticas (o jogo, a bebida, o convívio, etc.) e com os grupos sociais. Escolheu estes espaços pela sua natureza jurídico-política e urbanística diversa: a rua como espaço público ou por excelência, os estabelecimentos de bebidas, como a taberna e o café, são espaços semipúblicos, o salão constitui um espaço privado.

Em “Descrever a Cidade”²⁴ Frédéric Vidal (2007) apresenta uma síntese teórica geral do modo como os discursos e o espaço urbano se articulam. Para esse trabalho, o autor reuniu um grupo pluridisciplinar de investigadores em história urbana – e mais propriamente na história da cidade de Lisboa – suportando parte importante do estudo em documentação identificada.

Na mesma linha temática, Graça Cordeiro e Frédéric Vidal (2008)²⁵ subscrevem uma descrição das diferentes aproximações à realidade complexa da vida urbana, a partir do olhar da antropologia, da história, da sociologia e da arquitetura, em contextos geográficos e temporais distintos. A rua surge, aqui, enquanto imagem e símbolo de um modo de vida urbano. Lugar onde ocorrem as sociabilidades mais “típicas” da cidade, condensa e viabiliza todo um imaginário feito de discursos, memórias e emoções, que atravessam e elaboram simbolicamente a cidade naquilo que ela tem de mais original.

Também o retrato da vida urbana é descrita por Judith Rainhorn e Didier Terrier (2010)²⁶, retratando as suas formas de convivência, do constrangimento à acomodação, da sociabilidade escolhida à promiscuidade sofrida, das tensões construídas às fronteiras erguidas, da denúncia ao crime. Destacam, os autores, as formas de convívio, solidariedade e ajuda mútua no mundo urbano, que se observam no espaço restrito dos edifícios e do bairro, entre populações estranhas entre si, partilhando a necessidade imperiosa de conviver, mas também gerando tensões, disputas e confrontos de vizinhança.

Sobre o quotidiano da cidade de Lisboa do pós-I Guerra e, em especial, na década de 20, Júlia Leitão Barros (1990), em “Os night clubs de Lisboa nos anos 20”²⁷, relata o novo divertimento noturno, o *night club*, na capital. Na descrição, procura entender de que forma os modernos locais de lazer noturno podem ser considerados produtos mitificados “anos loucos” e, simultaneamente, indagar em que medida a sua aparição reflete as ruturas – sociais, económicas, culturais – operadas na sociedade lisboeta de então.

²⁴ VIDAL, Frédéric - *Descrever a Cidade*, Ler História, nº 52, 2007.

²⁵ CORDEIRO & VIDAL, *op cit* (2008).

²⁶ RAINHORN, Judith & TERRIER, Didier - *Étranges voisins : Altérité et relations de proximité dans la ville depuis le XVIII^e siècle*, Presses Universitaires de Rennes, 2010.

²⁷ BARROS, Júlia Leitão - *Os night clubs de Lisboa nos anos 20*, Lucifer Edições, 1990.

José Machado Pais (1983), sob o título “A prostituição na Lisboa boémia dos inícios do séc. XX”²⁸, ensaia sobre o fenómeno da prostituição nesse período, abordando as mudanças sociais na vida boémia dos inícios do século XX, particularmente os padrões de comportamento das suas figuras mais típicas, fadistas, prostitutas, chulos e proxenetas.

Com um trabalho direcionado, essencialmente, ao domínio das artes plásticas, Margarida Tavares Brito (1991), em “Os Anos 40 em Portugal - O País, o Regime e as Artes: Restauração e Celebração”,²⁹ pretende evidenciar o processo de implementação da obra do Estado Novo, através de manifestações culturais criadas nesse período, com particular incidência na realização da “Exposição do Mundo Português (1940).

Também com foco nos anos 40, Luís Trindade (2008) discorre em “O estranho caso do nacionalismo português - e O salazarismo entre a literatura e a política”,³⁰ sobre o período em que o nacionalismo era o consenso mais evidente na sociedade portuguesa. Atribui o fenómeno à propaganda do Estado Novo, com António Ferro como figura dominante nesse processo, onde ressaltam os valores como o patriotismo, a moral e o cristianismo.

Tem relevância o título “A rua, a taberna e o salão: elementos para uma geografia histórica das sociabilidades lisboetas nos finais do Antigo Regime”, de Maria Alexandra Lousada (2004).³¹ A autora debruça-se sobre as vivências decorrentes das novas práticas de sociabilidade, como os novos espaços de diversão noturna - os *cabarets* - surgidos em Paris em meados do século XIX - que marcam a sua presença na definição de modernidade, no século XX, em Lisboa, caracterizando as vivências decorrentes dessas novas práticas de sociabilidade e os agentes envolvidos.

Cecília Vaz (2008), partindo do inventário dos clubes noturnos e os cabarets existentes em Lisboa entre 1917 e 1927, “estabelece a cronologia da sua existência, o processo de implantação na cidade, identificando os agentes envolvidos e as vivências decorrentes das novas práticas de sociabilidade, averiguando a mudança ou a continuidade das mesmas. O estudo facilita uma apreciação sobre a sua importância e significado na vida urbana e a definição da cidade enquanto espaço cosmopolita, moderno e boémio. A transgressão vista como mote de

²⁸ PAIS, José Machado - *A prostituição na Lisboa boémia dos inícios do séc. XX*, Análise Social, vol. XIX, 1983.

²⁹ BRITO, Margarida Tavares - *Os Anos 40 em Portugal. O País, o Regime e as Artes: “Restauração” e “Celebração”*, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa, 1991.

³⁰ TRINDADE, Luís - *O estranho caso do nacionalismo português, O salazarismo entre a literatura e a política*, Imprensa de Ciências Sociais, 2008.

³¹ LOUSADA, *op cit* (2004).

modernidade é objeto de reflexão, contemplando-se tanto a transgressão legal como a violação dos padrões morais socialmente mais implantados.”³²

Versando, agora, sobre o tema do “modernismo” Joana Cunha Leal e Mariana Pinto dos Santos (2016),³³ fazem uma abordagem crítica da sua historiografia. Consideram que o modernismo é um conceito plural, que foi tendo significados e entendimentos diferentes, quer pelos agentes artísticos, quer pelos críticos, quer pelos historiadores. Ou seja, trata-se de um conceito que tem múltiplos contornos históricos e que foram muitas vezes usados sob diferentes perspectivas e posicionamentos críticos e políticos. As diferentes tendências do que é ser moderno implicam necessariamente uma multiplicidade de modernismos artísticos, não só quanto à forma estética como também quanto ao próprio conceito de arte, dizem as autoras.

Sobre o mesmo assunto, Steffen Dix (2015), com o seu trabalho “O ano do Orpheu”, “reúne um grupo de autores que retrata o clima intelectual e cultural em que se movimentou a “geração Orpheu”, considerada precursora do modernismo em Portugal. O livro, reunindo diferentes ângulos de observação, procura reconstituir Portugal em torno de 1915, ano em que nasce o primeiro número da revista “Orpheu”, representando não apenas uma revolta contra a tradição artística do país, mas também o espírito europeu e as típicas confluências culturais e intelectuais das primeiras décadas do século XX.”³⁴

A pesquisa rastreou, assim, os autores eleitos para o estudo, pelos quais podemos aproximar contrastes e problematizações. A abordagem seguida aos textos selecionados foi orientada para uma análise enquanto fontes históricas, recolhendo os indícios reveladores dos estados de pensamento que marcam a temporalidade estudada.

Atendendo à associação da boémia com as atividades artísticas e literárias, selecionaram-se alguns jornais e revistas especializadas, que se revelaram igualmente essenciais para a avaliação dos quotidianos, das figuras tipo e práticas das sociabilidades então vividas. A delimitação temporal em decénios, nos três capítulos que se seguem e compõem o *corpus* do estudo, intenta dar especial atenção à diacronia, às dinâmicas e mutações que se operaram ao longo da temporalidade observada, procurando, simultaneamente, captar personagens pontuais sinalizadoras em momentos mais inusitados.

³² VAZ, op cit (2008).

³³ LEAL, Joana C. & SANTOS, Mariana P. - *As sete cabeças do modernismo*, in N. Crespo (Ed.), “*Arte crítica política*”, Tinta-da-China, 2016.

³⁴ DIX, Steffen - *O ano do Orpheu*, Tinta-da-China, 2015.

3. LISBOA NA ALVORADA DE NOVECENTOS 1900-1910

No primórdio do século XX a sociedade portuguesa era uma nação em plena transformação, quer em termos económicos quer sociais. “A monumental cidade de Lisboa, polvilhada de seculares igrejas, cerrados bairros, grandes chaminés contrastando ainda com o verde rural, com o rio e as suas margens inconfundíveis, era uma metrópole, no início do século XX, contava então com pouco mais de 300 mil habitantes. O rápido crescimento da cidade, que em meados do século XIX detinha no seu interior cerca de 160 mil almas, deveu-se mormente ao êxodo rural que ela própria produziu.”³⁵

Os movimentos migratórios mormente trouxeram uma população de baixos recursos, jovem e dinâmica, que raramente excedia a faixa etária de 30 anos. A maior parte dessas pessoas chegava à procura de condições de vida mais vantajosas, o que significava encontrar um emprego nas empresas fabris da cidade, que iam surgindo. Era uma população jovem, mas de fracos recursos, especialmente oriunda das Beiras, Minho e Galiza.

Como escreveu José-Augusto França, estes novos lisboetas vão ser os principais responsáveis pelo crescimento dos novos bairros (Alcântara, Campolide, Campo de Ourique, e Marvila), dentro e pelos “limites da cidade”³⁶ para assegurar as necessidades de trabalho braçal com que a capital do reino então se debatia. Como é óbvio vão trazer na sua bagagem as tradições, as histórias, o sotaque e os hábitos alimentares das diferentes regiões de onde partiram.

Deu-se, assim, como refere Graça Cordeiro (2001) “um repovoamento acelerado dos seus espaços vazios, das suas casas velhas, becos e pátios, por parte de elementos oriundos do norte, centro e sul do país. Estas vagas migratórias que aqui se foram fixando imprimiram uma nova fisionomia cultural, não só aos bairros mais antigos que foram sendo ocupados com múltiplas e diversificadas atividades, que imprimiam à urbe, alimentando-a, vestindo-a, limpando-a, enfim, animando o movimento das suas praças e das suas ruas de dia e de noite.”³⁷

³⁵ VEIGA, Teresa - *O lento recuo do mundo rural e o crescimento rural*, in “A População Portuguesa no Século XIX,” 2004, pp. 61-67.

³⁶ *Estrada da Circunvalação* (1ª Circular), tal como referida por José-Augusto França (2005), correspondia ao eixo viário em funcionamento desde 1852, constituída a partir da Rua Maria Pia (desde Alcântara) e da Rua do Arco do Carvalhão, Alto do Carvalhão, Avenida Marquês da Fronteira, Avenida Duque de Ávila, Avenida Morais Soares e Avenida D. Afonso III até Santos-o-Novo.

³⁷ CORDEIRO, Graça Índias - *Trabalho e Profissões no Imaginário de uma Cidade: Sobre os Tipos Populares de Lisboa*, Etnográfica, V, (1), Oeiras, Celta Editora, 2001.

3.1 A LISBOA BOÉMIA AO VIRAR DO SÉCULO

A sociedade lisboeta dos inícios do século XX revela uma estrutura social em constante mobilidade, passando por sucessivos níveis de estratificação e de reajustamentos sociais, com aristocratas decadentes cedendo o lugar a “novos-ricos” endinheirados. Em 1908, “A Vanguarda” ironizava: “O luxo das mulheres e a grosseria profunda dos homens fizeram de Lisboa uma espécie de Sodoma e Gomorra, que há muito teria sido destruída pelo fogo celestial se o Deus dos católicos não fosse também um desbragado sultão”³⁸

O virar do século acentua uma Lisboa boémia, do ponto de vista cultural, distinta da outra Lisboa; os seus padrões de conduta tendem a isolar-se da cultura dominante, através do que o sociólogo e teólogo protestante Peter Berger (1963) designa “uma socialização secundária específica”. Querendo o autor dizer que “era uma sociedade em mudança, em contínua movimentação, atravessando diversos níveis de estratificação e de ajustes sociais, com aristocratas em declínio dando espaço a “novos-ricos” abastados. As tabernas, locais de encontro dos boémios, tinham uma clientela socialmente diversificada que lá ia para ouvir as lamentações de uma guitarra a trinar. A noite prolongava-se até altas horas, com as cantorias, fado agitado e gritos ensurdecedores. Não havia reclamações, pois taberna sossegada, sem brigas, sem gritos, sem conflitos, era uma taberna frágil.”³⁹

A vida boémia em Lisboa girava em torno de cafés, teatros e cinemas, espaços de encontro para as elites intelectuais e artísticas que funcionavam como centros de discussão e promoção de novas ideias. Essa vida boémia coexistia com uma severa crise económica e social no país, que contrastava com a modernização e a incorporação de novas tendências e tecnologias pelos grupos mais endinheirados. Não obstante, um ambiente mais relaxado e de entretenimento noturno, com apostas e bebidas nos bares e cabarés, simbolizava uma fuga das adversidades, em uma época marcada por manifestações culturais e pelo aumento das influências que chegavam de Paris.

José Machado Pais (1983) descrevia o ambiente então vivido:

“As tabernas, ponto de encontro de boémios, tinham, naturalmente, uma frequência socialmente diversificada. Todos lá iam, desde moços de fretes, carrejões e malteses de cacete - jaleco ao ombro e barrete derrubado - até à mais fina flor da aristocracia. Esta, ou amava em São Carlos ou no bordel. Os mais ousados preferiam o bordel ou a taberna, independentemente das indignações e de certos preconceitos de

³⁸ *A Vanguarda* de 16 de Outubro de 1908

³⁹ BERGER, Peter L. - *Invitation to sociology: A humanistic perspective*, New York: Knopf Doubleday Publishing Group. 1963.

família. Em lugares onde havia ajuntamentos, circulavam prostitutas. Numa sociedade, onde a família era considerada a unidade primária da vida social e afetiva, a prostituição era um flagelo social contra o templo sagrado que encarnava as virtudes morais e religiosas: o casamento, a sexualidade legítima, condenando-se o amor venal que, não obstante, era um mal necessário, garantindo a virgindade das futuras esposas e a tranquilidade no lar.

Na maioria das vezes associada a um comportamento desviante, a prostituição conheceu aceitação social, conforme se verifica pelos esforços legislativos que procuram delimitar fronteiras e espaços, sobretudo na rua, onde coexistiam dois universos: a boémia e a dita «normalidade institucional». Desse modo, a prática permanecia, de forma controlada, encoberta, não se contestando a sua utilidade para a organização familiar e conjugal da época. Nos inícios da centúria de XX, numa sociedade em transição para o modelo capitalista, a prostituição conhece, face às regras do mercado e à consequente concorrência, circuitos de divulgação mais complexos, com recurso a técnicas de marketing como forma de incremento do serviço prestado. Nas ruas da Baixa enviam-se “bilhetes de convite”⁴⁰

No balanço sobre o tema da prostituição em Lisboa na aurora de novecentos, o sociólogo considera que os aspetos excêntricos do que normalmente se chama de marginal são bem conhecidos. Por sua própria essência, toda a excentricidade possui elementos conservadores, que são transmitidos por meio da tradição, de uma geração para outra, ao longo do tempo, utilizando o mesmo espaço social como constante.

As mudanças culturais e sociais na Lisboa boémia do início do século XX vão além de simples transmissões temporais de cultura. Os movimentos de intercâmbio cultural não só se intensificaram, como também se reverteram. Enquanto, no século anterior, os aristocratas marialvas absorviam e se integravam à tradição boémia, a partir de seu final é essa tradição que incorpora o que está ao redor, nele se diluindo.

Visivelmente, a prostituição em Lisboa, embora sempre presente de alguma forma, passou por períodos de maior e menor tolerância ao longo da história. No início do século XX, havia uma convivência mais aberta entre diferentes classes sociais. A prostituição era mais visível e tolerada em certos ambientes, como as esperas de touros, onde prostitutas e boémios interagiam livremente.

Alfredo Tovar de Lemos (1908), diretor do dispensário de higiene social de Lisboa, ensaiou uma tipologia da prostituta portuguesa.⁴¹ “Em 1908, de uma amostra de prostitutas observadas, o médico constatou que cerca de 80 por cento correspondiam a criadas de servir, domésticas ou costureiras. Numa nova amostra, em 1933, o médico constatou que superava ainda os 70 por cento aquele estrato de prostitutas.

⁴⁰ PAIS, José Machado - *A prostituição na Lisboa boémia dos inícios do século XX*, Análise Social, vol. XIX (77-78-79), 1983. p 943-960.

⁴¹ LEMOS, Alfredo Tovar - *Prostituição*. Estudo Anthropologico da Prostituta Portuguesa. Lisboa: Centro Typographico Colonial, 1908. (Biblioteca Nacional de Portugal). p. 28.

A historiadora Irene Vaquinhas (2011), fez referência a outras meretrizes: “Muitos homens tinham aventuras com bailarinas ou coristas das casas de espetáculos que abundavam. Aliás, no início do século XX tornam-se comuns as relações extraconjugais assentes em modelos estáveis do casal legítimo, de marido e mulher “amante com casa posta”. A expressão refere-se à casa ou lar que o homem sustentava para a sua amante, onde era mantida financeiramente.

Era uma forma de relacionamento comum na época, em certos contextos sociais, onde a infidelidade masculina era, mais ou menos tolerada, especialmente entre homens de classes mais elevadas. Os bordéis complementavam-se com outros locais de diversão noturna e sociabilidade masculina. Cabarés, *brasseries* e gabinetes reservados de hospedarias constituam espaços de evasão onde os encontros sexuais rompiam a monotonia do dia-a-dia.”⁴²

Não é despidendo caricaturar o tipo de relação descrita, transcrevendo num texto de Alfredo Gallis (1859-1910), o diálogo entre futuro protetor e respetiva candidata a protegida:

“- Ora diga-me: se eu tomar o seu futuro á minha conta, se lhe proporcionar uma vida luxuosa e tranquila, se lhe satisfazer as suas ambições e caprichos, se a estimar (...), exigindo-lhe apenas em troca que nunca me dê o negro desgosto da traição, do que aliás a não julgo capaz, a minha situação de casado ser-lhe-ia pesada?

- Decerto que não.

- Perfeitamente. Vejo que é uma senhora de alto critério, e nos podemos entender.”⁴³

“A prostituição conhece, face às regras do mercado e à consequente concorrência, circuitos de divulgação mais complexos, com recurso a técnicas de marketing como forma de incremento do serviço prestado. Nas ruas da Baixa enviam-se “bilhetes de convite” e na imprensa surgem alguns anúncios que, de forma subtil, parecem estar relacionados com a prostituição. A vida íntima da capital aparece refletida nas páginas de anúncios do “Diário de Notícias”.⁴⁴

Os circuitos de divulgação do “produto”, passam a ser mais sofisticados. Lado-a-lado de anúncios de procura de “Senhora ou menina bem-educada [...] para ajudar a dona de casa a coser e ao governo da casa”, de costureiras, criadas e mulheres-a-dias, há oferta de serviços.”⁴⁵ Em outros anúncios: “Atenção senhora nova e livre e que tem a sua casa, deseja encontrar pessoa de toda a respeitabilidade que a possa auxiliar. Resposta a este jornal ao nº 12”⁴⁶

⁴² VAQUINHAS, Irene - *A Época contemporânea – Introdução. A redefinição do público e do privado (1820-1950)* in MATTOSO, José (dir.). *História da Vida Privada em Portugal* Círculo de Leitores/Temas e Debates, 2011, pp 322-350.

⁴³ GALLIS, Alfredo - *A Baixa. Lisboa no Século XX (A Grande Aldeia)*, Parceria António Maria Pereira, 1910, p. 150.

⁴⁴ GUIMARÃES, Júlio - *Fados para Rir...*, «Coleção Economia», 46, p. 11

⁴⁵ PAIS, *op. cit.* (1983)

⁴⁶ Diário de Notícias, 30 de Março de 1904.

Nas ruas da Baixa enviam-se “bilhetes de convite” oferecendo a “prática de bons serviços”, como quem divulga um memorando ou reclame dum estabelecimento que vulgarmente anuncia um produto, como por exemplo em “A Vanguarda” (fig. 3.1).⁴⁷



Fig. 3.1 - A Vanguarda, 23.10.1908

Surgem as engatadeiras a tempo integral, passando a atuar como verdadeiros agentes de tráfico conhecedores dos mais arditos segredos de *marketing*. Nas chegadas dos comboios à capital ou na província, para melhor poderem atuar, até se apresentam, sofisticadamente, trajadas de irmãs da caridade ou com uniformes de enfermeira.⁴⁸

É claro que a convivência com a prostituição, nas suas várias manifestações, era habitual em distintos grupos sociais. Havia áreas associadas à prostituição que coexistiam entre variadas classes sociais, desde as "cocotes finas" em círculos aristocráticos e boémios, até às "prostitutas do fado baixo" em contextos mais populares, refletindo um panorama de significativa mudança social e as condições de miséria que impulsionavam a prática.

João Pinto de Carvalho (1898), jornalista e escritor conhecido como “Tinop”, cronista distinto, caracterizou as menções à Mouraria - bairro na vizinhança do “Intendente” – o local conhecido como “Hospital do Desterro”, marcado por um contexto de decadência, onde propagava o roubo, a droga e sobretudo a prostituição. Ali se cantava o fado alusivo à libertinagem, como nos versos do “Quadro Triste”⁴⁹ (fig. 3.2).

⁴⁷ “A Vanguarda”, 23 de Outubro de 1908. 947

⁴⁸ Boletim Oficial do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, n.º 6, ano I, Maio de 1916, p. 66.

⁴⁹ CARVALHO, Pinto (Tinop) - *Lisboa d'outros tempos*, António Maria Pereira, 1898

QUADRO TRISTE

MOTE

Corre ao Desterro e vae ver,
Onde ouvires chorar escuta.
Ouvirás gemer com dôres
Uma infeliz prostituta.

I

Tu se tens bom coração,
Se tens dó das desgraçadas,
Repara p'ras malfadadas
Que estão na prostituição.
Soffrem tanta ingratidão,
As que teem um tal viver,
E mais tarde vão soffrer
O golpe mais lastimoso,
Se queres ver quadro horroroso,
Corre ao Desterro e vae ver.

II

Lá encontras a infeliz
De todos abandonada,
Que sobre a cama deitada,
O seu destino maldiz.
Sem ter um dia feliz
Que disfarce a sua luta,
Repara bem e disfructa
O quadro que está presente;
P'ra n'isto ficares sciente
Aonde vires chorar escuta.

III

Olha p'ra triste figura,
Que a mulher da vida faz;
Vive sem honra e sem paz,
Até ir p'ra sepultura,
A sua sorte é negra e dura,
Soffre tantos dissabores,
Do seu rosto perde as cores,
Assim que se faz corrupta,
Pois n'esta medonha luta
Ouvirás gemer com dôres.

IV

Quem tiver filhas no mundo
Nunca deve censurar,
Porque inda pode ir parar
A este abysmo profundo.
Este drama tão immundo
Representa a mulher adulta;
Da miseria não se occulta,
Sempre o fado vae trilhando,
Virás sempre lastimando
Uma infelz prostituta.

Fig. 3.2 - O Fadinho do Bairro Alto, nº 1, Biblioteca Nacional de Portugal – s. d.

A juventude distinta tinha zonas específicas onde eram mais frequentes as experiências amorosas. Um caso ocorrido no início da centúria faz manchete no jornal “O Século” no dia 11 de Dezembro de 1900,⁵⁰ noticiando a morte a tiro de Alexandre O'Neill, filho de um importante banqueiro da cidade e antigo diretor do Banco de Portugal, que possuía, perto da Mãe d'Água, um quarto alugado onde costumava passar, por vezes, algumas horas alegres e amorosas. O seu assassino seria o Dr. Duarte Egas Pinto Coelho, médico da Real Câmara, que suspeitava de adultério por parte da sua mulher e assim, ao ver sair O'Neill do seu refúgio, "acompanhando uma dama, envolta n'uma longa capa vermelha e com o rosto coberto por um espesso véo" não hesitou em disparar atingindo-o mortalmente.

Referindo-se ao meretrício, Malheiro Dias (1905),⁵¹ com a sua habitual ironia, declarava: “Em Portugal não há senão duas espécies de mulheres: a mulher portuguesa e a mulher alfacinha.” O cronista vai mais longe ao elogiar esta mulher lisboeta, afirmando:

“A alfacinha, mata-se ao primeiro mirar. O modo de encarar, o jeito de sorrir, até a suavidade da voz e a graça dos movimentos; a bondade natural, a doçura do olhar, a leveza grácil dos comentários, o desembaraço, o desejo de imitar disfarçado na ânsia da originalidade, todas estas pequeninas feições morais e materiais, a exibem e a marcam.” (...)

“A própria mulher do povo, distingue-se de todas as mais, embora não fixe na sua personalidade o colorido estrangeiro, e apenas o receba por reflexo, num ou noutro momento da vida, numa ou noutra circunstância.

A cidade, com sua atmosfera de capital, modifica-a, compõe-na melhor, contorna-lhe com maior nitidez a silhueta rude, marca-a, sem risco de que a confundam, embora o seu tipo a subdivida em espécies variadas, cada uma com a sua expressão, o seu «tic» bairrista, o seu facies local.

Os melhoramentos na cidade se fizeram por ela para a lisboeta se calçaram melhor as ruas, se alargaram os passeios, se plantaram as árvores. Além disso, “ao caminhar retilíneo do homem confunde-se o passo ondulante da lisboeta” A lisboeta tem ideias inovadoras e progressistas, assim como a capacidade de adaptação. Assimila facilmente os costumes e hábitos da moda, demonstra sedução pela novidade, sujeição ao formalismo, tem o feitio exibicionista e amor pela evidência, feitio buliçoso. Concorde que, depois do meio-dia, a fisionomia da Baixa começa a alterar-se com a presença destas figuras, pois as mulheres mais impacientes vêm da periferia para o centro em americanos (carruagens puxadas por cavalos que circulavam em carris) ou pelos elevadores.⁵²

Malheiro Dias dá aqui um testemunho sobre a sociedade do seu tempo porque esse, segundo dizia, era o dever de um jornalista com a coragem de ter opinião. Ele lia em profundidade o que outros captavam à superfície e, como ficcionista, vestia a pele dos personagens para tentar entender os segredos móbeis do seu comportamento. Não era consensual, mas não deixou de ser

⁵⁰ Jornal “O Seculo”, 11 de Dezembro de 1900, com noticiário complementar, em grande destaque, até ao dia 18.

⁵¹ Carlos Malheiro Dias (1875-1941), historiador e jornalista, foi diretor da revista *Ilustração Portuguesa* e codiretor de *O Domingo Ilustrado*.

⁵² DIAS, Carlos Malheiro - *Cartas de Lisboa*, 1905, pp 70-72.

admitido, a partir de 1904, como Membro da Classe de Letras da Academia de Ciências de Lisboa.

Ponto de encontros das “damas de Lisboa”, como Rodrigo Velloso as chamava, tinha lugar na zona do “Chiado”. O jurista, escritor e jornalista, ao falar sobre o espaço da “Baixa”, relata todo o circuito, bem como o tipo de vida que se desenvolvia ao redor dessa zona, debruçando-se em particular sobre as senhoras que a frequentavam.

Segundo Velloso (1911), “as damas de Lisboa – numerosíssimas – passeavam-se pelas ruas da “Baixa”, em especial e determinadamente pelas ruas do “Chiado”, pela rua do Carmo e pela Rua do Ouro. Em tempos mais recentes, passaram a dar preferência às ruas onde estava estabelecido o comércio mais importante da capital, principalmente a “Casa Africana” e o “Mandarim Chinês”, e outras casas na rua Augusta.”⁵³

Como descreve o autor, Lisboa era, à época, uma cidade que proporcionava vários ângulos de observação, entre os quais a vivência da moda muito valorizada na “Baixa”, sobretudo no “Chiado”, áreas visitadas principalmente pelas classes altas e pelos intelectuais. Era nesta área da cidade que circulavam as mulheres mais sofisticadas de Lisboa. Toda a dinâmica comercial fez do “Chiado” um lugar de montras, um espetáculo visual da sedução.

Outro cronista, Alberto Mário de Sousa Costa,⁵⁴ dedicou parte da sua escrita ao “Chiado”, com um reportório pleno de memórias da zona urbana lisboeta, abordando a sua história e das figuras proeminente que por ali passaram e viveram. Mário Costa (1965) salientava:

“Além do Chiado que se podia observar à vista desarmada, havia um outro Chiado que era mundano, elegante, e requintado - um Chiado que se manifestava entre as quatro e as seis da tarde. Era a essa hora do dia que muitas mulheres saíam das *matiné*s elegantes dos cinemas de Lisboa, enquanto outras vinham propositadamente tomar chá e ver a cidade através dos vidros dos seus automóveis. Descreve a vida quotidiana da gente elegante que frequentava o Chiado, a fisionomia das principais casas de comércio, o ambiente belicoso dos cafés, dos clubes seletos, das muitas casas ligadas à moda e à beleza.

Muitos anúncios que nesta altura eram publicados pelas casas de moda e de beleza, punham em evidência a presença de profissionais estrangeiros, ou de produtos provenientes do estrangeiro, com o objetivo de atraírem mais clientes. Muitas casas da baixa Lisboa e do Chiado ganharam notoriedade por serem frequentadas por pessoas bastante conhecidas no meio social. Na Semana Santa, o Chiado ganhava outra tonalidade. As comemorações religiosas que se realizavam nas três igrejas exigiam que as senhoras “elegantes” se vestissem de preto. Nesta ocasião, o Chiado ficava completamente lotado.”⁵⁵

⁵³ VELLOSO, Rodrigo - *Aspectos de Lisboa*, Livraria Clássica Editora, 1911, pp 101-102.

⁵⁴ Além de escritor, foi Secretário da Tutoria Central da Infância de Lisboa e Secretário do Tribunal do Comércio em Lisboa.

⁵⁵ COSTA, Mário - *O Chiado pitoresco e elegante*. Gráfica Santelmo, 1965, pp 17, 149, 167, 175, 252, 316.

O cronista de Lisboa descrevia que esta área da cidade havia obtido notoriedade como um grande burgo e, inclusive, até como condado. Na sua análise, tudo ocorria no “Chiado”, e todos o consideravam uma referência, tendo sido o maior inspirador de Eça de Queirós na criação de várias das personagens de suas obras romaneadas.

Cláudia Baarbieri (2012) que se interessou pelas teses queirosianas, descreve essa atração de Eça:

“Um percurso pelas “Lisboas” literárias de Eça recai, obrigatoriamente, pelo Chiado. Nesta zona urbana da capital passariam quase todas as personagens queirosianas em suas idas e vindas pela cidade. Hotéis, cafés, pastelarias, livrarias, largos e igrejas são evocados repetidamente pelo escritor, numa tessitura narrativa do espaço urbano, que elucida, propicia ou interrompe a ação romanesca. Os passeios, que certas personagens perfazem pelas ruas alfacinhas⁵⁶, possuem variadas funções dentro do âmbito narrativo. Eça de Queiroz, em seus romances, se apropria dessas oportunidades para tecer fortes críticas à sociedade e ao país; para delinear e explicar o perfil e comportamento das suas personagens; para criar efeitos de surpresa, comicidade, suspensão ou adiantamento narrativos, brincando com o ritmo do enredo. Muitas cenas se constroem a partir de um encontro fortuito das personagens pelas ruas de Lisboa e algumas passagens tornam-se tão emblemáticas, que se imortalizam na memória dos leitores (...) Esta joia do Chiado é muito referenciada por Eça nos seus romances.”⁵⁷

Com efeito, Eça de Queiroz possuía uma forte propensão por vincar nas suas obras esse fascínio, descrevendo a cidade de Lisboa de maneira geral, e o “Chiado” em particular, empregando-os como cenário para retratar a sociedade portuguesa da sua época. Um exemplo disso é a representação do bairro na sua obra “A Capital”, que destaca a relevância do “Chiado” como um ponto cultural e vida burguesa na escrita do autor. Lisboa constituía um verdadeiro fascínio para as gentes da província, a cidade onde se realizavam todos os sonhos, com relevância do “Chiado”.

Em “A Capital”,⁵⁸ Eça concebeu uma estória, passada em Lisboa, dando voz a Artur Corvelo, protagonista da novela, um jovem escritor que acalentava ser um grande poeta, depois da vivência literária e boémia que vivera nos tempos de Coimbra. Para alcançar esse desígnio

⁵⁶ Os habitantes de Lisboa são popularmente chamados de alfacinhas. Muitos escritores quando queriam se referir a algo tipicamente lisboeta se utilizavam desse termo. A alcunha tem várias explicações: desde a abundância de alface existente na região de Lisboa, planta que foi trazida pelos mouros no século VIII, desde a expressão de Garrett em “Viagens da minha terra” (1846): “Pois ficareis alfacinhas para sempre, cuidando que todas as praças deste mundo são como a do Terreiro do Paço...” in MESQUITA, Alfredo. Alfacinhas. Lisboa: Parceria António Maria Pereira Livraria Editora, 1910. (Coleção Antonio Maria Pereira, 75º volume), p. 21.

⁵⁷ BARBIERI, Cláudia - *Lisboa em cena: a personagem capital das páginas queirosianas*, Tese de Doutorado em Estudos Literários, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2012, pp. 113-120.

⁵⁸ Este romance foi o último projeto em que Eça de Queiroz trabalhou, mais tarde concluído e revisto pelo seu filho José Maria d’Eça de Queiroz, que o havia de publicar em 1925.

resolve escrever um livro que lhe traga a tão almejada visibilidade, o reconhecimento, a fama e só via um lugar onde o realizar: Lisboa.

Na estória engendrada, avança na narrativa:

“Já na capital, Corvelo conhece Melchior e Meirinho (dois fura-vidas interesseiros) que o persuadem a levar uma faustosa vida de aparências, na qual, desbarata o dinheiro em jantares, lugares no teatro de São Carlos, compras fúteis, entre muitas outras peripécias, muito longe da vida pacata e austera apenas dedicada à literatura.

Era sobretudo a existência noturna de Lisboa que o fascinava: imaginava sentir, nos cafés, entre o ouro dos espelhos, balançar-se a sussurração das conversas literárias; via, à porta dos teatros, apinhar-se uma multidão sôfrega de arte, e em redor, nas praças todas alumadas, grupos discutirem com subtileza a estética dos poetas e a política dos oradores. Depois, parecia-lhe avistar janelas embaciadas de restaurantes, onde artistas e cortesãs celebravam orgias, poéticas como galas; mais longe, distinguia os balcões dos salões aristocráticos, de onde saía uma claridade discreta tamizada pela seda das bambinelas: aí, idealizava a vida de um mundo superior, em que as faces são pálidas da emoção contida nos sentimentos romanescos

Mas, os sonhos vão, um a um, sendo transpostos para banalidades quotidianas — o seu livro é um fracasso de vendas, o seu génio não se distingue e o reconhecimento pessoal é uma anedota —, depressa perdem a prioridade no seu dia-a-dia preenchido de frivolidade cidadina. Quando o dinheiro acaba, a fraternidade com Melchior e Meirinho perde a relevância e é obrigado a vender alguns fatos para a passagem de comboio para regressar a Oliveira de Azeméis.”⁵⁹

Esta estória de Eça de Queiroz apresenta um retrato bem-elaborado sobre as relações humanas, focado nas célebres tertúlias de Lisboa, com as suas virtudes e defeitos, na vida boémia da capital e da transformação moral abrangente de uma sociedade tradicionalista. Pode também ser interpretada como uma crítica sarcástica à mentalidade coletiva portuguesa no tempo demarcado. A verdade é que a narrativa ficcionada por Eça não era, de todo, fora da realidade da sociabilidade da capital portuguesa na época.

Enfim, reconhecida e unanimemente, o “Chiado” era o centro de gravidade de Lisboa, cujo aspeto se mostra na Fig. 3.3.



Fig. 3.3 - Zona do Chiado – AML - 1901

⁵⁹ QUEIROZ, Eça de – *A Capital*, Livraria Chardron, 1925 (póstumo).

José-Augusto França (1974) não se acanhava em exclamar “A capital de Lisboa é o Chiado!”⁶⁰ querendo expressar a relevância histórica e simbólica do zona para Lisboa e sua identidade. Com efeito, o historiador considerava o “Chiado” um ponto central e icónico da cidade, onde se reuniam as atividades sociais, culturais e comerciais mais significativas. Para França, o “Chiado” era um espaço mundano onde se localizavam as casas aristocráticas, incluindo os palácios do conde de Farrobo e do Barão Manuel dos Contos, o Grémio Literário, as três Igrejas que atraíam elegantes devotas, uma fonte icónica (onde hoje mora a estátua do poeta), a Ópera de São Carlos, além dos hotéis mais prestigiados, os restaurantes de culinária francesa, as pastelarias e cafés italianos, os alfaiates alemães e as modistas de mesma origem, além das famosas livrarias.

Mas, no fundo, a quem se deve a designação do “Chiado”? Há um antecedente histórico que importa revelar. O historiador Augusto Vieira da Silva (1947), sócio honorário e primeiro presidente do grupo “Amigos de Lisboa”, desvendou o assunto em 1947, num texto editado na revista “Olisipo”, revelando:

“Logo após o terremoto de 1755, começaram a construir-se em Lisboa chafarizes alimentados com água do Aqueduto das Águas Livres. Um dos primeiros que se construiu, em 1771, foi no Largo das Duas Igrejas ou do Loreto (atual Largo do Chiado), e no sítio exato onde hoje se vê a estátua do poeta Chiado. Este chafariz era chamado do Neptuno, por estar encimado por uma estátua do Deus das Águas, grupo escultórico da autoria do escultor Joaquim Machado de Castro, o modelador da estátua do rei D. José, no Terreiro do Paço.

O chafariz teve uma duração efémera, pois, por volta de 1853 ou 1854 acabou demolido. A vereação de 1925, achando que o local era amplo de mais para a circulação, e que esta não ficava prejudicada com um maciço de cantaria no centro do Largo, resolveu mandar erigir aí uma estátua. Como uma parte da via pública que antecedeu a rua que atualmente, desde 1889, se chama Rua Garrett, se denominava, na sua parte oriental, Rua do Chiado, deliberou-se, em sessão de 14 de Abril de 1925, que fosse duma pessoa chamada Chiado a estátua a erigir.”⁶¹

E quem era, afinal, este homem? Vieira da Silva diz tratar-se de:

“Um frade franciscano que viveu no século de quinhentos, de nome António Ribeiro Chiado, arruaceiro e devasso, mas com algum talento poético, que faleceu em 1591. A estátua representa o frade num banco de assento, com o braço direito estendido, como que a pedir algo a quem passa na artéria. Foi obra do escultor António Augusto da Costa Mota. O poeta não tinha relação alguma com a rua do Chiado, pois que o Chiado que deu o nome à rua era simplesmente um vinhateiro ou estalajadeiro, por nome Gaspar Dias e por alcunha o Chiado, que também viveu no século de quinhentos, e cujo estabelecimento ficava situado, aproximadamente no local da esquina oriental da Calçada do Sacramento para a Rua Garrett, ou, por outras palavras, no primeiro troço, o mais oriental, da via pública que ia para as Portas de Santa Catarina, o qual, antes do terremoto de 1755, e depois deste cataclismo, se chamava Rua do Chiado.”⁶²

⁶⁰ FRANÇA, José-Augusto - *O Romantismo em Portugal*, Vol. 2, Livros Horizonte, 1974, pp 355-356.

⁶¹ SILVA, Augusto Vieira – *Chafariz do Loreto e a estátua do Chiado*, OLISIPO - Grupo Amigos de Lisboa, Ano X, nº 40, Outubro de 1947, pp 227-230

⁶² SILVA, *op. cit* (1947)

André Brun (1881-1926) - que tem o seu nome na toponímica de Campo de Ourique - contava a história dos dois Chiados formando um todo. O humorista sobrevoou as informações comprovadas que juntaram o frade franciscano, António Ribeiro, Chiado de alcunha, e o facto de logo desde os anos seguintes, no começo do século XVII, haver referências a Chiado-rua.

Apesar de todas as dúvidas do trono genealógico do “Chiado-artéria”, o certo é que esta toponímia, apesar das transformações que desde então o local sofreu, a designação não só se manteve como ainda ganhou terreno. Em 18 de Dezembro de 1925, por iniciativa da vereação municipal (fig. 3.4) foi erigida a estátua, em bronze, assente sobre uma base de cantaria de pedralioz, homenageando o poeta.



Fig. 3.4 - A Capital, 18 de Dezembro de 1925 / Edital CML 19 de Maio de 1925

De acordo com todos os autores citados, o “Chiado” alcançou o privilégio de superar todos os demais espaços da “Baixa”, porque se converteu no símbolo do bom-tom, passando a pontificar na literatura e na moda, chamando a si os homens de letras que passaram a escrever para o “Chiado”, os janotas a apurar-se para o “Chiado”, e as Senhoras a vestir-se para o “Chiado”.

No início do século XX, os inventos culturais do “Chiado”, que congregava bairrismo e cosmopolitismo, contou com a intervenção dos modernistas do Grupo de Orfeu, com destaque para Almada Negreiros, Santa-Rita Pintor, Mário Sá-Carneiro e Fernando Pessoa, o poeta que

nasceu no Chiado, ao Largo de São Carlos. A iluminação elétrica, introduzida em 1903, era um dos símbolos da modernidade desejada, que se fazia sentir através da influência literária e artística da cultura parisiense.

Ao longo de sua história, o “Chiado” teve uma posição marcante na difusão da moda em Lisboa e Portugal. No passado, era sobretudo frequentado pelas classes sociais que possuíam um elevado poder de compra, bem como pelos intelectuais e artistas, que o elegiam para os seus momentos de convívio. Muitos eram os estabelecimentos ali situados, cada um com o seu público específico.

Lisboa de novecentos era igualmente famosa pelos seus diversos cafés, que funcionavam como lugares de tertúlias. Esses espaços serviam como importantes núcleos de interação para artistas, escritores e intelectuais, atuando como locais de discussão e desenvolvimento cultural. Nesses lugares, era frequente a presença de pessoas influentes da época, que se encontravam para trocar ideias e produzir novas criações. O clima nos cafés era vibrante, com promoções entusiasmadas, recitais de poesia, discussões sobre política e arte, e ocasiões de socialização entre os frequentadores.

À época, os cafés mais importantes eram o “Martinho da Arcada” e “A Brasileira”. O mais antigo, o da Arcada do Terreiro do Paço, existe desde 1782, chamado na época “Casa da Neve”. Vendiam bebidas várias e sorvetes, que tiveram fama nessa época e, por isso, a designação do estabelecimento; também vendia bilhetes para as carreiras de seges entre o Terreiro do Paço e Belém.

Eduardo Sucena (1988), que pertenceu ao “Grupo de Amigos de Lisboa”, de que foi dirigente, descreve a génese desta casa e da sua evolução através dos tempos:

“Em 1784, era conhecido por “Casa do Café Italiano”, pertencendo então a um italiano Domingos Mignani. Em 1795 passou a designar-se “Café do Comércio” e, em 1809, por “Café dos Jacobinos”, por ser frequentado por jacobinos e libertinos da época. Em 1820 volta a chamar-se “Casa da Neve”, com grande procura da sociedade elegante de Lisboa, que lá ia deliciar-se com os sorvetes, sempre muito apreciados. Em 1829 o novo proprietário era Martinho Bartolomeu Rodrigues, que deu o último nome à casa (fig. 3.5), transformando-o num dos melhores cafés-restaurantes de Lisboa. Homem altamente operoso e bom negociante, arranjou também outra solução com vista a obter gelo em abundância para o fabrico dos seus sorvetes, chegando a manter seis poços de gelo na Serra da Lousã, em Santo António das Neves.”⁶³

Quando o “Café Martinho”(fig. 3.5) abriu pela primeira vez as portas ao público, as primeiras gerações que o frequentaram foram as dos escritores românticos. Entre muitos outros, Garrett, Herculano, Camilo, Eça, Cesário e Pessoa, que nele escreveu parte dos seus poemas e,

⁶³ SUCENA, Eduardo – *Os Cafés na vida política, social e intelectual de Lisboa*, Olisipo – Grupo Amigos de Lisboa, nº 151, 1988, pp 85-87.

entre eles, o único livro que publicou em vida – “Mensagem”. Todos se encontravam ali à porta, já tarde, para ver passar as modas e descobrir alguém conhecido. Durante anos, foi este o único botequim de Lisboa onde as mulheres entravam sem grandes problemas: “As senhoras atravessavam as instalações, até à sala interior, para tomarem neve n’uma estufa”, como contava o memorista Bulhão Pato (1894)⁶⁴.



Fig. 3.5 – “Café Martinho” no princípio do século – Joshua Benoliel – s. d.

Outro café icónico da capital, que chegou aos dias de hoje, é “A Brasileira do Chiado”, fundado em 1905 por Adriano Telles, um português que foi para o Brasil (Minas Gerais) com 12 anos e regressa a Portugal (Arouca, onde nasceu) como o típico “torna viagem”⁶⁵. Cria uma marca e abre vários estabelecimentos no país (Porto, Braga, Coimbra e Lisboa), para venda de café do Brasil, torrado e moído no próprio estabelecimento.

Em Lisboa, a loja no “Chiado” começou por ser uma loja de venda a retalho igual a tantas outras na capital de então. Os sócios fundadores publicitavam a abertura do estabelecimento à conquista do mercado lisboeta anunciando: “Os proprietários d’A Brasileira convidam todas as damas da sociedade lisbonense a abastecerem-se de café neste estabelecimento, onde encontram um género a que, por todos os motivos, devem dar a sua justa predileção.”⁶⁶

⁶⁴ PATO, Bulhão – *Memórias*, Volume I, Academia Real das Ciências, 1894, p. 106.

⁶⁵ Aquele que tendo partido de um local, geralmente para outro país, volta ao ponto de partida.

⁶⁶ DIAS, Marina T. – *Lisboa Desaparecida: cafés e tertúlias*, Quimera Editores, vol. 1, 1987 p 101.

“A Brasileira” abriu o negócio, exclusivamente, para a venda a peso do genuíno café importado do Brasil, de Minas Gerais. No início, teve o nobre gesto de generosidade de servir gratuitamente, aos seus fregueses, uma chávena da infusão. Só mais tarde, em 1908, depois de profundas remodelações que transformaram, por completo, o interior do sóbrio estabelecimento, começou a vender café à chávena, cobrando, indistintamente, \$04 pela chávena pequena e \$05 pela chávena grande. Com a remodelação, passou não apenas poder vender café ao balcão, mas proporcionar aos clientes local de conversa e paragem obrigatória.

Em 1908, a casa era já um novo e elegante salão com mobiliário estilo renascença, talhas douradas e espelhos ao longo das paredes. Depressa ocupou os hábitos dos lisboetas e rapidamente recebeu a clientela das vanguardas artísticas de Lisboa (fig. 3.6).

Nesses tempos, “A Brasileira” fornecia sobrescritos e papel timbrado para que os clientes escrevessem ali as suas cartas e funcionava também como posta-restante. Acabou-se com essa regalia porque os remetentes das cartas começaram a não pagar o selo, e era a loja que tinha de se ver com as multas que chegavam.



Fig. 3.6 - *A Brasileira*, Rua Garret – 1911, Joshua Benoliel

“A Brasileira” era abrigo de tertúlias literárias e artísticas, com a presença assídua de autores, compositores e pintores, como, por exemplo, Stuart Carvalhais, que se entretinha ali (enquanto esperava que aparecesse alguém para lhe pagar o café) a desenhar com um fósforo molhado no resto da bebida e na cinza do cigarro uns bonecos com a marca do seu talento.

Além dele, muitos outros da geração de pintores da “nova escola”, a que pertencia Almada Negreiros e Eduardo Viana, faziam poiso certo nas mesas do café do “Chiado”. Tal como

o grupo “Orpheu”, que lá fez sua morada quase permanente, todos os intelectuais e artistas dos últimos cem anos por lá passaram.⁶⁷

Fazendo a síntese, a Lisboa boémia ao virar do século evidenciou uma dualidade entre a modernidade e as severas crises do país, com a elite aproveitando uma vida de luxo e lazer. A burguesia e os mais abastados frequentava os cafés mais famosos, desfrutavam na noite vivida em clubes e cabarés, onde a atmosfera era de música, dança, jogo, fumo e álcool. Essa vida se opunha fortemente à realidade da maioria das pessoas, que enfrentavam um contexto de crise económica e degradação social.

⁶⁷ VIEIRA, Alice - *Esta Lisboa*, Editorial Caminho, 1993, p 112.

3.2 NOS BASTIDORES DA BOÉMIA DA CORTE

Há um acontecimento incontornável na história de Portugal que, não sendo matéria de facto ligado ao tema da tese, não pode constituir tábua rasa quando se entra nos anais do século XX. O regicídio, em Fevereiro de 1908, foi um ponto crucial que não apenas abalou intensamente a sociedade portuguesa, mas também transformou a trajetória do regime político do país, resultando na queda da monarquia, com mais de setecentos anos de história, criando oportunidades para um novo regime político. Na tragédia com a família real (fig. 3,7) pereceu não apenas o rei D. Carlos (1863-1908), mas também o príncipe-real D. Luís Filipe (1887-1908), ficando ferido o segundo filho, D. Manuel II (1889-1932), futuro rei.

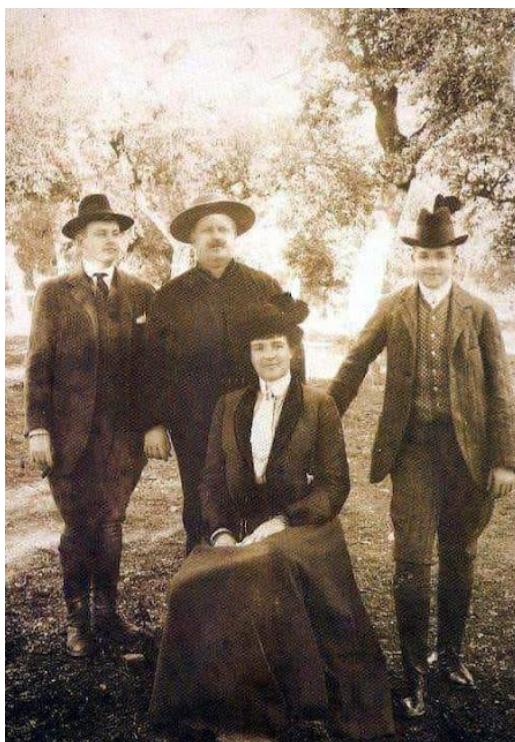


Fig. 3.7 - Família Real em Vila Viçosa - AML - 27 Janeiro 1908

Assunto sempre com recortes misteriosos, mesmo mais de um século volvido sobre a sua ocorrência, conheceu grandes repercussões internacionais. Alves e Monico (2016) comentaram e escreveram sobre o assunto.

“Na viragem do século XIX para o século XX, vários chefes de Estado e cabeças coroadas foram vítimas de atentados. Quando o transporte da família real portuguesa, naquele inverno de 1908, foi alvejado de maneira inclemente, resultando na morte do Rei D. Carlos I e seu filho Luís Filipe, herdeiro do trono, não seria diferente e o jornalismo mundial levaria suas atenções para com o pequeno reino no litoral atlântico.

O impacto do regicídio ganharia as folhas impressas que não cansaram de informar, opinar e conjecturar sobre os episódios que cercaram tal assassinio. Os personagens mortos tornaram-se os protagonistas nas notícias dos periódicos, mas não apenas eles, como também a rainha viúva, as autoridades públicas lusas e os próprios assassinos. Na primeira semana de fevereiro de 1908, o assassinio de D. Carlos e de D. Luís Filipe é manchete na esmagadora maioria dos periódicos do mundo inteiro.⁶⁸

Na imprensa nacional, a notícia da morte do rei espalhou-se rapidamente pela cidade, como no “Diário de Notícias” de 2 de Fevereiro de 1908 (fig. 3.8).



Fig. 3.8 - Manchete no “Diário de Notícias” de 2 Fevereiro 1908 - AML

Teve igual impacto na imprensa estrangeira, como no jornal francês “Le Matin”, de 4 de Fevereiro de 1908 (fig. 3.9) que transcreve as manifestações de pesar que chegam de todo o mundo após o regicídio de Lisboa.



Fig. 3.9 - Le Matin - Gallica - Bibliothèque National de France - 1908

⁶⁸ ALVES, Francisco & MONICO, Reto - O Regicídio Português nas Páginas da Imprensa Rio-Grandina, CLEPUL/Biblioteca Rio-Grandense, Lisboa / Rio Grande, 2016, pp 9-15

Guerra Junqueiro, a propósito do regicídio de Lisboa, numa carta enviada a um jornal republicano “A Lucta”, em 12 de Fevereiro de 1908, (fig. 3.10) angustiado pela morte do príncipe, lamenta “de olhos enxutos” a morte do monarca, onde declara: “Mataram com atrocidade, e com atrocidade foram mortos. Expiaram a vida, purificaram o acto. E o acto, assim purificado, surge-nos grande e luminoso (...) Há um rei no throno. Mas hoje, n’esta hora de liberdade e clemencia, póde dizer-se que são eles os dois regentes do reino.”

Guerra Junqueiro
na coleção da Hemeroteca Municipal de Lisboa



Fig. 3.10 – “A Lucta”: Uma carta de Guerra Junqueiro - Hemeroteca Municipal de Lisboa 2017

A carta de Junqueiro, redigida nove dias após o regicídio, além de refletir a influência da sua poesia panfletária, é um registro de como o autor abordou o ataque ao rei. Não obstante a recente ocorrência e da comoção da sociedade, o poeta não apenas manteve intacto o seu julgamento sobre D. Carlos, mas também defendeu os assassinos, a quem comparou a heróis.

Recorde-se que no decurso das duas décadas de transição do século XIX para o XX, há uma série de acontecimentos políticos na sociedade portuguesa, incluindo a influência da ideologia republicana nas ações que levaram à derrubada da monarquia. A partir dos anos noventa surge um adversário compartilhado entre os opositores do regime monárquico: o rei D. Carlos, o alvo principal a ser derrubado, tanto por republicanos quanto por anarquistas.

À data da tragédia que vitimou o monarca, pairava no ar uma ameaça emudecida; as pessoas andavam infelizes, tinham medo e fome, os políticos não se entendiam e, pelo meio, o Rei hesitava enquanto o governo reprimia. Como escreveu Jorge Couto (2008):

“O estilo de vida do monarca, que participava em numerosas atividades sociais em que convivia apenas com as elites, contribuiu para criar uma imagem de fausto que contrastava com a vida quase miserável com que se debatia a maioria dos cerca de 4 600 000 portugueses. No ar pairava uma ameaça emudecida; as pessoas andavam infelizes, tinham medo e fome, os políticos não se entendiam e, pelo meio, o Rei hesitava enquanto o governo reprimia.

A vida quase miserável dos portugueses contrastava com estilo de vida do monarca, que participava em numerosas atividades sociais em que convivia apenas com as elites. As fotografias de época mostravam gente do povo muito pobre, com as marcas das privações no rosto, de estatura muito baixa, e crianças esqueléticas e descalças. O gritante contraste entre a imagem do Rei, obeso e desfrutando dos prazeres da vida, e a da maioria do seu povo, tornava mais evidente, num período de agudas dificuldades, as profundas desigualdades de uma sociedade de que o soberano era o expoente.”⁶⁹

O contexto do assassinato ocorreu num período de crescente instabilidade política em Portugal, com a monarquia a enfrentar a oposição com vários dirigentes republicanos presos e a possibilidade de deportação. O atentado foi, assim, um período de tensão política, marcada por acontecimentos que anunciavam o fim da monarquia, como o Ultimato Inglês, revoltas no ultramar e convulsão republicana.

É comumente aceite que D. Carlos, a par da sua função como monarca, detinha qualidades artísticas e intelectuais. Entregou-se à pintura, criando um legado de trabalhos que evidenciavam sua sensibilidade artística. Também mostrou interesse pela oceanografia, investigações e estudos nesse campo. O monarca era também considerado importantes diplomatas na sua era, recebendo reconhecimento mundial, especialmente na Inglaterra, Brasil, França, Alemanha e Estados Unidos.

Como escreveu Raul Brandão (1998), “se o deixam viver, tinha sido um dos maiores reis da sua dinastia. O rei era d'estes homens que gostam de esconder as boas qualidades e de salientar os seus defeitos. Inteligente, de bom coração, artista, não soube ou não quis tratar com os homens. Terá dito viver em “um país de bananas governado por sacanas”. Achava Portugal uma

⁶⁹ COUTO, Jorge - *1908: do Regicídio à ascensão do Republicanismo*, Mostra bibliográfica/Biblioteca Nacional de Portugal. 2008, pp 12-13.

“piolheira” e os portugueses, fatalmente, uma “choldra”. Tratava “os políticos como lacaios, tratava a gente do povo com extrema bondade.”⁷⁰

Raúl Brandão não manteve uma relação direta nem desempenhou um papel de destaque no governo de D. Carlos. Contudo, a sua produção literária, sobretudo a partir do início do século XX, espelha o conturbado cenário social e político do período, incluindo o declínio do regime. O escritor, com o seu estilo caracterizado pelo pessimismo e pela crítica social, retratou a degradação da sociedade portuguesa como um reflexo da instabilidade política e do colapso da monarquia.

Brandão (1998), não obstante reconhecer os bons atributos de D. Carlos, não deixou de fazer referência ao estilo de vida social agitada do monarca dado aos “prazeres da carne”; uma expressão que designa uma existência caracterizada pela indulgência e pelos prazeres sensuais, frequentemente ligada a relações extraconjugais e a um modo de vida hedonista.

D. Carlos, mulherengo e até ousado, fazia questão de manter as amantes por perto. Do que se passava não ficou sem ser notado pelos amigos e colaboradores mais próximos. Dona Amélia estava ciente das infidelidades do esposo, mas soube levar a cabo o seu papel de rainha e esteve ao lado do rei nos eventos e viagens onde a sua presença era necessária.

Aparentemente, D. Carlos não se importava em disfarçar essa parte de sua vida, o que, em algumas ocasiões, provocava críticas e observações sobre a sua conduta como soberano. Várias fontes apontam para escândalos de infidelidade do monarca:

“Rumava frequentemente a Paris, para beber champanhe na companhia de coristas complacentes. Foi amante da atriz francesa Gabrielle Réjane (1856-1920) – fig. 3.11 - que se exibia como mostra a foto da fig. 3.11. Na cidade parisiense falava-se das quatro mulas brancas que vieram para Portugal, que puxavam a carruagem da atriz, como presente do rei D. Carlos. Alegadamente, teve várias relações extraconjugais, das quais terão nascido alguns bastardos. De uma americana terá tido uma filha. De uma americana terá tido uma filha.⁷¹ De Grimaneza Viana de Lima, peruana viúva de um diplomata brasileiro que chefiou a legação do Brasil em Lisboa, terá tido uma filha chamada Maria Pia, nascida antes de 1902. Grimaneza terá sido a última grande paixão do rei.⁷² Teve também da brasileira Maria Amélia de Laredó e Murça, uma outra filha bastarda, nascida em 1907 e chamada de Maria Pia de Saxe-Coburgo e Bragança (1907-1995).⁷³ ⁷⁴ Durante a sua vida nunca D. Carlos reconheceu oficialmente a paternidade de qualquer filho bastardo, apesar do próprio se encarregar de alimentar as suspeições sobre a sua prole ilegítima.”⁷⁵

⁷⁰ BRANDÃO, Raul - *Memórias*, Tomo I, Relógio d'Água. 1998, pp 207-208.

⁷¹ LENCASTRE, Isabel - *Bastardos Reais*. Oficina do Livro. 2012, pp 211-223.

⁷² CONDE DE MAFRA (1994). *Diário de um Monárquico 1911-1913*. Fundação Engenheiro António de Almeida. p. 189.

⁷³ AFONSO, Aniceto & MEDINA, João - *História contemporânea de Portugal (2º Volume) – Monarquia Constitucional: das origens do liberalismo à queda da realeza*. Mutilus. 1990, p. 213.

⁷⁴ PAILLER, Jean (2006). *A mulher que queria ser Rainha de Portugal*, Bertrand 2006.

⁷⁵ BRANDÃO op. cit (1998) p. 168.



Fig. 3.11 - Gabrielle Réjane – Goupil, Camées Artistiques - 1875

Da própria rainha D. Amélia (1865-1951) se alvitavam infidelidades. Dizia-se que terá, eventualmente, aventuras fora do casamento. Na corte, que tinha sido amante de Mouzinho de Albuquerque (1855-1902), tendo sido por causa dela que ele se suicidou. No final da Monarquia chegou a divulgar-se a história dos supostos amores lésbicos entre a rainha e uma das suas damas, a condessa de Figueiró. Zuquete (1961)⁷⁶ dizia tratar-se de “D. Josefa de Sandoval y Pacheco (1859-1919), filha do secretário da legação de Espanha em Lisboa e mulher do 2.º conde de Figueiró, António de Vasconcelos e Sousa, conhecida familiarmente como Pepa Sandoval, que esteve ao serviço da rainha durante mais de 25 anos.”⁷⁷

Não existem evidências que sustentem a alegação de que D. Amélia teve esses romances extraconjugais, mas a sua vida foi repleta de dificuldades e mudanças, incluindo as consequências da derrocada da monarquia, que a forçou à adaptação a novas realidades, incluindo o exílio.

⁷⁶ Afonso Eduardo Martins Zuquete OC (1909-1981) foi um médico, jornalista e publicitário, pesquisador nas áreas de genealogia e heráldica, incluindo algumas das principais monografias de referência em heráldica familiar portuguesa

⁷⁷ ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins, *Nobreza de Portugal e do Brasil*, vol. II, Editorial Enciclopédia, 1961, p. 602

A verdade é que “o mês de Janeiro de 1908 tornou-se um pesadelo para o ânimo da realeza e da população, com a publicação do livro de António de Albuquerque (1866-1923), “O Marquês da Bacalhoa”, com insinuações graves sobre a conduta da família real.”⁷⁸

A publicação provoca um enorme escândalo nacional. A obra satiriza a família real e a classe política da época, incluindo a representação da rainha D. Amélia com traços lésbicos, vista como uma caricatura crítica e polémica. O romance, finalizado em 6 de Setembro de 1907, vem a sair ao público, sob a chancela da *Imprimerie Liberté de Bruxelles*, em Janeiro de 1908, ou seja, pouco antes do regicídio.

Caracterizado por José-Augusto França (2002), “Marquês da Bacalhoa é um *roman à clef*” cujas personagens correspondem, ao todo, a cerca de quatro dezenas de figuras da corte e da sociedade portuguesas da altura. Nesta obra, o seu autor tece uma crítica contundente às mais diversas instituições político-sociais e aos seus respetivos representantes, como a Igreja Católica, a Monarquia, os partidos políticos, a República burguesa, e também os órgãos de imprensa.

A ação deste romance decorre em Lisboa de 1907, o ano em que o Presidente do Conselho João Franco dá início a uma rigorosa ditadura, que culmina imediatamente a seguir ao regicídio. O personagem João Nunes, no papel do estadista autoritário e defensor do fortalecimento do poder régio, é destacado pelas características que o ajudam a chegar à liderança do Governo: imbecil, perverso, hipócrita, desleal, medíocre, e intriguista.

O rei D. Carlos é, contudo, a figura de maior relevo neste romance, cuja caracterização corresponde ao próprio Marquês da Bacalhoa.⁷⁹ As características negativas do rei D. Carlos não andarão longe da verdade, se aceitarmos a legitimidade científica das seguintes palavras retiradas de um manual de História, coordenado por Oliveira Marques: “Um rei popular e político hábil, como outrora o haviam sido D. Luís e D. Pedro V, poderia ter arredado ou, pelo menos, minorado, o perigo republicano. Mas, à exceção da rainha-mãe Maria Pia, a família real portuguesa, na primeira década do século XX, era tudo menos popular.”⁸⁰

Acrescentou José-Augusto França (2002): “O rei D. Carlos, inteligente e culto, artista e homem de ciência, orgulhoso, desprezava os seus conterrâneos, viajava muito, ausentando-se

⁷⁸ SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *História de Portugal, IX: O terceiro liberalismo (1851- 1890)*, 1986, p. 128.

⁷⁹ Esta designação é proveniente de uma propriedade que D. Carlos possuía perto de Azeitão.

⁸⁰ MARQUES, A. H. de Oliveira (coord.), *Nova História de Portugal, XI – Portugal da Monarquia para a República*, 1991, p. 679

tempo de mais no estrangeiro, onde se divertia e gastava o que a opinião pública julgava excessivo.”⁸¹

O ensaísta César dos Santos (1924), contou numa edição de autor: “O livro *Marquês da Bacalhoa*, embora tenha sido proibido não foi confiscado, sendo comercializado de forma clandestina; também foi traduzido para o espanhol e francês, circulando na Espanha, França e Bélgica. Houve uma nova edição em 1912, já na primeira República.”⁸²

Acerca do autor, Gouveia e Sousa (1999), mestre em estudos portugueses, diz que “os seus romances tiveram inicialmente influências do realismo, mas tomariam posteriormente um pendor mais naturalista e decadentista. O “*Marquês da Bacalhoa*” foi um sucesso polémico, com vendas de 6000 exemplares, mas gerou enorme controvérsia pela sua abordagem panfletária e crítica sobre a família real portuguesa, a classe política, o catolicismo, o suposto lesbianismo da rainha D. Amélia e outros aspetos da sociedade da época. Em 1923, António Albuquerque, já próximo da morte, converte-se ao catolicismo, lamentando o que escrevera sobre a família real e pedindo o perdão da rainha D. Amélia. Faleceu na sua casa de Sintra, aos 57 anos, em 1923.”⁸³

De quanto o detalhado, a corte do rei D. Carlos foi marcada por uma crescente turbulência política e social, colocando em risco a própria monarquia. A violência alcançou o seu clímax no trágico assassinato do rei em 1908. A última rainha de Portugal testemunhou o assassinato do marido e do filho mais novo diante dela. Terminou a vida de esposa e começou a trajetória de rainha viúva

⁸¹ FRANÇA, José-Augusto - *Introdução à leitura*, in António de Albuquerque, *Marquês da Bacalhoa*, 2002, p. 9.

⁸² SANTOS, César dos - *O Despresado. Memórias do Autor do Marquez da Bacalhoa*, Edição do autor, 1924.

⁸³ SOUSA, Martim de Gouveia - *Daqui houve gente de Portugal*, Revista Millenium, Instituto Politécnico de Viseu, 1999, pp 1-6

3.3 O QUARTEL COMO MARCO DO BAIRRO DE CAMPO DE OURIQUE

Campo de Ourique, outrora uma zona predominantemente rural, antes de se desenvolver como um bairro residencial e comercial, foi marcado pela presença do quartel, uma instalação militar num planalto que se estendia para além das áreas urbanizadas de Lisboa. O Quartel de Campo de Ourique foi, de facto, a primeira instalação a surgir na zona, e que se expandiu para a urbanização do bairro. Foi a sua monumental presença que influenciou a configuração e expansão deste espaço da capital, gradualmente urbanizada, com a edificação de prédios, ruas e infraestruturas que a converteram num bairro residencial e comercial, tornando-se num foco de atração populacional.

O Quartel de Campo de Ourique foi erguido, a mando de Marquês de Pombal, figura-chave do governo de Portugal entre 1750 e 1777, numa das poucas zonas da cidade poupadas à destruição causada pelo Terramoto de 1755. O aquartelamento fez parte de um projeto mais amplo, inserido no plano de reorganização do exército e das estruturas defensivas do reino. A conclusão do núcleo original ocorreu em finais de 1780, determinando o traçado dos quarteirões limítrofes. O edifício está classificado como monumento de interesse público.⁸⁴

Numa das suas crónicas, Guilherme de Oliveira Martins refere que “a primeira construção foi iniciada em 1758 em propriedade de Miguel Mendes da Costa e Patrícia Maria, sendo constituída por camaratas, casa da pólvora e logradouros. Foi levada a cabo por Dom Lourenço José de Brotas de Lancastre e Noronha (1735-1801), feito 5º Marquês das Minas por casamento e 8º conde do Prado. De início, não passou de um abarracamento, sem nada a ver com a construção posterior que ainda lá está. Era um centro de mercenários, pois não havia serviço militar obrigatório. Mas foram essas tendas de campanha, de aquartelamento provisório, que deram origem ao edifício militar que marca um dos limites do bairro.”⁸⁵

Fazendo a retrospectiva ao terramoto ocorrido em 1755, sabe-se que o abalo causou imensa destruição em Lisboa, resultando na exigência de uma muralha integral da cidade. O Marquês de Pombal, exercendo a autoridade do rei, comandou esse processo. Uma das maiores preocupações após o sismo era a preservação da ordem, já que a devastação e o tumulto poderiam resultar em saques e outros tipos de desorganização. O fato de várias ruas estarem impraticáveis possibilitou os novos incêndios em áreas desertas. Ladrões e salteadores aproveitaram a confusão para furtar

⁸⁴ Gabinete da Secretária de Estado da Cultura Portaria n.º 637/2023, Diário da República, 2.ª série, N.º 21, 3 de novembro de 2023, p. 71.

⁸⁵ MARTINS, Guilherme d'Oliveira – *O Campo de Ourique*, Diário de Notícias, 2 de Março de 2021.

todos os bens que conseguiram, arriscando-se às chamas e à morte para isso. O terror não tinha fronteiras e muitos cortavam braços e pernas dos falecidos para se apoderarem de adornos e bijuterias. Com as roupas furtadas, o que tornava a camuflagem mais fácil, muitos conseguiram ocultar-se passando por nobres.

As circunstâncias conduziram à decisão por edificar quartéis em locais estratégicos da cidade. A localização de quartéis em áreas estratégicas também exercia um efeito dissuasor, contribuindo para evitar possíveis atos de violência ou vandalismo. Esses quartéis além de espaços de acomodação para as forças de segurança, eram também centros de comando e coordenação, possibilitando uma resposta ágil a qualquer tipo de emergência ou situação desordenada.

Foi nesse propósito que Marquês de Pombal diligenciou encontrar quem levasse a cabo tal intento, conforme relato do tenente de engenharia Machado de Sousa (1943):

“O Marquês de Pombal procurou apoio em Inglaterra, para criar, enfim, em Portugal, um exército digno desse nome, já que a tropa que existia então era ainda em grande parte arrolada pelos nobres entre os seus súbditos. Começou por fundar uma fábrica de pólvora e uma escola real de artilharia e mandou pagar aos soldados seis meses de soldos atrasados.

A sugestão inglesa, recomendada pelo Duque de Choiseul, recaiu no Conde Reinante Friedrich Wilhelm Ernst Von Schaumburg-Lippe (1724-1777). Vulgarmente conhecido por Conde de Lippe, militar formado na Escola Prussiana, era um general com vastíssima experiência, em múltiplos campos de batalha europeus. No dia 3 de Julho de 1762 desembarcava, aparatosamente, em Lisboa, recebido pelo Ministro de D. José, a fim de reorganizar o Exército Português. Por decreto daquele mesmo dia, Lippe é elevado ao mais alto cargo do Exército Nacional que urgia colocar em condições de defender a Independência e a Honra da Pátria.”

Lippe encontra a máquina militar nacional no maior dos descabros. As praças fronteiriças não tinham quaisquer elementos de resistência. Constatou que alguns soldados de infantaria eram quase crianças, metidos em uniformes demasiado grandes e tentando manejar mosquetes maiores do que eles; que camponeses incorporados à força se evadiam dos acampamentos para regressarem a casa e fazerem as colheitas; que os oficiais de carreira não tinham a mais pequena ideia da topografia do país nem sequer da região onde o seu regimento estava aquartelado. Os comandos do Exército estavam entregues a homens a quem sobrava a fidalguia, mas a quem faltava a incompetência.”⁸⁶

É nesse contexto em que o país vivia que Lippe foi chamado a Portugal com a missão de reorganizar o Exército Português, procurando-se a sua consolidação, disciplina e preparação adequadas. A ação do General foi surpreendente, tendo promovido a reorganização de diversos corpos militares e elaboração de regulamentos respeitantes a armamentos e regimentos aquartelados, o desenvolvimento da Engenharia Militar, e ainda a consolidação de diversas praças-fortes, como o Forte de Nossa Senhora da Graça, ou Praça de Elvas

⁸⁶ SOUSA, R. Machado - *O Quartel de Campo d Ourique*, OLISIPO – Boletim do Grupo “Amigos de Lisboa”, nº 34, Outubro. 1943, pp 201-209

O Quartel de Campo de Ourique (fig. 3.12), iniciado pouco depois de 1763, foi obra sua, sendo dos poucos quartéis existentes em Portugal que foram construídos propositadamente para aquartelamento da força armada. O espaço a poente do quartel (Quinta da Pacheca Grande e Quinta da Pacheca Pequena) era o local onde se realizavam os exercícios militares, tendo ali experimentado os seus modelos estratégicos de guerra de posições. “A edificação deste aquartelamento em Campo de Ourique, bem assim do Quartel da Ajuda, constituíram, no âmbito do programa de reformulação militar, um dos poucos estabelecimentos em Portugal a serem propositadamente construídos para aquartelamento das forças armadas.”⁸⁷



Fig. 3.12 – 1ª fase do Quartel (vista da Rua Ferreira Borges, antes Rua da Parada)
Eduardo Portugal – 1940 AML

Friedrich Link (2005)), botânico e naturalista alemão, quando em 1798 visitou Portugal, descreveu o caminho da Estrela até à Parada: "Deixando o casario para trás, chegamos a uma agradável planície chamada do Campo de Ourique, separada das colinas vizinhas por fundos vales, e utilizada como local de exercício por um regimento de imigrantes, alojado em graciosos abarracamentos." A parada era, assim, lugar de treino militar e servia de promenade."⁸⁸

O quartel está implantado em terreno de configuração irregular, consequência da disposição em ângulo dos edifícios principais. A praça de armas é imponente e dela parte a organização do bairro. Uma das suas maiores frentes está virada para a Rua Ferreira Borges, que passou a constituir um dos eixos mais importantes do bairro.

⁸⁷ in Atas do XV Colóquio de História Militar nos séculos XVII e XVIII até às vésperas das invasões francesas, Lisboa, 7 a 10 Nov. 2005, Comissão Portuguesa de História Militar, vol. II, pp. 649 a 659).

⁸⁸ LINK, Heinrich Friedrich - *Notas de uma viagem a Portugal*. Biblioteca Nacional. 2005.

À data da sua construção, em redor do quartel havia ainda poucas casas, manchando de branco, quintinhas e olivais. Algumas das construções iniciais foram edificadas para albergar os quadros técnicos dos estaleiros instalados em Alcântara. Esses técnicos responderam também a um apelo de Pombal. Eram, maioritariamente estrangeiros, caso do inglês Stephens que promoveu a indústria vidreira na Marinha Grande. A moderna tecnologia assim importada acionou estaleiros, onde viria a fabricar-se muita da tijoleira e da vidraria de que Lisboa nova iria necessitar. O que veio a ser o futuro polo fabril de Alcântara nasceu nessa altura.

Ao longo dos tempos, o Quartel de Campo de Ourique foi guarida de várias unidades militares, algumas das quais protagonizaram episódios significativos, em momentos cruciais da nossa história. Dois dos regimentos "históricos" que ocuparam o Quartel, o 4 de Infantaria e o de Infantaria 16, ficaram perpetuados na toponímia do bairro. Machado de Sousa (1943) descreve a evolução da instalação dos regimentos no quartel:

“O primeiro regimento instalado no quartel, entre 1762 e 1790, sob ordens iniciais do Conde do Prado, passando em 1777 a denominar-se de Regimento do Marquês das Minas., viria a ser comandado depois por Gomes Freire de Andrade, tendo participado em diversas campanhas do período das Invasões Francesas, e sendo extinto em 1831 pela sua ligação à Revolução Liberal. Em 18 de maio de 1806, todos os regimentos do corpo do exército passam a ser numerados, tendo-lhe sido atribuído o nº 4 (de Infantaria).

Em 1831, este Regimento passou a ser designado por 2º Regimento de Infantaria de Lisboa. Nesse mesmo ano, em consequência do pronunciamento militar ocorrido no quartel na noite de 21 de agosto, a favor de D. Maria II, em que interveio Alexandre Herculano e o levaria para o exílio, o regimento é extinto.

Sucedeu-lhe, em 1840, o Batalhão de Infantaria n.º 16, que, após nova organização do Exército em 1842, passa a Regimento de Infantaria nº 16, considerado um dos esteios do absolutismo, mantendo-se no ativo até ao ano de 1912. Neste ano foi levada a cabo uma nova organização do Exército que incluía a transferência da Companhia de Saúde para o aquartelamento de Campo de Ourique e aí se manteve até 1920. Neste ano deu lugar ao Regimento de Sapadores de Caminho-de-Ferro até 1975.

Este regimento foi uma unidade de engenharia com papel relevante nas ações militares onde esteve envolvido tanto em Portugal como nas ex-colónias e no contexto europeu da I Grande Guerra (1914-1918), durante a qual adotou com símbolo a divisa “Sempre Fixe”.

Nas obras de restauro que levaram a cabo marcaram a sua presença com insígnias e inscrições, designadamente, à entrada do pórtico do quartel, tal como na Biblioteca e sala de Oficiais. Da sua responsabilidade são os belíssimos exemplos de uma calçada portuguesa, assim como uma vasta área de azulejaria, para além da muita simbologia que representa a companhia. “Sempre Fixe” foi o símbolo desta unidade durante a Grande Guerra.⁸⁹

Mais tarde, em Agosto de 1979, vem a ser criada a Escola do Serviço de Saúde Militar e a sua instalação no Quartel até à extinção em Fevereiro de 2021. Desde Abril desse ano, as instalações do quartel estão habitadas pelo “Comando das Forças Terrestres”, um comando da componente terrestre das Forças Armadas de Portugal.

⁸⁹ SOUSA, *op. cit.* (1943)

O núcleo da génese pombalina do Quartel de Campo de Ourique data de 1762 no âmbito da política de reestruturação do Exército português, sob a égide do Conde de Lippe, durante o Governo do Marquês de Pombal, Sebastião de Carvalho e Melo (notícia da Lusa em 13 de Julho de 2017, a cerca de Núcleo de génese pombalina do Quartel de Campo de Ourique, em vias de classificação).

Em síntese, o Quartel constituiu um marco histórico na urbanização de Campo de Ourique, sendo o aquartelamento mais antigo edificado na capital. O quartel era o único edifício significativo no espaço territorial antes do plano urbanístico, o que indica que a evolução do bairro precisou se ajustar à sua presença. A sua relevância histórica vai além da urbanização; o quartel foi cenário de acontecimentos importantes, como a revolta que levou à proclamação da Primeira República em 1910, tornando-se um marco de referência histórica fundamental.

3.4 A QUINTA DOS PRAZERES

Lisboa, até as primeiras urbanizações, longe do centro da cidade, tinha os arredores preenchido praticamente por hortas. Os cidadãos tinham o hábito de deambular pelos plantios, “passear às hortas”, como então se dizia, deixando a cidade para desfrutar um pouco dos prazeres do campo, sobretudo aos domingos. Ao redor de 1900, a visita às hortas era, assim, uma atividade costumeira: o descanso de fim-de-semana. Era uma tradição que já vinha do século XIX: um hábito que atraía a nobreza, a classe média e o próprio povo.

A popularidade do passeio às hortas, nos piqueniques em família, tornou-se, assim, a forma de lazer favorita dos habitantes de Lisboa. Mais tarde, tomariam também o hábito dos almoços nas “casas de pasto”, que foram surgindo, assim conhecidas por fornecerem forragens aos animais, amarrados no exterior em argolas embutidas na entrada dos estabelecimentos.

A “Quinta dos Prazeres” era, como outras, uma propriedade além das portas da Lisboa daquela época, que se estendia desde a Ribeira de Alcântara até ao planalto de Campo de Ourique dos dias de hoje. Era mais uma daquelas amplas quintas ensolaradas das imediações da capital, que se destacava pelos seus bons ares saudáveis, como lugar apropriado convidando ao lazer.

No local foi criada a “Feira dos Prazeres” que ganhou fama nas comunidades fora-de-portas, mantendo as características rurais das pessoas virem de farnel à feira, transportadas em carroças puxadas por animais. Eram recorrentes as romarias ao local, que se iniciavam no domingo de Páscoa e estendiam-se até à metade de Outono.

Contudo, em 1833, após a cidade de Lisboa ter sido atingida por um surto de cólera *mórbus*, tornou-se urgente a criação de grandes cemitérios, tendo no local dos Prazeres sido criado o Cemitério com o referido nome, juntamente com o Cemitério do Alto de São João. A investigadora Maria Antónia Pires de Almeida (2011) descreve rigorosamente o surgimento da epidemia e o impacto profundo na saúde pública da cidade:

“O séc. XIX foi o século das grandes pandemias. Às habituais epidemias de peste negra, febre-amarela, varíola, para além das endémicas (tuberculose, sífilis, tifo, difteria, tosse convulsa, etc.) somaram-se as agressivas e devastadoras epidemias de cólera, que muito contribuíram para o aumento das taxas de mortalidade. A mais repetida foi a epidemia de cólera *mórbus*, expressão que designa a cólera propriamente dita, mas também outras doenças gastrointestinais epidémicas que se lhe assemelhavam. A origem da cólera encontrou-se na Ásia, mais propriamente no rio Ganges, a partir do qual se espalhou pelas rotas comerciais de todo o mundo. Chegou primeiro à Rússia, de onde se propagou para a Europa e daí para a América.

Essa primeira vaga da epidemia chegou a Portugal em 1853, mais precisamente ao Porto, a bordo do vapor *London Marchant*, com o general Solignac e duzentos soldados belgas, vindos de Ostende para ajudar D. Pedro na ação dos liberais na guerra civil. Durante o Cerco do Porto, e depois, quando se espalhou pelo país, a epidemia de cólera

acabou por causar um número mais elevado do que o da própria guerra. Depois do Porto, a cólera alastrou a Lisboa e terá feito cerca de 40 mil vítimas.

Seguiram-se mais oito vagas epidémicas, disseminadas por indivíduos com profissões de alta mobilidade, como soldados, marinheiros, comerciantes ou pedintes. A situação era agravada pela falta de higiene nas casas e nas ruas, pelo uso de água e alimentos contaminados e pela concentração dos doentes em pequenos espaços. Os Estados reagiram, por vezes de forma divergente, com medidas restritivas que privilegiavam os cordões sanitários e as quarentenas e que tinham consequências económicas por vezes tão devastadoras como a própria doença.”⁹⁰

Foi nessas circunstâncias que o Cemitério dos Prazeres é construído. De recordar que os sepultamentos na cidade ocorriam antes em locais de culto, dentro ou nas proximidades das igrejas. A proibição real, por razões de saúde, levou à formação dos cemitérios e o local escolhido foi uma das opções óbvias, uma vez que já recebia enterros nas proximidades da Ermida de Nossa Senhora dos Prazeres, ali edificada.

A “Feira dos Prazeres” permaneceu no local, paredes-meias com o cemitério, até 1893, data a partir da qual o município da cidade deliberou a sua transferência para a zona das Amoreiras, justificando, como escreve Appio Sottomayor (1993), “a rigorosa proibição de que os Prazeres servissem para atividades menos respeitadoras de quem repousava dentro dos seus muros.”⁹¹

A construção de um cemitério requer a edificação de infraestrutura, como túmulos e ossários, devendo atender a regulamentações legais e ambientais, como distâncias mínimas de aquíferos e um eficiente sistema de drenagem. As etapas envolvem a preparação do solo, a edificação de estruturas precisas fundamentadas em cálculos estruturais e a formação de espaços de desocupação com arborização. Com referência ao Cemitério dos Prazeres, a arquiteta Paula André (2006) descreve a sua edificação:

“O Cemitério dos Prazeres, inspirado no modelo do *Père Lachaise* parisiense (1804), ter-se-á iniciado entre 1799 e 1800, de acordo com a carta assinada pelo arquiteto Francisco Xavier Fabri (1761-1807), dirigida a S. Alteza Real. A construção do cemitério foi iniciada com uma área de 2706 varas quadradas,⁹² todo murado, com entrada por um portal através do qual se tem acesso direto, por meio de uma calçada, à ermida construída no seu interior, no lado oposto à entrada. O terreno do cemitério teria sido comprado pela coroa no tempo do feliz reinado da augustíssima Sr^a D. Maria I e começou a servir no ano de 1809 altura em que o solo foi benzido. A partir de então ficaria submetido à administração do ramo da saúde pública, e nele se enterrariam “não só os corpos dos pobres falecidos na freguesia de St^a Isabel.

Na segunda metade do séc. XIX, o cemitério ao ter a sua área aumentada sensivelmente para o dobro à custa da conquista de terrenos adjacentes, diminuiu a percentagem de terrenos rurais dentro do perímetro urbano. Por outro lado, o cemitério

⁹⁰ ALMEIDA, M. Antónia Pires – *A epidemia da cólera de 1853-1856 na imprensa portuguesa*, História, Ciência e Saúde, vol. 18, nº 4, out-dez 2011.

⁹¹ SOTTOMAYOR, Appio - *O Poço da Cidade, crónicas lisboetas*, vol.1, Editorial Notícias, 1993.

⁹² A antiga vara quadrada portuguesa era a unidade básica de medida de superfície em Portugal e no Brasil até à introdução do sistema métrico. A vara quadrada portuguesa valia 25 palmos quadrados, ou seja 1,21 m².

foi também um foco de desenvolvimento urbano ao fomentar traçados de acesso, rasgando uma nova estrada, determinando a construção de uma nova entrada e seu respetivo campo de parada, dinamizando, consequentemente, o desenvolvimento da área adjacente.”⁹³

Posteriormente, em 1845, a Câmara Municipal de Lisboa aceitou a oferta de D. Pedro de Sousa Holstein (1781-1850), primeiro duque de Palmela, que já havia doado o terreno original, e se propunha juntar ao Cemitério um terreno de quinhentos palmos quadrados, edificando em parte dele um túmulo para a sua família.

O Cemitério, em Campo de Ourique é um espaço de importância histórica e cultural, espelhando um autêntico museu ao ar livre, com túmulos e mausoléus que exemplificam a arquitetura e arte do período originário. De fato, o cemitério é famoso pela sua arquitetura romântica e pelos sepulcros e mausoléus de famílias proeminentes, como o do Duque de Palmela, que possui a maior sepultura particular da Europa. Salientam-se igualmente a Capela dos Prazeres que possui uma antiga sala de autópsias, o miradouro com vista para a cidade e a coleção de ciprestes, uma das mais antigas da Península Ibérica.

A sua filiação ao romantismo francês ressalta do grande impacto arquitetónico dos jazigos-capela, de carácter bastante individualizado e a proporção do uso da escultura. Em todo o Cemitério é possível ver obras de escultores consagrados como Teixeira Lopes ou Simões de Almeida, que viam no Cemitério dos Prazeres uma espécie de galeria onde podiam expor os seus trabalhos sem pagar. O Pórtico de entrada do cemitério (fig. 3.13) é da autoria do arquiteto Domingos Parente da Silva (1836-1901).



Fig. 3.13 - Pórtico da entrada do Cemitério dos Prazeres – AML s. d.

⁹³ ANDRÉ, Paula - *Modos de pensar e construir os Cemitérios Públicos Oitocentistas em Lisboa: o caso do Cemitério dos Prazeres*, Edições Colibri, FCSH/UNL. 2006, pp 66-105.

Insolitamente, o sepulcrário de Campo de Ourique foi objeto de reflexão por parte de Fialho de Almeida, numa manhã em que o visitou. Na sua crónica de 2 de Julho de 1892 de “Os Gatos”, o escritor compara o cemitério dos Prazeres à cidade de Lisboa:

“O cemitério possui a sua baixa, o seu Buenos Aires, o seu Campo de Ourique, o seu Bairro Alto, e a sua Alfama”. Há casebres, palácios-mansardas, *chalets*, palacetes e os jazigos municipais são os grandes prédios de seis andares. A par desta urbe silenciosa estão as campas rasas: as ruas quadriculam para dentro dos seus marmóreos quarteirões pequeninos quintais de campas rasas, números brancos com placas negras, ciprestes, cedros, moitas de arbustos, erva e jaziguinhos de pobres com parapeito de sacada. É a cidade obscura dos de caixões à terra, dos prometidos das larvas, tragados por não poderem pagar-se uma salgadeira de pedra com perpetuidade, longe dos roedores subterrâneos.”⁹⁴

Esta ideia de um cemitério traçado como local final para a elite de Lisboa, com túmulos e mausoléus proeminentes, é subscrita por Paula André, quando afirma:

“Os Cemitérios Municipais da Lisboa Oitocentista, os mais periféricos dos equipamentos urbanos liberais, foram pensados e delineados por razões higienistas, como um espaço funcional, regular e simétrico, no qual as construções tinham apenas de ser “decentes” com centralidades - praças e ruas principais - e periferias - ruas secundárias e de limite - em tudo semelhantes à morfologia urbana da cidade. O espaço do cemitério começou a revelar marcas de uma burguesia em ascensão, e essas marcas traduzem-se na construção de jazigos, que progressivamente foram tendo maiores dimensões.”⁹⁵

Curioso também observar como as pessoas manifestam e exteriorizam o seu pesar pelo falecimento dos entes que lhes foram queridos. É costume adicionar nas campas, ao nome do sepultado, versos em sua memória.⁹⁶

Eis alguns desses epitáfios no Cemitério dos Prazeres:

ESTE MONUMENTO ENCERRA
AQUELA QUE MUITO AMEI.
E JUNTO A ELA VIREI
DESCANÇAR NA MESMA TERRA
(Jazigo n.º 911 - Rua 5 A, lado esq.)

AQUI JAZ
ANTONIO FERNANDES,
QUE TEVE LOJA DE CONFEITEIRO
NA ESQUINA DA RUA DE SANT'ANNA
A' BOA MORTE
(Jazigo n.º 696 - Rua 27, lado esq.)

⁹⁴ ALMEIDA, Fialho de - *Os Gatos*. Lisboa: Clássica Editora. 1992, pp 52-53

⁹⁵ ANDRÉ, *op. cit.* (2006) p. 66

⁹⁶ SILVA, A. Vieira - *Epifácios curiosos de sepulturas do Cemitério dos Prazeres*, OLISIPO n.º 16, Outubro 1941.

NÃO TIVE HONRAS NEM RIQUEZAS,
PORÉM TIVE UM BOM AMIGO,
E TÃO BOM E GENEROSO
QUE ME DEU ESTE JAZIGO
(Jazigo n.º 886 - Rua 6-A, lado dir.)

EL-LA AQUI INERTE MORTA
NESTA FRIA SEPULTURA
TINHA ESCAPADO A DOENÇA
SE NÃO SUCCUMBISSSE A' CURA.
Jazigo n.º 3710 - Rua 7, lado esq.

A partir da implantação dos cemitérios nos extremos do perímetro urbano, assegurando-se a questão da higiene da cidade, ficaram interditos os enterramentos em espaços religiosos, como era habitual. Uma prática, segundo o psicólogo Rodrigo Caputo (2008), “ligada à ideia de que uma vez enterrados perto dos santos e mártires, estes guardariam os mortos enterrados ao seu derredor protegendo-os do inferno. O cemitério e a igreja confundiam-se, uma vez que os mortos eram enterrados tanto no interior da igreja (ricos), quanto no seu pátio (pobres).”⁹⁷

Esta medida de saúde pública despertou a indignação popular e marcou um episódio na História de Portugal, conhecida como “Maria da Fonte”, um incidente permanente recordado em Campo de Ourique – no Jardim Teófilo de Braga (vulgo Jardim da Parada) - sinalizado com a presença magnânima de uma escultura representando a heroína que encimou os protestos.

A inauguração do ícone teve lugar por ocasião das comemorações da “Revolução Liberal de 1820”, e recebeu ampla reportagem nas páginas da “Ilustração Portuguesa”, em 27 de Setembro de 1920. O acontecimento teve festejos no Quartel e música no coreto do jardim.

Ali se mostra a figura feminina, jovem, descalça, envergando vestes minhotas, empunhando um chulo sobre o ombro esquerdo e uma pistola na mão direita, em posição de incitamento, que simboliza o levantamento de populares no Minho, contra a medida governamental tomada que proibia os enterramentos nas igrejas.

⁹⁷ CAPUTO, Rodrigo Feliciano – *O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico*, Saber Académico - UNIESP, n.º 06, Dez. 2008, p. 76

Na quinta do Prazeres, há outra história para contar, que reporta a uma tradição antiquíssima. Nas mais antigas crenças, o culto das fontes foi uma das formas de veneração que se manifestou no homem primitivo pelas várias forças da natureza. Alguns povos acreditavam que um deus que vivia debaixo da terra abastecia todas as correntes de água, rios e fontes. Além disso, a água era considerada como um agente curativo e fertilizante e tornou-se o símbolo da própria vida. A água pura de rios e fontes era empregada nalgumas cerimónias religiosas, como nos casamentos e batizados.

Conta-se que no local onde se encontra o Cemitério dos Prazeres existiu uma fonte, considerada santa e milagrosa. Esta lenda da “Fonte Santa”, em Campo de Ourique, nasce no século XVI, com o surgimento de uma imagem de Nossa Senhora perto de uma fonte, que lhe deu o nome de “Fonte Santa” (fig. 3.15).

De facto, nesse século, nos terrenos da Quinta dos Prazeres, existia uma nascente servida por uma bica. Em 1514, já esta fonte situada na Horta Navia tinha utilização pública. O topónimo Horta Navia estava relacionado com o culto a deusa Navia (ou Nabia) dos rios e da água, uma divindade indígena romanizada.



Fig. 3.15 - Chafariz da Fonte Santa – Eduardo Portugal, 1939

Com o tempo, descreve Justino de Almeida (1992):

“Os utentes da fonte começaram a atribuir propriedades milagrosas às suas águas, tidas com qualidades medicinais. Ao contrário das restantes bicas de Lisboa, esta não provinha de qualquer ramal público. Continha água própria, resultante de uma fonte de absorção, com um lençol freático, cujas águas se acumulavam no cimo e aqueciam, volvendo à fonte, ainda quentes; daí as suas propriedades ditas terapêuticas. O povo, na sua singela devoção, considerou o facto como sendo um milagre, e passou a designar como Fonte Santa o chafariz e atribuiu miraculosas propriedades medicinais à sua água”¹⁰²

¹⁰² ALMEIDA, Justino Mendes - *De Olisipo a Lisboa – estudos olisiponenses*, Ed. Cosmos. 1992.

O lugar passou a ser um centro de devoção e, com o tempo, em 1735, foi modificado com a construção de um tanque e uma bica, abastecidos por água já então não da fonte original. A população devota que ali ia lavar as feridas, beber água e lavar os olhos, começou a venerar a Santa numa ermida entretanto edificada no local da aparição de Nossa Senhora dos Prazeres.

Consiglieri (1995) menciona: “A ermida foi escolhida, na altura da peste de 1569, para refúgio dos enfermos das várias epidemias que assolaram a cidade nesse século. Mais tarde foi também local da ação de caridade vicentina de alguns devotos que preparavam e distribuíam refeições aos pobres e presos da zona. A ermida acabou abandonada, dando lugar a uma popular taberna – o João da Ermida.”¹⁰³

A antiga ermida foi preservada pela capela principal do cemitério, construída entre 1856 e 1858, que se localiza na alameda central, passando aí a prestar-se o culto dedicado a Nossa Senhora dos Prazeres. A capela mantém a imagem da mansão original num nicho.

Condensando o tema, a “Quinta dos Prazeres”, que deu nome ao cemitério em Campo de Ourique, era uma zona com terrenos vastos e bem arejados, situada perto da Ribeira de Alcântara e com panorama sobre o Tejo. Os terrenos da quinta foram utilizados para a construção do Cemitério Ocidental de Lisboa em 1833, na sequência de uma epidemia de cólera, pondo fim aos sepultamentos nas igrejas e ermidas que poderiam colocar a saúde pública em risco. A sua atmosfera serena, valorizada pela tranquilidade e pelos ciprestes ladeando as ruas, incita à contemplação da sua construção, marcada por uma arquitetura romântica dos sepulcros e mausoléus, fazendo lembrar aqueles que as erigiram e os que já partiram.

¹⁰³ CONSIGLIERI, Carlos *et al* – De Campo de Ourique às Avenidas, in “Pelas Freguesias de Lisboa”, vol. 3, Câmara Municipal de Lisboa, 1995, pp 43-44.

3.5 DOS CHÃOS RÚSTICOS À URBANIZAÇÃO

No início de novecentos, Portugal era um país esmagadoramente rural. Lisboa representava o maior centro urbano – cerca de 350 mil residentes - com um crescimento de cerca de 200 mil pessoas entre 1900 e 1930.¹⁰⁴ Era uma população analfabeta, proveniente das zonas rurais, que procurava emprego na capital.

Ano	População
1900	356.009
1911	431.738
1920	484.664
1930	591.939

Quadro 2 - População de Lisboa – Manuel V. Moreira (1950)

Nos subúrbios dessa Lisboa antiga, onde as áreas ainda não estavam habitadas, toda a zona de Campolide e as encostas de Alcântara eram terras rurais, ricas em vinhedos, pomares e olivais. Na parte alta do vale de Alcântara havia um planalto fértil e arejado, um verdadeiro descampado: Campo de Ourique.

Como antes se deixou dito, à data da edificação do Quartel de Campo de Ourique, ainda em pleno século XVIII, toda a zona circundante do edifício militar era predominantemente rural. Com o início da Restauração, o limite natural a ocidente da cidade passou a ser um limite administrativo, passando então incluída, no sistema fortificado da capital, toda a encosta entre os Prazeres e Campolide e, portanto, também Campo de Ourique.

O plano de urbanização do bairro, que mais tarde viria a ser traçado neste planalto de Lisboa, estava ainda longe da sua concretização, quando, na sequência do terramoto que assolou a capital em 1755, o rei D. José pensou instalar na zona um novo palácio real, deixando ao Terreiro do Paço, com os seus edifícios estatais e a bolsa de negócios, o carácter cénico e de representação do poder régio.

A história da ocorrência sísmica é bem conhecida: na manhã de 1º de Novembro de 1755, a terra estremeceu por vários minutos, fazendo cair edifícios e espalhando os escombros por toda cidade. Poucos minutos depois, o rio cresceu pelas ruas, invadindo toda a Baixa. Os cidadãos que haviam escapado para as margens do Tejo na tentativa de escapar aos edifícios que ruíam foram

¹⁰⁴ MOREIRA, Manuel Vicente - *Problemas da Habitação. Ensaio Sociais*, Lisboa, 1950, p. 336.

arrastados pelas águas. Quando as ondas recuaram, permaneceram os incêndios que consumiram o que sobrara.

A residência do Rei, o velho Palácio da Ribeira, cujo complexo abraçava o Terreiro do paço, junto ao rio Tejo, também foi atingido pelo maremoto, mas as paredes resistiram e ficaram de pé. Escreveu Anísio Franco¹⁰⁵ que “o interior ardeu porque os ingleses, depois de saquearem o palácio apoderando-se de todo o seu recheio, resolveram deitar-lhe fogo para encobrirem o que tinham feito e provocado.”

Embora a família Real e a Corte se encontrasse nesse dia em Belém, zona ocidental da cidade onde os efeitos do terramoto não se fizeram sentir com tanta intensidade, o Rei ficou tão perturbado com o acontecimento que se recusou a viver em edifícios de alvenaria. Mandou então erigir no alto da Ajuda, local de pouca atividade sísmica, um palácio de madeira e tecido que veio a ser chamado Real Barraca ou Paço de Madeira. Esta acabou também por se incendiar por descuido de um dos criados da Corte, impondo-se por isso estudar a construção de um novo palácio digno de acolher a Família Real.

De entre as hipóteses, o engenheiro-mor do reino, Manuel da Maia (1677-1768) manifestou-se pela construção da nova morada do Rei em local que, documentos da época confirmam, correspondia à zona de Campo de Ourique.

Walter Rossa (1998) analisou o projeto urbano de Lisboa no século XVIII, descrevendo os sinais de planeamento urbano na cidade antes e depois do desastre, contribuindo para a compreensão da evolução urbana de Lisboa.

“O engenheiro-mor mostrou, de forma concludente, a sua preferência pela construção do palácio nesta zona de Lisboa, cujas qualidades enumera, detalhadamente, em 16 de Fevereiro de 1756: Se Sua Magestade for servido querer lançar mão de hum sitio salutífero, e superior apropriado para cabeça de Corte com boas quatro comunicações para a cidade e para o campo, aproveitando-se primeira muito do benefício da agua livre de Bellas e terreno firme e sólido com bom nivelamento e capacidade para edificar com grandeza, he este o sitio entre S. João dos Bens Casados e o convento de N. Sr.^a da Estrela com quatro comunicações de bom uso”(…) “ficando aquele sitio cabeça e parte principal da Corte e Cidade de Lisboa”.

Numa logica de enquadramento urbano, Manuel da Maia chama a atenção para o fato de na Freguesia de Santa Isabel estar edificando sem ordem e simetria, sugerindo um conjunto de medidas a serem tomadas pelos arquitetos e mestres do Senado da Câmara de Lisboa quanto ao traçado das novas ruas. Assegurava-se assim uma consistente estrutura de envolvimento urbano para a zona do Palácio Real, que ficava a constituir um polo urbano em clara ligação com a Baixa a reconstruir. Fez questão de chamar a atenção para o local com capacidade de construir com grandeza, enumerando as qualidades do sítio: um lugar salutífero, junto da entrada do aqueduto em Lisboa, situado num terreno firme e sólido com bom nivelamento.¹⁰⁶

¹⁰⁵ FRANCO, Anísio - *Quando se vê esta cidade dá vontade de dizer Aleluia*, Semanário Sol, nº. 512, 18 Junho, in entrevista de José Cabrita Saraiva. 2016.

¹⁰⁶ ROSSA, Walter - *Alem da Baixa: indícios de planeamento urbano na Lisboa setecentista*, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico. 1998, pp 40-48.

A proposta apresentada pela equipa de arquitetos para a construção do novo palácio é aprovada pelo rei no Decreto de 2 de Julho de 1759, como versa: “E para Palácio de residência escolheu a elevação superior do Tejo e a Cidade de Lisboa que jaz entre o largo de São João dos Bem casados e o caminho que vay ao Senhor Jesus da Boa Morte, com as demarcações que se assinalam no Decreto que para este effeito passou a 2 de Julho de 1759. Ficando este sítio sendo cabeça e parte principal da Corte e Cidade de Lisboa, que por este novo plano ficará mais extensa, regular e decorosa.”¹⁰⁷

Walter Rossa (1998) descreve a ambiciosa proposta de Manuel da Maia, decorrente do Decreto: “O estudo para a implantação do novo Palácio Real foi entregue a Carlos Mardel (1695-1763), incumbido de realizar, não só a implantação do palácio, como dos “principais rumos do palácio premeditado”. Foi ainda no tempo de Mardel que se levantou a planta, e se colocaram os marcos junto a São João dos Bem Casados, Igreja de Santa Isabel, Fonte Santa e Prazeres.”¹⁰⁸

Posteriormente, na investigação levada a cabo por Helder Carita (2014), o arquiteto encontrou na Academia de Ciências de Lisboa dois planos de edificação para o referido Palácio Real (fig. 3.16 A-B), correspondentes às propostas submetidas à aprovação por Eugénio dos Santos e Carlos Mardel, com a traça da arquitetura barroca francesa, caracterizada pela grandiosidade ornamental à semelhança de Versalhes. Refere o arquiteto que “dado o falecimento entretanto de Eugénio dos Santos, a autoria da primeira proposta foi assumida pelo Capitão Dionizio.”¹⁰⁹



Fig. 3.16A - Alçado de Palácio Real em Campo de Ourique, Autor Cap. Dionizio, 1760



Fig. 3.16B - Alçado de Palácio Real em Campo de Ourique, Autor Anónimo, 1760

¹⁰⁷ Despacho relativo à construção do Paço Real entre São João dos Bem-Casados e o Convento da Estrela. Publicado por Magalhães Sepúlveda (1896), Vol. IX, pp 401-402

¹⁰⁸ ROSSA, *op. cit* (1998), p 42.

¹⁰⁹ CARITA, Helder - *Dois alçados inéditos do Palácio Real de Campo de Ourique*, in Revista de História da Arte, n.º 11. 2014, pp 185-207.

Contudo, a ideia de instalar o Palácio Real em Campo de Ourique não foi avante. O insucesso deveu-se à posição da burguesia. O plano morreu pelas razões que levaram a propô-lo. O rei era cada vez mais uma referência ideológica de poder distante e irreal na vida quotidiana da Nação. Por tal razão, o bairro para os seus dignatários torná-los-ia também distantes da realidade política, económica e social, risco que nenhum podia correr. A vida do país estava a estruturar-se em moldes diversos daqueles que tinham permitido durante muitas décadas a determinadas famílias viver da simples recolha de rendimentos fundiários.

A zona de Campo de Ourique revelava-se como o polo de expansão suscetível de atrair a burguesia endinheirada. Era uma área agrícola vasta e de ótimos recursos, repartida em propriedades de média dimensão. Os proprietários eram, numa boa parte, figuras ou instituições de algum destaque. Entre elas encontravam-se o Duque de Palmela, o Conde de Redondo, a Patriarcal, os Oratorianos, os Távoras.

Como refere Rossa:

“Com o terramoto a nobreza estava na generalidade depauperada, o que a impedia de adquirir propriedades para edificar na zona escolhida para a localização do Palácio. No local predominavam as propriedades de dimensão média, o que teria tornando extremamente difícil a divisão e aquisição de lotes para construção de habitações. Muitos passaram a habitar casas que possuíam na periferia, nelas promovendo, em alguns casos, importantes reformas. À deslocação do rei não era possível agregar a deslocação das moradas principais dos membros da Corte.

Assim, a instalação da Corte Real na Ajuda acabou por ser a opção tomada em definitivo, sendo posto de parte um projeto em que os urbanistas da cidade tanto tinham acreditado como segunda essência da renovação de Lisboa. D. José, entretanto, aparentemente por temor mas talvez mais por desdém, demonstrava não ter intenção de voltar a habitar a cidade. A construção do palácio, conceptualmente tida como uma prioridade, deixou de ser o eixo pelo qual a nova cidade deveria ser alinhada.”¹¹⁰

Importante mencionar que, muito antes de ser projetada a urbanização que deu forma ao bairro no planalto de Campo de Ourique, já existia no território, desde meados do século XVIII, um pequeno burgo que deu origem à freguesia de Santa Isabel, criada em 1741. Em Julho de 1742, o primeiro patriarca de Lisboa, D. Tomás de Almeida (1670-1754), mandou edificar a Igreja paroquial de Santa Isabel (fig. 3.17), cuja construção se prolongou para além do ano do terramoto.

A existência da igreja deu origem à fixação de população nas imediações, como local de culto, que começou por ser procurado, preferencialmente, por uma comunidade inglesa que tinha então relevância na cidade de Lisboa, concentrada nas zonas da Estrela, de Santos e de São Bento.

¹¹⁰ ROSSA, *op. cit.* (1998), p 46.



Fig. 3.17 – Igreja de Santa Isabel, então ainda por acabar a torre sineira do lado oriental. Gabinete de Estudos Olissiponenses – s. d.

A parcela do território de Santa Isabel acabou cedida formalmente pelo Estado português, mais concretamente pela rainha D. Maria I, para usufruto da comunidade estrangeira residente na cidade, em particular ingleses, holandeses e judeus, dando origem ao aglomerado que ficou, desde então, conhecido como o “quarteirão inglês”.

A cedência deste quarteirão permitiu reunir vários equipamentos utilizados pelos ingleses residentes na capital. No seguimento, a comunidade judaica que regressou a Portugal no século XIX, após a expulsão na época da inquisição, com origem, entre outras, em Gibraltar (colónia inglesa), com fortes ligações à comunidade britânica e com ritual não católico, encontrou também no quarteirão - no cemitério inglês - as condições para o enterro dos mortos segundo os seus rituais.

Recuando na história do Terramoto de 1755, grande parte da população sobrevivente da catástrofe procurou refúgio nesta zona de Santa Isabel, por ter sido pouco afetada. Aí se recolheram muitos refugiados em barracas, tendas e telheiros, contando-se com mais de cinco mil pessoas nessas condições.

Conta-nos a francesa Suzane Chantal (1960):

“Foi aqui, em Santa Isabel, que a classe burguesa emergente descobriu um lugar seguro e ordenado. Os ingleses eram numerosos em Lisboa. As trocas com a África e com o Brasil, as grandes pescarias na Terra Nova, faziam-se pelos barcos ingleses, que também se dedicavam ao contrabando de moedas de ouro

e prata. Os que abandonavam a Inglaterra e vinham para Portugal, procuravam os bairros mais arejados e mais soalheiros de Lisboa, como a Estrela e Santa Isabel e, como perfeitos *gentleman*, adquiriam casas com terraços e jardins. Aqui, os ingleses não só enriqueciam como viviam infinitamente melhor do que no seu país; tinham criados, arvoravam-se em senhores e tinham o sentimento de pertencer a uma classe superior ao comum. Escoceses e britânicos, todos bastante ricos, conviviam entre si, saíam pouco e olhavam sobranceiramente os irlandeses católicos, pobres e prolíficos, que aceitavam trabalhos de artesanato e chegavam mesmo a trabalhar a terra.”¹¹¹

No fundo, um momento histórico inserido na relação entre Portugal e Inglaterra que remonta à fundação do reino português. São conhecidos os acordos e tratados por ambas as Coroas. O Tratado de Westminster, assinado no dia 10 de Julho de 1654, garantiu a defesa da independência de Portugal, permitindo, por outro lado, o início da influência da política britânica sobre o país. Esta longa história das relações entre ambas as nações implicou o envio bilateral de diplomatas.

Santa Isabel tornou-se, assim, uma espécie de condomínio britânico, onde podiam nascer, ir à escola, praticar desporto, fazer ou ver teatro, casar e passear as crianças, para finalmente morrer numa cama de hospital e ir a enterrar no cemitério, mesmo nas traseiras. No quarteirão cedido à comunidade britânica, nasceu um hospital (o British Hospital), um clube - Royal British Club-, um court de ténis, e uma escola protestante, depois convertida em teatro (o Estrela Hall), um cemitério e uma casa paroquial (Igreja de S. Jorge, 1822).

O British Hospital, instalado na Rua Saraiva de Carvalho, foi a unidade hospitalar privada mais antiga de Portugal, criada para dar resposta à necessidade de assistir na doença os marinheiros da Marinha Real Inglesa. Em 1910 alargou a prestação de cuidados de saúde à população em geral.

O Estrela Hall - sede da companhia “The Lisbon Players Theatre” - foi fundado em 1904 pelo *British Protestant School Fund*, cujos membros incluíam representantes da Igreja de S. Jorge e da Embaixada Britânica. Teve várias facetas ao longo dos tempos, como a de ringue de patinagem, antes de o Governo Britânico assumir o controlo em 1940 para exhibir filmes de propaganda dos Aliados durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1947 passou a ocupar as instalações contíguas ao hospital inglês, na esquina da Rua da Estrela com a Rua Saraiva de Carvalho.

¹¹¹ CHANTAL, Suzanne - *A vida quotidiana em Portugal, ao tempo do Terramoto*, Lisboa, Ed. Livros do Brasil, 1960.

A partir da chegada do “The Lisbon Players Theatre”, o “Estrela Hall” passa a marcar a tradição lisboeta de pôr em cena peças em inglês, que já vinha do século XIX. Nos anos sessenta, o teatro partilhou a sua casa com o Teatro Nacional Português quando o Teatro D. Maria II sofreu um grande incêndio. Nos primeiros anos, o grupo tinha um sabor distintamente britânico, em termos de artistas e público, entretendo expatriados. Inicialmente só atuavam atores ingleses, mas cedo se transformou numa companhia multicultural, com gente de todos os cantos do mundo, incluindo portugueses.¹¹²

Ao longo das últimas décadas os ingleses foram reduzindo, gradualmente, a sua existência marcante no bairro, mas quiseram deixar a marca da sua presença, homenageando o Duque de Wellington, o general britânico Wellesley que teve papel de relevo na Guerra Peninsular, entre 1807 e 1814 e envolveu Portugal, Espanha, Grã-Bretanha e França.

No cruzamento das ruas Saraiva de Carvalho e Silva Carvalho, em frente ao edifício do antigo British Hospital, permanece o seu busto em bronze (fig. 3.18), executado em 1967 por Davi Norris, assente sobre um pedestal de pedra, da arquiteta Daniela Ermano. O memorial a Wellington, oferecido pela British Historical Society, foi inaugurado em 7 de Outubro de 1997.¹¹³



Fig. 3.18 - Memorial a Wellington (arq. Daniela Ermano), 1997

¹¹² Site lisbonplayers.com.pt

¹¹³ CARVALHO, J. Eduardo (2014), *Campo de Ourique, a aldeia de Lisboa*, Vol. I, Quimera Editores.

A ponte do quarteirão inglês, todo o território que se estendia para além do Quartel até aos Prazeres era um solo partilhado por uma burguesia fundiária herdeira de quintas e casas senhoriais, ou por construtores civis, uns e outros apostando nos mesmos interesses urbanos. A posse do solo era, à época, uma pedra angular da urbanização do território de Lisboa.

Havia o reconhecimento que as terras do planalto de Campo de Ourique possuíam características naturais que ofereciam condições propícias para o desenvolvimento de uma nova e moderna zona urbana da capital. Eram terras de constituição argilosa que – já com a edificação do Quartel e do Cemitério - foi mantendo sempre uma estrutura rural e desafogada, na periferia urbana de Lisboa, chamada Tapada do Campo de Ourique (fig. 3.19).



Fig. 3.19 - Tapada de Campo de Ourique - Carta Topográfica de Lisboa, 1812
I. Tomkins (MC, GRA 292. Col. Vieira da Silva)

Uma das personagens que tomou posição nessa linha de negócio foi o patriarca da única dinastia de banqueiros portugueses, iniciado no comércio de lotarias, câmbios e títulos, de seu nome José Maria do Espírito Santo e Silva (1850-1915). O “Arquivo Histórico do Banco Espírito Santo, Fundo documental de José Maria do Espírito Santo e Silva”¹¹⁴ descreve que as perturbações conjunturais ocorridas no domínio desse seu negócio tradicional foram a gênese dos motivos que levaram o cambista a voltar-se para outras áreas empresariais.

¹¹⁴ O Arquivo Histórico do Banco espírito Santo (AHBES), fundado em 1996, é uma unidade que, a par com o Museu da empresa está agregado ao Centro de Investigação e Documentação da História do BES.

Nesse sentido, as ambições e a visão do bem-sucedido cambista viraram-se, numa Lisboa em plena expansão urbanística, para as atividades imobiliárias. Fê-lo investindo diretamente ou financiando empreendimentos de terceiros, num sector que possibilitava boas rendibilidades a quem se dispusesse a arriscar capitais. Os terrenos na área onde viria a ser implementado o bairro Campo de Ourique (fig. 3.20), desde cedo, constituíram oportunidade de bons negócios imobiliários para muitos empresários.

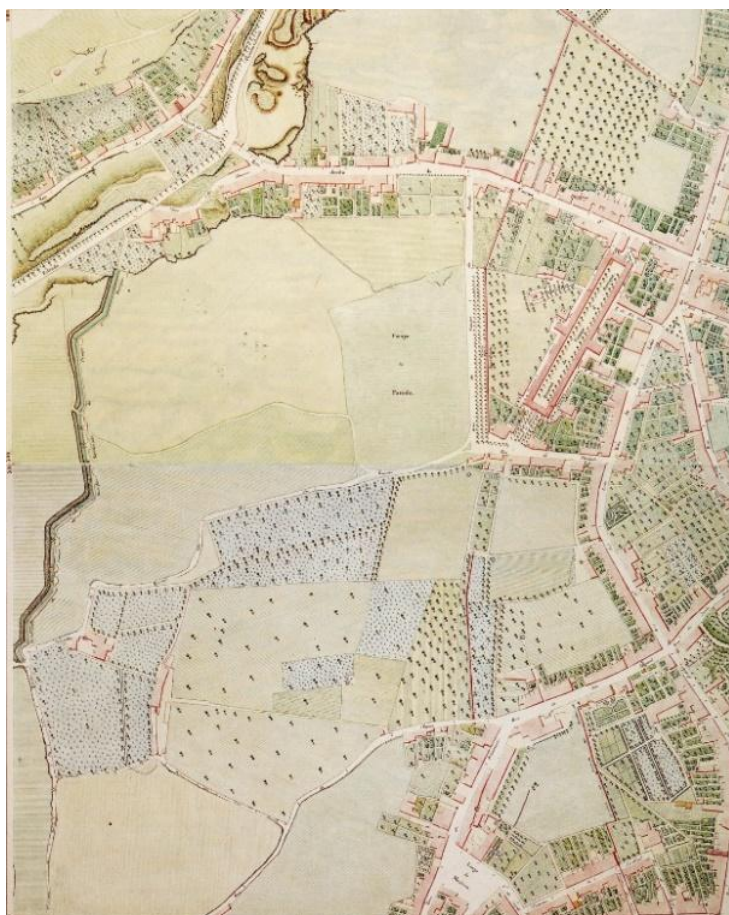


Fig. 3.20 - Planta cartográfica de *Campo de Ourique* – AML - 1856

Carlos Alberto Damas (2002) que se interessou pela história da família Espírito Santo refere nas suas notas:

“O patriarca Espírito Santo começou por adquirir o primeiro imóvel em 1875, ao comprar por 802\$000 réis um prédio na Rua do Sol ao Rato, que lhe renderia anualmente 90\$000 réis. Pouco tempo depois, no início de 1878, associa-se com Manuel Adrião Esteves e Firmino Benitez Lopes, com a firma *Silva, Esteves, Lopes & C^a*.¹¹⁵ e compra uns terrenos denominados Pacheca Grande e uma terra contígua denominada Pacheca Pequena. A propriedade denominada Pacheca Grande, que pertencia à família dos Maldonado d'Eça, estivera arrendada ao Ministério da Guerra, ao serviço da parada do Quartel de Campo de Ourique, até ao fim do ano anterior.

¹¹⁵ SILVA, José Álvaro F. – *Crescimento Urbano, Regulação e Oportunidades Empresariais: a Construção Residencial em Lisboa, 1860-1930*, vol. I, s. d., p 199.

Os terrenos foram adquiridos por 7:700\$000 réis, deixando-se em aberto aos compradores a hipótese de, no caso de necessitarem de mais terreno, os vendedores se obrigarem a vender as porções que exigirem pelo preço de duzentos réis cada metro quadrado. Por outro lado, um dos quatro sócios da firma - Firmino Benitez Lopes – dedicava-se à exploração e comércio de materiais de construção, estando presente ao longo da década de oitenta em inúmeros concursos, promovidos pela Câmara Municipal de Lisboa, para fornecimento de matéria-prima para utilização na infraestruturação das novas ruas da capital.

A 18 de Outubro de 1878, a firma *Silva, Esteves, Lopes & C^a*. apresenta à 3^a Repartição Técnica da Câmara Municipal de Lisboa, uma “Planta de alinhamento às propriedades que desejam construir em Campo de Ourique”, com projeto para edificação de oito prédios para 30 inquilinos e um conjunto de casas abarracadas nos terrenos que possuem em Campo de Ourique, projeto que merece aprovação da edilidade nesse mesmo ano.

Pouco tempo depois Espírito Santo, ao adquirir aos seus parceiros do negócio as respetivas partes da firma, fica dono e senhor da única sociedade com importância destacada na promoção imobiliária em Campo de Ourique. As referências a empréstimos concedidos aos sócios, hipotecando os terrenos dos mesmos até ao pagamento total da dívida, ou ao financiamento concedido à sociedade construtora, são prova da sua destacada capacidade financeira, que o permitiu fundar, em 1911, a casa bancária que dará origem ao Banco Espírito Santo.”¹¹⁶

Atente-se que nos alvares do século XX, o mercado de terrenos em Lisboa foi caracterizado por um intenso crescimento urbano, marcado pela conversão de áreas rurais em urbanas, e a implantação de infraestruturas, como vias de acesso e sistemas de saneamento. A valorização dos terrenos e a expectativa de lucros fáceis resultaram na especulação nos preços dos terrenos, com investidores adquirindo e vendendo parcelas com a meta de obter ganhos imediatos. Apesar de nos primeiros decénios de novecentos, registar-se um período difícil do setor bancário por motivos políticos, tais como a mudança de regime, da Monarquia para a República em 1910, a instabilidade governamental até 1926 e a participação de Portugal na I Guerra Mundial em 1917.

Revela o historiador Carlos Damas (2002):

“José Maria do Espírito Santo não fazia parte da elite económica lisboeta, nem lhe eram conhecidas relações de amizade pessoal importantes, quer baseadas em laços familiares, quer estabelecidas com a oligarquia política e económica, detentora do poder, quer com companhias industriais ou outras que pudessem facilitar o seu percurso. Porém, a sua ascensão foi rápida, talvez porque a natural aptidão para os negócios, lhe tenha granjeado o respeito e a confiança dos que com ele se envolviam, condições que favoreceram o alargamento da sua rede de clientes.

Morreu No dia 24 de Dezembro de 1915. A imprensa noticiou largamente o acontecimento. O funeral realizou-se no dia 26 de Dezembro, conduzido num coche preto de primeira classe puxado por seis cavalos, foi acompanhado pela academia musical do Lumiar e por 300 trens a cavalo. A multidão presente incorporava personalidades em destaque na finança, no alto comércio, no meio bancário.”¹¹⁷

¹¹⁶ DAMAS, Carlos A. - *José Maria do Espírito Santo e Silva, de cambista a banqueiro, 1869-1915*, Lisboa, *Análise Social*, vol. XXXV, nº 164), in *História do Banco Espírito Santo*. 2002.

¹¹⁷ DAMAS, *op. cit.* (2002).

É, posteriormente, na sequência da primeira iniciativa urbana levada a cabo pelo empresário Espírito Santo, que a edilidade de Lisboa se decide avançar com o projeto de urbanização para Campo de Ourique (fig. 3.21).

Na investigação académica realizada por Susana Maia Diniz (2013)¹¹⁸ sabe-se que “o autor do plano do bairro de Campo de Ourique foi Augusto César dos Santos,¹¹⁹ então chefe da 2ª secção da 3ª Repartição Técnica da Câmara Municipal de Lisboa. Ainda que a planta que oficializa o início do projeto do bairro esteja incontestavelmente assinada por César dos Santos, a autoria do plano do novo bairro de Campo de Ourique tem sido incorretamente atribuída ao Engenheiro-Chefe da Repartição Técnica, Frederico Ressano Garcia. Esta atribuição terá sido motivada pela assinatura do Engenheiro-Chefe numa cópia da planta traçada pela firma Silva, Esteves, Lopes e Comp.^a, de Janeiro de 1887.

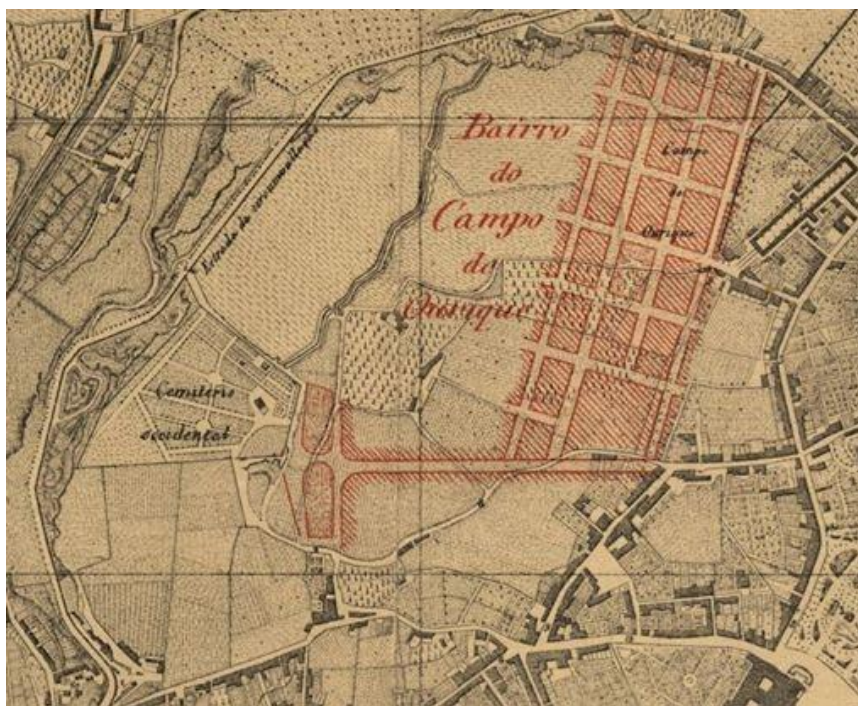


Fig. 3.21 - Plano da 1ª fase de urbanização do bairro Campo de Ourique. Câmara Municipal de Lisboa, Repartição Técnica – s. d.

¹¹⁸ SILVA, Susana Maia Diniz – *O bairro de Campo de Ourique: projetos e atuações (1878-1958)*, Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa (FCSH), 2013, pp 41,42,45,53

¹¹⁹Nos processos individuais dos funcionários da Câmara Municipal, não consta o seu processo individual, pelo que se desconhecem as datas de nascimento e morte.

Augusto César dos Santos optou por redefinir a proposta da firma “Silva, Esteves, Lopes e C^a.”, aproveitando as suas linhas de orientação, mas traçou uma intervenção mais ambiciosa, à escala de um bairro. Planeou a abertura de oito novas ruas, entre as pré-existentes Rua do Campo da Parada (atual Rua Ferreira Borges) e a Rua do Cemitério Ocidental (atual Rua Saraiva de Carvalho), de largura uniformizada, cujo entrecruzamento formava 25 quarteirões. Definia-se assim uma malha ortogonal, com orientação Norte/Nordeste, na qual se alternam vias de circulação e quarteirões, estes destinados à construção habitacional. Esta utilização de uma grelha ortogonal de ruas lembra claramente a solução utilizada na reconstrução pós-terramoto da Baixa lisboeta e no programa urbanístico de Vila Real de Santo António.

O processo de expropriações no bairro tem apenas início em Setembro de 1881. Na sequência da aprovação das referidas expropriações, Augusto César dos Santos aproveita para introduzir algumas inovações ao plano-base, elaborado em Agosto de 1880, introduzindo a implementação de um jardim, no coração do bairro, bem no meio do traçado ortogonal. Começou por se chamar “Jardim das Rãs”, também por “Jardim Maria da Fonte” e só na década de 20 lhe foi atribuído o topónimo “Jardim Teófilo de Braga”, mas é sobretudo conhecido por “Jardim da Parada”.



Fig. 3.22 - Planta de Lisboa – zona de Campo de Ourique - Cassiano Branco – Arquivo Municipal s. d.

O bairro levou cerca de 80 anos (1880-1958) até adquirir a estrutura urbana que hoje conhecemos. As expropriações foram muito lentas e o Município não tinha capacidade financeira para acelerar a sua construção. Foi traçado faseadamente, com a primeira fase, concluída em 1915, entre as ruas Ferreira Borges e Tomás da Anunciação. Prossegue a urbanização do Bairro, com construções já da corrente arquitetónica que se designou por modernismo radical, finalizado em 1938 até à R. Sampaio Bruno. O bairro só ficará concluído em 1958 com a abertura das três últimas ruas, dando acesso à R. Maria Pia.

Fazendo a síntese, Susana Silva (2013) refere:

“Há três fases históricas decisivas na evolução de Campo de Ourique. Primeiro, na sequência do terramoto de 1755, a região passou a ter muita procura pelos habitantes da cidade. Não tendo sido muito afetada pelo sismo em virtude das suas características geológicas, a região conheceu no fim do séc. XVIII um primeiro movimento de ocupação e fixação. A segunda fase de ocupação e evolução urbana teve lugar um século mais tarde, acompanhando o crescimento populacional de Lisboa, em virtude do desenvolvimento económico após a Regeneração, com projeto de construção delineado a partir de 1879. A nova vaga de crescimento urbano, e a mais importante, ocorre em 1906, quando o Bairro conhece um novo projeto de ampliação, consolidado no período da I República (1910-1926).”¹²⁰

A transformação do bairro, durante esse período, possibilitou a absorção de diversas correntes artísticas, cuja exploração culminou na criação de projetos únicos de relevância particular que chegaram aos dias de hoje, como o edifício d’”A Tentadora”, erguido em 1911 no gaveto situado em uma das vias principais do bairro; trata-se de um dos raros exemplos da aplicação do estilo Arte Nova na área da habitação.

Contudo, “falhava em Campo de Ourique um dos objetivos mais importantes do Plano de Melhoramentos para a capital: a ligação entre as várias zonas e bairros da capital, acabando por transformar-se num projeto sectorial. O bairro de Campo de Ourique afirmava-se então, não tanto por promover a expansão urbanizada da cidade, mas sim por se constituir como um foco de urbanização, disponibilizando terrenos edificáveis e promovendo a habitação. Campo de Ourique não seria caso único.”¹²¹

Até o final da década de 50, a área permaneceu afastada do restante da cidade, com as mesmas vias: a Rua de Campo de Ourique, rumo ao Rato e à parte mais antiga de Santa Isabel, a Rua Domingos Sequeira, seguindo em direção à Estrela e ao bairro da Lapa, a Rua Saraiva de Carvalho, indo em direção aos Prazeres, e a Rua Maria Pia, para a zona industrial de Alcântara. Somente em 1964 foi aberta a Rua Ferreira Borges no lado Norte, estabelecendo a ligação com

¹²⁰ SILVA, *op cit* (2013).

¹²¹ RODRIGUES, Maria João Madeira - *Transição, Tradição e Mudança – A produção do espaço urbano na Lisboa Oitocentista*, Lisboa, 1979, p. 19

o viaduto Engº Duarte Pacheco (finalizado em 1944) e com a autoestrada Lisboa-Cascais. No entanto, ainda estavam ausentes as importantes rotas de ligação, de e para o bairro

Historicamente, reconhece-se que o primeiro crescimento para os subúrbios da cidade foi feito a reboque dos interesses lucrativos, que precisavam de mais espaço para as suas fábricas e dos especuladores imobiliários à custa de novas habitações. Assim se criaram espaços de clivagens, pouco vividos e nem sempre pensados para a vivência e o bem-estar da população. Como ironicamente declara Lynch (1981): “A cidade não cresceu naturalmente, nem foi o resultado inescapável de forças impessoais. O seu crescimento também não representou uma fábula única e incompreensível”.¹²²

Como escreveu Álvaro Ferreira da Silva (1996) “a privatização de lotes no bairro de Campo de Ourique destacou-se pela rapidez do início do processo, chegando a anteceder em alguns anos a privatização de terrenos noutros bairros e avenidas da capital. A explicação para a rapidez da venda de terrenos em Campo de Ourique, segundo o autor, deveu-se às zonas periféricas, onde Campo de Ourique se integrava, constituírem focos de atração para os investidores, atraídos, sobretudo, pelo preço não muito elevado dos lotes em venda.”¹²³

De qualquer modo, o bairro de Campo de Ourique, à medida que se firmava como área urbana, foi adquirindo dentro dos seus limites uma multiplicidade de vivências sociais, económicas e culturais. A pequena e média burguesia foi impondo a sua presença no comércio e serviços com a criação de pequenos negócios ligados às respetivas profissões, que se tornaram essenciais para as necessidades do dia-a-dia e, ao mesmo tempo, promovendo o sentido de comunidade e de vizinhança.

Vários empreendimentos, ao longo do processo, contribuíram nesse propósito. Merecem menção a Padaria do Povo (1903), na Rua Luís Derouet (sociedade cooperativa para abastecimento de pão), as Oficinas de São José (1905), na Praça São João Bosco, o Centro Escolar de Santa Isabel (1906), na Rua de Campo de Ourique, O Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique (1910), na Rua da Piedade (atual Rua Infantaria 16), a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique (1916).

Um dado importante para a fixação da população, que marca a década de 30, é a inauguração de um grande mercado de produtos alimentares, numa faixa de terrenos, disponibilizada em 1926, pelo proprietário José Dionísio Nobre. O mercado é inaugurado em

¹²² LYNCH, Kevin - *The Good Urban Form*, MIT Press, Cambridge, 1981, p. 39.

¹²³ SILVA, Álvaro Ferreira - *A construção residencial em Lisboa (1860-1930)*, *Análise Social*, Lisboa, vol. XXXI (136-137), 1996, p. 626.

Abril de 1934, ocupando a totalidade de um quarteirão, entre as Ruas Francisco Metrass, Tenente Ferreira Durão e Coelho da Rocha.

Na década que se seguiu, a edilidade de Lisboa tomou posse dos terrenos adquiridos para a construção de uma nova igreja, para sede da paróquia de Santo Condestável. Segundo Augusto Vieira da Silva (1943),¹²⁴ “o decreto de criação da nova paróquia, datado de 21 de Maio de 1934, determinava que enquanto não se construísse a nova igreja matriz, num terreno já adquirido para esse fim, a sede provisória da paróquia fosse a capela da Virgem Nossa Senhora das Dores, sita na Rua do Patrocínio, construída já depois do terramoto de 1755.” Só posteriormente, da autoria do arquiteto Vasco Regaleira (1897-1968), a igreja de Santo Condestável, iniciada em 1946, foi inaugurada a 14 de Agosto de 1951, passando a impor-se sobre o bairro pela sua proeminente dimensão.

A freguesia de Santo Condestável só veio a ser criada em 1959, constituída por uma parcela da população – cerca de 40 mil habitantes - desanexada do território da freguesia de Santa Isabel (Quadro 3).¹²⁵

Freguesias	1900	1910	1920	1930	1940	1950	1960
Santa Isabel	31.957	41.759	44.176	59.020	67.535	72.377	14.950
Santo Condestável	-	-	-	-	-	-	39.199

Quadro 3 – População residente nas Freguesias de Santa e Isabel e Santo Condestável: 1900-1960

O quadro supra mostra, em termos absolutos, as variações da população residente no território das duas freguesias, entre 1900 e 1960, registando uma tendência para a perda de população no final do período observado, sobretudo em resultado da constância do fenómeno migratório em Portugal registado nas décadas de 50 e 60, do pretérito século.

Os estudos migratórios, elaborados pela investigadora Maria Ioannis Baganha (1994),¹²⁶ comprovam que a emigração, sobretudo clandestina, nesse período, foi um dos aspetos característicos do movimento migratório para os destinos tradicionais, isto é, França, Alemanha, Luxemburgo e Suíça; só em França, o número de portugueses residentes no país duplicou em dez anos. Uma das razões apontadas para o fenómeno da emigração nesse período prende-se com o *déficit* bruto de mão-de-obra depois da Segunda Guerra Mundial, promovendo o aumento da

¹²⁴ SILVA, Augusto Vieira - *As Freguesias de Lisboa: Estudo Histórico*, 1943, p. 68.

¹²⁵ CONSIGLIERI, Carlos *et al* – *Pelas Freguesias de Lisboa: de Campo de Ourique à Avenida*, Câmara Municipal de Lisboa, Pelouro da Educação, 1995, p. 15.

¹²⁶ BAGANHA, Maria Ioannis - *As correntes emigratórias portuguesas no século XX*, *Análise Social*, vol. XXIX (128), 1994, p. 960.

procura por trabalhadores de baixa qualificação para o setor industrial, acelerando o recrutamento maciço dos estrangeiros para colmatar as lacunas no mercado do trabalho.

A fig. 3.23 mostra um plano da zona urbana do bairro de Campo de Ourique, permitindo a visualização dos vários espaços que integram administrativamente a freguesia na atualidade.



Fig. 3.23 – Traçado atual da Freguesia de Campo de Ourique – CML s. d.

Fazendo a síntese, pode-se concluir que a génese de Campo de Ourique remonta ao século XVIII com a edificação do Quartel de Campo de Ourique. A evolução do bairro foi fruto de um plano de urbanização intencional devido ao aumento populacional influenciado pelo terremoto de 1755. Inicialmente, apenas existia a freguesia de Santa Isabel, que em 1959 foi desmembrada e deu origem à freguesia de Santo Condestável. Campo de Ourique estava inserido no conjunto de freguesias que realizavam a passagem do ambiente rural para a cidade. Durante a primeira metade do século, teve a capacidade de se transformar e prosseguir o seu desenvolvimento. A sua trajetória contribui para a identidade singular de Campo de Ourique, que se destaca pela sua vivência própria e pelo seu carácter residencial e comercial.

3.6 SÚMULA DO CAPÍTULO 3

Este primeiro, dos capítulos centrais da tese, contextualiza o ambiente sociocultural marcante na sociedade lisboeta no início do século XX em mudança, destacando uma Lisboa mundana diferente, marcada por comportamentos tendentes a se afastarem da cultura predominante até então. Durante o período em questão, observa-se a coexistência de uma grave crise social e económica no país que contrasta com a modernização e a adoção de novas tendências de fortalecimentos da ação coletiva de grupos de artesãos e pequenos donos de negócios.

A Lisboa, naquele período, é uma cidade que oferece diversos pontos de atração, sendo o negócio da moda altamente valorizada na zona da Baixa da cidade, especialmente no Chiado, local visitado principalmente pelas elites e intelectuais, que representam a sociedade portuguesa do seu tempo. Esta Lisboa de novecentos é famosa pelos seus diversos cafés, funcionando como lugares de tertúlias, em clima vibrante, ocasiões de socialização entre os frequentadores, com recitais de poesia, discussões políticas e de arte.

Na década analisada, ocorreu um acontecimento ineludível na história de Portugal que, não sendo um fato diretamente relacionado ao tema da tese, não deve ser ignorado quando se consultam os registros históricos do século XX: trata-se do regicídio ocorrido em Fevereiro de 1908. A par da tragédia ocorrida eram também conhecidas referências que indicavam escândalos de traição do rei D. Carlos, assim como eventuais aventuras da própria rainha D. Amélia, fora do matrimônio. O assunto foi incluído na narrativa estudada pela sua conotação à vida boémia.

Neste capítulo da tese inicia-se a referência ao planalto que configura a ampla área de Campo de Ourique, ainda não urbanizada, não obstante já existir desde meados do século XVIII, uma zona adjacente formada a partir da edificação da igreja de Santa Isabel e, na sequência, a criação, em 1741, da paróquia e freguesia com o mesmo nome.

O território de Campo de Ourique dispunha, à data, apenas de dois equipamentos, cuja instalação já vinha de séculos anteriores: o quartel e o cemitério. O Quartel de Campo de Ourique foi, na verdade, a primeira instalação a aparecer no território, e que pronunciou o desenvolvimento do bairro. O Cemitério instalado na Quinta dos Prazeres, da qual ganhou o nome, foi implementado após o surto de cólera mórbus que assolou Lisboa.

Correlacionado, faz-se também alusão aos efeitos da decisão dos cemitérios fora do perímetro urbano, proibindo, desde então, os sepultamentos em locais religiosos como era

comum. Essa medida de saúde pública gerou a revolta de alguma população e ficou registrada como um episódio na História de Portugal, denominado “Maria da Fonte”. Acontecimento que é permanente lembrado em Campo de Ourique – no Jardim Teófilo de Braga, - visível na escultura representando a jovem minhota que liderou a contenda.

Verdadeiramente, Campo de Ourique começa a ganhar configuração de um novo bairro de Lisboa, por iniciativa do empresário José Maria Espirito Santo e Silva, quando a edilidade da capital aprova o projeto para a construção de oito edifícios em terrenos que o proprietário havia adquirido, no frontispício do quartel.

Só posteriormente, à iniciativa do empresário, a câmara de Lisboa decide prosseguir com a construção e expansão urbana do bairro de Campo de Ourique. Neste domínio, a tese faz uma pequena incursão sobre o projeto de urbanização, anteriormente delineado pelos arquitetos do rei D. José, para a eventualidade da construção do novo palácio real em território de Campo de Ourique, na sequência do terremoto que atingiu a capital em 1755.

De acordo com o período observado, na primeira década de novecentos, fica o conhecimento do contexto em que Campo de Ourique foi ganhando espaço urbano na capital, a partir do qual a burguesia de pequeno e médio porte foi estabelecendo a sua atuação no comércio e serviços através do surgimento de pequenos empreendimentos relacionados às suas profissões, que se tornaram fundamentais para as exigências quotidianas e, simultaneamente, fomentando o espírito de comunidade e vizinhança do bairro.

4. CAMPO DE OURIQUE NA “LISBOA LOUCA” 1910-1926

O bairro de Campo de Ourique nasceu, como exposto, de um projeto ímpar, sendo o resultado da conjugação de diversos fatores. A sua posição suburbana começou por permitir a instalação de estruturas cujo funcionamento exigia essa mesma característica – o afastamento do centro urbano: o quartel e o cemitério. O quartel transformou-se num foco de atração populacional, criando em seu redor os primeiros arruamentos e os primeiros edifícios.

Fechado sobre si mesmo, isolado do resto da cidade, Campo de Ourique transformou-se num bairro peculiar. O isolamento a que ficou votado não acometeu apenas na forma como o bairro se relacionou com a cidade, mas também na sua identidade urbana, que nasce das suas próprias vivências, culturas e sociabilidades.

Não obstante a circunstância do isolamento, as ocorrências que antecederam a implantação da I República deram a Campo de Ourique uma notabilidade que permanece na história de Portugal. Foi em Campo de Ourique que se deram os primeiros passos para a implantação da I República Portuguesa. Às primeiras horas da madrugada do dia 4 de Outubro de 1910, o Quartel de Campo de Ourique, onde se encontrava sediado o Regimento de Infantaria 16, caiu às mãos de um grupo de revoltosos republicanos, tornando-se, assim, no primeiro momento revolucionário de um dos principais episódios da História de Portugal.

4.1 NO ALVOR DA REPÚBLICA

No dia 3 de Outubro, um facto insólito parece ter sido o início da Revolução que conduziu à implantação da República: o traiçoeiro assassinato do Dr. Miguel Bombarda por um seu antigo doente. Os espíritos exaltaram-se e na madrugada de 4 de Outubro, já depois de terem alguns populares percorrido as ruas da cidade manifestando-se contra a morte do eminente doutor, à uma e meia da madrugada, reuniram-se alguns grupos de revolucionários, dando começo à revolução. A notícia, nas páginas de “A Capital”, agitou Lisboa, narrando o acontecimento com a tragédia que vitimou o prestigiado médico psiquiatra.¹²⁷

Naquele dia fatídico, o médico estava em Rilhafoles a dar consultas, quando, por volta das 11 da manhã chegou uma carruagem com um indivíduo que se apresentou ao porteiro, dizendo que desejava falar com o médico. Era o tenente de infantaria, com curso de Estado-Maior, Aparício Rebelo dos Santos, que ali se havia tratado da sua psicose em 1909. O homem, com ar grave, esperou no gabinete do diretor.

Miguel Bombarda desceu do consultório, no primeiro andar, para o gabinete no piso térreo. Logo que entrou na sala, reconhecendo de quem se tratava, estendeu a mão para o cumprimentar. O homem levantou-se bruscamente e, sem dizer palavra, sacou de uma pistola *browning*. Ouviu-se um tiro, seguido de outro e outro ainda. Em sobressalto, um funcionário do hospital correu ao gabinete e dominou o atacante pelas costas. “Largue-me, que já não tenho mais balas”, gritava o louco.

Atingido por três projéteis, um no tórax e dois no ventre, o médico ainda terá dito “Não lhe façam mal. Ele é um doente!” Miguel Bombarda entendia que os marginais, loucos e indigentes deveriam ser vistos como vítimas, não como párias da sociedade. Enquanto republicano, achava que a sociedade estava doente por culpa da Monarquia e da Igreja, que recusavam ao povo a educação e a liberdade que promoveriam o seu desenvolvimento.

Bombarda era o líder civil da revolução que os conspiradores tinham marcado para a madrugada do dia 4 de Outubro. Pelo enorme prestígio de que gozava, o médico era imprescindível às hostes republicanas: não só servia de elo entre a maçonaria e a carbonária como se tinha comprometido a liderar os grupos civis que deveriam sublevar-se na madrugada seguinte. Antecipava, por isso, um dia preenchido entre a azáfama no hospital e os intensos preparativos revolucionários.

¹²⁷ “A Capital”, nº 95, 1º Ano, 3 de Outubro 1910.

A sua morte provocou, por isso, grande emoção entre os republicanos. O dirigente e médico republicano faleceu nas vésperas da implantação da República. Ele estaria pronto para lutar e morrer fisicamente pela causa republicana, em vez de uma morte “estúpida” causada por um “louco”. A notícia, nas páginas de “A Capital”, agitou Lisboa, narrando o acontecimento com a tragédia que vitimou o prestigiado médico psiquiatra.¹²⁸

No dia seguinte ao assassinato, José Relvas (1858-1929)¹²⁹ reuniu com cerca de meia centena de revolucionários militares e civis. Nessa reunião, face à informação de que os navios fundeados no Tejo iriam sair e de que Miguel Bombarda tinha sido assassinado, foi tomada a decisão de dar início à revolução.

Relvas desempenhou um papel significativo na Revolução de 5 de Outubro de 1910. Apesar de ser um ativo republicano, não participou diretamente no movimento, mas foi um dos signatários da declaração de implantação da República, após a revolução vitoriosa. Relvas foi posteriormente designado, em 1919, presidente do ministério, demonstrando a sua influência e importância no regime republicano.

Nessa madrugada, começou o golpe militar que iria conduzir à implantação da primeira República em Portugal. A intervenção de Campo de Ourique nos acontecimentos de Outubro de 1910 está documentada nos apontamentos, elaborados à data, por Machado dos Santos (1910)¹³⁰. Neste documento, o oficial da marinha destaca o valioso apoio dos revolucionários civis de Campo de Ourique, organizados pela Carbonária. As tradições republicanas e de reivindicação eram correntes nas ruas do bairro, atuando como cenário para greves, protestos, e manifestações organizadas pela Carbonária.

De fato, bem antes dos eventos que levaram à revolução republicana, diversos grupos da sociedade estavam ativos na busca por alcançar as condições que resultassem na queda da monarquia. Uma dessas agremiações foi o “Clube dos Makavenkos,” uma sociedade secreta, fundada ainda no século XIX, por Francisco Grandella (1853-1934) e mais doze amigos que gostavam de patuscadas, reinava ainda D. Luís. A associação teve em Grandella a sua figura mais conhecida; industrial, comerciante, capitalista empreendedor, amante e praticante das artes,

¹²⁸ “A Capital”, nº 95, 1º Ano, 3 de Outubro 1910.

¹²⁹ José Relvas escolhido para proclamar a Implantação da República, da varanda da Câmara Municipal de Lisboa, por ser um dos elementos mais carismáticos do Diretório do Partido Republicano.

¹³⁰ SANTOS, Machado – *A Revolução Portuguesa 1907-1910*, Assírio e Alvim, 1987. (Escrito pouco depois do 5 de Outubro e publicado em 1911, o relatório de Machado Santos, constitui uma das fontes fundamentais para a história da Revolução Republicana, sobretudo para a narrativa dos factos ocorridos entre a noite de 3 de Outubro e a manhã do próprio dia 5).

destacando-se a gastronomia. Foi um nome marcante incontornável na história da cidade de Lisboa, pioneiro na venda a retalho, que transformou o comércio lisboeta e nacional.

Grandella (1994) deixou escritas as suas memórias onde revela: “Os Makavenkos juntavam-se na Avenida da Liberdade, na cave do Teatro Condes: Francisco de Almeida Grandella, de 57 anos, José António Simões Raposo, 35, José Cordeiro Júnior, 40, José de Castro, 42, Machado dos Santos, 35, Miguel Bombarda, 59, entre outros. Ali cozinhava quem sabia e desfrutava quem podia, sempre em agradável companhia feminina, também aceite sem discriminação de classe, da nobreza à rua, conforme as paixões dos convivas.”¹³¹

A divisa optada pelo clube dos Makavenkos (fig. 4.1) foi a da britânica Ordem da Jarreteira, a comenda da liga azul, *honni soit qui mal y pense*. A mais antiga e elevada ordem militar do Reino Unido, criada pelo rei Eduardo III em 1348. Os criadores da Sociedade dos Makavenkos eram amigos e amantes apaixonados pelos prazeres da vida (época dos Vencidos da Vida), referindo-se à boa comida, melhores bebidas e companhias femininas de espírito elevado, rigorosamente seleccionadas.



Fig. 4.1 - Divisa dos “Makavenkos” - AML

Era ponto assente que, ao lado da exaltação hedonista, os Makavenkos deveriam evitar discussões que envolvessem política e religião. Contudo, basta enunciar a identidade de certos Makavenkos para percebemos quão falsa era essa advertência. Durante os prelúdios do 5 de Outubro de 1910, os Makavenkos reuniram com a presença Francisco Grandella, Machado dos

¹³¹ GRANDELLA, *op cit* (1994).

Santos, Miguel Bombarda, José Cordeiro Júnior, José de Castro, José António Simões Raposo, todos maçons convictos, concertados na estratégias para a implantação do regime republicano.

Como escreveu Raul Brandão (2018), estes não eram tão inocentes nos seus propósitos como aparentavam: andavam de ligações à Carbonária, aliás, a bandeira verde e vermelha dos Makavenkos era a mesma da Carbonária Portuguesa. Dizia o escritor e militar: “No “Condes”¹³² urdiu-se a destruição da Monarquia e a implantação da República, e ter-se-á conjeturado a fundação de uma sociedade ideal, utópica mas possível de realizar. Recordou-o no seu terceiro volume de memórias, Vale de Josafat: "Autoritário e severo, só assim conseguiu levar a cabo aquela monstruosa loja onde há de tudo, desde a literatura ao farrapo, enriquecendo extraordinariamente."¹³³

As primeiras reuniões de carácter mundano dos Makavenkos tiveram lugar em Campo de Ourique (Santa Isabel), no palacete do Conde das Antas, propriedade da família Silva Pereira.¹³⁴ No vasto jardim do palacete havia um pequeno parque zoológico com vários animais. Era nesse jardim da casa que os Makavenkos se encontravam às sextas-feiras para os opíparos jantares. No convívio marcavam presença belas mulheres - sobretudo atrizes – ao som de uma orquestra com os músicos de olhos vendados.

Machado Santos, também ele membro dos Makavenkos, era, simultaneamente, maçom e membro da Alta Venda da Carbonária, e os homens que o acompanharam na revolução eram militantes da organização. Conhecedor dos bastidores deste e de outros movimentos, escreveu: “A grande revolução francesa foi obra da Maçonaria. (...) As revoluções de Julho e de 1848, também em França, foram obra dos carbonários (...); contudo é a Maçonaria a grande mãe das revoluções, porque os principais elementos carbonários n’ela estão filiados. A obra da Revolução Portuguesa também á Maçonaria se deve, única e exclusivamente.”¹³⁵

Machado Santos foi, sem dúvida, um dos principais instigadores da revolução, liderando a sublevação militar do Regimento de Infantaria 16, nos primeiros dias de Outubro de 1910. O relato do ocorrido foi acuradamente articulado pelo militar R. Machado de Sousa (1943), tenente

¹³² Edifício propriedade de Francisco Grandella, que, em 1915 adquirido pela distribuidora Castelo Lopes, se transformou em Cinema.

¹³³ BRANDÃO, *op cit* (2018).

¹³⁴ Francisco Xavier da Silva Pereira, 1.º conde das Antas, militar e também maçom, faleceu nesta sua casa, em 20 de Maio de 1852. No dia do funeral, depois dos ofícios religiosos na igreja de Santa Isabel, o caixão foi levado a braços até ao cemitério dos Prazeres, seguindo-se o coche e um concurso enorme de convidados. As tropas de toda a guarnição do Quartel estavam formadas no largo do cemitério, onde lhe prestaram as últimas homenagens.

¹³⁵ SANTOS, *op cit* (2007).

de engenharia, na palestra que proferiu em 14 de Março de 1943, no Quartel de Campo de Ourique, dada a sua maior proximidade ao palco das primeiras ocorrências:

“Na noite de 3 de Outubro, o comissário naval Machado dos Santos dirige-se ao Centro de Santa Isabel, na Rua Campo de Ourique nº 77, mesmo nas traseiras do Quartel, a fim de conduzir o Regimento de Infantaria 16 para a revolução. Difícil empresa se afigurava conduzir o Regimento sem Oficiais, pois nem sequer um Sargento ali tinha aliciado. Contava apenas com alguns cabos e soldados, tendo a certeza da oposição dos Oficiais e da indiferença da maior parte das praças.

Era meia-noite. Machado dos Santos fardou-se e prendeu nos ombros as dragonas de cachos afim de com elas suprir a falta de galões, deslumbrando os soldados pois, então, apenas os Generais as usavam. O Regimento encontrava-se de prevenção. Decorria sossegadamente a noite. O Comandante do Regimento, Coronel Celestino da Costa, retirara-se, havia pouco, para a sua residência, dentro do próprio aquartelamento.

Um dos aliciados era o cabo Pedro do Carmo Forçado. Este, acompanhado por Machado dos Santos e outros, aborda o Quartel pelo lado da Rua Ferreira Borges. Bate à janela duma das casernas e manda chamar o cabo 51 da 2ª, outro aliciado. Arromba uma arrecadação dos lados de Ferreira Borges e, por um alçapão, entra no quartel, através duma das casernas da Companhia de Construção.

A parada apenas tinha a iluminá-la dois vagos lampiões. No escuro moviam-se os soldados aliciados; as armas tilintavam e os Oficiais surpreendidos, aterrados naquela surpresa, detinham-se impotentes ante o tiroteio cerrado.”¹³⁶

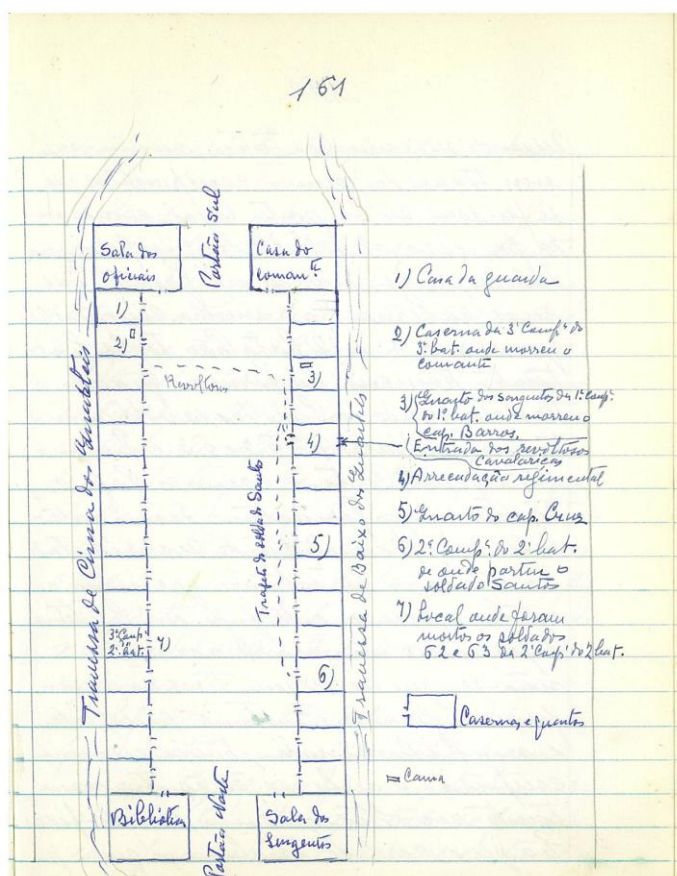


Fig. 4.2 - Esboço da planta do quartel do Regimento Infantaria n.º 16 no dia da Revolução.
Revista Militar N.º 2539/2540 - Agosto/Setembro de 2013.

¹³⁶ SOUSA, R. Machado - *O Quartel de Campo d Ourique*, OLISIPO – Boletim do Grupo “Amigos de Lisboa”, nº 34, Outubro. 1943, pp 206-207.

Estes foram os primeiros movimentos e consequências da revolta ocorrida no quartel.

Machado de Sousa, prossegue a preleção:

“O Coronel Comandante, corre à parada gritando para o corneta da guarda que tocasse a formar as Companhias. Ninguém o entendia e quando intemeratamente prosseguia o seu intento, o Ajudante do regimento, tenente Pestana Lopes, tenta dissuadi-lo por lhe parecer ser pior ainda. Os civis já se tinham armado, apoderando-se do Quartel.

O Ajudante procurava salvar o seu Comandante e o 2º Comandante, tenente-coronel Júlio Borges, empurrando-os para a casa dos adidos, mas estes saíram para impor-se aos amotinados. O Comandante é assassinado e o tenente-coronel é agredido. O Capitão Manuel Joaquim de Barros acorre a tentar meter os seus soldados na ordem e é também assassinado, por uma praça que o punira. Enquanto outros Oficiais são feridos outros fogem para ir pedir reforços à Guarda Municipal que se recusa, alegando a falta de ordens superiores.

Machado dos Santos sai com os amotinados em direção a Artilharia 1. Os foragidos, não tendo conseguido reforços, vêm novamente para o Quartel dispostos a arrostar com a morte. Encontram apenas alguns soldados e sargentos. Reúnem-se e marcham com eles para o Palácio das Necessidades a fim de reforçar a guarda ao Paço, que nessa ocasião lhes pertencia. Iniciara-se a revolta republicana que passados dias, ante o pasmo da Nação e dos seus próprios caudilhos, triunfara.”¹³⁷

No dia seguinte, a imprensa dá notícia do ocorrido na véspera, consoante o cunho político.

“A Capital”, fundado por Manuel Guimarães, na edição de 4 de Outubro de 1910, escreve:

“Lisboa amanhece hoje ao som do troar da artilharia. Proclamada por importantes forças do exército, por toda a armada e auxiliada pelo concurso popular, a República tem hoje o seu primeiro dia de história e a marcha dos acontecimentos, até à hora em que escrevemos, permite alimentar toda a esperança d’um definitivo triunfo. (...)

Desde o início da revolta, Infantaria 16 aquartelada em Campo de Ourique adere ao movimento, gritando entusiasticamente: - Viva a República! Os oficiais que se opõem à subida das tropas republicanas são dominados.

Do quartel saem vários feridos em maca. O movimento ao hospital da Estrela é assombroso. Morreram três oficiais, um d’eles o comandante coronel Celestino Costa. Os populares entram no quartel e confraternizam com os soldados.

O regimento vem para a rua no meio do entusiasmo louco, rodeado de povo. Os soldados empunham bandeiras verdes e encarnadas. Militares e paisanos dirigem-se pelo Arco do Carvalhão a Campolide, ao quartel de Artilharia 1.

Os dois regimentos estão em condições de sair juntos para a revolução. O estado de espírito dos soldados é cheio de decisão e coragem. Na travessa dos Ladrões¹³⁸, a Companhia da Guarda Municipal sai ao encontro dos revolucionários de Infantaria 16 e Artilharia 1. Na avenida, há um encontro entre as duas forças, vencendo a dos revolucionários.”¹³⁹

No mesmo dia, o “Diário Ilustrado”, sob a direção do jornalista Malheiro Reymão, resume-se a uma notícia lacónica sobre os acontecimentos: “À hora e meia da madrugada de hoje foi a cidade sobressaltada com o estampido de numerosas descargas. Tendo procedido a indagações sobre o estranho facto, soubemos que, à hora a que escrevemos, se estão dando em

¹³⁷ SOUSA, *op cit* (1943),.

¹³⁸ Atual Rua da Estrela.

¹³⁹ A Capital, “Em Lucta”, edição do dia 4 de Outubro de 1910

vários pontos da cidade acontecimentos numerosos, com intervenção da força armada. Os boatos são numerosos e alguns contraditórios pelo que, em vista da hora adiantada, nos limitados a esta informação.”¹⁴⁰

Segundo a crónica de José Hermano Saraiva (1998)¹⁴¹ a cerca do filme dos acontecimentos, o plano revolucionário havia sido traçado na véspera da contenda. Escreve que “no dia 3 de Outubro de 1910, pelas 20 horas, o almirante Cândido dos Reis, Afonso Costa, José Relvas, João Chagas, António José de Almeida, Eusébio Leão e outros conjurados republicanos reúnem-se em casa da mãe de Inocêncio Camacho, na Rua da Esperança, número 10.

Foi combinado, de acordo com planos já estabelecidos, que a revolução começaria à 1 da madrugada, com uma salva de 31 tiros disparados de navios de guerra surtos no Tejo. As guarnições desembarcariam depois para iniciar em terra a revolta. Pelas 24 horas, os conjurados reúnem-se no balneário de S. Paulo. Pela 1 hora e 20 do dia 4 de Outubro, soam tiros. Contaram e não eram 31, o que gerou algum pânico entre os revolucionários.”.

A versão de Filomena Mónica (1987), no livro que editou sobre o acontecido, esclarece:

“Tudo foi feito improvisadamente. Só os mais exaltados, como o carbonário Machado dos Santos, tinham a certeza da vitória. A maioria não fazia ideia do que se ia passar.

A única coisa que se sabia ao certo era que em alguns quartéis, como o de Belém, fora impossível recrutar quem quer que fosse, e que noutros, como Infantaria 16, a colheita fora má, razão pela qual Machado dos Santos se oferecera para, num gesto heroico, comandar as forças de assalto a este quartel.

O plano era o seguinte: um comité revolucionário, composto por três cabos e três soldados, tomaria a iniciativa, abrindo a porta de armas do quartel de Campo de Ourique ao grupo de civis, chefiado por Machado dos Santos.

Nada se passou, todavia, como combinado: sem razão plausível, os soldados de Infantaria 16 resolveram fazer a revolução sozinhos.

Depois de terem assaltado o paiol e armado os camaradas, começaram a dar vivas à República. Apesar da prevenção, os oficiais estavam a dormir sossegadamente nas suas camas; quando, estremunhados, vieram à janela ver o que se passava, os soldados receberam-nos a tiro.

O comandante da unidade e três oficiais que insistiram em descer foram imediatamente mortos, optando os outros por fugir à primeira oportunidade. (...)

Ao meio-dia, o grupo de revoltosos subira a Avenida até à Rotunda. À roda do comissário naval, a ralé de Lisboa preparava-se para o combate, arrancando bancos de jardim e montando barricadas.

Entretanto, aproveitando o armistício pedido pelo embaixador alemão, ao verem um grupo com uma bandeira branca, os populares que enchiam a Avenida convenceram-se de que os Monárquicos tinham rendido.

Foi o delírio. Pouco depois, Machado dos Santos negociava com o Estado-Maior monárquico o fim do conflito e, pelas 10 horas da manhã, da janela da Câmara

¹⁴⁰ Diário Ilustrado, edição do dia 4 de Outubro de 1910, “Última hora – Notícia de acontecimentos graves.”

¹⁴¹ SARAIVA, José Hermano & GUERRA, Maria Luísa – *I República – 5 de Outubro: o filme dos acontecimentos*, Diário da História de Portugal, Seleções do *Reader's Digest*, 1998, pp. 494-495.

Municipal de Lisboa, José Relvas proclamava a República e anunciava os nomes dos ministros do Governo Provisório.”¹⁴²

A historiadora Alice Samara subscreve os mesmos sobressaltos, ou seja, que a revolução saiu à rua, mas o plano não funcionou como devia; muitos duvidaram e outros fugiram. Em Lisboa, os republicanos supunham contar com a Infantaria 2, Caçadores 2 e 5 e Cavalaria 2. No entanto, estas unidades permaneceram fiéis à Monarquia, revoltando-se apenas a Infantaria 16 - cerca de metade das tropas - e a Artilharia 1, unidades que acamparam na Rotunda, o palco da revolta republicana.

Perante o insucesso das forças monárquicas, a família real, sem tardar, deixou o país com destino a Gibraltar. D. Manuel II, D. Amélia e D. Afonso a bordo do iate Amélia, e a rainha D. Maria Pia em navio italiano. Mais tarde, o rei, a rainha e o infante seguiram para Inglaterra no iate real *Victoria and Albert* disponibilizado pelo Governo Britânico.

Proclamada a República em Lisboa, só mais tarde o resto do país tem notícia da ocorrência através de telégrafo. Na data da implementação do novo regime, havia na população de Portugal cerca de trezentos mil republicanos em contraste com os cinco milhões de monárquicos; exceto Lisboa e Porto, o restante do país era monárquico

O jornalista Carlos Malheiro (1912), militante monárquico, resumia nesse dia que ninguém percebia como fora possível a um bando de maltrapilhos derrotar o Exército monárquico: “Alguns centos de populares armados de pistolas e de bombas aliciaram dois regimentos, tomaram de assalto a cidade e, secundados pela marinhagem sublevada e pelo pânico dos adversários pusilânimes, afugentaram a realeza e entregaram ao Diretório a República feita na Rotunda em poucas horas. (...) A monarquia caiu mais pela inércia dos monárquicos, do que pela ação dos republicanos sendo traída por dentro. Sabe-se que quem pagou a espingarda Winchester, que matou D. Carlos, foi o Visconde da Ribeira Brava.”¹⁴³

Quanto a Machado dos Santos, fica na história de Portugal como uma personalidade incontornável, um participante ativo líder do movimento republicano, que melhor representava o período. Atuando como chefe carbonário e integrante da maçonaria, embora mais tarde tenha sido excluído por membros dessas entidades, acabou por ser assassinado na “Noite Sangrenta”,¹⁴⁴

¹⁴² MÓNICA, Maria Filomena - *A queda da Monarquia – Portugal na viragem do século*, Publicações D. Quixote. 1987.

¹⁴³ DIAS, Carlos Malheiro - *Do Desafio à Debandada*, 2 volumes, Livraria Clássica Editora. 1912.

¹⁴⁴ A “Noite Sangrenta”, que ocorreu entre 19 e 20 de Outubro de 1921, foi um episódio de extrema violência política na Primeira República Portuguesa, culminando no assassinato do primeiro-ministro António Granjo e de outros republicanos, num cenário de instabilidade, descontentamento social e conflito entre fações políticas.

em Outubro de 1921, juntamente com outros líderes políticos, o que evidencia a incerteza do período republicano da época.

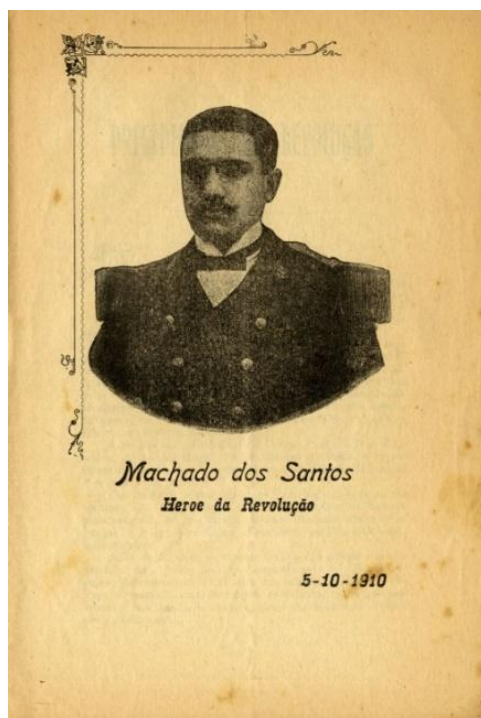


Fig. 4.3 - António Machado dos Santos (1875-1921) - AML s. d.

Escritos biográficos “descrevem-no como jovial, folgazão, afetivo, leal, destemido, patriota emérito, generoso, inteligente, obstinado, idealista, visionário, íntegro e republicano indefetível, para quem a República existia como Deus existe para certos devotos: com forma humana. A República era a sua paixão e a sua filha; outros chamaram-lhe ativo, fanático, presunçoso, megalómano, velho romântico desgarrado do tempo, populista, ingénuo, pouco inteligente, pobre diabo, culturalmente limitado, verborreico, demagogo e “amigo de Peniche” da República.”¹⁴⁵

No âmbito da façanha revolucionária, então vivida, não é inusitado deixar aqui o testemunho de uma típica família republicana, de Campo de Ourique, à qual está ligado Francisco George, ex-Director-Geral de Saúde, onde descreve nas suas memórias as peripécias vividas pelos seus avôs, cada um à sua maneira, à data da revolução.

“O avô materno, Gil Mendes de Moura, residente em Campo de Ourique, na Rua 4 do Infantaria, no dia 3 de Outubro de 1910, se apresentou voluntariamente no Centro Republicano da Rua de Campo de Ourique. Contava que logo ali chegou, recebeu instruções de Machado dos Santos para de espingarda ao ombro ir guardar a Casa da Moeda. Ele nunca tinha pegado numa arma, mas apesar disso, os chefes revolucionários

¹⁴⁵ SILVA, Armando M, CORDEIRO, Carlos & TORGAL, Luis F. - *Machado Santos – O intransigente da República (1875-1921)*, Edição Assembleia da República, Divisão de Edições, 2013, p. 37

foram unânimes em nomeá-lo para essa missão. Durante dois dias marchou à frente da Casa da Moeda para trás e para diante até à proclamação da República.

Do lado do avô paterno, a atitude tomou outra feição. Albert George, de descendência britânica, também com residência no bairro, na rua Coelho da Rocha, trabalhava na Carris rodeado de trabalhadores. Ao saber da iminência da Revolução pelos que mantinham ligações à Carbonária, foi à rua comprar alimentos para encher a despensa. Meteu-se em casa com mulher e filhos. Em suma, o avô português foi combater para a Rotunda e o inglês meteu-se em casa à espera do fim da contenda.”¹⁴⁶

Neste ponto, é de reconhecer que a Revolução de 5 de Outubro, que cerrou a monarquia em Portugal e implementou a República, contou com um movimento amplo de trabalhadores, nos quais se incluíam operários e outras classes profissionais. Apesar de não existir uma lista concreta dos participantes envolvidos na sublevação, alguns operários destacados foram personagens relevantes no avanço popular do movimento republicano.

Recorrendo aos apontamentos de Machado dos Santos (1911),¹⁴⁷ o operacional do movimento revolucionário refere a participação de operários de Campo de Ourique, já visíveis desde o século XIX, nas ações conspirativas para derrubar a monarquia. Estão registadas reuniões de Carbonários nas pedreiras de Campo de Ourique desde 1890 e demais situações relevantes que contribuíram para os movimentos associativos operário no bairro, como a criação da Sociedade Cooperativa “A Padaria do Povo”, nascida em 1903, à qual esteve ligada a fundação da Universidade Popular.

¹⁴⁶ GEORGE, Francisco - *Memórias de Família*, Dossier de Lutas, Verão 2011

¹⁴⁷ SANTOS, *op cit* (1911).

4.2 OS REVESES DA “NOVA AURORA”

O 5 de Outubro de 1910 anunciou um sistema “novo” ao país: a República em lugar da Monarquia. Vive-se um novo período no qual as massas procuravam ter voz pública e política. A classe trabalhadora organizada que ajudou os militares a tomarem o poder, começou a exigir e a lutar por melhores condições de vida. O debate político tornou-se um assunto de particular importância. Embora, apenas, uma pequena parte da população estivesse envolvida.

Depois de eleito o chefe de Estado, Manuel de Arriaga e de promulgada a Constituição, o regime entrava num período que se queria de normalização e de consolidação. Para que tal acontecesse era necessário, aos olhos do poder republicano, que se mantivesse a unidade dentro do seu campo. Porém, o movimento republicano era constituído por diferentes grupos e por diferentes vozes. Logo que chegaram ao poder, os republicanos definiam-se em relação uns aos outros. Assim, pensar na unidade do tempo de propaganda era procurar criar uma realidade que não existia tal como era descrita.

Desde cedo se identificou um número significativo de republicanos descontentes com o andamento da coisa pública. Tornaram-se patentes as diferenças entre os grupos, que mais tarde se transformariam em partidos. Os conflitos latentes tornam-se visíveis em todo o campo político do parlamento à imprensa.

Como descreve a historiadora Maria Alice Samara (2010), implementada a República, a festa foi exuberante, mas o rescaldo estava para vir:

“Feita a revolução, os republicanos ocuparam posições no aparelho de Estado, quer a nível central, quer local. Alguns indivíduos conseguiram lugares na administração civil e política, substituindo parte – mas não toda – da velha elite monárquico constitucional.

O republicano Carlos da Maia afirmou que nos primeiros dias do Governo Provisório os republicanos viram as secretarias serem invadidas por gente que queria empregos senão revoltava-se, dizendo “Eu sempre fui republicano, tenho direito a um emprego; eu estive na Rotunda, eu bati-me, devo ser empregado.”

Para este deputado, houve em todas as classes quem supusesse que feita a república tinha terminado o regime que era de favor, de privilégio de exploração para a família real e começava o regime de favor, de privilégio e de exploração para a gente de todas as classes, e que acabando os adiantamentos para os reis, começavam os adiantamentos para o povo.

Existia, assim, um conjunto de revolucionários que tinham lutado pela implantação do regime e que se sentiam afastados da nova mesa do orçamento, desejando, também um maior reconhecimento público pela sua abnegação e capacidade de lutar pela causa republicana.¹⁴⁸

¹⁴⁸ SAMARA, Maria Alice D. A. – *As Repúblicas da República – História, Cultura Política e Republicanismo*, Tese de Doutoramento em História Contemporânea, Institucional e Política de Portugal, Universidade Nova de Lisboa, 2010, pp 308-309.

Rómulo de Carvalho (1986) que escolheu Campo de Ourique para morada dos seus últimos anos, afirmaria mais tarde em desabafo: “Não faltaram à I República os homens esforçados de quem se esperaria nos legassem melhor imagem da sua ação governativa. Vítimas dos seus vícios políticos e das circunstâncias por suas mesmas atitudes criadas, conduziram o país por uma via de instabilidade de tal modo permanente e angustiosa que o fizeram desembocar na mais indesejada das situações, a da mão pesada que reprime e exige.”¹⁴⁹

Nestas circunstâncias, os primeiros passos na implantação da I República marcaram um lugar conturbado na sociabilidade contemporânea, instalada, insistentemente, em registro da crise, quase em situação de não-lugar. A problematização e os seus impasses logo nos primeiros tempos da vida pública republicana cruzaram-se com a inabilidade, de todo o tamanho, ao não saber estabelecer uma relação saudável com a Igreja Católica. Afrontando-a sempre de forma crua e inconsequente, afetou as formas de sociabilidade política no espaço público.

A este respeito, Alice Samara acrescenta na sua investigação:

Nos dias seguintes ao 5 de Outubro em Lisboa assistiu-se a várias *alterações* da ordem. Neste contexto, cumpre salientar os distúrbios relacionados com a questão religiosa. Sem surpresa, a rua radical libertou as suas *fúrias*, perseguindo de forma especialmente vexatória padres e jesuítas. Eram o inimigo antigo, presente no argumentário da propaganda republicana. A rua acertava as suas contas com os antigos inimigos, mas o poder não se coíbiu, embora procurando controlar os excessos, de marcar a sua posição anticlerical.

A 7 de Outubro de 1910, uma força de marinheiros que patrulhava a rua do Quelhas foi alegadamente recebida a tiro e à bomba pelos ocupantes do convento, estabelecendo-se de imediato um tiroteio. A *Ilustração Portuguesa* fez referência a confrontos no Quelhas nas noites de 6, 7 e 8 de Outubro⁶⁷³.

O convento do Quelhas acabou por ser tomado e os seus ocupantes foram presos. Os civis assaltaram, aliás, os principais conventos de Lisboa, designadamente as Trinas, Arroios e o Colégio de Campolide. Foi nesta conjuntura que foram mortos dois padres, Alfred Fragues, superior do Colégio de S. Vicente de Fora, e Barros Gomes.¹⁵⁰

O regime republicano trouxe uma atitude anticlerical, diminuindo a influência da Igreja em várias áreas, como a educação e a política. Através da Lei de 20 de abril de 1911, desfez a aproximação histórica entre o Estado e a Igreja Católica, estabeleceu a separação, proclamando a liberdade de consciência e de culto, assim como a igualdade entre todas as religiões. O ensino religioso foi eliminado das escolas públicas e o Estado assumiu o controlo da educação de maneira imparcial em relação à religião. Cemitérios e outros locais públicos foram também laicizados, eliminando ícones religiosos e ações ligadas à Igreja Católica

¹⁴⁹ CARVALHO, Rómulo - *História do ensino em Portugal. Desde a fundação da nacionalidade ao fim do regime de Salazar-Caetano*. Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

¹⁵⁰ SAMARA, *op cit* (2010), p 306.

Os republicanos, escreve João Serra (1997):

“Fizeram da laicização da vida portuguesa um dos principais temas da propaganda, com argumentos em que aliavam traços do liberalismo político e do positivismo filosófico. Eram anticlericais, segundo a tradição maçónica, do mesmo passo que se opunham à realeza: monarquia e clericalismo, a seus olhos, equivaliam-se. O juramento religioso nos tribunais e outros atos oficiais foi abolido a 18 de Outubro depois de, a 8, ter sido decretada a expulsão dos Jesuítas e o encerramento dos conventos (com reposição em vigor de legislação pombalina e de 1834). As relações com as autoridades eclesiásticas entram de imediato em derrapagem.”¹⁵¹

Esta foi a tónica dominante durante os 16 anos da I República e, nesta época, como refere Oliveira Marques, (2010) “Sucederam-se 7 Parlamentos, 8 Presidentes da República, 46 governos, com dois períodos de ditadura (1915 e 1917-1918) e diferentes mudanças de ministros. Tal instabilidade política originou uma gestão extremamente deficiente, que dilatou a dívida externa de Portugal e fez aumentar o custo de vida cerca de trinta vezes entre os anos de 1914 a 1925.”¹⁵²

Em simultâneo, a Primeira República trouxe consigo mudanças significativas na toponímia de Lisboa, alterando nomes de personalidades monárquicas e religiosas por nomes que fazem referência aos ideais republicanos. Deposta a monarquia, era altura de retirar das placas de cada rua os nomes ligados ao regime anterior. Um dos exemplos mais evidentes foi a Avenida da República. Essa artéria, que antes se chamava Avenida Ressano Garcia, teve o seu nome alterado para homenagear o regime republicano, ao invés do engenheiro que concebeu as Avenidas Novas.

Tratou-se de uma estratégia para promover e firmar os novos valores republicanos na cidade para evitar qualquer associação com a monarquia e seus símbolos. As placas toponímicas serviam como um meio eficaz para reforçar a presença da República na vida diária dos lisboetas e para solidificar a sua legitimidade e os seus símbolos.

Ao revelar a história e a cultura de um lugar, a toponímia ajuda a fortalecer a identidade da comunidade. Os arquivos dos topónimos de Lisboa dão conta das alterações então realizadas:

“A República mudou o nome a 126 ruas lisboetas, a maioria para depor topónimos monárquicos ou religiosos. “Na véspera, 6 de Outubro de 1910, em Reunião na Câmara Municipal de Lisboa, presidida por Anselmo Braamcamp Freire (1849-1921), Nunes Loureiro (1873-?) apresenta uma proposta para alterações na toponímia da cidade, aprovada por aclamação. Assim, para além da alteração do nome da Avenida Ressano Garcia para Avenida da República, a Rua António Maria de Avelar passou a designar-se Avenida Cinco de Outubro.

Uma semana depois são feitas novas alterações: a Rua Bela da Rainha passa a denominar-se Rua da Prata; a Avenida D. Amélia passa a Avenida Almirante Reis; a

¹⁵¹ SERRA, João B. - *Portugal, 1910-1940: da República ao Estado Novo* - in “Portugal Moderno 1910-1940”, coord. Paulo Henriques, Catálogo Exposição Portugal-Frankfurt. 1997.

¹⁵² MARQUES, A.H. de Oliveira - *A Primeira República Portuguesa*, Texto Editores, 2010, pp 404, 409-410.

Rua D. Carlos I passa a chamar-se Avenida das Cortes; a Rua d'el-Rei passa a Rua do Comércio; a Avenida José Luciano passa a denominar-se Avenida Elias Garcia; a praça D. Fernando passa a praça Afonso de Albuquerque; a Avenida Hintze Ribeiro passa a Avenida Miguel Bombarda; a rua da Princesa a Rua dos Fanqueiros; a praça do Príncipe Real passa a praça Rio de Janeiro; o Paço da Rainha passa a largo da Escola do Exército.”¹⁵³

Reportando a Campo de Ourique, a toponímia já havia sofrido alterações na designação dos seus arruamentos, designadamente nomes das artérias associados aos regimentos militares que estiveram no aquartelamento do bairro, como a rua nº 2, à Parada de Campo de Ourique, que mudou o nome para Rua do Quatro de Infantaria e a Rua da Piedade trocou a designação para Rua de Infantaria Dezasseis.

O Quadro 4¹⁵⁴ mostra as primeiras alterações na toponímia da freguesia de Santa Isabel e posteriormente no início da urbanização do bairro, passando a marcar a identidade cultural e histórica de Campo de Ourique.

Alteração da Toponímia	Editais Municipais
Rua da Piedade para Rua de Infantaria Dezasseis	Editais de 1812
Rua dos Pousos para Rua de Campo de Ourique	Editais 1 Setembro 1859
Rua 1 (à Parada de C. Ourique) para Rua Ferreira Borges	Editais 30 Agosto 1880
Rua 2 (à Parada C. Ourique) – Rua do Quatro de Infantaria	Editais 30 Agosto 1880
Rua 3 (à Parada C. Ourique) para Rua Tomás da Anunciação	Editais 30 Agosto 1880
Rua 4 (à Parada C. Ourique) para Rua Francisco Metrass	Editais 30 Agosto 1880
Rua 1 para Rua Pereira e Sousa	Editais 23 Maio 1882
Rua 2 para Rua Correia Teles	Editais 23 Maio 1882
Rua 4 para Rua Almeida e Sousa	Editais 23 Maio 1882
Rua 5 para Rua Coelho da Rocha	Editais 23 Maio 1882
Ruas Santa Isabel/S. Miguel da Boa Morte para R. Saraiva de Carvalho	Editais 16 Novembro 1885
Rua 3 para Rua Infantaria Dezasseis	Editais 7 Agosto 1911
Rua São João dos Bem-Casados para Rua Silva Carvalho	Editais 16 Outubro 1920
Rua 2 (à R. Correia Teles) para Rua Tenente Ferreira Durão	Editais 11 Janeiro 1926
Rua 3 (à Rua Correia Teles) para Rua Azedo Gneco	Editais 11 Junho 1926
Rua 4 (à Rua Correia Teles) para Rua Carlos da Maia	Editais 12 Março 1932
Rua 5 (à Rua Correia Teles) para Rua Sampaio Bruno	Editais 12 Março 1932
Rua Particular 1 (aos Prazeres) para Rua Gervásio Lobato	Editais 12 Março 1932
Rua Particular 2 (aos Prazeres) para Rua André Brun	Editais 12 Março 1932
Rua Direita da Boa-Morte para Rua do Patrocínio	s. d.

Quadro 4 – Alteração da toponímia de Campo de Ourique – André Leitão, 2013

¹⁵³ AAVV - *Alterações na toponímia da cidade de Lisboa*. Fundação Mário Soares e Maria Barroso, Arquivo & Biblioteca, 6 de Outubro de 1910

¹⁵⁴ LEITÃO, André de Oliveira - *Entre cifras e factos: a toponímia de Lisboa como locus memoriae*, 7as Jornadas de Toponímia de Lisboa, Memória do Tempo. Teatro Aberto, 19 e 20 de Setembro de 2013

Entre as figuras ligadas à causa republicana, que residiram ou passaram por Campo de Ourique, marcou lugar proeminente o ilustre poeta Guerra Junqueiro. Habitou o bairro numa vivenda da Rua de São Luiz, 52-54, atual Rua Silva Carvalho (fig. 4.4). De nome completo Abílio Manuel Guerra Junqueiro, natural de Freixo de Espada à Cintra (Trás-os-Montes), nascido no dia 15 de Setembro de 1850, escolheu para morada dos seus últimos dias Campo de Ourique.



Fig. 4.4 - Casa onde viveu Guerra Junqueiro – R. Silva Carvalho, 52
Eduardo Portugal, 1955, AFCML, Ilustração Portuguesa, 14 de Julho de 1923

Reconhecido como o "poeta da República" devido à sua influência no clima revolucionário que resultou na queda da monarquia, foi um dos principais representantes do Realismo, com uma poesia panfletária, lírica e satírica. A sua obra abrange o final do século XIX e o começo do século XX, tratando de questões sociais e políticas, realizando uma crítica incisiva às injustiças e às elites corruptas da época. A sua atuação na luta contra a monarquia, principalmente após o Ultimato Inglês de 1891, fez dele uma figura central no movimento republicano. Entre 1911 e 1914, desempenhou a função de embaixador de Portugal na Suíça.

António Franco (2023) traça o essencial do percurso do poeta:

“Durante a 1ª República, Guerra Junqueiro passou de ativista republicano e influente escritor a diplomata, sendo nomeado Ministro Plenipotenciário em Genebra, na Suíça, entre 1911 e 1914. A sua ação política incluiu a oposição à monarquia, expressa em poemas que desenvolveram para o ambiente revolucionário que levou à instauração da República em 1910.

Antes de 1910, Junqueiro já era um crítico da monarquia, especialmente após o Ultimato Inglês de 1890, que o levou a aderir totalmente à causa republicana. Após a instauração da República, foi eleito deputado e nomeado o cargo de Ministro Plenipotenciário em Genebra, onde se reuniram até 1914.

O seu trabalho como embaixador foi o culminar do seu envolvimento com a causa republicana, e após o regresso a Portugal, mudou-se da vida política. A sua obra literária, que ajudou a criar o sentimento anti-monárquico, e o seu papel político ativo fez dele uma figura de extrema importância na transição para a República.”¹⁵⁵

No âmbito da sua ação, em prol do republicanismo, Guerra Junqueiro desempenhou um papel importante na seleção da bandeira da Nacional, embora não tenha criado o desenho definitivo. Ele sugeriu um projeto de bandeira, chamando-o de "Os centros da alma nacional", que participou do concurso público para o estandarte. Contudo, o *design* final da bandeira portuguesa foi criado por Columbano Bordalo Pinheiro, com base no modelo sugerido por uma comissão designada pelo Governo Provisório, em 15 de Outubro de 1910.

Este facto, relacionado com a bandeira portuguesa está relatado por Almeida & Pereira (2023):

“Após a implantação da República, o Governo Provisório criou uma comissão com a incumbência de criar uma nova bandeira nacional. Logo a 29 de novembro de 1910, era aprovado o novo símbolo nacional: o azul e branco da Monarquia são substituídos pelo verde e vermelho da República, enfatizando assim o projeto de renascimento da Pátria do regime republicano. Apesar de célere, este processo estava longe de ser pacífico ou imediato. O poeta Guerra Junqueiro foi, sem dúvida, o grande paladino da bandeira azul e branca. Apresentando ele mesmo um projeto alternativo para a bandeira, defendeu estas cores não por serem as da Monarquia, mas por serem «as cores da alma nacional». De pouco adiantou, porém, a polémica e as várias tentativas de defender este e outros projetos. A bandeira verde e rubra haveria mesmo de vingar, ratificada que foi em 1911.”¹⁵⁶

O falecimento do poeta, em 7 de Junho de 1923, teve eco em toda a imprensa escrita da época, como em “O Século” de 8 de julho de 1923 dando a notícia: “Morreu Guerra Junqueiro! O falecimento do Grande Poeta, símbolo da Raça, causou em todo o país o mais extraordinário pesar.”¹⁵⁷ No dia 9 de Julho, o jornal volta a anunciar: “O seu corpo seguiu para a Basílica da Estrela, sendo acompanhado, em romagem piedosa, por uma multidão composta de gentes de todas as classes. A urna foi coberta com a bandeira nacional, dando visibilidade à ideia de que o poeta constituía um verdadeiro símbolo da identidade nacional.”¹⁵⁸

¹⁵⁵ FRANCO, António Cândido – *O Essencial sobre Guerra Junqueiro*, Imprensa Nacional, 2023, p 82.

¹⁵⁶ ALMEIDA, Bernardo & PEREIRA, Henrique - *Um objeto e seus discursos – Postal de Silva e Sousa: Guerra Junqueiro – A derrota da bandeira nacional azul e branca*, Museu Guerra Junqueiro, 1 de Julho de 2023.

¹⁵⁷ Morreu Guerra Junqueiro. O Século, 8-07-1923

¹⁵⁸ Guerra Junqueiro. O Século, 9-07-1923

Entretanto, debate-se qual deve ser o destino do corpo do notável poeta. A Câmara dos Deputados determina por unanimidade a realização de um funeral nacional, aprova o luto nacional e decide, ainda, que Guerra Junqueiro seja sepultado no Mosteiro dos Jerónimos, naquela época operando como Panteão Nacional, ao lado de Camões, Garrett, Herculano e João de Deus.



Fig. 4.5 - Última foto de Guerra Junqueiro – André Moura
Ilustração Portuguesa 15-Julho-1923

O funeral realizou-se, então, no sábado, dia 14 de julho de 1923, tendo o cortejo feito o percurso entre o Palácio do Congresso e o Mosteiro dos Jerónimos entre duas filas compactas de gente, com a presença de milhares e milhares de crianças “Na sua edição do dia 14 de Julho de 1923, a “Ilustração Portuguesa”, profusamente ilustrada, enaltece o poeta: “Ante o cadáver de Guerra Junqueiro não temos palavras que exprimam claramente a nossa mágoa, porque tudo é vulgar e impróprio. Calou-se para sempre a voz clara e divina, voz de pegureiro e de apóstolo, que encheu de beleza e de ternura, de sonho e de graça a alma de Portugal.”¹⁵⁹

O “Século” do dia 15 de Julho dá a notícia: “Depois do velório e da missa, o corpo foi trasladado para o Palácio do Congresso, onde é novamente velado, partindo daí, então, para os Jerónimos. Antecipando o funeral, o “Século” escreve: Nesse dia, o povo de Lisboa abandonará os seus lares e virá, em massa, para a rua, erguendo nos ombros robustos a urna sagrada que

¹⁵⁹ Ilustração Portuguesa nº 908, 14 de Julho de 1923

contém o corpo de Guerra Junqueiro. O caminho que seguir, através da cidade, será o caminho da glória. Levado pelo povo, o Poeta repousará tranquilo nos Jerónimos, no altar abençoado do Pátria, que ele cantou como ninguém.”¹⁶⁰

Em 1927, homenageando o poeta, o “Jardim da Estrela” - no sopé do planalto do bairro - foi rebatizado para “Jardim Guerra Junqueiro”. “O parque, que data do século XIX, aberto ao público em 1852, foi outrora o “Passeio da Estrela”, lugar cheio de atividade, onde eram frequentes as festas de caridade dadas por senhoras de alta sociedade com quermesses, tómbolas, corridas de velocípedes, fogo-de-artifício e outras atrações. Um dos pontos centrais do jardim é o coreto verde de ferro forjado, onde os músicos tocavam nos meses de Verão. Este coreto foi construído em 1884 e encontrava-se originalmente no “Passeio Público” antes da construção da “Avenida da Liberdade” tendo sido transferido para o jardim em 1936.”¹⁶¹

Retomando o título do subtema, “os reveses da nova aurora” emergiram da instabilidade política provocada pelo parlamentarismo e pela dificuldade dos governos obterem apoio devido à fragmentação partidária difícil de aplicar. Um dos grandes objetivos da Primeira República Portuguesa foi promover uma verdadeira rutura com o passado monárquico, apostando em reformas que modernizassem o Estado e a sociedade.

De reconhecer, nesse sentido, que se promoveu o combate ao analfabetismo, com a expansão da rede de escolas primárias públicas. Do mesmo modo incentivou-se uma maior participação de associações políticas, culturais e sindicais, tornando os ambientes urbanos centros de debate político intenso, mas também de propaganda e conflito ideológico. Por isso, cedo se fez sentir a instabilidade política, marcada pela sucessão rápida de governos e de revoltas e crises económicas agravadas pela participação na Primeira Guerra Mundial. Os reveses da república surgiram, assim, com a instabilidade e o declínio do nível de vida que levaram à perda de apoio popular e ao surgimento de soluções autoritárias.

¹⁶⁰ O Século, n.º 14874, 12-07-1923 - Guerra Junqueiro será conduzido amanhã para o Palácio do Congresso realizando-se o seu funeral depois de amanhã às 18 horas.

¹⁶¹ CALÇADA, Marta - *Jardim da Estrela / Jardim Guerra Junqueiro*, CML, Sistema de Informação para o Património Arquitetónico, 2001.

4.3 NOVOS PERSONAGENS NA SOCIABILIDADE

No contexto político reproduzido, de problematização da coisa pública e seus impasses, Campo de Ourique encontrou, na sua primeira fase de urbanização, centralidade com o aparecimento de “novos personagens”, usando a expressão cunhada pelo sociólogo brasileiro Eder Sader (2013).¹⁶²

A chegada do comboio fomentou a mobilidade das populações. Em 1902, foi construída em Campolide uma junção transversal, permitindo a circulação direta dos comboios a esta estação.¹⁶³ Os movimentos migratórios internos intensificaram-se e muitos com destino a Campo de Ourique.

“Provinham, na sua maioria dos concelhos predominantemente rurais e das localidades mais isoladas onde a fixação era difícil devido à escassez de emprego e às distâncias a percorrer para as vilas e outras áreas urbanas mais próximas. Chegados à capital, os minhotos entregavam-se às mais diversas atividades. As profissões que exerciam também tinham em grande medida a ver com a sua experiência e hábitos trazidos das suas terras.

Do Minho vieram os pedreiros, carpinteiros e estucadores, de Caminha e Viana do Castelo os padeiros, de Arcos de Valdevez e Ponte da Barca os ervanários e tasqueiros de Monção, os taberneiros de Vila Nova de Cerveira, Valença, Paredes de Coura e Ponte de Lima que vieram a tornar-se comerciantes do ramo hoteleiro.

Para as vacarias que então existiam vieram os de Arganil, os quais depois se fizeram leiteiros e, mais tarde, se tornaram pasteleiros. Vendiam o leite transportando-o em bilhas de zinco, enquanto os seus vizinhos padeiros do concelho de Tábua deixavam o pão às suas clientes, em sacas de pano que ficavam penduradas nas maçanetas das portas. Os alentejanos por seu turno, um tanto “pau-para-toda-a-obra”, dispersaram-se pelos mais variados ofícios.

Em relação às mulheres, o trabalho de empregada doméstica, vulgo de “sopeiras”, não era bem encarado entre as gentes minhotas pelo que, a maioria apenas vinha após o casamento e com o marido já com trabalho assegurado. Foram principalmente estas comunidades que contribuíram para o crescimento de Campo de Ourique na sua primeira fase de construção.”¹⁶⁴

À época, também os galegos marcavam presença nas esquinas das ruas da capital, em busca de algum tipo de trabalho. Fugiam das condições das terras de origem, com principal destaque para uma faixa que acompanha a norte a fronteira portuguesa do Minho e Trás-os-Montes. Com o tempo, alguns galegos conseguiriam ascender socialmente, trocando os trabalhos mais penosos por outros, tornando-se, por exemplo, proprietários de tascas. Alguns desses

¹⁶² SADER, Eder - *Quando novos personagens entram em cena*, Revista Labirinto – Ano XIII, nº 18, Junho 2013.

¹⁶³ Gazeta dos Caminhos de Ferro. 15 (348). 16 de Junho de 1902. Hemeroteca Arquivo Municipal.

¹⁶⁴ GOMES, Carlos - *Regionalismo em Portugal: subsídios para a sua história*, Casa do Concelho de Ponte de Lima. 1996, p 51.

espaços tornaram-se famosos, como o renomado restaurante “Gambrinus”, ainda hoje presente na Baixa de Lisboa.

Com a chegada de “novos personagens” dá-se o encontro de práticas populares e interpretações na sua trajetória e, conseqüentemente, o nascimento de novas experiências de sociabilidade no espaço urbano em construção. É possível perceber os impactos dessas transformações na consolidação das novas formas de sociabilidade em diversas dimensões na vida pública, quer na cidade em sentido amplo, quer nos bairros periféricos em sentido restrito.

Devido ao maior fluxo da população nas áreas urbanas, a falta de habitação disponíveis acentuou-se. A classe média, em expansão contínua, descobre neste cenário uma condição vantajosa, devido à sua maior disponibilidade financeira para residir nos novos bairros. A camada mais desfavorecida da população enfrenta grandes dificuldades para obter domicílio condizente com seus baixos rendimentos. As classes mais pobres são, portanto, forçadas a procurar, por conta própria, alternativas, improvisando alojamento onde é possível.

Como descreveu Nuno Teotónio Pereira (1994):

“Alguns senhorios tomam a iniciativa de providenciar alojamento especificamente destinado para esta camada mais desfavorecida e “fazem construir, eles próprios, nas traseiras dos seus prédios casas abarracadas para alugar a operários. Explica o arquiteto que os pátios vão-se localizar tanto em terrenos vagos como ocupados, o que leva quer a soluções de construção improvisadas, quer à conversão de estruturas já existentes. É por isso que a sua formação se dá um pouco por toda a cidade de Lisboa, mas com maior concentração nos bairros antigos e nos da periferia. A vila, à semelhança do pátio, procura estabelecer a relação habitação-local de trabalho, surgindo próxima de zonas industriais. Esta localização é justificada pela conveniência que os trabalhadores têm em viver perto do local de trabalho, valorizando, assim, o tempo de deslocação e evitando custos de transporte.”¹⁶⁵

Por seu lado, a arquiteta Maria João M. Rodrigues (1979) conceituava:

“A vila, à semelhança do pátio, procura estabelecer a relação habitação-local de trabalho, surgindo próxima de zonas do trabalho. Esta localização é justificada pela conveniência que os trabalhadores têm em viver perto do local de emprego, valorizando, assim, o tempo de deslocação e evitando custos de transporte. O pátio tem uma dinâmica muito própria, virada para o interior, que não chega a ser totalmente público nem totalmente privado.

Por um lado, este é um espaço *mais privado*, quando visto do exterior, pelos visitantes e passantes da via pública. Por outro lado, esta é a área *mais pública* dos habitantes da vila, relativamente às suas próprias habitações. Tendo em conta as habitações exíguas em que as famílias eram colocadas, muitas das atividades mais públicas da casa eram extensíveis ao pátio, onde os residentes cultivavam relações comunitárias e de vizinhança.”¹⁶⁶

¹⁶⁵ PEREIRA, Nuno Teotónio - *Pátios e vilas de Lisboa. 1870-1930: a promoção privada do alojamento operário*, in *Análise Social*, vol. XXIX, n.º 127. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1994. p. 511.

¹⁶⁶ RODRIGUES, *op cit* (1979), p.40.

Não deixa de ser claro que as condições de domicílio condiciona a esfera da sociabilidade. A socialização restrita às vilas e pátios acontece somente entre os moradores desses espaços, ou seja, entre indivíduos de um mesmo grupo populacional de idênticos recursos. A vila não incentiva a interação social entre os moradores destes espaços e os demais cidadãos do bairro, colocando-os em um cenário de isolamento, afastados da vida social urbana.

Sabe-se que provavelmente terão existido cerca de mil e duzentos pátios em Lisboa. Um inquérito governamental aos pátios na capital realizado em 1902 dá conta da situação então vivida: “Um relatório parcial, realizado em 1902, por incumbência do Ministério das Obras Publicas, Comércio e Industria, recensearam-se 130 pátios de arrendamento particular situados em 18 freguesias, com o objetivo de reconhecer o valor higiénico das habitações mais perigosas de Lisboa.”¹⁶⁷ Outro inquérito – sem fonte conhecida - realizado em 1905 registava 102 pátios, apenas 32 considerados habitáveis, num universo de 4294 habitantes, distribuídos em 1106 casas.

Em Campo de Ourique são já poucos os vestígios dessa realidade. Mas no início do presente século ainda havia sinais da sua presença na Rua de Campo de Ourique, no nº 75, do Pátio da Estalagem, no nº 81, da Vila Fernandes Lopes, no nº 122, do Pátio do Julião, no nº 191, da Vila Cesário Sanches e no nº 224 do Pátio das Sedas. Este último, de que era dona e senhora Palmira Sedas, era conhecido pelo “Pátio das Badalhocas”. Dois outros pátios eram habitados na Rua Infantaria 16, no nº 64, o Pátio do Serra e no nº 74, o Pátio do Severino. Assim como a Vila Maia, com duas entradas nos números 33 e 39 da Rua Domingos Sequeira (fig. 4.6). Ali estiveram, nasceram e ainda vive muita gente do Bairro, e novos habitantes que entretanto chegaram ao bairro.¹⁶⁸



Fig. 4.6 - Vila Maia, rua Domingos de Sequeira, Campo de Ourique
João Hermes Goulart, 1966. AML

¹⁶⁷ PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria. Conselho dos Melhoramentos Sanitários – Inquérito aos pátios de Lisboa: ano de 1902, Imprensa Nacional, 1903

¹⁶⁸ ALMEIDA, Adriana B. -, *O outro lado do enclave: projecto de paisagem em espaços marginalizados*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura Paisagísticas, Instituto Superior de Agronomia, Universidade de Lisboa. 2014, p. 46.

Este é um tema que remete para a tese desenvolvida pela historiadora Cecília Santos Vaz (2008), particularmente influenciada pelos trabalhos de Maurice Agulhon::

“O termo sociabilidade abrangendo diversas formas de convivialidade, desde as vividas em associações recreativas ou políticas até às experienciadas fora de um enquadramento institucional. A sociabilidade respeita aos planos intermédios da vida social, como os que se situam entre a família, nível primário, e as instâncias mais abstratas e políticas. Compreende atividades variadas, como a prática de um desporto ou a frequência de determinado espaço. Os objetivos destas práticas podem variar entre o puro lazer e o cumprimento mais ou menos impositivo de obrigações sociais, morais ou simbólicas. Os locais de sociabilidade são diversos, percorrendo desde espaços públicos ao privado.”¹⁶⁹

Agulhon distingue duas grandes perspetivas na noção de sociabilidade: “Por um lado, apenas as sociabilidades organizadas e institucionalizadas são consideradas. Por outro, são também tidas em conta as sociabilidades informais ligadas à vida social e à vida quotidiana. Neste âmbito, ganham também relevância os estudos desenvolvidos pela historiadora Maria Alexandre Lousada (1995), dando destaque ao papel da rua, como palco urbano por excelência, lugar de encontro e espaço de sociabilidade.”¹⁷⁰

Seguindo os autores, o problema da sociabilidade urbana prende-se com as dificuldades e desafios enfrentados na construção de relações sociais saudáveis e integradas em ambientes urbanos. Estas dificuldades podem incluir o isolamento social, a falta de espaços públicos de qualidade, a crescente desigualdade social e a dificuldade em criar laços comunitários fortes. A concentração de riqueza e oportunidades em certas áreas, enquanto outras são deixadas para trás, leva à exclusão social e dificulta a interação entre diferentes grupos.

Um dos aspetos mais relevantes no despontar da República, foi o programa político do novo regime enaltecer a cidadania no sentido de promover o surgimento de iniciativas imbuídas do mesmo espírito generoso, Algumas delas reivindicando para si uma ideia de expansão do ensino pautado pelos valores do ideário republicano e da liberdade. Trouxe consigo o acréscimo do movimento associativo, proporcionando o emergir de novos locais nos quais se discutiam ideias, se reuniam tertúlias, lugares onde se estava, se ficava, se passava e que passaram a marcar o percurso pessoal e a vertente política com um lado afetivo.

O combate ao analfabetismo, que predominou entre as preocupações de carácter social da recém-chegada República, promoveu o incremento de novas instituições escolares. É essencialmente nos períodos políticos críticos que se faz sentir com mais força a necessidade de transformar o sistema educativo. Os revolucionários de todas as tendências exigem uma

¹⁶⁹ VAZ, *op. cit.* (2008).

¹⁷⁰ LOUSADA, Maria Alexandre - *Espaços de Sociabilidade em Lisboa: finais do século XVIII a 1834*, Tese de doutoramento em Geografia Humana, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1995.

modificação da instituição escolar que corresponda à sua vontade ambiciosa de construir uma nova sociedade sobre as ruínas da antiga.

Campo de Ourique, anteriormente à queda da Monarquia, contava apenas desde 1905 com uma instituição de ensino, as Oficinas de S. José:

“As Oficinas de São José fundada por iniciativa conjugada de Isabel Maria de Lacerda Castelo Branco e do padre Francisco Herculano Cordeiro, dentro do espírito e das obras educativas promovidas por S. João Bosco, a favor dos jovens mais pobres e abandonados da sociedade. O edifício da escola, na Rua Saraiva de Carvalho, em terreno comprado em 1903 pelos Salesianos, foi obra do arquiteto Mário Carradini. Em 1901, instalada a República, os Salesianos são expulsos e o edifício é transformado em Hospital Militar e, depois, em quartel dos Sapadores do Caminho-de-Ferro. Em 1920 é devolvido à Sociedade Salesiana num estado lastimoso, sendo-lhe atribuída uma pequena indemnização. Nesse mesmo ano reabriram as Oficinas de S. José.”¹⁷¹



Fig. 4.7 – Oficinas de S. José, Alto dos Prazeres – Restos de Coleção 1953

A pretensão de um maior empenhamento do governo no desenvolvimento da educação pública teve, acima de tudo, para o partido Republicano objetivos políticos. De facto, o elevado analfabetismo e o baixo nível médio de escolarização da população eram condenados como fatores do peso do reacionarismo político no país. “Foi assim que logo nos primórdios da República, teve expressão imediata em Campo de Ourique, a instalação no bairro dos primeiros estabelecimentos vocacionados à instrução das primeiras letras. O aumento dos gastos públicos foi, contudo, pequeno e o seu resultado no curto prazo foi bastante reduzido. Nas vésperas da I

¹⁷¹ ANJOS, Amador - *Oficinas de S. José, os Salesianos em Lisboa*, Edição Salesiana, 1999, p. 17.

Guerra Mundial a proporção de adultos analfabetos em Portugal andava ainda por cerca de 70 por cento.¹⁷²

Logo no mesmo ano da implantação da República (1910), a 10 de Junho, é fundado o Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique (GILCO),¹⁷³ que mais tarde passou a denominar-se “Sociedade de Instrução de Campo de Ourique”, designação que adotou em face de lhe não ser permitida a de Grémio. “A iniciativa surgiu de um grupo de republicanos habitantes do bairro, lançada por Abel Pereira Marta, António Maria Cardoso, Magalhães Lima, entre outros. Com sede na Rua da Piedade (depois, Rua Infantaria Dezasseis), a escola abriu com o propósito de promover a educação, instrução e assistência entre os habitantes dos bairros mais pobres, bem como um tipo de lazer cultural.”¹⁷⁴



Fig. 4.8 - Primeiras instalações GILCO, Rua da Piedade, nº 28 – s. d.

No ano seguinte (1911) é criada a escola Ressano Garcia, sendo por isso uma das mais antigas Escolas em atividade no bairro. Até final do século, a Escola funcionou numa parte de um edifício do século XVIII, o Convento do Senhor da Boa Morte, e apesar de inserida num espaço partilhado com a Assistência Infantil de Santa Isabel.

¹⁷² MATA, E. & VALÉRIO, N. (1994), *História Económica de Portugal – Uma Perspectiva Global*, Lisboa, Editorial Presença, 1994 p 166.

¹⁷³ SILVA, Zacarias - *Sociedade de Instrução de Campo de Ourique*, OLISIPO - Boletim do Grupo “Amigos de Lisboa”, Ano XXVIII nº 109, Janeiro 1965, pp 80-81.

¹⁷⁴ CORDEIRO, Graça I. - *Bases éticas para práticas lúdicas: associativismo e sociabilidade numa colectividade de Lisboa*, in Lugares de Aqui – Actas do Seminário “Terrenos Portugueses”, Etnográfica Press. 1991.

No mesmo ano, no dia 11 de Novembro, é inaugurado no topo da Avenida Pedro Álvares Cabral, o “Liceu Pedro Nunes” que na época da fundação albergava alunos moradores nos bairros da Lapa, da Estrela, de São Mamede, Campo de Ourique, São Paulo, Santos, Alcântara, Ajuda e Belém.¹⁷⁵

Em 1915 abre a “Escola Primária Nº. 6”, em edifício, inicialmente, separado em dois corpos: Escola nº. 6, masculina e Escola nº. 9, feminina. Havia assim um muro "intransponível" a dividir a escola - metade para os rapazes, outra metade as raparigas. Na escola misturavam-se miúdos de bairros diferentes, como do Casal Ventoso, o então simplesmente chamado de bairro pobre.

Uma nova escola, dedicada ao ensino secundário, é inaugurada em 1920. A “Escola Industrial Machado de Castro”, que ao longo de três quartos de século de ensino reuniu muitos materiais didáticos e trabalhos executados nos domínios da Física, Química, Ciências Naturais, Matemática, Geografia, História, Línguas e Cartografia, contantes no “Inventário e Digitalização do Património Museológico da Educação”.

No ano anterior, dando continuidade ao desenvolvimento das preocupações com a educação popular, havia nascido uma instituição escolar vocacionada para adultos. É fundada em 1919 a “Universidade Popular Portuguesa”,¹⁷⁶ com sede na Cooperativa “A Padaria do Povo”,¹⁷⁷ sita à Rua Luís Derouet, nº 20 A (fig. 4.9).



Fig. 4.9 – A Padaria do Povo – Rua Luis Douruet, 20 A – s. d.

¹⁷⁵ DIAS, Marina T. - *Lisboa Desaparecida* - volume 9, Lisboa, Quimera Editores, 2007, pp 172-173.

¹⁷⁶ BANDEIRA, Filomena - *A Universidade Popular Portuguesa nos anos 20. Os intelectuais e a educação do povo: entre a salvação da República e a revolução social*. Dissertação de Mestrado. Universidade Nova de Lisboa. 1994, p 16.

¹⁷⁷ Fundada em 17 de Outubro de 1904, por proposta do Rei D. Carlos.

A iniciativa teve como dinamizadores António Augusto Ferreira de Macedo (1887-1959) e Bento de Jesus Caraça (1901-1948), tendo como participantes muitos dos intelectuais da época, designadamente figuras ligadas à revista “Seara Nova”. Os dois eminentes matemáticos e pedagogos residiam no bairro, vizinhos no mesmo prédio, na Rua Almeida e Sousa, um no rés-do-chão, outro no primeiro andar. António Augusto Ferreira de Macedo tem memorial evocativo em Campo de Ourique, edificado no “Jardim Teófilo Braga” (vulgo Jardim da Parada).

A instituição tinha como objetivo propiciar a educação permanente de adultos e a vulgarização científica e cultural, designadamente através da realização de conferências e sessões cinematográficas e da constituição de bibliotecas, dirigindo a sua atividade especialmente à classe operária, tornados sócios da instituição (fig. 4.10)



Fig. 4.10 - Quota de sócio da UPP – 1929 - Arquivo Histórico-Social/Projeto MOSCA

A par das preocupações com a educação outras formas de expressão artística emergiram na sociabilidade, como as bandas filarmónicas de cunho republicano que atuavam publicamente nos coretos dos jardins e abrilhantavam bailes e outras festividades. Neste domínio, desde 1872, Campo de Ourique já contava com a presença da “Sociedade Filarmónica Alunos Apolo”, dedicando-se, ao longo de mais de um século, ao meio recreativo, cultural e social do bairro. As primeiras instalações da sede funcionaram na Rua de São João dos Bem Casados, 41, 1º (atual Rua Silva Carvalho). Após alguns anos, a sede passou para a Rua da Arrábida, 70, 1º, e, finalmente, em 1956 regressou à Rua Silva Carvalho, 225, onde hoje funciona.

A criação desta sociedade partiu de um grupo de cabos de polícia da freguesia de Santa Isabel. O objetivo primordial era constituir uma banda filarmónica que teria a designação de União e Capricho. Como não conseguiram reunir elementos suficientes e não queriam aceitar

membros civis viram a sua ideia original morrer antes de tomar forma. No início da existência da Sociedade, o espírito “bairrista” estava muito presente.

Perante a falta de *quorum* para constituir uma banda só com elementos fardados, tiveram que abrir as portas a vizinhos civis. Da união da vontade dos cabos de polícia e dos civis da zona, surgiu então a “Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo”. A primeira atividade promovida, com grande sucesso, foi a banda filarmónica (foto fig. 4.11)



Fig. 4.11 - A banda “Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo” – 1926 “Restos de Coleção”

A banda atuava, ora em recintos fechados, ora na rua. Os tempos eram difíceis. Certo dia de 1907, a banda estava a tocar na rua, com o regente a dirigir a mesma utilizando uma pequena batuta modesta. Quando, na ocasião, é surpreendida com a passagem do Rei Dom Carlos, a banda logo se perfilou e passou a tocar o “*Hymno da Carta*”¹⁷⁸, o que “obrigou” o Rei a parar e a assistir. Agradado com a exibição, depois de agradecer, reparou na batuta do maestro. Não tardou que o rei enviasse, com dedicatória à banda filarmónica, uma batuta com cabo de prata, que passou a constituir o soberano troféu da Sociedade.

Ao longo dos anos a “Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo” foi apoiando e desenvolvendo as mais variadas atividades, como o teatro, a música, a dança, e desportos como o ténis de mesa, o boxe e o futebol de salão, bem como ações de beneficência.¹⁷⁹

¹⁷⁸ Foi o hino nacional de Portugal entre Maio de 1834 e Outubro de 1910

¹⁷⁹ Site oficial Alunos de Apolo

Vale também a pena fazer referência a outros lugares do bairro, de feição mais comercial, mas que não deixam de ser pontos de encontro de sociabilidade. Alguns ligados ao lazer, como as casas de vinhos ou pequenas tascas e outros espaços mais sofisticados.

No caminhar da sua urbanização, Campo de Ourique dispunha ainda de limitados espaços de convívio. Havia poucos estabelecimentos de estar e de beber, sendo a presença mais notória marcada pelas típicas tascas e adegas, com as carvoarias anexas, muitas delas propriedade de galegos. “Eram espaços de petisco onde era coisa vulgar entrar pela espelunca para “ir às iscas” ou “ir comer uma isca”, um quarto de pão e dois decilitros. Serviam-se “sem elas” ou “com elas”, ou seja com batatas cosidas e cortadas às rodas, que lhes davam um sabor particular.

Claro que a casa onde se comia, a indumentária era manhosa e acanhada, com os seus bancos corridos e mesas de madeira, às vezes sem toalha. O interior do balcão com as suas grandes pipas, o recheio da cozinha, não eram muito agradáveis à vista, mas o paladar suportava-os porque ofereciam prazeres que custavam pouco dinheiro e, em vez de repugnarem eram vivamente apetecidos.¹⁸⁰

Entre as tascas do mesmo tipo, de que o bairro dispunha, a casa da “Tia Iria”, na Rua Silva Carvalho (antiga Rua de São João dos Bem Casados), distinguia-se pela confeção que oferecia e pela clientela que a frequentava, artista e literatos. Nas paredes os azulejos com figuras jocosas e simples desenhadas, ditavam quadras e ditos de sabedoria popular. Aqui, lê-se: “Eu gosto de trabalhar porque trabalhar faz bem, mas gosto mais do descanso que não faz mal a ninguém”. Além, uma outra: “Nesta casa entram professores, doutores, caçadores, pescadores, soldados, engraxadores e outros bebedores”.¹⁸¹

Na mesma artéria do bairro, no gaveto com a Rua Campo de Ourique (antiga Rua dos Pousos) uma outra dessas casas chegou aos nossos dias: “Casa dos Passarinhos”, outrora também conhecida como “Fonte dos Passarinhos” (fig. 4.12). O estabelecimento surgiu de uma taberna propriedade de um indivíduo chamado José. Tinha o inédito de ter dois pardais soltos pela casa, com a porta permanentemente aberta para a rua, e os pássaros não fugiam.

¹⁸⁰ FERNANDES, Eduardo (Esculápio) - *Os Petiscos de Lisboa*, Conferência realizada na sede Grupo Amigos de Lisboa, OLISIPO nº 16, Outubro 1941, pp 138-141.

¹⁸¹ ADRIÃO, *op. cit.* (2015).



Fig. 4.12 - Casa dos Passarinhos (à direita na imagem)
Rua Silva Carvalho, 110 - Joshua Benoliel, in AML - 1912

Também a partir de uma taberna com carvoaria, situada na Rua do Patrocínio, abriu em 1925, na Rua Saraiva de Carvalho (antiga Estrada dos Prazeres) o “Chalé Canas”, pertença de Domingos António Ramiro, que chegou da Galiza a Portugal ainda jovem e aqui se fez homem de negócios com o comércio de carvão vegetal. “O Canas”, como era conhecido no bairro, foi dos primeiros espaços a servir café preparado com a água de Caneças, abastecida em bilhas de barro, vinda da povoação do subúrbio da grande Lisboa. O estabelecimento, que passou depois por vários proprietários, permaneceu aberto até à cerca de uma década, quando encerrou definitivamente.

Pelo bairro, aqui e ali, foram também abrindo as leitarias, como a “Morgadinha” do senhor Trindade, na rua Coelho da Rocha, que atendia diariamente Fernando Pessoa. Passou a ser centro de convívio ir à leitaria lanchar um copo de leite, um galão, uma torrada com pouca manteiga.

Mas, o grande lugar na história dos cafés e pastelarias de Campo de Ourique nasceu, genuinamente, com a inauguração da “A Tentadora”, em 1912, ocupando o rés-do-chão, do prédio de gaveto entre a Rua Ferreira Borges e a Rua Saraiva de Carvalho. Arquetizado com o *glamour* dos tempos e a traça da *Art Nouveau*, passou a constituir, como emblema de magnificência, o espaço icónico na vida social e cultural do bairro.

Desenhado por Ernesto Korrodi (1870-1944), o edifício integrava-se na nova tendência que à época se fazia sentir em Lisboa (fig. 4.13)). Esteticamente, a sua maior força expressiva mostra-se na regularidade das fachadas enriquecidas, através de cantaria decorativa e aplicação de azulejos com elementos florais. Korrodi teve especial cuidado em desenhar um edifício de

habitação e comércio, que qualificasse, simultaneamente, a entrada no bairro e a sua particular situação urbana em gaveto.



Fig. 4.13 - Fachada inicial d'A Tentadora, com duas portas de acesso – 1912 - AML

“Ernesto Korrodi, nascido em Zurique, adotou Portugal vindo aqui desenvolver uma carreira bem-sucedida que lhe rendeu por duas vezes o Prémio Valmor de arquitetura. A sua formação inicial deu-se na Escola de Arte Industrial de Zurique, no curso de escultor decorador e professor de desenho, habilitando-o para o concurso em Portugal, divulgado pelo consulado de português em Berna, Autodidata na sua carreira como arquiteto, o trabalho de Korrodi não era estritamente comprometido com o movimento da “Arte Nova”, mas em muitos de seus projetos, mesmo ecléticos, era possível perceber as nuances deste estilo, como se reconhece no edifício d'A Tentadora.”¹⁸²

Não tardou que surgissem no bairro outras edificações acompanhando as referências de *Art Nouveau*. No tempo é construído o edifício “A Concorrente” (1913), situado na Rua Domingos Sequeira e da “Panificação Mecânica” situado no gaveto da Rua Silva Carvalho com a Rua Campo de Ourique.

O empreendimento “A Tentadora” partiu de Manuel Lopes Coelho (1875-1958), conhecido e estimado em Campo de Ourique, como comerciante da “Mercearia Coelho”, no gaveto do prédio da Rua Saraiva de Carvalho com a Rua Domingos Sequeira. Na origem o negócio d’ “A Tentadora” não era apenas café, pastelaria e casa de chá. Disponha de tudo o que

¹⁸² OLIVEIRA, Maria Genoveva - *Ernesto Korrodi: roteiro na cidade de Leiria*. CEPAE - Centro do Património da Estremadura, Delegação Distrital de Leiria da Ordem dos Arquitetos. 2004.

demais *chic* em perfumaria, bijuterias, pinturas, e até bilhetes de visita em cartão marfim e pergaminho. (fig. 4.14).



A TENTADORA

*Papelaria, Tipografia, Tabacaria,
Cervejaria,
Pastelaria e Loja de Chá*

RUA FERREIRA BORGES, 1, 1-A E 1-B

A inauguração d'A TENTADORA o grandioso estabelecimento com que Manuel Lopes Coelho veio dotar os bairros da *Estrela e Campo de Ourique*, não podia deixar de causar enorme sensação, pois que não se sabe o que mais admirar, se a beleza do estabelecimento se a variedade enormíssima dos diferentes artigos, alguns de completa novidade!

E assombroso!... Ali nada falta!... Renne o útil ao agradável!...

O seu proprietário não se poupa a esforços para que A Tentadora, satisfaça por completo o fim a que visava!... Julga-te-o conseguido, pois que d'ora avante os apreciadores de *Bons doces* e dos magníficos bôlos da *Padaria Inglesa*, teem que procurar A Tentadora, que s'á ali encontr. n um sortido completo de *Pastelaria da casa Duarte & Lopes*, e os mais aromaticos *Chás e Cafés, Cacao e Chocolate*, e todos os produtos da importante fabrica *INIGUEZ*. Quem apreciar o bom fiambre, salame, queijo de todas as qualidades tem que se dirigir á Tentadora pois que ahi se encontra um bom sortimento de todos estes artigos.

As damas de bom gosto, que desejam ter belos perfumes, essencias finissimas, teem que ir a Tentadora pois que ali se encontra uma completa *Perfumaria* e tudo que á de mais *chic* em artigos de *Papelaria*, escritorio, bijouterias, tintas para escrever e pintura, encadernações de luxo, *Bilhetes de visita* em cartão marfim, edade media, inglez, pergaminho, e para luto.

Os ateliers tipograficos d'este estabelecimento são movidos a electricidade, fazendo-se todos os trabalhos com perfeição e economia.

Tem a Tentadora um sortido completo de tabacos nacionaes e estrangeiros que satisfará os mais exigentes. As magnificas *Águas mineraes* e de meza, engarrafadas, e a copo, taqbm em grande variedade se encontram na Tentadora, assim como cerveja Jinjer bier com pressão e engarrafada, de todas as fabricas e qualidades. Mas ainda não é tudo!...

Para que nada falte, ainda na Tentadora, se encontra como novidade *Cacao com leite ás chavenas*, assim como *café especial*, que de certo será muito apreciado pelos seus frequentadores.

Os melhores champagns, cognacs, vinhos finos, Porto e Madeira licores em garrafas e a copo, também A Tentadora caprichará em os possuir das melhores marcas.

Este estabelecimento, também sucursal da *Nutricia de Lisboa*, vende todos os produtos da especialidade d'essa casa taes como: Maltavena, Cacao nutricia, Bledine, Estrato de Malte em pó, Estrato de plantas, Leite fermentado, Leguminose, Alpina, etc., etc.

Emfim! Uma visita ás novas instalações de Manuel Lopes Coelho que n'um conjunto de beleza fórma A Tentadora, convencerá todo o publico de que tem ali um estabelecimento modelar, o que o Ex.^{mo} publico com certeza concorrerá para assim coadjuvar os esforços d'aqueles que teem iniciativa propria.

O proprietario da Tentadora procurará corresponder aos favores dos seus amigos e á gentileza do publico a quem muito reconhecido agradece.

Lisboa, 5 de Fevereiro de 1912.

Manuel Lopes Coelho

Fig. 4.14 - Anúncio de promoção d'“A Tentadora” “s.d.”

Manuel Lopes Coelho era natural Pedrógão Grande. Ainda jovem, emigrou para o Brasil onde chegou a possuir uma padaria em Belém, no Estado do Pará. Regressado a Portugal, em 1898 casou com Rita Assunção Machado, de quem teve duas filhas, Lúcia e Amélia. Em 1899, com 24 anos de idade, aderiu à Maçonaria, iniciando-se na Loja Elias Garcia, em Lisboa, integrada no Grande Oriente Lusitano Unido. Quatro anos depois atingiu como maçom, o grau máximo a que podia aspirar como praticante desse rito.

No princípio do séc. XX, em que tudo se movimenta num crescendo de afirmação dos ideais republicanos em Portugal, é neste período conturbado que, juntamente com o seu irmão António Lopes Coelho, os dois pedroguenses fundam a “Loja Acácia”, tendo como cofundadores comerciantes e carbonários de origem beirã, que dirigiram e ativamente contribuíram para o triunfo do movimento republicano que eclodiu vitorioso a 5 de Outubro de 1910.

Na inauguração d’A Tentadora, esteve presente Bernardino Machado (1851-1944), também maçom, de quem Manuel Lopes Coelho era amigo. Facto que não espanta tendo presente que, como membro da Loja Acácia, conviveu com alguns dos mais ilustres e influentes cidadãos e políticos republicanos da época.¹⁸³

O edifício ostentava na fachada do estabelecimento um medalhão, com moldura, também em estilo “arte nova”, representando uma senhora a tomar chá (fig. 4.15), pintura para a qual Manuel Lopes Coelho indicou para modelo a filha mais velha, Lúcia, a fazer 18 anos.¹⁸⁴



Fig. 4.15 - Medalhão na fachada d’A Tentadora – 1912 - AML

¹⁸³ AAVV - *Manuel Lopes Coelho, irmão da “Loja Acácia”: um dos pedroguenses que, com as armas na mão, fez República...*, Museu da República e Maçonaria 26 de Novembro. 2014.

¹⁸⁴ MANGORRINHA, Jorge - *Arquitecturas de Esquina em Lisboa*, Cadernos do Arquivo Municipal, n.º 4, CML. 2000.

“Eram tempos em que não seria qualquer um a entrar no requintado estabelecimento. Tinham até vergonha de entrar. Clientes frequentes eram as senhoras de bom gosto, desejosas dos melhores perfumes e essências finíssimas. Na casa da moda também não faltava um sortido completo de tabacos, nacionais e estrangeiros e os melhores champanhes, conhaques e vinhos finos”.¹⁸⁵

Mais tarde, já nos anos trinta, por razões que objetivamente se desconhecem, mas que podem ter tido a ver com a Revolta de Fevereiro de 1927 que ocorreu em Lisboa e no Porto, e em que gentes da Loja Acácia estiveram envolvidas, Manuel Lopes Coelho acabou por, com grande prejuízo e desgosto, trespassar “A Tentadora”. O que se seguiu na vida do proprietário é narrado pelo neto Fernando Sant’Ana Cardoso:

“O trespasso foi feito a favor de a uma família de apelido Melo, com quem se relacionava (...) Não se podia falar n’ A Tentadora, que lhe chegavam as lágrimas aos olhos, pelo que era assunto de que pouco se falava para não o entristecer.

O meu avô manteve-se sempre fiel aos princípios republicanos dominantes na época: os da tolerância, racionalidade e laicidade. Quando a filha Lúcia, a mais nova, casou em 1929, na Basílica da Estrela, ele não entrou, tendo ficado à porta a conversar com os cocheiros. Não queria nada com os padres, embora não se tivesse importado que a filha casasse pela Igreja, conforme lhe tinha sido pedido.

Faleceu a 14 de Maio de 1958 na Freguesia de Santa Isabel. Após a sua morte a família desfez-se de tudo o que possuíam dele – avental, colar e colherinha de pedreiro – por se entender ser perigoso ter em casa tais objetos maçónicos, politicamente comprometedores.¹⁸⁶

Simbolizando uma época, “A Tentadora” configura, em certo sentido a sala de visitas de Campo de Ourique, permanecendo no tempo com a traça de *glamour* que Korrodi lhe instilou. Mesmo quando procurada por modernistas, artistas e literatos, floresceu como espaço de compostura quieta e grave sem formalismo, sociável sem mundanidade.

A par das tabernas e das casas comerciais mais sofisticadas, encontramos em Campo de Ourique outros exemplos de locais de sociabilidade, pontos de encontro e de discussão, como as barbearias e as farmácias. Um destes estabelecimentos nasceu em Campo de Ourique, no nº 28 da Rua 4 de Infantaria, fundado em 1913, por Joaquim de Castro Fonseca (1884-1964), habilitado pela Escola Superior de Farmácia de Lisboa a “exercitar a Arte de Farmácia”. Antes tinha sido oficial do Exército e firme defensor da República. Ainda hoje a Farmácia Castro Fonseca está em atividade no edifício da sua fundação.

¹⁸⁵ DIAS, Marina T. – *Lisboa Desaparecida – Campo de Ourique*, vol. 7, Quimera Editores, 2001, pp 100-101.

¹⁸⁶ Museu da República e Maçonaria, *op. cit.* (2014).

Conforme recorda Francisco George,¹⁸⁷ dos tempos de criança em que viveu em Campo de Ourique, no prédio onde estava instalada a farmácia Castro Fonseca:

“Os medicamentos precisavam de prévia preparação antes de entregues aos clientes. Segundo as receitas dos médicos, era o farmacêutico que preparava os remédios na bancada nos almofarizes, meticulosamente nas balanças de precisão. Como sábios, tiravam, por magia, os pós ou líquidos dos grandes frascos de vidro semitransparentes, castanhos avermelhados. Uns com rolhas de cortiça e outros com tampas de vidro maciço afuniladas e com um “chapéu” redondo no topo. Os preparados, pastas, pomadas eram, então, embalados em pequenas caixas redondas de cartolina robusta, de diversos tamanhos.

Castro Fonseca era um homem alto, com barba branca, que vestia invariavelmente uma bata de cor castanho clara, semiaberta a mostrar o colete apertado que exibia o relógio metido no bolso. Com ele, trabalhava como ajudante de farmácia, Agostinho Palhinhas (1927-2014), figura também muito popular em Campo de Ourique. Controlava com mestria os pedidos manuscritos pelos médicos. Conhecia a letra de todos eles, descodificando, sem problemas, os seus rabiscos. Provavelmente conhecia o hábito das prescrições em função do médico ou das doenças dos seus clientes.”¹⁸⁸

Do que fica dito, percebe-se como Campo de Ourique vivia, à época, as relações de sociabilidade, formadas independentemente de outras necessidades ou orientações, de outros objetivos ou interesses, de natureza diversa, como militares, políticos, culturais ou económicos.

Nas palavras de Firmino da Costa, “a sociabilidade refere-se a uma dimensão, por assim dizer, especificamente relacional, presente nos fenómenos sociais os quais podem também comportar, em simultâneo, conteúdos substantivos diversificados. O que está em causa, de maneira implícita ou deliberada, em graus e modos variados, acompanhando aqueles outros parâmetros ou surgindo como que em “estado puro”, é o estabelecimento, em si mesmo, de relações sociais.”¹⁸⁹

Julgando interpretar as palavras do sociólogo, a sociabilidade nos bairros é essencial na vivência urbana, pois promove o sentimento de pertença, facilita a solução na eventualidade dos problemas quotidianos, fortalece os laços afetivos e apoio mútuo. Ou seja, a convivência entre moradores em momentos de lazer e a colaboração em dificuldades partilhadas fortalece a comunidade, transforma o bairro de uma simples demarcação territorial num espaço de uma identidade coletiva singular.

¹⁸⁷ Francisco Henrique Moura George é um médico português, especialista em Saúde Pública, que foi diretor-geral da Saúde entre 2005 e 2017.

¹⁸⁸ GEORGE, Francisco - *Campo de Ourique – Memórias da vida até à adolescência*, Dossier de Lutas, Março 2015.

¹⁸⁹ COSTA, António Firmino - *Estilos de Sociabilidade*, in “Etnografias Urbanas” Graça Cordeiro at al, Etnográfica Press, 21 Março 2018.

4.4 O DESPONTAR DO MODERNISMO

Conceptualmente, o modernismo é um conceito ambíguo: faz a separação do mundo natural e o mundo social; faz a separação entre os modernos e os não modernos; entre “nós” e os “outros”. Nas palavras de Michel Foucault (1966) o modernismo “faz a separação entre o modo de existência e o modo de pensamento.”¹⁹⁰

Daí que a noção de modernismo, tanto na literatura quanto nas artes em geral, possa ser vista como ambígua devido à sua essência variada e extensa. O modernismo não constitui um movimento homogêneo, mas sim um agrupamento de correntes e estilos que emergiram na primeira metade do século XX, apresentando características que podem diferir significativamente entre eles.

Sobremaneira, o termo "modernismo" denota uma era de rutura com as tradições e a procura por novas maneiras de expressão, influenciadas por transformações sociais, tecnológicas e políticas da época. Entretanto, essa procura por inovação e teste evidenciou-se em diversas estratégias e estilos, complicando a elaboração de uma definição única e universal do que é o modernismo.

Idêntico problema de ambiguidade se prende com a noção de boémia. Como descreve Cecília Vaz “as dificuldades constatadas na definição da boémia enquanto objeto de estudo repercutem-se naturalmente quando a questão se coloca na identificação de quem são afinal os boémios, ou seja, que indivíduos pertenceriam à boémia. De facto, ao se aceitar que a boémia adquire diferentes significações e que não se limita a uma função representativa de determinado grupo específico, mas antes é capaz de abranger diversos grupos, não parece viável determinar precisamente, ou pelo menos unanimemente, quem é que pertence ou não a este universo. Muitos estudos parecem seguir o princípio da notoriedade histórica ou artística dos intervenientes na boémia.”¹⁹¹

Fazendo a síntese, as relações entre o modernismo e a boémia não são, ao contrário do que se poderia imaginar, relações de aversão e distanciamento. Entre as duas séries discursivas existem vínculos de reciprocidade e complementaridade, mas também de hostilidade explícita. De modo geral, os aspetos de absorção e complementaridade parecem prevalecer. Por paradoxal

¹⁹⁰ FOUCAULT, Michel - *Les mots et les choses: une archéologie des sciences humaines*, Gallimard. 1966.

¹⁹¹ VAZ, *op. cit.* (2021), p. 40.

que possa parecer, a boémia e o modernismo são duas faces da mesma moeda: a boémia é um modernismo de transgressão e o modernismo é uma boémia intelectualizada.

O historiador português José-Augusto França (1979) discorre sobre o tema afirmando:

“O modernismo surgiu em Portugal aplicado a práticas artísticas e literárias de vanguarda irrompidas nas décadas de 1910 e 1920. A partir de então, passou a linguagem comum, caracterizando artistas e objetos artísticos adjacentes a atitudes de modernidade e com “uma conotação pejorativa, pelo menos de desconfiança, senão de ironia.

A arte moderna encontra o seu início no ano de 1911, coincidindo com a “Exposição Livre”. No entanto, esta data reflete mais o princípio de uma atitude do que a sua realização, coincidente com o primeiro “Salão dos Humoristas” em 1912 e 1913, a partir da qual a “guerra” começou”. É pelo humor, a caricatura e a ilustração que o modernismo penetra em Portugal. Cristiano Cruz, Almada Negreiros, Stuart Carvalhais e Jorge Barradas, entre outros, exprimem um requinte estilístico integrando muitas inovações pós *art nouveau*.”¹⁹²

A cultura, a esse tempo entendida como apanhado de conhecimentos e habilidades eruditos (Arte, Literatura, História...), era encarada como dote, prenda e, por conseguinte, despertava muito interesse junto às elites locais, uma vez que se podia utilizar como instrumento de distinção. No início da década predominam nas artes plásticas os padrões naturalistas herdados do século XIX, estética que a nova ideologia não questiona, com os seus conceitos de exaltação republicana. Mas os jovens artistas por tradição enviados a Paris, com bolsas oficiais ou a expensas familiares, já não vêm o mundo com os mesmos olhos. Vive-se lá fora em plena revolução modernista.

Os artistas da vanguarda histórica portuguesa, inspirados pelas influências que chegavam de fora, tentaram criar uma estética que desafiava a tradição e procurava definir um novo papel da arte na sociedade. Nesse percurso, a vanguarda nacional seguiu princípios gerais comuns aos diferentes movimentos de vanguarda internacionais, tão importantes quanto os que existiam em França, entre outros países, e dos quais partiram relevantes ondas de influência do experimentalismo nas artes e literatura.

Sobre os artistas da vanguarda nacional, José-Augusto França (2000) acrescentou:

“O início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, fez regressar a Portugal os escritores, poetas e pintores que se encontravam em Paris. Começam então a chegar os “parisienses”, obrigados pela guerra a recolher à terra. O ânimo que traziam seria convertido em grupos artísticos, salões e planos de revistas. No fundo era uma tentativa de romper com os cânones oficiais e a forma como se fazia e via a arte em Portugal.

É através deles que se opera a rotura modernista. Mas o pintor que melhor incorpora o espírito do tempo, assimilando a explosão vanguardista em todo o seu ecletismo, é, sem dúvida, Amadeo de Sousa-Cardozo, regressado em 1914, após oito anos de exílio parisiense.

Tendo-se tornado em Paris destacado seguidor cubista, Amadeo revela-se dos primeiros abstracionistas. Outro retornado de Paris, também em 1914, é Guilherme

¹⁹² FRANÇA, José-Augusto - *O Modernismo na Arte Portuguesa*, Biblioteca Breve, Instituto da Cultura Portuguesa. 1979.

Santa-Rita que se autoproclama representante do futurismo em Portugal. Para vingar o seu projeto, Santa-Rita encontra como primeiro aliado Almada Negreiros, outro jovem aberto a tudo o que seja inovação estética.”¹⁹³

Mas é fora da área plástica que o futurismo encontra o seu mais consistente advogado, na forma teórico-literária. Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro cultivaram uma amizade intensa, preservada principalmente por meio de cartas enquanto Sá-Carneiro residia em Paris. Essa conexão literária foi fundamental para os dois, impactando reciprocamente a produção textual, e resultou na criação da revista “Orpheu” que sinalizou o começo do modernismo em Portugal. Apesar da separação geográfica, a interação entre os dois foi de significativa cooperação e impacto recíproco.

A 25 de Março de 1915, enquanto decorre a Primeira Guerra Mundial e num período de grande agitação política e económica no país, foi colocado à venda o primeiro número da revista “Orpheu”. Foi o ponto charneira do início do modernismo em Portugal, rompendo com a tradição. Tal como outras publicações literárias surgidas após a proclamação da República, representava o reflexo de uma geração jovem que procurava libertar-se de preconceitos e escolhia determinados espaços (teatros, cafés e cabarés) para se afirmar.

“Orpheu” foi, na prática, obra de um grupo de homens nascidos entre o último quinquénio da década de 1880 e o primeiro da década de 1890. Jovens com idades, praticamente, na mesma faixa etária, entre os 20 e 30 anos. Com méritos certamente bastante desiguais, é a este grupo de rapazes (os “putos” de “Orpheu”) que cabe a honra histórica de ter lançado o modernismo em Portugal.

O mais velho dos autores do primeiro número de “Orpheu” era Amadeu de Sousa-Cardoso com 28 anos, Fernando Pessoa 27, Sá-Carneiro, Luís de Montalvor e Armando Côrtes-Rodrigues tinham 24, Alfredo Guisado tinha 23, Ronald de Carvalho 22 e Almada Negreiros 21. António Ferro com apenas 19 não tinha ainda atingido a maioridade - à data estava fixada nos 21 anos.

Por essa circunstância, foi Ferro que assumiu, involuntariamente, a direção da revista. Uma imposição, por interesse, sugerida por Mário de Sá-Carneiro: “Convém que seja ele (António Ferro) porque é menor e se surgir qualquer complicação a sua responsabilidade não tem

¹⁹³ FRANÇA, José-Augusto - *A Arte e a Sociedade Portuguesa no século XX: 1910-2000*, Livros Horizonte. 2000.

consequências”.¹⁹⁴ Isto é, no caso de ocorrência de algum problema jurídico este não teria repercussões, não obstante o facto constituir uma ilegalidade na época.

A capa da revista (fig. 4.16) foi desenhada por José Pacheco (1885-1934), que se designava-se a si próprio “arquiteto pela graça de Deus” e assinava “Pacheko”. Foi Mário de Sá-Carneiro, que o conheceu em Paris e o apresentou a Fernando Pessoa, que pediu ao amigo que a configurasse.



Fig. 4.16 - Capas da revista Orpheu 1 e 2 – AML 1915

O ensaísta Gustavo Nobre interpreta: “Olhando de perto para a revista, é possível que a mulher nua, de cabelos compridos soltos e de braços abertos como Cristo, encurralada entre duas velas altas com a chama erguendo-se nas alturas, tenha sido inspirada na figura de Isadora Duncan, a criadora da chamada “dança livre”. Sabe-se que, em 1914, José Pacheco assistiu entusiasticamente aos bailados da dançarina e coreógrafa, tendo-a depois desenhado em diferentes posições de Ballet com pastel e guaches brancos e vermelhos sobre cartão cinzento-escuro.”¹⁹⁵

Steffen Dix (2017) escreveu sobre o “Orpheu”, realçando o impacto da revista:

“A revista distinguiu-se de outras publicações do seu tempo por vários fatores, tais como o papel, layout, material publicado, relações externas ou estratégias de

¹⁹⁴ FERREIRA, Luís Miguel - *Artes gráficas en Portugal en el periodo de las vanguardias históricas (1909–1926)*, Tesis Doctoral en Estudios Avanzados en Producciones Artísticas, Facultad de Bellas Artes, Universidad de Barcelona. 2014, p. 40.

¹⁹⁵ NOBRE, Gustavo - *José Pacheco*, in *Colóquio-Artes*, nº 35, Dezembro, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian. 1977.

divulgação. Todos estes aspetos revelaram uma forma de modernidade que se tornou modelo praticamente para todas as revistas literárias ou artísticas que surgiram em Portugal nos anos seguintes.

O papel do *Orpheu* tinha uma qualidade muito superior à da maioria das publicações da época, constatando o estado de conservação de diversos exemplares desta e de outras revistas. Reconhecia-se que as 83 páginas da revista tinham sido “impressas em excelente papel e o tipo de letras cuidadosamente escolhido. Numa das primeiras críticas, se diagnosticava óbvios sinais de paranoia nos colaboradores do *Orpheu*” (cf. o artigo publicado n’*A Capital*, a 30 de março de 1915).¹⁹⁶

“*Orpheu*” teve apenas dois números, mas pode dizer-se que a revista não passou despercebida, muito pelo contrário. A reação na imprensa não se fez esperar. “Literatura de manicómio”, chamou-lhe “*A Capital*”, na sua edição de 30 de Março 1915, no título de um dos muitos artigos de crítica, mais ou menos galhofeira, que assinalaram na imprensa o nascimento de revista. Naturalmente, Pessoa e *compagnos de route* indignaram-se com o diagnóstico de alienação mental que Egas Moniz escreveu sobre eles. Era voz corrente que Fernando Pessoa e o psiquiatra se conheciam desde, pelo menos, 1907.

No artigo d’ “*A Capital*”, à pergunta do jornalista:

- “Doutor. Os rapazes são malucos? o futuro Nobel terá respondido com o texto que Pessoa transcreveu e que, mais tarde, criticou duramente em textos que permaneceram inéditos nas suas arcas até a sua morte:

- Ora! São meninos sem talento que querem chamar sobre si as atenções do público vomitando asneiras. Uns copiam detestavelmente Eugénio de Castro, outros plagiam horivelmente alguns os poemas “Só” de António Andrade. Há até um novel poeta que publica um soneto sem pontuação alguma. É a sua originalidade. E todos fazem um simbolismo idiota e grotesco, sem elevação nem critério.

Pergunta-me se são produções de degenerados. Nada disso. Esses escreveriam melhor. Querem chamar sobre si o escândalo, mas nem isso conseguem.”¹⁹⁷

Jerónimo Pizarro (2015), que se interessou pela obra de Fernando Pessoa, descreve o testemunho do psiquiatra Júlio de Matos, quer sobre o “*Orpheu*” quer sobre os seus autores:

- “Eu ainda não li a nova revista. Mas, essas criaturas são em geral indivíduos que querem á fina força celebrar-se provocando o escândalo. A concorrência nas sociedades modernas é terrível. Custa muito a fazer um nome.

Por isso, os poetas do Orfeu escrevem esses disparates, talvez com o fito, – se é que têm talento – de passarem depois a escrever coisas de valor, quando já todos tiverem reparado suficientemente nos seus nomes.

É evidente que quem quiser ser extravagante tem de se assemelhar aos loucos. O terreno comum onde se encontram é o disparate. Em França, com os românticos, sucedeu um pouco o mesmo. Para escandalizarem a suscetibilidade burguesa, passaram a andar vestidos de cores berrantes, de maneira diferente de todos.”

Acrescenta nas palavras do psiquiatra:

“Um dia, Beaudelaire (1821-1867) chegou-se ao pé de um sujeito que estava em companhia de três filhas e perguntou-lhe qual delas é que se destinava à prostituição.

¹⁹⁶ DIX, Steffen - *O Orpheu ou o “momento histórico” da modernidade / modernização sociocultural em Portugal*, Pessoa Plural, nº 11, 2017.

¹⁹⁷ *A Capital*, “Doutor os rapazes são malucos?”, 30 de Março de 1915.

Ora isto significaria que Beaudelaire era malcriado, no verdadeiro sentido da palavra? Por certo não. Apenas significava o propósito consciente e premeditado de ferir, de épater le bourgeois. Um dia, este poeta teve a excentricidade de pintar os cabelos de verde.

Os amigos, que já estavam prevenidos, não fizeram caso. Beaudelaire, que queria causar impressão, ficou furo por não lhe ligarem importância. E tratou logo de reparar o cabelo á escovinha, coisa que não se usava, para ver ainda se conseguia despertar as atenções.

É evidente que estas criaturas não são absolutamente equilibradas. Mas também não é justo chamar-lhes doidos. Deixem-nos lá. A minha opinião resume-se nisto: Os senhores fazem mal em ligar-lhes importância, em fazer-lhes reclame. Isso é o que eles querem. Portanto não são doidos.”¹⁹⁸

No mesmo paradigma foi o comentário do convencional do escritor Júlio Dantas, na “Ilustração Portuguesa”, edição em 19 de Abril de 1915 (fig. 4.17).

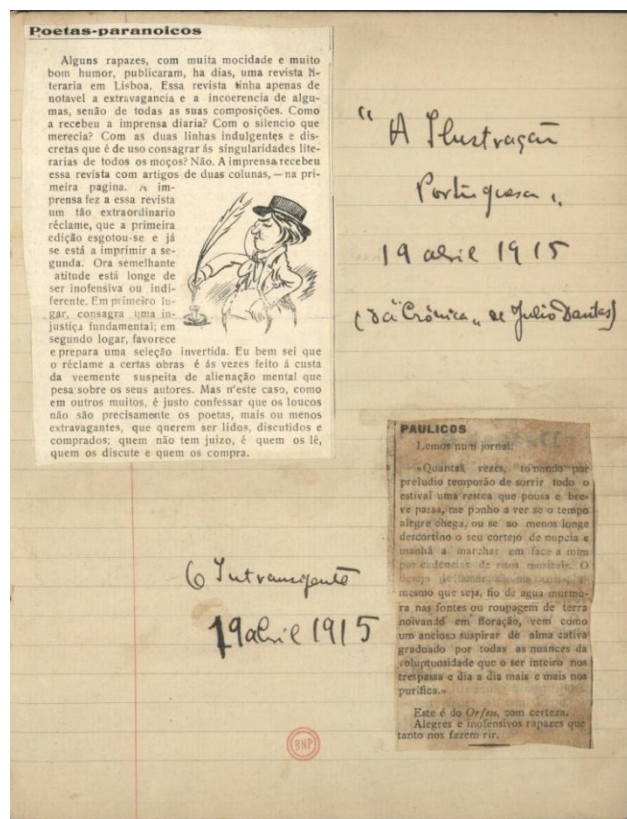


Fig. 4.17 - Ilustração Portuguesa, 19 de Abril de 1915

Mais lisonjeira foi a crónica em “O Mundo”, na edição do dia 27 de Março, onde se lê:

“Um grupo de novos escritores acaba de lançar uma revista trimestral, Orpheu, que é uma espécie de resumo das várias correntes modernas na nossa literatura. Mesmo que se não concorde com a orientação geral dos colaboradores da nova revista, tem de lhes reconhecer talento e iniciativa, coisas infelizmente raras entre nós, sobretudo em assuntos destes.

¹⁹⁸ PIZARRO, Jerónimo - *Essa Besta»: sobre Orpheu, Egas Moniz e Júlio de Matos*, in “Orpheu em Pessoa”, Cid Seixas e Adriano Eysen (Org.), Simpósio Internacional 100 anos da revista Orpheu: Fernando Pessoa e as Poéticas da Modernidade, Editora Universitária do Livro Digital. 2015.

O primeiro número de Orpheu, que temos sobre a nossa mesa, contem variada colaboração das mais características figuras de entre os novos. Inclui versos de Mário de Sá-Carneiro, Ronald de Carvalho, Alfredo Pedro Guisado e Côrtes Rodrigues, e insere duas poesias futuristas (as primeiras, cremos, que aparecem entre nós) do malogrado Álvaro de Campos.

Em prosa, além da esquisita introdução de Luís de Montalvôr, há um drama num acto de Fernando Pessoa. A capa de Orpheu, do lápis de José Pacheco, é curiosíssima.”¹⁹⁹

Orpheu foi também melhor acolhido na vizinha Espanha, a avaliar pela crónica do Jornal “El Eco de Santiago”, de Abril de 1915 (fig. 4.18).

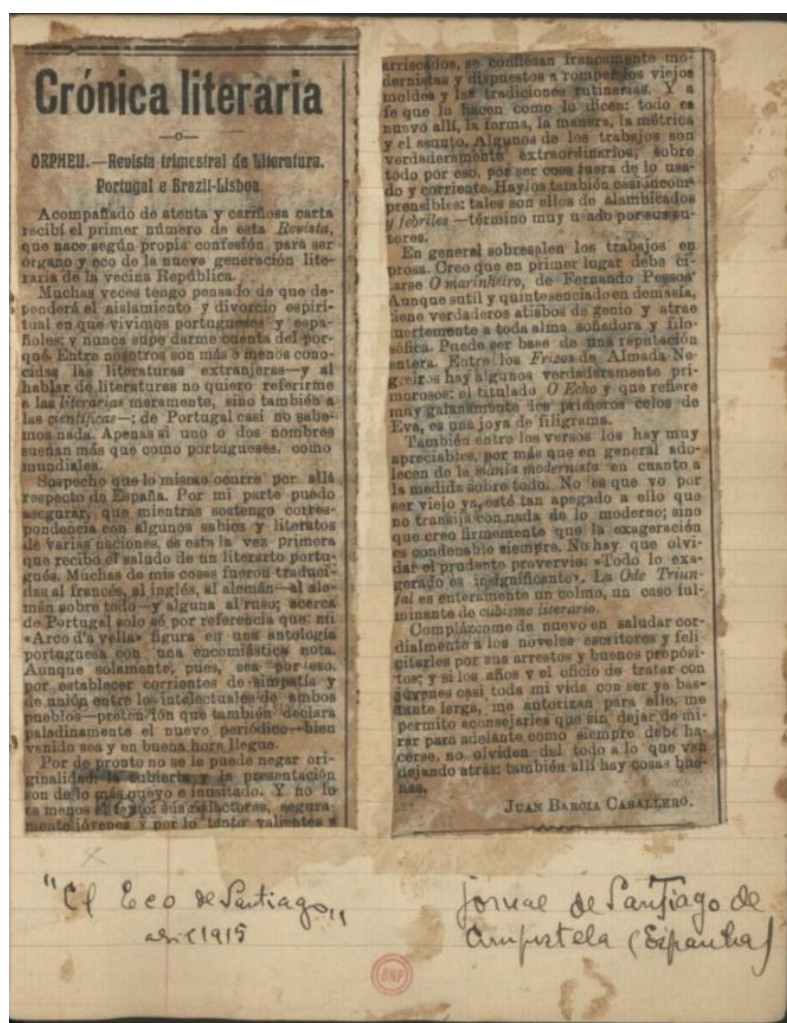


Fig. 4.18 - Jornal “El Eco de Santiago”, Abril 1915

São igualmente conhecidas as crónicas Alfredo Guisado (1891-1975), um dos colaboradores da revista. Fernando Gebra (2020), que se interessou sobre o assunto, descreve:

“Guisado organizou num “caderno de recortes de imprensa sobre a revista Orpheu em 1915. Muitos desses textos coletados e arquivados no caderno de recortes foram publicados e comentados na sua página literária no jornal República.

¹⁹⁹ Ilustração Portuguesa, 19 de Abril de 1915.

O autor tinha, sobretudo, como objetivo esclarecer ao público como se pautavam os juízos da crítica de então e, ao mesmo tempo, responder a atitudes discursivas de membros da geração da revista *Presença*, que propagava no meio literário português a ideia de terem sido eles os grandes divulgadores dos textos dos de *Orpheu*.²⁰⁰

No fundo, as reações dos vários quadrantes deveram-se sobretudo à novidade formal e estilística nos domínios literário e artístico, introduzida pela revista, que causou grande estranheza num meio cultural marcado pelo passadismo. O “*Orpheu*” acabou por ser uma publicação efêmera. O eventual número três da revista foi pensado mas não foi publicado embora houvesse material preparado para a edição. O cancelamento deveu-se especificamente à interrupção do apoio financeiro por parte do pai de Mário de Sá-Carneiro, que havia legado o dinheiro para os dois números editados.

Mário de Sá-Carneiro desesperou com a recusa do seu pai em dar continuidade ao financiamento da revista. Fernando Pessoa, na correspondência que vai mantendo com Sá Carneiro, apercebe-se do seu desespero alucinante, mas não acreditando no desfecho fatal que se veio a consumir. O drama acaba por ocorrer em 26 de Abril de 1916, de forma bem mais discreta do que Sá-Carneiro anunciara: envergando o fraque, mata-se recolhido no seu quarto de hotel com cinco frascos de arseniato de estricnina.

Após a morte do poeta, Pessoa foi publicando alguns dos seus poemas em revistas, como “*Contemporânea*”, “*Athena*” ou “*Presença*”. Quando os editores da “*Presença*” se propuseram editar a obra, Fernando Pessoa cedeu-lhes uma cópia completa da coletânea, de que foi feita a 1ª edição: “*Indícios de Ouro*”, 1937. Foram também adquiridos dois cadernos, com o título “*Orpheu 1*” e “*Orpheu 2*”, incluindo recortes de imprensa organizados pelo autor, com destaque para a polémica associada à revista e duas páginas com notas pessoais.²⁰¹

Pessoa foi ainda persistente na tentativa de fazer sair o *Orpheu 3*, mesmo após a morte de Sá-Carneiro, reunindo obras-primas como as “*Sete Canções de Declínio, Serradura ou O Lord*”. Nesse mesmo sentido, chegou a fazer diligências, na tentativa de incluir novas colaborações para o terceiro número da revista. Disso foi exemplo a carta que dirigiu a Camilo Pessanha (1867-1926) poeta e ensaísta:

“Exmo Senhor Dr. Camilo Pessanha, Macau

Há anos que os poemas de V. Exa. são muito conhecidos, e invariavelmente admirados, por toda Lisboa. É para lamentar — e todos lamentam — que eles não estejam, pelo menos em parte, publicados. Se estivessem inteiramente escondidos da publicidade, nas laudas ocultas dos seus cadernos, esta abstinência da publicidade seria,

²⁰⁰ GEBRA, Fernando M. - *Orpheu e a imprensa no caderno de Alfredo Guisado: “Recortes” de uma revista literária*. Soletas nº 40, 2020.

²⁰¹ Manuscrito de *Indícios de Ouro*, de Mário de Sá-Carneiro (1913-1915) adquirido pela Biblioteca Nacional de Portugal (BNP)

da parte de V. Exa., lamentável mas explicável. O que se dá, porém, não se explica; visto que, sendo de todos mais ou menos conhecidos esses poemas, eles não se encontram acessíveis a um público maior e mais permanente na forma normal da letra redonda.

É sobre este assunto que assumo a liberdade de escrever a V. Exa. (...) Sou um dos directores da revista trimestral de literatura “Orpheu”. Não sei se V. Exa. a conhece; é provável que a não conheça. Terá talvez lido, casualmente, alguma das referências desagradáveis que a imprensa portuguesa nos tem feito. Se assim é, é possível que essa notícia o tenha impressionado mal a nosso respeito, se bem que eu faça a V. Exa. a justiça de acreditar que pouco deve orientar-se, salvo em sentido contrário, pela opinião dos meros jornalistas.

Resta explicar o que é “Orpheu”. É uma revista, da qual saíram já dois números; é a única revista literária a valer que tem aparecido em Portugal, desde a “Revista de Portugal”, que foi dirigida por Eça de Queirós. A nossa revista acolhe tudo quanto representa a arte avançada; assim é que temos publicado poemas e prosas que vão do ultra-simbolismo até ao futurismo.

Falar do nível que ela tem mantido será talvez inábil, e possivelmente desgracioso. Mas o facto é que ela tem sabido irritar e enfurecer, o que, como V. Exa. muito bem sabe, a mera banalidade nunca consegue que aconteça. Os dois números não só se têm vendido, como se esgotaram, o primeiro deles no espaço inacreditável de três semanas. Isto alguma coisa prova — atentas as condições artisticamente negativas do nosso meio — a favor do interesse que conseguimos despertar. E serve ao mesmo tempo de explicação para o facto de não remeter a V. Exa. os dois números dessa revista. Caso seja possível arranjá-los, enviá-los-emos sem demora. (...)

O meu pedido — tenho, reparo agora, tardado a chegar a ele — é que V. Exa. permitisse a inserção, em lugar de honra do terceiro número, de alguns dos seus admiráveis poemas. (...)

Como correm por aqui várias versões, mesmo escritas, dos seus poemas, pedíamos que — caso quisesse anuir ao nosso pedido, no que julgamos que não terá dúvida — ou nos enviasse cópia exacta deles, ou — caso isso o incomodasse — nos indicasse a quem, aqui, nos devamos dirigir para obter essas cópias. (...) O preferível, porém, era que V. Exa. nos enviasse as cópias dos poemas.

Confessando-me, pelo “Orpheu”, desde já altamente grato e honrado com o envio dos seus poemas, subscrevo-me, com o maior respeito e admiração. FP”²⁰²

Aludindo a Steffen Dix, “mesmo que o “Orpheu” seja entendido como o nascimento do modernismo em Portugal, o argumento de que uma obra artística ou uma pequena revista literária possam contribuir para profundas evoluções culturais de uma sociedade inteira parece bastante exagerado. Sobretudo, sabendo que as transformações socioculturais da primeira metade do século XX aconteceram, de facto, a partir de grandes evoluções económicas, na maioria dos casos através de revoluções sangrentas, marcadas por enorme violência física. Todavia, Pessoa acreditou sempre na superioridade de uma obra de arte e procurou que a sua produção artística estivesse sempre muito além de um simples *épater la bourgeoisie*.”²⁰³

O tempo passou, mas não mais deixou de se falar dos rapazes do “Orpheu”. O “Notícias Ilustrado” de 24 de Fevereiro de 1932, pela pena do chefe de redação, Feliciano Santos (1886-1932), escrevia:

²⁰² PESSOA, Fernando - *Carta a Camilo Pessanha*, Arquivo Pessoa, Obra Aberta, Obra Édita. 1915

²⁰³ DIX, *op cit* (2017).

“É sempre curioso ver chegar um rapazola ao átrio da vida, com o cérebro cheio de projectos e os bolsos cheios de pedras para atirar aos idosos do passado, que é sempre um passado recente, um passado de anteontem. É vê-lo sentado à mesa das letras ou diante do cavalete de tela, a criar, a desarriancar – como eles dizem – ideias novas, formas novíssimas, concepções inconcebidas, que, afinal, vêm a parecer-se com outras ideias, outras formas e outras épocas, que se encontram nos museus, embalsamadas em classicismo poeirento.

A humanidade avança por ciclos, sem dúvida, mas esses ciclos não são isolados, intencionam-se, impregnam-se da mesma continuidade que é a característica da mentira. A memória ancestral existe e é por isso que nos espíritos irritáveis parece petulante a atitude dos “novos” que, reproduzindo à distância de séculos as formas e as ideias, creem estar dando ao mundo as últimas novidades. (...)

O furor (do Orpheu) passou, como passam os ciclones. E dessa rajada de pseudo-inovação ficaram aqueles que tinham quelque chose lá dedans. E sempre assim tem sido. Do naturalismo ficaram Eça e a ingenuidade de Júlio Diniz. Do nefelibatismo, Nobre e Eugénio de Castro, regressado ao classicismo expressionista. Para os futuristas continua aberta a inscrição.”²⁰⁴

De facto, mesmo admitindo que o fenómeno literário de “Orpheu” antecipou precocemente a modernidade numa Lisboa que se encontrava ainda em fase prematura de modernização, a verdade é que a revista acabou também por desaparecer extemporaneamente. Sá-Carneiro suicidara-se em Paris. Amadeo e Santa-Rita morrem vítimas da gripe pneumónica. Almada Negreiros parte para Paris. Eduardo Viana desperdiça o seu talento em encomendas vulgares. Pessoa torna-se a voz desta gente sem mundo para viver.

²⁰⁴ Feliciano Santos, Notícias Ilustrado, 24 de Fevereiro de 1932.

4.5 CAMPO DE OURIQUE RECEBE PESSOA

Terminada a peripécia do “Orpheu”, perdurou no tempo o rosto de Fernando Pessoa, como figura dominante do movimento modernista e expoente da cultura portuguesa. Nasceu em Lisboa, a 13 de junho de 1888, data coincidente com a do padroeiro Santo António, que Lisboa reconhece como identitária e especial; daí o seu nome de batismo.

O poeta viveu na África do Sul, quando pela primeira vez viajou com a mãe, em Janeiro de 1896 para Durban, a bordo do paquete inglês *Hawarden Castle*, tinha então oito anos de idade, Em 1901 regressou de férias a Lisboa, mas na segunda vinda a Portugal em 1905, não mais voltou a África.

Em Lisboa, com 17 anos, matricula-se no Curso Superior de Letras, que não prossegue por não corresponder ao que dele esperaria, discordando dos seus métodos e da atitude dos professores. Dois anos depois, por sua livre iniciativa ou por ter sido expulso, abandonou definitivamente a Faculdade.

Após algumas iniciativas de negócios mal sucedidos, com o dinheiro da herança que, entretanto, havia recebido após a morte da avó Dionísia, decidiu ganhar a vida como correspondente de línguas estrangeiras, servindo-se das aptidões, nesse campo, adquiridas na colónia inglesa, fazendo traduções ocasionais e redação de cartas para firmas portuguesas com negócios no exterior. A tradução tornou-se, assim, o modo de vida de Fernando Pessoa e a zona da capital, onde se concentravam as principais atividades de negócios, o seu espaço preferencial do dia-a-dia.

Depois de calcorrear meia Lisboa, vivendo umas vezes com parentes, outras vezes, um quarto alugado aqui, outro quarto alugado ali, corria o ano de 1920 – tinha então 32 anos – Fernando Pessoa chegou a Campo de Ourique para arrendar a casa que viria a ser a sua última morada, o 1º andar direito do nº 16 da Rua Coelho da Rocha (fig. 4.19). No 1º andar esquerdo viviam as vizinhas Virgínias, mãe e filha, de quem era sobrinho Jorge de Sena (1919-1978), que mais tarde viria a trabalhar no espólio deixado pelo poeta.

A decisão do arrendamento partira da sua mãe Maria Magdalena Pinheiro Nogueira (1861-1925), que vivia em Pretória (África do Sul), após o falecimento do seu segundo marido, o comandante João Miguel Rosa, cônsul de Portugal em Durban. O primeiro casamento de Maria Magdalena havia sido contraído, aos 25 anos, em 1887 com Joaquim de Seabra Pessoa (1850-1893). Desse matrimónio teve dois filhos, Fernando, nascido a 13 de Junho de 1888, e Jorge,

nascido a 21 de Janeiro de 1893. Maria Magdalena teve uma educação distinta e gostava de ler e escrever versos, vocação que se veio a revelar no primeiro filho.

A vida e cronologia de Fernando Pessoa está escrita e faz parte da biblioteca particular do poeta, na “Casa Fernando Pessoa”. Aí se conta: “(...) a opção por Campo de Ourique, pelo arrendamento da casa na Rua Coelho da Rocha, terá pesado a proximidade do *British Hospital*²⁰⁵ dada a circunstância da mãe regressar com a saúde debilitada. O contrato de aluguer é celebrado em Janeiro de 1920, fixando a renda mensal no montante de catorze escudos (14\$00)”.²⁰⁶



Fig. 4.19 - Fachada primitiva da casa na Rua Coelho da Rocha, 16 – s. d.

Historicamente, o prédio da Rua Coelho da Rocha, 16, data de 1892 e era propriedade de Carlos Augusto Chichorro da Costa (Santa Isabel, 1844-1933) oficial de cavalaria. Na época era frequente a presença significativa de militares com residência no bairro. O edifício inicial tinha apenas dois pisos, o térreo e o primeiro andar, com fachada de azulejos. Em 1910, o proprietário requer licença de construção para levantamento de um segundo andar, que lhe é concedida em Março desse ano.²⁰⁷

²⁰⁵ O British Hospital, instalado na Rua Saraiva de Carvalho, foi a unidade hospitalar privada mais antiga de Portugal, criada para dar resposta à necessidade de assistir na doença os marinheiros da Marinha Real Inglesa. Em 1910 alargou a prestação de cuidados de saúde à população em geral.

²⁰⁶ Casa Fernando Pessoa (EGEAC) - *Fernando Pessoa – Vida, Cronologia*, Biblioteca Particular Fernando Pessoa.

²⁰⁷ Processo de obra nº. 20.645 – AML

Um ano antes de passar a residir em Campo de Ourique, Fernando Pessoa havia conhecido Ofélia Queiroz, na firma “Félix Valadas & Freitas, Lda.” onde trabalhava como tradutor de cartas comerciais. Com ela estabeleceu uma curiosa relação sentimental. No dia em que arrendou a casa em Campo de Ourique não tardou dar a notícia a Ofélia, na carta que lhe dirige elucidando-a da nova morada na toponímia do bairro: “A Rua Saraiva de Carvalho é muito comprida. Parte dela é aqui ao voltar da esquina. O princípio é perto do Rato, o fim no Cemitério dos Prazeres. A Rua Coelho da Rocha é perto do fim.(...) A casa é mais que boa, magnífica que chega e sobra para a família.”²⁰⁸

Pessoa combinou a mudança para Campo de Ourique na tarde do dia 29 de Março, uma terça-feira, chovia copiosamente, circunstância não despicienda para o poeta, que andava doente com uma angina incomodativa. Naquele chuvoso dia, não se encontrará com Ofélia, presumivelmente porque, com a mudança de casa, a rotina do seu trabalho no escritório da Baixa prolongará o trabalho até mais tarde do que a hora habitual.

A mudança foi feita e, a partir de então, Pessoa aqui fica a viver com a família, quando a mãe e os meios-irmãos, vindos de África do Sul, desembarcam em Lisboa e se instalam na nova residência. Mais tarde, após a morte da pai e a partida dos irmãos para Inglaterra, Pessoa continuará fiel ao seu poiso definitivo. É nesta casa onde, a partir de Abril de 1920, o poeta cria parte substancial da sua produção literária. Campo de Ourique passa a ser território do modernismo.

Foi também lugar onde Fernando Pessoa, reservado, vagamente alheio ao que se passa em seu redor, desperta, contudo a simpatia dos comerciantes da Rua Coelho da Rocha, sobretudo, duas das raras criaturas a quem abria a porta do seu espaço privado: António Trindade, proprietário da leitaria “A Morgadinha” e Manassés Seixas, o barbeiro domiciliário de todos os dias. O que se conhece da relação do poeta com os dois comerciantes do bairro tem como fonte as entrevistas a ambos na RTP, em Janeiro de 1981, realizadas pelo escritor Luís de Sttau Monteiro (1926-1993).

Diariamente, depois de encerrar o expediente no escritório, na Baixa, Pessoa munia-se da sua pasta de cabedal debaixo do braço e tomava o caminho de Campo de Ourique. Antes de entrar em casa, passava pela “A Morgadinha”, no gaveto da Rua Coelho da Rocha com a Rua Silva Carvalho, para comprar o que pretendia.

²⁰⁸ Carta de Fernando Pessoa a Ofélia Queiroz, 29-4-1920, in ZENITH, Richard (Coordenação) - *Fernando Pessoa & Ofélia Queiroz – Correspondência amorosa completa 1919-1935*, Rio de Janeiro, Capivara Editora. 2013.

“O que tinha de singular era não mencionar os nomes no pedido: “*eu quero... dois de três, um de 12, 50 e sete e meio e três*” – limitava-se a dizer. O dono da leitaria cedo aprendeu a decifrar o pretendido: dois de três era dois pãezinhos (papo-seco); 12 era um queijo flamengo, um queijo saloio; 50 era cinquenta gramas de fiambre; sete e meio era um maço de cigarros pequeno; e três uma caixa de fósforos. Era o que todos os dias levava para casa para jantar; era o jantar dele, conta Trindade. Levava o avio e depois dizia-me sempre a mesma coisa: ponha na minha conta.

De manhã, quando saía de casa, também passava pela leitaria, chegava-se ao balcão e pedia na linguagem intrincada: 2, 8 e 6. Trindade já, acostumado, servia-o: fósforos (2 tostões), um maço de cigarros grande (8 tostões) e um cálice de aguardente (6 tostões). Depois, Pessoa acendia um cigarro e tomava o cálice num só trago. Retirava da pasta uma garrafinha preta, vazia. Entregava-a ao lojista que, discretamente, a devolvia cheia.

Conta o comerciante que das vezes que foi lá a casa, entregar o pedido e entrou no quarto dele “era tudo muito mal-arrumado, muitos papéis no chão. Ele olhava e pegava nos papéis de qualquer maneira. Só se via que a vontade era escrever. De escrever, rasgar, escrever, rasgar, até-às-tantas da madrugada.”²⁰⁹

Fernando Pessoa ganhou também amizade rotineira com Manassés Seixas, dono da barbearia, do outro lado da rua, quase frontal à sua casa. Todos os domingos fazia-lhe a barba ao domicílio. Na entrevista a Sttau Monteiro, descreve o que se passava com o poeta do bairro:

“Chegava lá a casa, tinha uma mesa de casa de jantar, destas mesas antigas, redondas, de preto, com cinco ou seis cinzeiros. Era a mesa de trabalho. A família não estava, ia lá uma mulherzinha só fazer-lhe a cama, e nada mais. Conta Manassés a Luís de Sttau Monteiro

Cheguei lá, um domingo – conta Manassés - Ó Sr. Pessoa, então o que é isto? Era bocados de cinza por todos os lados. Ele quase que nem cabia na própria mesa. A mulher não tira isto porquê?, Ah, só cá vem tratar do quarto, e tal. Dê-me aí um pano que eu limpo-lhe esta salganhada toda. Agarrei num prato, num pano, e toca a limpar aquilo tudo. Deitei aquilo tudo dentro do balde e fui lá para a cozinha lavar-lhe aquilo. Lavei, lavei, lavei, limpei aquilo tudo como devia ser, e depois vim fazer-lhe a barba.”²¹⁰

O inusitado da relação com os dois vizinhos do bairro era que ambos desconheciam que Fernando Pessoa era poeta. “O que se dizia no bairro era que o Sr. Pessoa era intérprete de barcos, que sabia muitas línguas e, quando chegavam barcos estrangeiros ele é que ia interpretar qualquer pessoa ali. Era o que se dizia. O Sr. Pessoa era intérprete de línguas nos barcos, nos barcos que chegavam a Lisboa.” – conta António Trindade.²¹¹

Para além dessas duas relações de proximidade pessoal, Fernando Pessoa não era visto com mais ninguém na zona. No coração do bairro, o jardim Teófilo de Braga (1843-1924), mais conhecido por Jardim da Parada, delimitado pela Rua de Infantaria 16 (norte), pela Rua Tomás da Anunciação (oeste), pela Rua Almeida e Sousa (sul) e pela Rua de 4 de Infantaria (leste) – constituía o espaço público aglutinador e de socialização dos residentes da envolvente próxima.

²⁰⁹ Entrevistas de Luís de Sttau Monteiro, em Janeiro de 1981, in Clara Cuéllar Santos, *A Pessoa por detrás da obra: três documentários*, Arquivo RTP, Pessoa Plural: 18 (O./Fall2020)

²¹⁰ Sttau Monteiro, *op cit* (1981)

²¹¹ Sttau Monteiro, *op cit* (1981)

Um espaço onde se cruzam e cumprimentam vizinhos, se descobrem amigos, se propicia um sentido de lugar/pertença ao bairro.

Não há registo, nem memória que o diga, se o poeta tinha o hábito de vir até ao jardim do seu bairro, num eventual dia de quietude. Fernando Pessoa não se sentia confortável com a presença de muita gente. Os que estudaram e escreveram sobre Pessoa são unânimes em considerar no poeta a faceta de misantropo, porque lhe era conhecido o estado de reclusão como forma de viver.

Pessoa mostrou, aliás, sempre uma relação ambígua com os jardins. Recusava o mundo sensível, privilegiando o mundo inteligível, platónico, aquele a que ele não tinha acesso, pela sensação de inquietação que sente face às suas perceções. O poema “Conselho” (1986), que escreveu atribuindo-o ao seu semi-heterónimo Bernardo Soares, serve-se do jardim como uma introspecção de si próprio no fim da sua vida. Ao poema acrescenta em prosa:

“Não sei que coisa estranha e pobre existe na substância íntima dos jardins citadinos que só a posso sentir bem quando me não sinto bem a mim.

O jardim é um resumo da civilização, uma modificação anónima da natureza. As plantas estão ali, mas há ruas e ruas. Crescem árvores, mas há bancos por baixo das suas sombras.

No alinhamento virado para os quatro lados do bairro, os bancos são maiores e têm quase sempre uma abundância de pouca gente. Não odeio a regularidade das flores em canteiros. Odeio, porém, o emprego público de flores. Se os canteiros fossem em parques fechados, se as árvores crescessem sobre recantos feudais, se os bancos não tivessem alguém, haveria com que consolar-me na contemplação inútil dos jardins.

Os jardins, regrados mas úteis, são para mim como gaiolas, em que as espontaneidades coloridas das árvores e das flores não têm se não espaço para o não ter, lugar por dele não sair.

O jardim à tarde é para mim a sugestão de um parque antigo, no século anterior do desencanto da alma. Não quero mais da vida do que senti-la perder-se nestas tardes imprevistas, ao som das crianças alheias que brincam (...)

Há dias em que esta é a paisagem que me pertence, e em que entro como um figurante numa tragédia cómica. Nesses dias estou errado, mas, pelo menos em certo modo, sou mais feliz. Mas a ilusão não dura muito, tanto porque não dura como porque a noite vem.

E a cor das flores, a sombra das árvores, o alinhamento de ruas e canteiros, tudo se esbate e encolhe. E então esqueço com os olhos a plateia amorfa e aguardo os primeiros actores com um sobressalto de criança no circo.

Estou liberto e perdido. Sinto. Esfrio febre. Sou eu.”²¹²

Como já referido, a mudança de Pessoa para Campo de Ourique coincidiu um ano antes com o início da relação sentimental com Ofélia Queiroz; ele tinha 31 anos e ela 19 para 20. Foi um encontro, recorda-se, que ocorreu de forma casual, no escritório onde ele trabalhava, ela em busca de trabalho como secretária.

²¹² PESSOA, Fernando (Bernardo Soares) - *Livro do Desassossego*, Vol. II (Fernando Pessoa), Mem Martins, Europa-América. 1986.

Conta-se – sem cunho de verdade - que a suposta cena romântica impulsiva entre eles, em que se terão tocado e abraçado, aproveitando a súbita falta de eletricidade no escritório, não passou de uma encenação à maneira das obras de Shakespeare, que Fernando Pessoa tanto admirava, nomeadamente da obra Hamlet, onde existe também uma personagem com o nome de Ofélia.

O ano de 1920, já residindo em Campo de Ourique, correu mais ou menos de forma pacífica na relação entre ambos. Acompanhavam-se todos os dias, pelas ruas de Lisboa, quase sempre com encontro à porta da Livraria Inglesa, na Rua do Arsenal, onde ele ia comprar jornais. Trocavam cartas e postais que eram entregues, geralmente, pelo rapaz Osório, o “grumete” do escritório.

Ofélia mantinha numa caixa de bombons, que ele lhe oferecera, as cartas que este lhe escrevia. Pessoa guardava as recordações de Ofélia, cartas, postais e bilhetes, na sua pasta preta. Era evidente que Ofélia estava mais convicta dos sentimentos que nutria pelo poeta; ele nem tanto. Alegre e viva, além de graciosa e elegante, Ofélia revela-se nas cartas que lhe escreve como uma típica moça romântica de sua época, iludida pela vida que ainda não conhece. O seu sonho é óbvio, casar e constituir família e manter com o eleito a relação privilegiada, um caminho seguro para a felicidade.

Pessoa não mostra por ela esse mesmo propósito. Era um namoro como todos os namoros, à exceção de que Pessoa nunca se comprometia. A relação que mantinha com Ofélia era um namoro sempre em segredo e sem compromisso. Em carta que lhe dirige em Julho daquele ano, Fernando Pessoa chega a pedir a Ofélia para não dizer que se namoram: “Nunca digas a ninguém que nos “namoramos, é ridículo. Amamo-nos.” (com o “namoramos” entre aspas). Logo, Fernando Pessoa não levava esse relacionamento a sério, e pedia-lhe mesmo que não tornasse público esse relacionamento.

Chegou mesmo a fazer ironia em relação à hipótese de casamento com Ofélia, esclarecendo: “Quando me dizes que o que mais desejas é que eu case contigo, é pena que não me expliques que eu tenho ao mesmo tempo que casar com a tua irmã, o teu cunhado, o teu sobrinho, e não sei quantos fregueses da tua irmã.”²¹³

Este quadro amoroso foi, mais tarde, melhor conhecido, através de Maria da Graça Queiroz,²¹⁴ com todos os pormenores de como ela conhecera Fernando Pessoa e o seu relacionamento inicial com o poeta:

²¹³ Carta de Fernando Pessoa a Ofélia Queiróz, 31-7-1920

²¹⁴ Maria da Graça Queiroz foi sobrinha-neta de Ofélia, fruto do casamento que acabou por contrair, em 1938, com o teatrólogo Augusto Soares, três anos após a morte de Pessoa.

“Eu tinha 19 anos, era alegre e esperta, independente e, contra vontade de meus pais e da família, resolvi empregar-me. Recebi em casa a resposta ao anúncio: “Para assunto de seu interesse, é favor passar por esta direção: Félix, Valadas & Freitas, Lda., Rua da Assunção, 42, 2º.” Conheci o Fernando no dia em que me apresentei ao anúncio.

Como não era costume na época andarem as raparigas sozinhas, fui acompanhada por uma empregada de casa de minha irmã, com quem eu vivia na altura. Quando chegámos e batemos à porta do escritório, ainda estava fechado, pelo que tivemos de esperar.

A certa altura, vimos subir a escada um senhor todo vestido de preto, com um chapéu de aba revirada e debruada, óculos e laço ao pescoço. Ao andar parecia não pisar o chão. Foi essa a minha primeira imagem de Fernando. Muito atencioso, disse-nos que esperássemos um bocadinho porque ele não era o dono do escritório. Entramos e, passado um bom bocado, apareceu o primo. Perguntou quem era a interessada e começámos a conversar. O Fernando assistiu a tudo, sentado a uma secretária, virado para mim, e com um ligeiro sorriso.

Passados três dias fui chamada. Foi o próprio Fernando que me recebeu nesse dia. Estava mesmo à minha espera. Sentou-se numa cadeira, junto da minha secretária e destinou-me o trabalho. A certa altura, disse-me timidamente: “Sabe, queria preveni-la de uma coisa. É que a passadeira da escada tem um buraco, e não vá a menina cair...” Foi dito com um ar circunspecto e cheio de amabilidade. Depois começaram os olhares... a corte.

Encontrávamo-nos todos os dias e quase sempre à porta da Livraria Inglesa, na Rua do Arsenal, onde o Fernando ia comprar jornais. Além disso, escrevíamo-nos todos os dias. As cartas eram entregues, normalmente, pelo “grumete” do escritório, o Osório.

Foi um “namoro” simples, até certo ponto, igual ao de toda a gente, embora o Fernando nunca tivesse querido ir a minha casa, como era habitual da parte de qualquer namorado. Dizia-me: “Sabes, é preciso compreender que isso é de gente vulgar, e eu não sou vulgar.” Eu compreendia-o e aceitava-o exatamente assim, como ele era.”²¹⁵

Passeávamos e conversávamos acerca de tudo, das coisas mais simples. De poesia, dos livros que lia, das suas aspirações, da família (...) Um dia ao passarmos na Calçada da Estrela, disse-me: O teu amor por mim é tão grande como aquela árvore. Eu fingi que não percebi. Mas não está ali árvore nenhuma... Por isso mesmo, respondeu-me ele.”

O “namoro” durou assim até Novembro de 1920. A sua última carta foi de 29 desse mês. Aos poucos Fernando foi-se afastando, até que deixámos completamente de nos ver. E isso sem qualquer razão concreta. Ele esteve uns dias sem aparecer nem escrever, porque dizia que estava mal da cabeça e queria ir para o manicómio.”²¹⁶

Pessoa era um homem vocacionado sobremaneira para a sua própria vida, para as vidas que viviam dentro de si. A vida conjugal e amorosa, a presença de uma pessoa seria um desequilíbrio, seria o investimento de uma energia que lhe seria fundamental para um outro investimento, a sua obra, que seria sempre o seu amor maior. O filósofo José Gil (2010) comentou: “O namoro entre Pessoa e Ofélia revelou a incapacidade ou impossibilidade do poeta amar Ofélia à maneira de Ofélia, de aceitar a máscara correspondente a um homem comum, casado e tributável”.²¹⁷

²¹⁵ *O Fernando e eu - Ofélia Queiroz* (relato em 1978 de sua sobrinha-neta Maria da Graça Queiroz), in ZENITH, Richard (Coordenação) - *Fernando Pessoa & Ofélia Queiroz – Correspondência amorosa completa 1919-1935*, Rio de Janeiro, Capivara Editora. 2013.

²¹⁶ FRANÇA, Isabel Murteira - *Fernando Pessoa na Intimidade*. Publicações Dom Quixote. 1987.

²¹⁷ GIL, José - *O Devir – Eu de Fernando Pessoa*, Relógio d'Água. 2010.

Não obstante, nove anos depois do primeiro desenlace, o namoro recomeçou, nos princípios de Setembro de 1929, após um episódio insólito de Pessoa com Carlos Queiroz, sobrinho de Ofélia. Pessoa tinha por hábito fazer algumas pausas durante o dia para ir beber um copo ao Abel. Assim se referia ele a um dos estabelecimentos de “Abel Pereira da Fonseca”, fundador da “Companhia Agrícola do Sanguinhal”, que geria um importante negócio de vinhos e outras bebidas alcoólicas.

Numa dessas ocasiões, Carlos Queiroz fotografo-o com um copo na mão a beber, e levou a foto para casa e mostrou-a à prima. Ofélia achou-lhe graça e mostrou vontade de ficar com o retrato. Fernando Pessoa teve conhecimento desse seu desejo e, passado uns tempos, enviou-lhe uma cópia autografada com a frase que depois se tornou famosa: “Fernando Pessoa em flagrante delito” (fig. 4.20). Ofélia escreveu-lhe a agradecer e ele respondeu, reatando-se, deste modo, o namoro entre ambos.²¹⁸

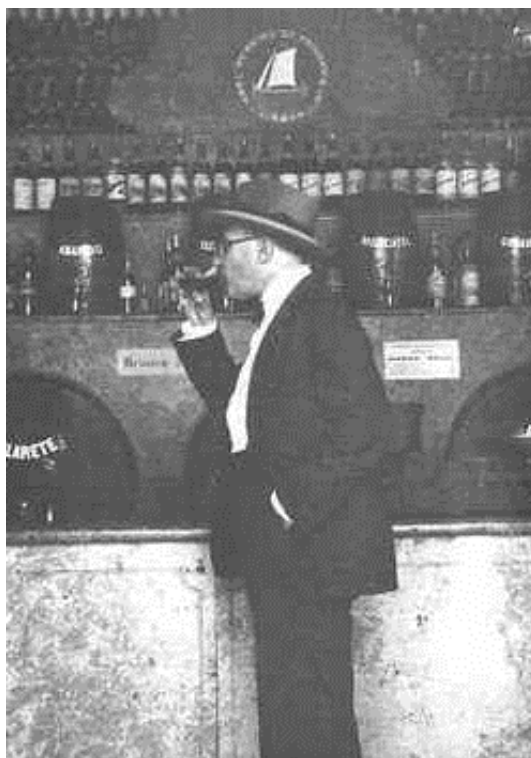


Fig. 4.20 - Fernando Pessoa “Em Flagrante Delito” – AML 1929

De facto, a devoção à bebida era uma faceta conhecida de Fernando Pessoa. O biógrafo João Gaspar Simões asseverou que “ele bebia cálices de aguardente, a qualquer hora do dia, de pé, diante do balcão da primeira taberna que se lhe deparasse”.²¹⁹ Era visto, diariamente, sentado

²¹⁸ FRANÇA, *op cit* (1987).

²¹⁹ O primeiro biógrafo e também o primeiro editor (Luís de Montalvor) de Fernando Pessoa, de quem tinha sido amigo e correspondente.

no Martinho da Arcada e em outras casas da Baixa, rabiscando nos papéis ou à conversa com os amigos, enquanto cafés e copos de bagaço se renovavam na mesa. De qualquer modo, Fernando Pessoa nunca foi visto embriagado por todos quantos lidaram com ele. Porém, aquela resistência ao álcool era pouco mais do que aparente. Nos anos 30, já era notório que Fernando Pessoa gradualmente envelhecia. O chapéu escondia os poucos cabelos grisalhos que lhe restavam na cabeça e o olhar foi perdendo todo o brilho de anos passados (fig. 4.21). A saúde começou a fraquejar, não só devido à constituição física, frágil, mas também por força dos abusos do álcool e do tabaco.



Fig. 4.21 - Última foto de Fernando Pessoa - Alfredo Pereira Gomes, 1935

O seu primo, Eduardo Freitas da Costa (1915-1980), jornalista e ensaísta, dizia que “ele gozava de uma clássica e especial resistência aos efeitos secundários do álcool, que lhe permitia manter-se imperturbável depois de ingerir quantidades acima do normal” (...) “O que desde sempre caracterizou o aspeto exterior de Fernando Pessoa, ao longo da sua vida, foi o asseio impecável e a correção das suas camisas brancas imaculadas, que usava sempre, e a dignidade intocável dos seus fatos pretos ou escuros, cortados pelos mestres da casa Lourenço & Santos”.²²⁰

Quando o namoro com Ofélia recomeçou, continuaram a encontrar-se e a corresponder-se, mas por pouco tempo. Quatro meses depois volta a ser dada por finda a relação, nos termos

²²⁰ COSTA, Eduardo F. - *Fernando Pessoa - Notas a Uma Biografia Romanceada*. 1951.

que a correspondência do poeta veio a confirmar neste excerto: “De resto, a minha vida gira em torno da minha obra literária - boa ou má, que seja, ou possa ser. Tudo o mais na vida tem para mim um interesse secundário (...) Se casar não casarei senão consigo. Resta saber se o casamento, o lar (ou o que quer que lhe queiram chamar) são coisas que se coadunem com a minha vida de pensamento. Duvido...”²²¹

A Ofélia não passou despercebido que algo se passava com ele e confidenciava:

“O Fernando estava diferente, não só fisicamente, mas principalmente na sua maneira de ser. Sempre nervoso vivia obcecado com a sua obra. Embora a ternura por mim fosse a mesma, eu sentia-o diferente. Escrevemo-nos e encontrámo-nos até Janeiro de 1930.

Já depois de nos termos deixado completamente de ver e escrever, ainda mandávamos os parabéns um ao outro por telegrama. O último que recebi data de Junho de 1935, ano em que morreu.

Pouco antes de ele morrer, o meu sobrinho Carlos encontrou-o no Martinho da Arcada e ele perguntou-lhe: “Como está a Ofélia?” Apertou-lhe as mãos com muita força e disse-lhe. “Bela alma! Bela alma!”²²²

Richard Zenith (2013) organizou a correspondência entre Pessoa e Ofélia, num total de 348 cartas, que constituem um verdadeiro romance. Os editores Beatriz e Pedro Corrêa do Lago, escreveram no capítulo “Memória viva de um passado morto”:

“Um facto parece, no entanto, incontestável: o da extrema timidez de Fernando Pessoa com mulheres fora da sua família. O facto de seus poucos íntimos não lhe terem conhecido nenhuma outra atração senão Ofélia demonstra, no mínimo, que com raiz num possível interesse reduzido por mulheres ou ainda uma timidez causado por variados complexos.

Tampouco são conhecidas quaisquer ligações homossexuais, e muitos supõem que tenha morrido virgem aos 47 anos. A inexistência de outros relacionamentos conhecidos torna naturalmente o namoro com Ofélia particularmente significativo, tanto do ponto de vista biográfico como também literário.”

“Talvez não por acaso Fernando escreva em 1935, um mês antes de morrer, seu famoso “Todas as cartas de amor são ridículas”. A história de amor de Ofélia e Fernando só nos é conhecida porque a comunicação se fez em grande parte por carta, devido às restrições que sua família impunha à liberdade de Ofélia, e também à facilidade e total desinibição com que esta punha a qualquer instante no papel seu estado de espírito momentâneo.”²²³

Com efeito, há vários poemas de Fernando Pessoa (2005), expressando a sua incapacidade de amar uma mulher, como por exemplo nestes versos:

Loura e quase que esguia
Cose, dobrada, à janela.
Se eu fosse outro pararia
E falaria com ela.

²²¹ PESSOA, Fernando - *Correspondência 1923-1935*. (M. P. Silva, Ed.), Assírio & Alvim. 1999.

²²² QUEIROZ, Carlos - *Homenagem a Fernando Pessoa*, Editorial Presença, 1936.

²²³ ZENITH, Richard (org.) – *Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz – Correspondência amorosa completa 1919-1935*, Ed. Capivara, 2013.

Mas seja o tempo ou o acaso
Seja a sorte interior,
Olho mas não faço caso
Ou não faz caso o amor.

Mas não me sai da memória
A janela e ela, e eu
Que se eu fosse outro era história
Mas o outro nunca nasceu.²²⁴

Eduardo Lourenço (1993), que também se debruçou sobre Pessoa, via nele um movimento interno e inconstante:

“Na profundidade das suas leituras, compreendo um Pessoa que me surpreende, enquanto poeta, enquanto homem: Pessoa não sexual, abstinente, não carnal, um homem de poucos toques, poucos contactos físicos. É alguém que escreve muito sobre si e sobre o outro, e que, afinal, é isolado do outro, isolado de quase tudo o que não é ele próprio; é muito pensado e pouco vivido – a sua vida é a vida pensada. Ou, pelo menos, não são conhecidos outros relatos da sua vida amorosa, exceto o romance com Ofélia Queiroz.

Na verdade, toda a poesia de Fernando Pessoa é uma contínua e dilacerante variação nos limites do insuportável, sobre a incapacidade de amar. De amar a mulher, em todo o caso, pois o amor homossexual encontrou nele um tratamento poético mais incarnado e convincente que o reservado ao amor com rosto feminino.

Fernando Pessoa não sofreu o amor mas sim o não-amor; o que há menos em Fernando Pessoa é a mulher. A mulher em Fernando Pessoa não tem verdadeira realidade, falta o arrebatamento da paixão e do desejo, e do prazer, o amor por um ser concreto e único. Muito dos textos que escreveu a mulheres são textos irónicos, outros em que expressa a sua impossibilidade de a amar.”²²⁵

Outros investigadores da obra de Pessoa também chamaram a atenção para o facto de faltar emoção amorosa nos poemas que escreveu sobre mulheres. Jorge de Sena, por exemplo, aponta: “A frieza amorosa que perpassa na sua obra poética inteira, mesmo quando os autores falam em termos de amor, pois a sua obra é como a noite obscura do sexo, o deserto da privação absoluta, normal ou anormal da afetividade erótica.”²²⁶

À volta da vida amorosa de Pessoa, algumas especulações, infundadas, foram postas a correr, como os rumores de que se teria apaixonado por Fernanda de Castro, mulher de António Ferro, desmentido pela própria. Nas suas “memórias”,²²⁷ a poetisa considerou-o “absurdo” e descreveu o poeta como “calado, ensimesmado, de uma timidez que chegava a incomodar-nos”.

Fernanda de Castro diz ter-se cruzado com Pessoa na casa de uma tia e na de um casal amigo e conversado com ele em uma livraria. Na sua casa passavam numerosos amigos, mas não

²²⁴ PESSOA, Fernando - *Poesia 1931-1935*, Imprensa Nacional Casa da Moeda. 2005.

²²⁵ LOURENÇO, Eduardo - *Fernando Pessoa, rei da nossa Baviera*, Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda. 1993, p. 66.

²²⁶ SENA, Jorge - *Prefácio aos Poemas Ingleses*, Edições Ática. 1974, p. 31.

²²⁷ CASTRO, Fernanda - *Ao Fim da Memória - Memórias II (1939-1987)*, Editorial Verbo. 1986.

havia qualquer convivência próxima com Pessoa que justificasse o rumor de tal paixão por ela. Aliás, de acordo com o testemunho de Manuela Nogueira, sobrinha de Fernando Pessoa, o tio apenas sempre mostrou uma “grande admiração” por Fernanda de Castro.

Nas últimas investigações levadas a cabo por biógrafos de Pessoa, a descoberta de um grupo de poemas que se refere a uma mulher “loura” e “casada”, levou a que alguns estudiosos tentassem descobrir a identidade desta mulher que o poeta terá amado no ocaso da sua vida.

“A rapariga inglesa, tão loura, tão jovem, tão boa
Que queria casar comigo...
Que pena eu não ter casado com ela...
Teria sido feliz
Mas como é que eu sei se teria sido feliz?
Como é que eu sei qualquer coisa a respeito do que teria sido
Do que teria sido, que é o que nunca foi?”²²⁸

No final de 2017, o historiador José Barreto (2017) deu a conhecer três cartas inéditas do espólio de Fernando Pessoa, que sugerem Madge Anderson, irmã da cunhada do poeta, ter sido a sua “última paixão”, cuja existência havia sido aventada por investigadores como Ángel Crespo (1926-1995). Cartas que, só recentemente, o historiador foi capaz de encontrar, entre o conjunto de correspondência adquirida em 2020 pela Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) à família do escritor.²²⁹

Madge Anderson, uma escocesa que trabalhou para os serviços secretos ingleses (SIS) durante a Segunda Guerra Mundial, terá iniciado a correspondência em inglês com Fernando Pessoa no verão de 1935, quando se encontrava ainda casada com o segundo marido, que chefiava a força aérea do SIS. Madge era irmã de Eileen, casada com João Maria Nogueira Rosa, o irmão mais novo de Pessoa, que vivia em Inglaterra.

À parte especulações, a verdade é que a escrita de poemas de amor se intensificou no final da vida de Fernando Pessoa. Em 1935, o poeta produziu um número invulgar de versos apaixonados, o que faz levantar a hipótese de que, quando morreu, Pessoa estava, de facto, apaixonado. A comunicação só foi interrompida com o seu súbito falecimento.

Poderá ter sido com Madge em mente que Fernando Pessoa escreveu, a 22 de Novembro de 1935, o poema *The happy sun is shining*.

O sol feliz brilha
Os campos estão verdes e alegres
Mas o meu pobre coração anseia
Por algo que está longe.

²²⁸ Excerto de um poema datado de junho de 1930, atribuído a Álvaro de Campos

²²⁹ BARRETO, José - *A última paixão de Fernando Pessoa*, Pessoa Plural: 12 O./Fall. 2017.

Anseia só por ti,
Anseia pelo teu beijo
Não importa se és fiel
A isto.
O que importa és só tu.”²³⁰

Sobre esta potencial descoberta na vida de Pessoa, o biógrafo Richard Zenith (2023) comentou:

“Sabe-se que Madge Anderson viajou para Portugal uma única vez, em 1935, e era ainda solteira. Uma carta de João Rosa enviada a Pessoa em Abril de 1935 prova que a sua cunhada, que chegaria a Lisboa no dia 15 desse mês, ainda não conhecia Pessoa, e casou pela primeira e única vez em 1939.

Consultando as listas de passageiros disponíveis no sítio *Ancestry.com*, a data do seu regresso a Inglaterra foi em 26 de Maio. Constatou-se que passou mais de cinco semanas em Portugal, mas viu Pessoa raras vezes. Ainda assim, trocaram duas ou três cartas, as quais foram citadas pela primeira vez por Manuela Parreira da Silva na biografia que escreveu sobre o poeta. Não houve, portanto, nenhuma paixão, apenas um vago namoriscar.”²³¹

Indubitavelmente, o amor e o erotismo de Fernando Pessoa era deitar-se com as palavras no papel e, no clímax dos sentidos, brotar os poemas que transvertia nos seus heterónimos. Não eram poemas para publicar; apenas para fruir.

Apesar de tanto escrever, Fernando Pessoa não teria, em vida, visto nenhuma das suas obras publicada não fora o empenho, nesse sentido, de António Ferro, amigo desde os tempos do “Orpheu”. Conhecendo a importância e singularidade da obra de Fernando Pessoa, Ferro convence-o a preparar para publicação um conjunto de poemas que descansava, há anos, numa arca, sem esperança de ver a luz do dia, ao qual Pessoa chamava “Portugal”, e a se inscrever no Prémio Antero de Quental com a obra que se tornaria conhecida como “Mensagem”.

A intenção de Ferro era contar com Pessoa como um dos intelectuais mais destacados ao serviço do regime, um intelectual de renome. Para a sua concretização Ferro emprestou-lhe o montante necessário para a publicação. A obra foi lançada em 1 de dezembro de 1934, coincidindo com os elementos simbólicos da Restauração da Independência portuguesa, e unindo o emprego de versos regulares a uma nova visão sobre a identidade e o futuro da nação.

Por insistência do amigo, Pessoa acabou por candidatar-se aos Prémios Literários, atribuídos pela primeira vez em 1934 pelo Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), com a

²³⁰ Excerto de “*The happy sun is shining*”. A tradução do inglês “tanto quanto possível literal”, é de José Barreto, com colaboração de Ricardo Vasconcelos

²³¹ ZENITH, Richard - *Biografar Pessoa*, Gerador – Plataforma independente de jornalismo, cultura e educação, 8 de Abril 2023.

sua “Mensagem” – composto por 44 poemas - dentro da categoria de “melhor livro de versos” do Prémio Antero de Quental.

Estabelecia o regulamento que o referido prémio seria atribuído a obras de duas categorias: a 1ª categoria, com uma recompensa de 5.000\$00, ao melhor livro de versos, não inferior a 100 páginas, publicado entre 1 de Julho de 1933 e 31 de Outubro de 1934, revelando uma inspiração bem portuguesa e um alto sentido de exaltação nacionalista; a 2ª categoria, com uma recompensa de 1.000\$00, a um poema, ou poesia solta, onde as mesmas qualidades e intenções se manifestem.

Em 29 de Dezembro de 1934 realiza-se a reunião do júri do Prémio Antero de Quental, constituído por António Ferro, Acácio de Paiva, Mário Beirão, Teresa Leitão de Barros e Alberto Osório de Castro, para decidir os premiados. Depois de examinar as obras a concurso, decidiu atribuir o Prémio Antero de Quental, na categoria “melhor livro de versos”, a “Romaria” de Vasco Reis, pseudónimo de Manuel Joaquim Reis Ventura (1910-1988).

“Apesar do valor reconhecido à “Mensagem” de Fernando Pessoa, o júri considerou que a obra não podia ser aceite à categoria de “melhor livro de versos” por não obedecer ao requisito das 100 páginas, nos termos do regulamento. Consensualmente, o júri decidiu atribuir à “Mensagem” o Prémio Antero de Quental na categoria “poema ou poesia solta”, com o valor pecuniário de 1.000\$00. Posteriormente, por decisão de António Ferro, os valores monetários das duas categorias acabaram por ser equiparados e, dessa forma, ambos os autores premiados receberam o mesmo montante de 5.000\$00.”²³²

Na edição do dia 31 de Dezembro de 1934, o “Diário de Lisboa” (fig. 4.22) noticiava os resultados da primeira versão dos Prémios Literários do SNP. Escrevia então o vespertino:

“A exemplo do que se faz lá fora, os resultados dos concursos literários do Secretariado de Propaganda Nacional foram comunicados durante um almoço que se realizou no primeiro andar do café-restaurant Tavares (...)

Durante o almoço, no intervalo de cada prato, o Sr. Dr. António de Menezes, que secretariou a reunião, foi lendo as actas referentes a cada prémio.(...)

“Na documentação referente ao prémio Antero de Quental (Poesia), o da primeira categoria foi atribuído, por maioria, ao livro “Romaria” de Vasco Reis, “obra de genuíno lirismo português, que revela uma alta sensibilidade de artista e que tem um sabor marcadamente cristão e popular”. (...)

“Quanto à segunda categoria, o prémio foi atribuído a “Mensagem” de Fernando Pessoa, “um alto poema de evocação e interpretação histórica, que tem sido merecidamente elogiado pela crítica. O seu autor, isolado voluntariamente do grande público, é uma figura de marcado prestígio e relevo nos meios intelectuais de Lisboa e uma das personalidades mais originais das letras portuguesas.”²³³

²³² FERRO, Mafalda - *Prémio Literário Antero de Quental 1934*, Fundação António Quadros, Newsletter 088, Maio 2015.

²³³ Diário de Lisboa, 31 de Dezembro de 1934: “Os Prémios dos Concursos do Secretariado de Propaganda Nacional”



Fig. 4.22 – Diário de Lisboa, 31 de Dezembro de 1934

Um mês mais tarde, no dia 25 de Janeiro de 1935, o “Diário da Manhã” publicava uma resenha elogiosa da “Mensagem”, da autoria de João Ameal.²³⁴ O elogio foi no sentido de que a “Mensagem” de Fernando Pessoa deixa a sua marca na poesia portuguesa, apresentando uma obra que une nacionalismo, misticismo e a profecia do “Quinto Império” por meio de uma abordagem formal e modernista, que reconstituiu temas históricos e mitológicos de Portugal. Pessoa argumenta a trajetória de Portugal, desde as suas origens até às Descobertas, inspirando-se em mitos e personagens como Viriato, D. Henrique e D. Sebastião para construir uma narrativa mítica que se projeta rumo ao futuro.

Nesta ordem de ideias não é despidiçoso comparar a “Mensagem” de Pessoa com os Lusíadas de Camões. As duas obras, embora com propósitos distintos, comemoram as conquistas de Portugal e revelam um certo descontentamento com a atualidade, desejando um futuro

²³⁴ AMEAL, João - Mensagem – versos de Fernando Pessoa, in “Diário da Manhã”, 25 de Janeiro 1935.

grandioso para a nação. Luís de Camões exalta o glorioso passado de Portugal, particularmente os Descobrimentos, por meio de um herói épico e de uma perspectiva esperançosa do futuro, enquanto Fernando Pessoa medita sobre o presente e o futuro de Portugal por uma lente mítica e profética, almejando a "regeneração" do país a partir do passado.

Na entrevista que, entretanto, Fernando Pessoa tinha dado ao “Diário de Lisboa” (Fig. 4.23), afirmava que o seu objetivo com a escrita da “Mensagem” era “Projetar no momento presente uma coisa que vem através de Portugal, desde os romances de cavalaria. Quis marcar o destino imperial de Portugal, esse império que perpassou através de D. Sebastião, e que continua, “há-de ser”.²³⁵

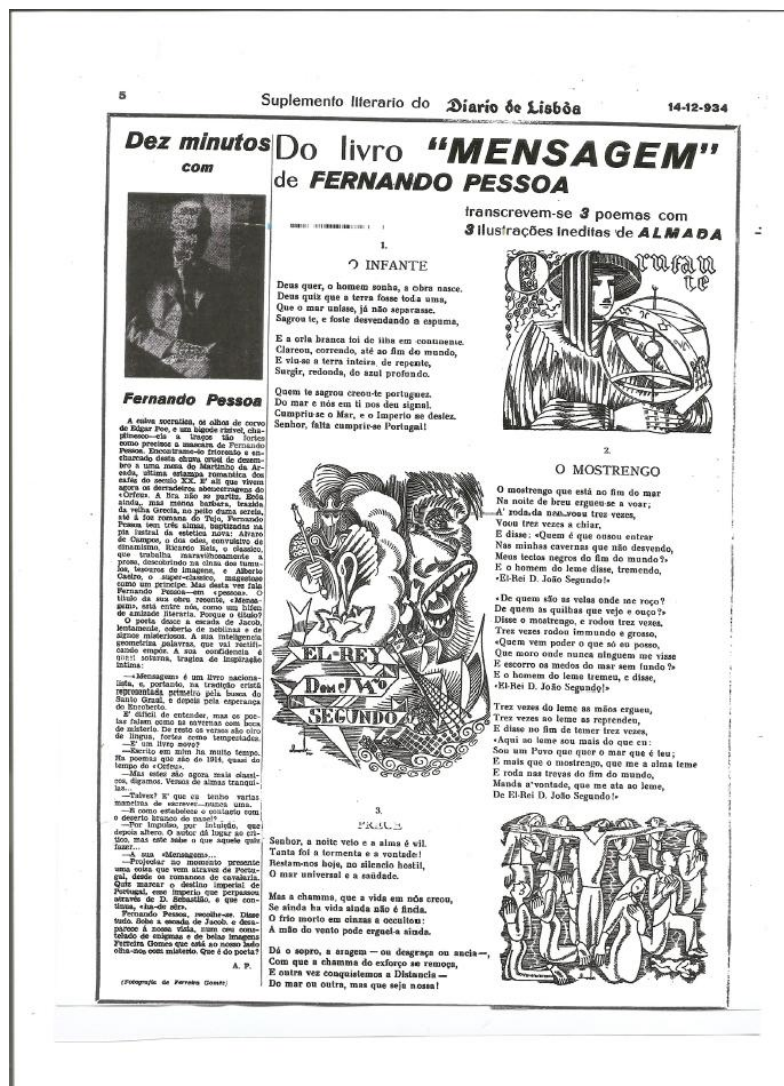


Fig. 4.23 – Suplemento Literário do “Diário de Lisboa”, 14 de Dezembro 1934

²³⁵ Diário de Lisboa, 14 de Dezembro de 1934: Dez minutos com Fernando Pessoa.

Fernando Pessoa morre pouco depois da entrega do prémio, no dia 30 de Novembro de 1935 (fig. 4.24). A “Mensagem” fica como o seu único livro publicado em vida além de quatro publicações em inglês: *Antinuous* e *35 Sonets* em 1918; *English Poems I-II* e *English Poems- III* em 1921, obras a que ele, pela sua dimensão e aparência, chamava opúsculos.

O “Diário de Lisboa”, na sua edição do dia 2 de Dezembro 1935, com um texto na página seis, dá nota da reportagem: “Morreu Fernando Pessoa, o poeta do Orpheu”:

“Causou dolorosa impressão nos círculos intelectuais a morte inesperada de Fernando Pessoa, o poeta do “Orpheu”, espírito admirável que cultivava não só a poesia em moldes originais, mas também a crítica inteligente, e que deixa uma obra extensa, inédita na sua maioria, em língua portuguesa e inglesa, pois Fernando Pessoa era citado pelo suplemento literário do “Times” como se fora um escritor inglês.”

“Adoeceu há três dias e recolheu a uma Casa de Saúde, onde morreu anteontem em silêncio como sempre viveu, fugindo à publicidade e afogando-se na morte discretamente, tal como passava a vida. (...)”

“A notícia da sua morte espalhou-se rapidamente e os seus amigos acorreram todos à capela do cemitério dos Prazeres, donde hoje, às 11 horas, saiu o préstito fúnebre. Entre a assistência viam-se os senhores Luiz de Montalvor, Almada Negreiros, Raul Leal, Alfredo Guisado, António Ferro, Gaspar Simões, etc.”

“Junto ao jazigo de família, onde ficou Fernando Pessoa, e onde os seus amigos deixaram flores de saudade, falou Luiz de Montalvor: “Duas palavras sobre o trânsito mortal de Fernando Pessoa. Para ele chegam duas ou nenhuma. Preferível fora o silêncio que o envolvesse a ele e a nós, que fosse de estatura do seu espírito. Com ele só está bem o eu está perto de Deus; mas não podiam os seus companheiros do Orpheu deixar de desfolhar o lírio branco do seu silêncio.”²³⁶



Fig. 4.24 - Funeral de Fernando Pessoa, no Cemitério dos Prazeres – AML 1935

²³⁶ Diário de Lisboa – *Morreu Fernando Pessoa*, 2 de Dezembro de 1935.

Depois da sua morte, foram vários os biógrafos que procuram trazer ao conhecimento popular a vida do poeta. Dizer se a sua vida correspondeu ou não à ideia que temos dele, no fundo, conhecer aqueles pequenos detalhes da vida quotidiana que fazem de nós humanos.

A primeira biografia de Fernando Pessoa, publicada em 1950, foi produzida por João Gaspar Simões (1903-1987),²³⁷ com suporte em entrevistas a familiares e a alguns amigos do poeta, sobre o qual fez uma leitura algo freudiana da sua vida, focando também o papel de Pessoa como modernista das letras portuguesas e o interesse do poeta no oculto.

A biografia traçada pelo autor constituiu uma empreitada de alto risco geradora de uma fonte de polémicas, massivamente condenado pelos críticos de seu tempo. Por exemplo, devido à interpretação freudiana da personalidade de Pessoa, Gaspar Simões foi acusado por Eduardo Freitas da Costa, primo em segundo grau de Pessoa, de constituir uma biografia romanceada, porque fundamentada em lendas e mitos.

É preciso atender que a biografia foi publicada apenas quinze anos depois da morte do poeta, altura em que a documentação referente a Pessoa não estava disponível para pesquisa. Por isso, Eduardo Lourenço, apesar também das suas reservas a seu respeito, reconhece que a obra de Gaspar Simões continua a ser considerada a primeira e, em certo sentido, *definitiva* imagem de Fernando Pessoa.

No ano da primeira edição do livro, o poeta e escritor, Vitorino Nemésio abordou o trabalho do biógrafo, em artigo do “Diário Popular”, edição de 4 de Outubro de 1950, onde lê:

“Nunca agradeceremos bastante a João Gaspar Simões afidelidade e o ardor da sua dedicação aos problemas da literatura contemporânea. A sua poderosa vocação de escritor, dividida entre a vontade de criar e a ansia de explicar e entender, resolveu-se numa carreira, já longa e brilhante, em que a contribuição do romancista, renovador da técnica nacional estagnada no realismo, não é menor, embora menos evidente que a do ensaísta e do crítico.

Mas é sobretudo a sua denotada posição diante do fenómeno literário e a vasta obra em que investiga da sua natureza e modos, que o impõe como uma das consciências mais vigilantes e, certamente, a mais abundante em frutos, do nosso meio intelectual.(...)

Agora, a propósito dos seus dois monumentais volumes sobre Fernando Pessoa (História de uma Geração)... para fazer o dito certo, digo isto: a consignação biográfica e histórico-geracional do Fernando Pessoa, de Simões, não é, talvez, o que está mais fielmente cumprido nestas compactos e férteis setecentas páginas de quatro.

Com efeito, João Gaspar Simões não é, quanto ao vigor caracterológico, tão bom biógrafo como romancista. Se a análise do carácter do biografado é feita com escrupulosa minúcia de pontos de descrime e com farta cópia de dados e achegas documentais, propriamente o retrato, a focagem biográfica é menos conseguida.

A obra segue combinadamente o fio das vicissitudes pessoais do poeta e o das suas eventualidades literárias – o curso da vida privada civil e o da vida de produção e publicidade – pois não escapou a Simões o valor confessional destas palavras de Pessoa com que o crítico epigrafa a sua obra:

²³⁷ SIMÕES, João Gaspar - *Vida e obra de Fernando Pessoa: história duma geração*, vol. I e II, Livraria Bertrand. 1950.

De resto, a minha vida gira em volta da minha obra literária – boa ou má, que seja, ou possa ser. Tudo o mais na vida tem para mim um interesse secundário.” Nada disto escapa à sagaz e original interpretação de Simões.(...)

Há, no seu estilo biográfico, como dissemos, uma certa frouxidão, como há na sua análise alguns descaminhos, profusão e repetições. Mas o apuramento dos motivos que estão por detrás da obra e personalidade, tão originais e complexas, como as de Fernando Pessoa é, sem dúvida alguma, um dos mais notáveis êxitos da biografia e da crítica literária portuguesas.”²³⁸

Escrita já neste século surge a monumental biografia de Fernando Pessoa, da autoria de Richard Zenith (2022), norte-americano naturalizado português, “Pessoa: A Biography”, publicada nos EUA e na Grã-Bretanha em 2021, e no ano seguinte em Portugal. O autor não deixou, também de reconhecer que João Gaspar Simões teve o grande mérito de concordar que Pessoa merecia uma grande biografia, o que não era possível fazê-lo na altura em que escreveu e, por isso, mesmo com os seus defeitos, constituiu um grande e importante contributo, traçando um bom retrato de Pessoa. E, acrescenta:

“Conta uma história, aborda várias facetas do poeta, mas contém algumas informações erróneas que à data não se sabia que o eram. Na verdade, um primo em segundo grau de Pessoa, Eduardo Freitas da Costa, publicou, logo em 1951, uma resposta à biografia de Gaspar Simões,²³⁹

Aí, sustentava que Gaspar Simões partiu para o seu livro com uma ideia feita que queria sustentar: a de retratar Pessoa como uma espécie de “*poète maudit*”, miserável, sempre em grandes apuros económicos, com pouca ajuda da família, muitas vezes mal-vestido, bêbedo.

Um certo cliché do “escritor maldito”. como se fosse uma espécie de Charles Baudelaire do século XX. E havia, mesmo, alguns factos que não estavam certos. Também havia a queixa de que a visão de Gaspar Simões era demasiadamente freudiana, escolhendo os factos para encaixarem na sua ideia e teoria prévia.”²⁴⁰

Zenith está convicto que o poeta de “Mensagem” teve a vida que quis ter, que viveu muito em função da sua obra e, que mesmo assim, teve uma vida, uma vida como os outros. Quis muito retratar esse lado humano, sobretudo retratar todas essas viagens na literatura, no pensamento, esses voos espirituais, e também sentimentais, que fez através da sua obra. Ele tinha uma vida social, ia ao café, tinha sentido de humor, não estava sempre fechado em casa. Porém, era mesmo muito reservado. Não falava da sua vida pessoal.

As palavras de Richard Zenith, no que investigou e escreveu, descrevem:

“Há escritores que deixam diários ou cartas que revelam muito das suas vidas, dos seus dias, e em Pessoa há muito pouco disso: Chegar ao quotidiano de Fernando Pessoa foi pois, muito complicado. Pessoa nunca cresceu. Ficou sempre uma criança.

Quando somos pequenos, sabemos, por exemplo, que o Pai Natal não é real, mas para nós é como se fosse. Isso acontece mesmo quando descobrimos que não existe, na verdade, o Pai Natal. O mesmo acontece com a relação com alguns bonecos: a criança

²³⁸ “Diário Popular”, edição de 4 de Outubro de 1950

²³⁹ COSTA, *op cit* (1951).

²⁴⁰ ZENITH, Richard - *Pessoa. Uma Biografia*. Quetzal Editores, 2022.

sabe perfeitamente que não é um ser vivo, mas pode perder o sono porque o boneco está doente ou não comeu bem...

A criança tem essa capacidade de agir como se fossem reais uma série de coisas que não são. E Pessoa não perdeu essa capacidade. Coisas da sua imaginação, do domínio da fantasia, para ele têm uma dimensão de realidade.

Ele era muito desorganizado, disperso, na maneira de escrever... Pegava em qualquer papel em qualquer momento para escrever versos, ou mesmo prosa. E é nesses mesmos papéis que, muitas vezes, se encontram apontamentos sobre coisas quotidianas: dívidas, encontros... Isso estava tudo misturado.

Mas nos seus poemas e na sua prosa encontram-se muitos dos seus dramas pessoais, são a fonte mais importante.”²⁴¹

Com referência aos heterónimos, Zenith conta que, em Durban, fazendo pesquisa nos arquivos do jornal “The Natal Mercury” descobriu o primeiro poema que Fernando Pessoa publicou em inglês: “The Miner’s Song”. Estava assinado por um heterónimo desconhecido e tinha sido enviado ao jornal por um outro heterónimo. Facto que nos leva a admitir que não foi só como adulto que desenvolveu esses episódios fictícios e que, já em criança e jovem o fazia.

A propósito da sexualidade de Pessoa, na entrevista que concedeu a José Cabrita Saraiva ao Semanário Sol, Zenith caracteriza:

“Diz saber pelos próprios apontamentos do poeta, que quase certamente morreu virgem. Descobriu que aos 28 anos, ele era virgem e isso era uma preocupação sua. Antes disso, também encontrou um poema homoerótico, em três páginas datilografadas, muito curioso, no qual fala de um homem que se dirige a outro, heterossexual, mas o narrador está apaixonado por ele e tem medo de o confessar porque sabe que será rejeitado.

A sua experiência amorosa com Ofélia Queiroz nunca foi verdadeiramente vivida. Zenith relata que na segunda fase da relação com Ofélia, ela estava muito entusiasmada com a hipótese de estar com Fernando Pessoa no seu aniversário, a 13 de junho de 1930. Chegou esse dia e ela ficou muito frustrada porque não houve encontro.

Precisamente nesse dia, Pessoa escreveu o famoso poema de Álvaro de Campos *Aniversário*, mas também uma ou duas odes de Ricardo Reis, voltou a Alberto Caeiro, que nessa altura já quase não escrevia, e dedicou-se, ainda, a um trecho do *Livro do Desassossego*. Ele ficou sozinho em casa a celebrar assim os seus anos. Nesse momento, tinha resolvido que se ia separar mesmo de Ofélia, na sua cabeça já estava fora da relação.”²⁴²

Relativamente à bebida, Zenith descreve-o como “um conservador, mesmo nos seus vícios: muito café, muitos cigarros, muito álcool. A bebida era como um remédio para Pessoa, uma forma de anestesia, talvez para provocar alteração de consciência. Bebia para trabalhar, para se anestesiar ou para se alhear da realidade. Ele próprio, chegou a declarar que “Se alguém me disser que precisa de beber para escrever, então eu digo-lhe: Beba”. No *Livro do Desassossego*, que citou, ele sustenta que a bebida é para escrever.”²⁴³

²⁴¹ ZENITH, *op. cit.* (2022).

²⁴² ZENITH, Richard - Entrevista a José Cabrita Saraiva, Semanário SOL, em 22 de Junho de 2022.

²⁴³ ZENITH, *op cit* (2022)

A resenha das duas biografias citadas revelam a importância com que os autores se interessaram pela vida e obra de Fernando Pessoa. Mas, seria uma grave omissão não referir o contributo com que Jorge de Sena (1919-1978), por tão longo tempo e desde tão cedo, contribuiu para o entendimento e divulgação do singular poeta, que conheceu pessoalmente ainda na sua adolescência. Uma tia-avó de Sena, viúva de um cônsul norte-americano, era amiga e vizinha da mãe de Fernando Pessoa.

Jorge de Sena (1982) foi um dos primeiros a destacar a importância da heteronímia e do conceito de fingimento de Fernando Pessoa, embora muitas vezes a sua perspectiva tenha sido ignorada. Ele afirmava, por exemplo, que a “identidade” de Pessoa era “dispensável” para o entendimento da sua obra. Ao longo de quatro décadas, Sena publicou cerca de 23 ensaios sobre o poeta, que demonstram um diálogo tenso e uma relação atávica com a sua obra. O ponto de partida foi um artigo de 1940, onde já defendia que Pessoa nunca foi simplesmente um autor com uma identidade única, e que o ortónimo também era uma construção literária.

É, portanto, muito significativo que Jorge de Sena seja um dos primeiros editores da obra de Fernando Pessoa. Num dos seus primeiros artigos, “Carta a Fernando Pessoa”, em 1944, Sena escreve: “Todo e qualquer escrito de Pessoa é heteronímico, a começar pelos que assina com o seu próprio nome. E, na “Introdução ao Livro do Desassossego”, Sena é direto quando afirma “Uma coisa é ser-se o poeta da negação e muito outra a negação de um poeta, apesar de quanto, para que aquela negação tenha realização estética, o poeta tenha que usar de meios negadores do que tradicionalmente se entenda que um poeta é” (...) De resto, o Livro do Desassossego é o livro que mais completamente representa a dramaticidade dolorosa da negação a que Pessoa dedicou à sua vida.”²⁴⁴

Um lugar-comum em tudo o que se revela sobre Fernando Pessoa acentua a sua permanente necessidade, imperiosa e irresistível de escrever, a que o médico Mário Saraiva (1991) designou como a patologia a “graforreia”.²⁴⁵ Nessa ânsia de escrever, um aspeto relevante que fica da vida de Fernando Pessoa é que o poeta tinha um modo peculiar de expor o que sentia dentro de si, escrevendo ou rabiscando em folhas soltas, em cadernos de notas, no verso de cartas, em anúncios e panfletos, no papel timbrado das firmas para as quais trabalhava e dos cafés que frequentava, em sobrescritos, em sobras de papel e nas margens dos seus textos antigos.

Não se querendo expor por si mesmo, inventou outros “eus”, atribuindo-lhes personalidades, características físicas, visões políticas, atitudes religiosas, atividades literárias

²⁴⁴ SENA, Jorge - *Fernando Pessoa & Companhia. Heterónima (1940-1978)*, vol 1, Edições 70, 1982, pp 28, 193-194 e 197.

²⁴⁵ SARAIVA, Mário - *Graforreia em Fernando Pessoa*, “Correio da Manhã”. 8 de Janeiro 1991.

próprias. A essas personalidades chamou heterónimos, uma espécie de personagem dramático sem contexto muito bem definido. Gostava de se refugiar em personalidades inventadas para exprimir o que via e o que sentia.

A génese dos heterónimos, relatou-a mais tarde Fernando Pessoa, ao seu amigo e crítico literário Adolfo Casais Monteiro, em “carta datada de 13 de Janeiro de 1935, na qual deixa claro a análise psiquiátrica que faz sobre si mesmo. Nessa carta esclarece que o tema da loucura esteve presente desde a sua infância, ao caracterizar-se como um menino de preferências solitárias que escolhia a conversa consigo à conversa com o outro; essa conversa consigo próprio era imaginada noutra figura, numa forma quase teatral de se distrair com a solidão:

Desde criança tive a tendência para criar em meu torno um mundo fictício, de me cercar de amigos e conhecidos que nunca existiram. (Não sei, bem entendido, se realmente não existiram, ou se sou eu que não existo. Nestas coisas, como em todas, não devemos ser dogmáticos.)

Desde que me conheço como sendo aquilo a que chamo eu, me lembro de precisar mentalmente, em figura, movimentos, carácter e história, várias figuras irreais que eram para mim tão visíveis e minhas como as coisas daquilo a que chamamos, porventura abusivamente, a vida real.

Esta tendência, que me vem desde que me lembro de ser um eu, tem-me acompanhado sempre, mudando um pouco o tipo de música com que me encanta, mas não alterando nunca a sua maneira de encantar.

Lembro, assim, o que me parece ter sido o meu primeiro heterónimo, ou, antes, o meu primeiro conhecido inexistente - um certo Chevalier de Pas dos meus seis anos, por quem escrevia cartas dele a mim mesmo, e cuja figura, não inteiramente vaga, ainda conquista aquela parte da minha afeição que confina com a saudade”.²⁴⁶

Algumas das mais memoráveis obras que Pessoa escreveu em português foram por ele atribuídas aos três principais heterónimos poéticos – Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos e ao “semi-heterónimo” Bernardo Soares, traçando biografias a estas personalidades. Assim, Alberto Caeiro (1887/1915) vivia no campo, possuindo fraca educação formal. Após a morte dos pais, vivia de pequenos rendimentos e com uma tia-avó. Esta biografia de Alberto Caeiro foi sendo construída a par e passo.

Sobre Ricardo Reis (1887) admite Pessoa que “[...] nasceu dentro da minha alma no dia 28 (29) de Janeiro de 1914, pelas 11 horas da noite”. Já de acordo com o seu mapa astral, Ricardo Reis nasceu a 19 de Setembro de 1887, em Lisboa e não no Porto. Só em Junho, contudo, depois de “arrancado do seu falso paganismo” pelo nascimento do “Mestre”, Ricardo Reis havia de adquirir autonomia poética. O heterónimo Álvaro de Campos (1890-?) nasceu em Tavira, teve uma educação liceal vulgar, seguida de estudos de engenharia, primeiro, mecânica e, depois, naval, em Glasgow (Escócia).

²⁴⁶ In Correspondência 1923-1935, ed. Manuela Parreira da Silva, Assírio & Alvim, 1999, Biblioteca Particular Fernando Pessoa, Casa Fernando Pessoa.

Quanto a Bernardo Soares,” é o heterónimo pessoano que mais se aproxima do ortónimo Fernando Pessoa pois surge como auto-retrato do próprio autor. É apenas uma máscara que Pessoa usa para fazer confissões, como um diário pessoal, que oscilam entre a inquietação, o tédio, a angústia e uma grande lucidez e capacidade analítica. É por isso que considera Bernardo Soares um semi-heterónimo, porque, tal como o seu próprio criador explica: “não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e afetividade”.²⁴⁷

A propósito da construção dos heterónimos de Fernando Pessoa, é pertinente a leitura que deles faz Lélia Parreira Duarte (1995), professora aposentada de Literatura Portuguesa da UFMG, e na PUC Minas. A par dos seus estudos de literatura e filosofia, os seus interesses estão também ligados às Artes Plásticas, conjugando pinturas e poemas, a partir de textos de Fernando Pessoa.

A hipótese de Lélia Parreira diz:

“Fernando Pessoa constrói ironicamente os seus heterónimos, pois ele semeia sinais indicativos de contradições em poemas de cada um desses seus “outros eus”, de modo a levar o leitor a suspeitar de que ele pensa o contrário do que diz, ou quer dar a entender.

Na verdade não diz o que diz, ou seja, a sua mensagem divide-se em duas: uma diz sim, isto é, diz o que diz; outra, através de sinais divergentes, dá a entender que não diz o que diz. Mais corriqueiramente tomada, a ironia é a prática banal de dizer o contrário do que se quer realmente afirmar.”²⁴⁸

A mensagem de cada um dos heterónimos, segundo Lélia Parreira, é mais complexa do que pode parecer à primeira vista, e explica:

“A Minha convicção é de que os heterónimos são máscaras, construções artificiais planeadas, que simulam soluções para a angústia da vida. Em outras palavras, os heterónimos seriam exercícios de ironia, fingimentos poéticos que simulam dizer algo, trazer soluções, apenas para estabelecer comunicação e parecer resolver o problema da angústia e do medo da morte.

Cada heterónimo usa uma técnica diferente, uma linguagem diferente: Alberto Caeiro quer ser simples e voltar à natureza, como Horácio e Epicuro; Ricardo Reis usa uma linguagem clássica, que se pode observar facilmente por sua sintaxe complexa e pelas referências a deuses e figuras da mitologia; Álvaro de Campos coloca-se como poeta de seu tempo, o da velocidade, das máquinas, do futurismo.

Mas eu penso que, se observarmos bem, veremos que toda essa diferença de linguagem indica o uso de diferentes máscaras poéticas, máscaras que camuflam o mesmo vazio, o mesmo ser assujeitado às leis físicas e culturais, sendo essa poesia uma solução fingida e artificial, em que o próprio poeta não acredita.”²⁴⁹

²⁴⁷ GANDRA, Manuel J. - *Drama em Gente. Heterónimos e Personalidades de Fernando Pessoa*, Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica, Mafra, CESDIES. 2019.

²⁴⁸ DUARTE, Lélia Parreira - *Heteronímia e ironia em Fernando Pessoa*, Revista Letras, nº 10-11, UFMG. 1995.

²⁴⁹ DUARTE *op cit* (1995).

De facto, esta perspetiva de Lélia Duarte mostra a ironia que atravessa a obra de Pessoa, a qual transparece na sua própria obra, como no poema Autopsicografia:

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que êle teve,
Mas só a que êles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Êsse comboio de corda
Que se chama o coração.²⁵⁰

Esta prática de fingimento de Pessoa está espelhada no “Livro do Desassossego”,²⁵¹ subscrito pelo heterónimo Bernardo Soares, constituindo a obra mais importante e mais profunda do poeta, na qual reflete a complexidade da sua mente. Resulta da reunião de textos avulsos encontrados no seu espólio que junta fragmentos autobiográficos, textos introspectivos, reflexões e pequenas descrições.

Este livro constitui a criação do autor que mais se aproxima do género do romance, assemelhando-se a um diário íntimo e ficcionado. A obra começou a ser escrita aos vinte e cinco anos, acompanhando-o o resto da vida, como um labirinto onde o autor procura responder a questões como “quem sou eu?” ou “como posso explicar a realidade?” Levou vinte anos a ser escrita e ficou incompleta. São mais de 500 textos sem princípio, meio nem fim.

Publicado em 1982, quarenta e sete anos após a sua morte, é um livro biográfico: “São as minhas confissões e, se nelas nada digo, é que nada tenho para dizer.” É como Fernando Pessoa apresenta o livro que escreveu sob o heterónimo “Bernardo Soares, um ajudante de guarda-livros, redigido a partir de um escritório da Baixa de Lisboa, num 4.º andar da Rua dos Douradores, no qual expõe as suas vivências, interrogações e reflexões.

Não é por acaso que Bernardo Soares diz ser ajudante de guarda-livros de um escritório da baixa de Lisboa, pois o próprio Fernando Pessoa foi correspondente de línguas num escritório nessa mesma zona e chega a colocar como personagens do “Livro do Desassossego,” pessoas do escritório onde trabalhava, mantendo alguns nomes e alterando outros como o do patrão Moitinho de Almeida, que na obra se chama Vasques.

²⁵⁰ PESSOA, Fernando - *Obra Édita*, Aguilar. 1965.

²⁵¹ A primeira edição é de 1982, organizada por Jacinto do Prado Coelho, a partir da recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha, pelas Edições Ática, em 2 volumes.

Lélia Duarte diz que Fernando Pessoa fez a escolha consciente do sujeito do texto, acreditando que podia preencher o seu mundo através da escrita, mas para conferir legitimidade ao que criava ele precisava antes esvaziar o real, desprendendo-se dos afetos e amarras reais, os quais são efémeros, incontroláveis e muitas vezes mesquinhos. Por isso escreveu:

“Nunca amei ninguém. O mais que tenho amado são sensações minhas – estados da visualidade consciente, impressões da audição desperta, perfumes que são uma maneira de a humildade do mundo externo falar comigo, dizer-me coisas do passado (tão fácil de lembrar pelos cheiros) –, isto é, de me darem mais realidade, mais emoção, que o simples pão a cozer lá dentro na padaria funda, como naquela tarde longínqua em que vinha do enterro do meu tio que me amara tanto e havia em mim vagamente a ternura de um alívio, não sei bem de quê.

É esta a minha moral, ou a minha metafísica, ou eu: Transeunte de tudo – até de minha própria alma –, não pertença a nada, não desejo nada, não sou nada – centro abstracto de sensações impessoais, espelho caído sentiente virado para a variedade do mundo. Com isto, não sei se sou feliz ou infeliz; nem me importa.”²⁵²

Outras vozes se levantaram dissecando a principal obra poética de Fernando Pessoa. Malcolm Bradbury & James McFarlane (1999), dois escritores e críticos literários, consideravam que “a prosa poética do “Livro do Desassossego”, fragmentária e desalinhavada, constituía uma forma literária com uma afinidade inequívoca com os poemas em prosa de Charles Baudelaire (1821-1867), o iniciador da lírica moderna, nas quais pesam as semelhanças visíveis nitidamente no plano formal.”²⁵³

Não custa, assim, admitir que Fernando Pessoa e Charles Baudelaire, ambos poetas modernistas, apresentem de facto semelhanças ao abordar temas como modernidade, fragmentação do eu e a conexão entre o indivíduo e a cidade. Ambos são vistos como inovadores no avanço do modernismo literário, com criações refletindo as transformações sociais e culturais do período. Tanto Pessoa quanto Baudelaire investigam a desintegração da identidade, seja por meio dos heterónimos de Pessoa ou pela diversidade de vozes em Baudelaire. O tédio existencial e a inquietude são assuntos frequentes nas suas obras, evidenciando a aflição e a procura por significado em um mundo em mudança.

Pessoa tinha um modo peculiar de expor o que sentia dentro de si, escrevendo ou rabiscando em folhas soltas, em cadernos de notas, no verso de cartas, em anúncios e panfletos, no papel timbrado das firmas para as quais trabalhava e dos cafés que frequentava, nos sobrescritos, em sobras de papel e nas margens dos seus textos antigos. Depois guardava tudo o que escrevia numa arca de madeira. Em 1935, ano em que morreu, Pessoa dedicou-se à tarefa de arrumar e organizar os papéis inéditos que aí guardava. Juntou, então, num envelope uns 300

²⁵² PESSOA, Fernando - *Livro do Desassossego*, org. Richard Zenith, Companhia das Letras. 2006.

²⁵³ BRADBURY, Malcolm & MCFARLANE, James - *Guia geral do modernismo*, Companhia das Letras. 1999.

fragmentos. Mas, entretanto, encontraram-se na arca outros 200 fragmentos associáveis ao “Livro do Desassossego.”

Richard Zenith (2013) esclarece: “O conteúdo da arca, que hoje constitui o Espólio de Pessoa na Biblioteca Nacional de Portugal, compreende mais de 25 mil folhas com poesia, peças de teatro, contos, filosofia, crítica literária, traduções, teoria linguística, textos políticos, horóscopos e outros textos diversos, tanto dactilografados como escritos ou rabiscados ilegivelmente à mão, em Português, Inglês e Francês. Mais de oitenta anos após a morte de Pessoa, o seu vasto mundo literário ainda não está completamente inventariado pelos estudiosos, e uma importante parte das suas obras em prosa continua à espera de ser publicada.”²⁵⁴

Fernando Pessoa, figura central no modernismo, projetou a literatura portuguesa na cena mundial e a sua contribuição para a identidade literária do país. A maior parte da sua obra foi produzida no tempo em que viveu em Campo de Ourique. O edifício, onde viveu nos últimos quinze anos, após recuperação pela edilidade de Lisboa, é hoje um museu do poeta chamado “Casa Fernando Pessoa”, um importante polo de cultura e memória literária em Lisboa que preserva a memória e a obra do poeta, albergando os objetos pessoais e a sua biblioteca particular.

²⁵⁴ ZENITH, Richard - *Fernando Pessoa, o poeta de muitos rostos*, Biblioteca da Casa Fernando Pessoa, Cronologia, 2013.

4.6 PADRÕES DE SOCIABILIDADE MUNDANA

O mundanismo, conceptualmente, compreende a abordagem histórica à vivência e sociabilidade quotidiana, característica de cada período, sendo geralmente utilizado para descrever uma sociedade e um comportamento num espaço urbano, na cidade, no bairro,

Trazendo à colação Michel de Certeau, as suas pesquisas sobre as práticas culturais, levou o historiador e antropólogo francês a se interessar pelos estudos urbanos. François Dosse (2013), historiador e filósofo francês refere que Certeau: “aponta os gestos, as práticas, as artes de fazer e as narrativas do quotidiano como verdadeiros arquivos urbanos. O bairro é, para ele, também um misto entre o próximo e o distante, entre o íntimo do domicílio e o anonimato da multidão, em torno da noção intermediária de vizinhança. Para os seus usuários, o espaço urbano não é somente objeto de conhecimento, mas sobretudo o lugar de um reconhecimento.”²⁵⁵

Neste âmbito, a urbanidade e a sociabilidade em Campo de Ourique foram gradualmente moldadas por um conjunto de fatores, incluindo o crescimento e modernização do bairro, as transformações sociais e a influência de novas tendências culturais. O bairro evoluiu de um centro histórico militar para um modelo urbano diferente, com novos espaços de convívio e novas formas de interação social.

A década de vinte vivida, em Campo de Ourique, correspondeu a uma viragem na presença urbana da capital para uma sociabilidade mundana. A década anterior havia sido fustigada pela participação na I Grande Guerra (1914-1918). A guerra implicou a mobilização de cerca de duzentos mil homens e originou milhares de mortos e feridos. Só na famosa batalha de *La Lys* - entre 7 e 29 de Abril de 1918 - resultaram 1300 mortos, 4000 feridos e mais de 7000 prisioneiros de guerra portugueses. Portugal, a pedido do seu maior aliado, a Inglaterra, não declarou uma posição de neutralidade no conflito mundial.

A par das vítimas, a participação desencadeou, de forma indireta, uma profunda crise política, económica, financeira e social. A República tinha apenas uma década, mas revelava já graves problemas em manter-se. Agravaram-se os conflitos sociais, a carestia de vida, a carência alimentar e situações de fome, que viriam a conduzir à queda da primeira república.

²⁵⁵ DOSSE, François - *O espaço habitado segundo Michel de Certeau*, ArtCultura, vol. 15, nº 27, Julho-Dezembro 2013, pp 85-96

Alguma comunicação social, como a “Ilustração Portuguesa,” procurou amenizar as consequências da participação portuguesa na guerra, escrevendo:

“Os nossos soldados já estão em França. As viagens continuam a fazer-se sem incidente, como se os mares não estivessem infestados da mais abominável das piratarías. O que eles sentiram mais foi a diferença de temperatura. Por muito frio que aqui tenhamos experimentado, o termómetro lá sempre marca, conforme os pontos, cerca de 20 graus menos do que aqui, o que é alguma coisa. Não lhes faltam, porém, agasalhos para se defenderem contra ele; e a primavera, que já começa a fundir um pouco os gelos, não tardará a acariciá-los com a tepidez suave dos seus eflúvios.”

Têm embarcado muitos soldados portugueses para França, certamente mais de metade do primeiro núcleo de forças que Portugal se prontificou a enviar, como aliado dos ingleses, contra os alemães. Entre quem parte e quem fica deixou de haver as preocupações inquietadoras, os adeuses apreensivos dos primeiros embarques.

Há despedidas afetuosas no cais entre lágrimas e abraços comovidos, mas deixou de pairar sobre elas toda a sombra de duvida e de receio. Embarca-se hoje para França, como se embarca e tem embarcado para a África, com a mesma confiança no esforço próprio, a mesma aspiração na vitória e a mesma certeza de que se vai combater por uma só e mesma causa - a da segunda defesa da pátria.”²⁵⁶

A par do agravamento das condições de vida da população, a situação sanitária também se deteriorou quando surgiu a Gripe Pneumónica, já então a Primeira Guerra assolava a Europa há quatro anos. O surto da gripe que afetou Lisboa, também conhecida como "gripe espanhola" chegou a Portugal em finais de Maio de 1918, atingindo a capital a partir de Julho desse ano. Esta pandemia foi a mais grave do século XX, e provocou mais de 100 mil mortos em Portugal e cerca de 50 milhões no mundo. A doença afetou especialmente adultos jovens, que morriam de pneumonia.

Um texto coordenado por Antero Ferreira (2020) resume o essencial da tragédia:

“A cintura industrial de Lisboa e a pobreza foram denominadores comuns, embora não exclusivos, na trajetória da pandemia. Sem dúvida que a alimentação deficiente (Frada, 1989), a debilidade orgânica também muito relacionada com as condições de higiene, quer individual quer coletiva, propiciaram maior suscetibilidade dos organismos ao contágio por contacto físico direto e por via aérea.

Uma carta de Ricardo Jorge, comissário geral do governo no combate à pandemia, publicada no Diário de Notícias e reimpressa noutro jornal, falava da miséria de Lisboa e da sua relação com a pneumónica. O mesmo declarou outro protagonista na luta contra a epidemia, Lobo Alves, diretor dos HCL, que escreveu: Pelos meus próprios olhos eu tenho verificado que não poucos dos hospitalizados desde que a epidemia se declarou sofrem mais das dolorosas consequências da miséria que propriamente da doença dominante. De facto, na análise da informação estatística da mortalidade avultam as freguesias com população mais carenciada, com piores condições de habitação e, embora não se esgotando nessa atividade laboral, com grande empregabilidade na indústria, como veremos de seguida”²⁵⁷.

²⁵⁶ Ilustração Portuguesa, 2 Abril 1917

²⁵⁷ FERREIRA, Antero (coord.) – *A epidemia reinante: a pneumónica no concelho de Lisboa, 1918*, in “A Gripe Espanhola de 1918”, Antero Ferreira (coord.), Universidade do Minho, 2020 p 163

Os anos que se seguiram à guerra e à pandemia foram ainda marcados por uma instabilidade social e política crescente que se prolongou por anos. Mas, à entrada da década de 1920, borbulhou um período de efervescência que os falantes do francês chamavam o período de *années folles*. A expressão “Loucos Anos Vinte”²⁵⁸ está ligada à descompressão, depois de tempos de grande tensão: a ideia de coisas a acontecer, de velocidade, de valorização do ócio e do prazer, o anonimato das cidades, as novidades tecnológicas da época.

Os espaços de lazer aparecem como *locus* privilegiado para o desenvolvimento da sociabilidade mundana. Frivolidade, leviandade, mundanismo, sensacionalismo, excentricidade são conceitos-chave que se instalam no linguajar urbano. Intensificam as diversões públicas e o lazer na cidade. A movimentação social em espaços de lazer e cultura é parte importante do processo.

A partir de então, a noite, ruas e praças enchem-se de gente para simplesmente mostrarem-se boas maneiras e *toillettes*, num vai e vem de sujeitos demonstrando a sua medida de mundanismo. Sobretudo, a alta sociedade é mostrada nos seus momentos mais banais, pintando-se um quadro de costumes sociais, com cenas sobre o relacionamento amoroso, sobre as modernidades latentes, sobre uma pretensa civilidade urbana. Agora, a vida é outra: a vida é a eterna ilusão.

Lisboa assume-se como o lugar privilegiado da boémia. Não podia ser noutro lugar, à semelhança do que Henri Murguer (1851) declara no prefácio de *Scènes de la vie de bohème*: “a boémia só existe e é possível em Paris”.²⁵⁹ É em Paris, que se encontram certos lugares de sociabilidade - Brasserie des Martyrs, Closerie des Lilas, cabarés do Chat Noir e do Lapin Agile - tendo em comum os mesmos hábitos noturnos, a originalidade das roupas que se vestem. Nesta obra Murguer mostra-se como autor de suas próprias experiências, como um escritor desesperadamente pobre vivendo em um sótão parisiense e membro de um clube de amigos que se autodenominavam “os bebedores de água”, porque eram pobres demais para comprar vinho.

Cecília Vaz (2021) refere, na sua tese “Identidades boémias em Lisboa”, “os fundamentos morais e sociais da boémia, tal como são representados nas obras de Murguer, eram partilhados pela burguesia do seu tempo: o individualismo, as práticas de associação, a polaridade entre produção e consumo de bens (culturais ou não), a frugalidade e prodigalidade, entre outras características.”²⁶⁰

²⁵⁸ VAZ, Cecília – *Os Loucos Anos 1920*, Lua Elétrica, 2021

²⁵⁹ MURGUER, Henri - *Cenas da vida boémia* (1851), Lello Editores, 1990.

²⁶⁰ VAZ, *op cit* (2021, p 34.

À semelhança do que acontecia em outras cidades da Europa, o novo quadro que se desenha na cidade de Lisboa dos anos vinte não deixa de ser elucidativo sobre a mudança das suas sociabilidades. Lisboa assume-se como área do mundanismo cosmopolita, onde todos afluíam. Neste contexto mundano os clubes noturnos surgem como paradigmas da sociabilidade lisboeta, rapidamente se desenvolvendo no contexto urbano e conquistam uma reputação ímpar. O clube noturno constituía, assim, o espaço por excelência do desregramento de um quotidiano em mudança, agora ao ritmo dos novos estilos musicais (*jazz-band* e o *charleston*), dançam-se pela noite dentro assumindo-se como libertadores dos costumes hieráticos que ainda se mostravam resistentes.

Ferreira de Castro (1924) escrevia em “Ilustração Portuguesa”, dando a sua visão sobre o novo estilo musical dos anos 20:

“O *jazz-band*, a música do momento, aquela que leva em si a tumultuosidade desta hora de transição que atravessamos, dir-se-á existir o tropel das ambições que nos corroem, a marcha satânica das ansiedades que cruzam, desvairadas, enlouquecidas, um firmamento desolado, onde as próprias sombras dos ídolos se vão desvanecendo lentamente.

Musica de selvagens, donde se levitam gritos de desbravadores de selvas, onde ha mãos que rufam tambores como nos batuques africanos, mãos negras que tangem peles de veado distendidas sobre troncos ocos, o *jazz-band* não tem a suave harmonia das musicas clássicas; - a languidez dum minueto de antanho, a plástica rítmica duma pavana, que os corpos estilizados das mulheres de outrora dançavam com lentidão, com sonambólica volúpia, esculpando passos em doirados salões.

Não tem o *jazz-band* a harmonia da música civilizada. O *jazz-band* é uma gama de ruídos díspares heterogéneos e, contudo, forma um ritmo uno, glorioso, como esse que se evolua das multidões quando aclamam ou quando serpenteiam as marchas triunfais.”
261

Em Lisboa, a tendência destes novos ritmos era mais visível nos espaços onde se vivia mais de noite do que de dia; a zona que concentrava os grandes atrativos dos clubes noturnos, dos *cabarets* da capital. Esses espaços enquadravam-se na única zona da cidade que deixava aos poucos de ter o seu cariz residencial e que procurava acompanhar as necessidades económicas e sociais daquela época. Os clubes não só ficavam nessa fachada cosmopolita e mundana, como também ocupavam alguns dos edifícios mais sumptuosos dessa zona.

O “Bristol Club”, o “Majestic Club” e o “Palace Club” foram os clubes mais célebres em Lisboa na época, também chamados “Clubes da Baixa”, todos inaugurados em 1918. O “Bristol” considerado o mais moderno, foi construído de raiz. O “Majestic” tornou-se o “casino da capital”, o que acabou por levar ao seu encerramento em 1920.

²⁶¹ CASTRO, Ferreira – *A Propagação do Jazz-band*, Ilustração Portuguesa, nº. 935, 19 de Janeiro 1924, pp 77-78.

A inauguração do “Bristol”, a 11 de Março de 1918, (fig. 4.25) mereceu destaque na imprensa, como na “Ilustração Portuguesa”: “O Bristol Club, o novo centro de diversões à rua Eugénio dos Santos, mostra notável gosto artístico e principalmente conforto, fazendo sobressair a iniciativa do Sr. Mário de Freitas Ribeiro, a quem se deve a fundação do clube, que para torná-lo uma tão brilhante realidade se não preocupou do enorme dispêndio de aproximadamente 20 contos, transformando o velho pardieiro existente no local na atual maravilha. A beleza decorativa das salas, a magnífica e bem orientada distribuição de luz, as comodidades que em todas se disfrutam (...) nos jantares-concertos que todos os dias ali vai reunindo a sociedade elegante.”²⁶²



Fig. 4.25 - *Bristol Club*, Sala de Jantar – *Ilustração Portuguesa*, 25 Março 1918

Em 1925/26 o clube foi remodelado, tornando-se o clube mais famoso do seu tempo, um espaço icónico com baixos-relevos, esculturas e outras peças decorativas criadas por Eduardo Viana e Almada Negreiros.²⁶³

A revista “Contemporânea”, sob a direção do modernista José Pacheco (1926) - assinava José Pacheco - acentuava, na sua edição de Maio 1926, a distinção do Bristol entre os demais clubes noturnos de Lisboa.

“Não pensem, aqueles que os não conhecem, que os clubes são apenas lugares de um prazer banal. Nem o prazer dos dancings é essa banalidade, nem a eles falta a beleza puramente artística. Refiro-me, é claro, aos dancings que sejam como o Bristol Club, a realização estética de um sonho arrojado (...).

²⁶² *Ilustração Portuguesa*, 25 de Março de 1918

²⁶³ BARROS, *op cit* (1990).

É preciso que se saiba que as casas de prazer como o Bristol Club são, por si sós, um meio de arte para aqueles que amam a vida moderna, a expressão rítmica, sonora e colorida de uma estética nova.

Pois esse espectáculo das danças modernas, esse ruído modernístico do jazz-band, esse espumar sempre novo do champanhe, esse décor férico de luzes, tudo isso não é a realização fugidia daquilo que buscamos eternizar nos nossos quadros ou nas páginas das nossas novelas e nas cenas do nosso teatro?

Pois bem: um club como o Bristol não faz senão juntar ao musi-hall, com os seus bailados e as suas canções, os prazeres do dancing, da mesa e da conversa. Um clube assim é music-hall em que todos nós tomamos parte, aumentando, assim, o nosso prazer.

E tudo isso se passa num ambiente da mais pura arte moderna, em salas que são verdadeiras exposições.”²⁶⁴

José Augusto França (1992), também ele, chegou a considerar o “Bristol Club”, juntamente com a “Brasileira do Chiado”, o Museu de Arte Moderna, que Portugal, à época, não tinha: “(...) mulheres de cabelos à garçonne, de lábios, rosto e olhos pintados, vestindo a última moda, quase sempre fumando e bebendo. O “Bristol” ditou a moda do cabelo curto, da saia curta, da pintura e maquilhagem generosas, da silhueta masculinizada, imagem feminina dali a pouco imitada por mulheres de várias condições.”²⁶⁵

De um modo geral, aos clubes nas noites da época, estavam associados símbolos de transgressão do consumo de drogas. Lisboa dançava nas casas noturnas entre nuvens de fumo. A par do álcool e do tabaco, substâncias mais toleradas, estas drogas alimentavam a euforia associada ao ambiente dos clubes. No período dos “despreocupados anos vinte” viveu-se uma epidemia de consumo de cocaína. Foi, de facto, no auge dos anos vinte, após a 1ª Grande Guerra, que a moda da cocaína foi bastante difundida nos meios juvenis de Lisboa.

Já seriam acima das duas dezenas os clubes que emergiram em Lisboa, onde se consumia cocaína, dançando de forma frenética fora dos espartilhos dos salões. Fizeram tanto sucesso nos loucos anos vinte que inspiraram enredos para folhetins da época, narrativas românticas e números de revista. Por um breve período, a noite transformava-se em uma nova indústria, que prometia um sopro de cosmopolitismo para o século que começava.

Abordando o assunto, José Mattoso (2011) dizia que “o carácter boémio e sobretudo transgressor dos clubes noturnos estaria associado ao consumo de substâncias psicoativas ilícitas, em particular, o consumo de cocaína, geralmente inalada, ou outras drogas, como o éter, a morfina ou o ópio. A heroína seria consumida com pequeno impacto, o ópio e a morfina permaneciam na moda e a grande novidade seria a cocaína.”²⁶⁶

²⁶⁴ PACHEKO, José – *O Bristol Club, manifestação de arte moderna*, Contemporânea, 3ª Série, nº 1, Maio de 1926.

²⁶⁵ FRANÇA, *op. cit.* (1992).

²⁶⁶ MATTOSO, José [dir.], VAQUINHAS, Irene [coord] - *História da Vida Privada em Portugal*. Volume 3, Temas e Debates, 2011, p.337.

Sobre o vício proibido o “Diário de Lisboa” noticiava no dia 6 de Fevereiro de 1923: “A polícia prossegue nas investigações de quem são os negociantes.”²⁶⁷ Cecília Vaz (2008) refere na sua investigação:

“Reinaldo Ferreira (1897-1935), conhecido pelo pseudónimo de Repórter X, considerado o maior repórter português na época, atento aos segredos que a noite oculta, contava que a novidade da cocaína foi trazida para a capital portuguesa por uma francesa de modos excêntricos, de seu nome Charlotte – mais tarde conhecida por “Dista” – ex-artista de circo e amante de um *croupier* do Palace Club.

Descrevi-a como uma mulher esquelética, de uma brancura que assanhava os nervos, já de alguma idade, cabelo curto e maquilhagem futurista, vestida de negro, envolvida num “halo de enigma”. Conta que ela passeava-se pelo clube, distribuindo às “ingênuas cortesãs que se estreavam no mundanismo em Lisboa”, umas “pastilhas que as inocentes chupavam como se fosse hortelã-pimenta”, que eram na realidade pastilhas de cocaína, até as ter viciado, para depois lhes vender, em grande segredo, cocaína pura.

A Baixa estava cheia de “clubs” de jogo e novos-ricos, os verdadeiros responsáveis do desencaminhamento das gaiatas para os caminhos menos recomendáveis da luxúria e da prostituição. Lisboa era uma cidade de aparência alegre e louca quando na verdade ela sofre com o aumento da indigência. Ao que parece existiam mesmo casas de “fumerie” de ópio nas ruas transversais ao Chiado.²⁶⁸

A par dos clubes noturnos, outros lugares emblemáticos e antigos de Lisboa, espalhados por várias zonas da cidade, correspondiam aos cafés que ganharam reputação como locais de convívio e sociabilidade mundana, com a presença assídua de intelectuais discutindo ideias culturais e políticas. Os cafés mais famosos, no seu tempo, eram “O Martinho da Arcada” (1845), “A Brasileira do Chiado” (1911), “Chave d’Ouro” (1919) e “Nicola” (1929).

Ernesto Belo Redondo (1920), escritor e jornalista, traçou, na época, com alguma ironia, o ambiente dos cafés estratificados numa hierarquia social com correspondência direta aos seus frequentadores.

“O café serve para tudo, para descansar, para escrever, para negociar e para pensar. Como na vida, no café nada se perde. Mercê do ambiente, há os que criam lá dentro uma personalidade e os que veem consagrada a sua natural imbecilidade. O café aparta, define, immortaliza e mata. Com os célebres vivem também os anónimos, isto é, aqueles que a gente conhece de vista sem saber, afinal, quem são.

Uns e outros procuram no café, a graça, o repouso, a liberdade, que a chata pacatez dos nossos clubes não dão. Cada um, é claro, busca o café onde espera encontrar gente da sua igualha. Daí a psicologia própria que tiveram e têm ainda os nossos cafés.

A Brasileira do Chiado e O Martinho são cenáculos de escritores, jornalista e artistas; o Chave d’Ouro e a Brasileira do Rocio são os pontos de reunião dos políticos; o Suíço é o dos toureiros; o La Gare, talvez pela excelência dos seus bancos almofadados, dos flirteuses; e o Royal, dos estrangeiros. Cada um tem a sua elite, as suas personalidades, os seus ídolos.

Na Brasileira do Chiado e no Martinho as discussões são, em geral, suaves e ponderadas – gente que procura marcar com frases feitas – e no mármore das mesas há sempre exposições de coisas de arte, que certos mocinhos arrancam ao lápis em momentos de prenhez artística.

No Chave d’Ouro e na Brasileira do Rocio, a normalidade é tumultuosa e oferece, por vezes, de costelas duns friccionadas a poder de bengaladas por outros mais

²⁶⁷ Diário de Lisboa, 06.02.1923, p. 4

²⁶⁸ VAZ, *op. cit.* (2008), pp 114-115

intransigentes; no Suíço, as conversações atingem o meio-termo; no La Gare são adocicadas, melífluas, em segredo... como devem ser no Paraíso... e assim por diante.

A frequência, porém, não é sempre igual e, dentro de um carácter geral, tem aspectos diversos, tipos diferentes. Assim, até às nove horas, os frequentadores são notívagos, gente da boémia que desce, ainda estremunhada, dos alcouces e da batota, com histórias de orgias e estigmas de desequilíbrio físico e psicológico.

A seguir, até às 11 horas, vêm os empregados de comércio, os burocratas, os homens de negócios fracos – toda uma multidão atarefada, que grita por uma bebida, que a paga e sai a correr, quase que sem uma palavra. Estes são pelintras que afirmam que “o tempo é dinheiro...”

Passam depois, das 11 às 14 horas, os comodistas – uma população heterogénea, sem carácter próprio, que vêm tomar café por respeito às convenções sociais. Só depois é que começam a aparecer os diletantes, ou sejam os que fazem, na verdade, a vida de café, pondo nos seus comentários aquela dose de bom humor que faz com que a maior parte das pessoas graves os tomem por mal dizentes.

É, então, que o café principia a exercer a sua indiscutível influência social, passando em revista os homens e os casos do dia, pesando os acontecimentos e anotando-os, com mais ou menos graça, com maior ou menor entusiasmo.

E, posta assim a questão, vejamos o que nos dizem alguns conhecidos habitués:

Alberto de Sousa (1880-1961), pintor: “O café para mim é ponto de reunião onde encontro amigos. Por vezes, até, despertam-me interesse artístico, os tipos quase populares que por lá encontro. A Brasileiro do Chiado, que frequento com assiduidade, é uma síntese: estreita e alongada, com a forma geográfica do nosso Portugal, reúne todos os dias a escala completa das nossas nuances políticas, desde o legitimista ao bolchevista.

Norberto de Araújo (1889-1952), jornalista e escritor: “Durante o dia ando de um lado para outro, atarefado com as minhas ocupações profissionais e o café é, naturalmente, o lugar onde estaciono para me orientar, para pensar, para discernir. Considero-o, portanto, uma casa de trabalho.

Arnaldo Pereira, jornalista: “Eu vou ao café para trabalhar. Ali escrevo e ali penso. A solidão de um gabinete imobiliza-me o pensamento. Para me iluminar necessito de ruído, vozeria, vai-vem, café cheio, vozes altas...”

Stuart de Carvalhais (1887-1961), caricaturista: “Não tomo café. Venho aqui para encontrar amigos e falar de coisas de Arte.

Joshua Benoliel (1873-1932) repórter fotográfico: “Venho só pelo convívio de gente amiga, por que não encontro lugar mais decente do que este.

Augusto d’Esaguy (1899-1961), médico e escritor: “O café é um circo, uma companhia de clowns. Muitos literatos aproveitam-se para exibirem nomes de autores que nunca leram e formarem grupos que os elogiem. Vamos ao café pela mesma razão por que vamos ao Coliseu, ao Music-Hall distrair-nos um pouco e fazer blagues nas toalhas das mesas. Motivos de arte? Não encontro nenhum.

Costa Motta (sobrinho) (1877-1956), escultor: “Isto de frequentar o café é um hábito adquirido por mim desde muito cedo. Agora é tarde, na minha idade, para mudar de rumo. Trabalho muito e os minutos do café são os únicos momentos de distração.

Jorge Barradas (1894-1971), caricaturista: “Venho aqui pelo convívio e pelo ambiente. De resto, o café só influi na minha vida artística pela crítica.”²⁶⁹

Entretanto, durante o dia, ainda se cumpria a tradição – vinda do século anterior - de passear pelas ruas da baixa lisboeta, numa espécie de desfile de vaidades. José-Augusto França (1983) dizia que “ao mundo parisiense, *survolté*, modelo longínquo, respondia caricaturalmente o Chiado lisboeta com suas casas de chá das cinco, culminando o momento de sociabilidade

²⁶⁹ REDONDO, Ernesto -*Quem frequenta o café: inquérito e comentários*, Ilustração Portuguesa, 22 de Novembro 1920.

feminina, talhado para o *flirt*.”²⁷⁰ Os modernistas da época encontravam, nesse ritual, matéria para as suas crônicas que os jornais editavam no dia seguinte.²⁷¹ (fig. 4.26).

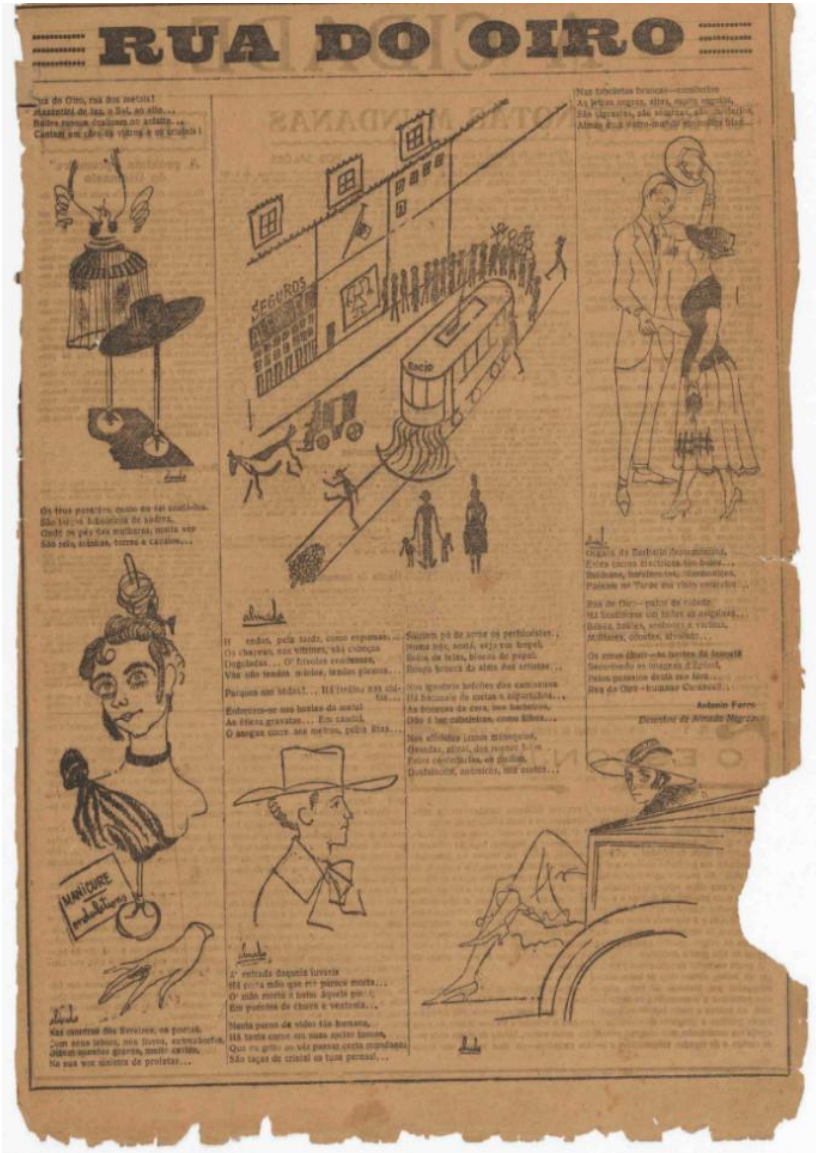


Fig. 4.26 – “Rua do Oiro”, texto de António Ferro e desenhos de Almada Negreiros
Diário de Lisboa, 7 de Abril 1921

No decorrer dos tempos, as pessoas começam a misturar-se num fim comum que é o lúdico. O tecido social vai ganhando novas dinâmicas vivenciais com a progressiva ascensão social da população das classes mais populares. A massificação do consumo e a industrialização crescente também conduzem a uma maior democratização dos tempos de ócio que se associam a uma nova boémia.

²⁷⁰ FRANÇA, *op cit* (1981).

²⁷¹ Diário de Lisboa, 7 de Abril de 1921

Durante muitos anos, nos terrenos do Parque Eduardo VII e da praça Marquês de Pombal, tinha lugar, a meio do Verão, a “Feira de Agosto”, que se realizava desde 1908 (fig. 4.27).



Fig. 4.27 - Feira de Agosto – Parque Eduardo VII – 1911 - AML

A “diversão popular era ali garantida oferecendo espetáculos de circo, retiros e restaurantes. Contava com um teatro de madeira, o “Theatro Júlia Mendes”, onde se apresentavam comédias e farsas para o público. A “Feira de Agosto” formava um espaço lúdico frequentado sobretudo pelo povo, mas não só, pois era *habitué* as senhoras da “sociedade elegante” marcarem lá *rendez-vous*, nunca faltando ao dia da inauguração.”²⁷²

Mas foi, sobretudo, com a inauguração, em 15 de Junho de 1922, do “Parque Mayer” (fig. 4.28), situado junto à Avenida da Liberdade, do lado ocidental, entre a Rua do Salitre e a Praça da Alegria, que Lisboa ganhou um verdadeiro recinto de animação popular.

Conta-nos Norberto Araújo (1993):

“No local onde se veio a erguer o Parque Mayer, existia no início do século XVII uma propriedade intitulada Quinta da Legacia, que iria até onde está instalado hoje o Jardim Botânico. Por volta de 1639 o local passou a acomodar um pequeno hospício de frades dominicanos que se terão mudado para o Corpo Santo. O Colégio dos Nobres como herdeiro da Companhia de Jesus, vendeu os terrenos ao Arcebispo da Lacedemónia, que os restaurou.

²⁷² BARROS, Eurico - *O Pátio das Antigas: Uma feira no Marquês*. Coisas e coisas da Lisboa de outras eras. 2021.

Por volta de 1822, o novo proprietário alugou consecutivamente o referido palácio ao 7.º Conde de Valadores, e depois à Marquesa de Alorna, D. Leonor de Almeida Lorena e Lencastre. No ano de 1900, Adolfo Lima Mayer (1839-1918) mandou erguer no local um novo edifício, que ficaria conhecido como o Palácio Lima Mayer, cujo projeto se deve a Nicola Bigaglia, italiano que nos inícios do século XX se encontrava a trabalhar em Portugal. Em 1920, Lima Mayer coloca à venda a propriedade, eventualmente, tendo pesado na origem da decisão o acontecimento trágico da morte por afogamento de um dos seus netos, no lago que ali existia.

Nesse ano, o Palácio, os jardins e os espaços adjacentes foram adquiridos por Artur Brandão, que por sua vez, no ano seguinte vendeu ao jornalista e empresário Luís Galhardo, promotor teatral, que juntamente com dez sócios (entre eles: Elias Azacot, Carlos Borges, Hipácio de Brion e Alberto Pinto Gouveia) constituíram a “Sociedade Avenida Parque, Lda”, que teve como intuito a exploração deste espaço no campo artístico e do entretenimento.”²⁷³



Fig. 4.28 – Entrada do Parque Mayer – 1922 – AML

O local rapidamente se transformou em centro primordial da capital, adquirindo relevância urbana e cultural, integrando-se completamente na vida social como parte essencial da cidade. A Lisboa da década de 20 assistia agora às revistas do “Parque Mayer” repletas de referências aos clubes da época, aos frequentadores e às moças de cabelo curto que caracterizavam as parceiras dos espetáculos.

²⁷³ ARAÚJO, Norberto - *Peregrinações em Lisboa*, Vol. XIV, Veja, 1993, p. 35.

A passagem, por Lisboa, dos *Ballets Russes*²⁷⁴ de Serge Diaghilev, um dos principais eventos culturais da época, entre Dezembro de 1917 e Abril de 1918, e a sua apresentação no Coliseu, foi um evento que deixou uma marca significativa, sendo considerado como um momento de grande influência para a dança em Portugal, despertando o interesse e transformando a sua perceção como arte. A companhia realizou onze espetáculos que revolucionaram a forma como se via e sentiu a dança. Inspirou o espetáculo da revista à portuguesa, com o aspeto visual a tornar-se predominante. A presença da trupe russa acabou por influenciar uma geração de artistas e criadores portugueses, impondo o modernismo definitivamente no teatro mais ligeiro.

O Parque Mayer”, ao longo do século XX, foi também palco de muitos dramas. Apesar dos momentos de glória em espetáculos de sucesso, os aplausos recebidos na ribalta conviviam com a boémia nos bastidores, culminando, por vezes, em finais dramáticos. Um dos casos que mais eco teve na imprensa diária da época, pelos contornos envolventes, prendeu-se com o assassinato da atriz Maria Alves. “A Capital”, de 31 de Março de 1926 (fig. 4.29), noticiava que nessa madrugada, o corpo da atriz é descoberto sem vida nas proximidades da residência da própria.



Fig. 4.29 – “Um crime sensacional: Foi assassinada a atriz Maria Alves”

²⁷⁴ Os *Ballets Russes* atuaram em Lisboa entre Dezembro de 1917 e Março de 1918, apresentando os seus espetáculos no Coliseu de Lisboa.

Maria Alves (1897-1926), natural do Porto, veio para Lisboa em 1916, estreando-se como corista nos teatros do Parque Mayer. O sucesso imediato alcançado tornou-a rapidamente uma atriz pisando os palcos do Teatro Apolo e o Éden Teatro. Ao imediatismo do talento de Maria Alves não ficou alheio o empresário teatral Augusto Gomes, diretor do Teatro Nacional, admitindo-a para a sua companhia “A Portugália”. A proximidade da convivência entre ambos rapidamente se transformou numa aventura sentimental.

António Ferro, que na época trabalhava no “Diário de Notícias”, iniciou de modo próprio as investigações ao crime, revelando que Augusto Gomes e Maria Alves mantinham um romance e que ela já havia expressado queixas sobre ciúmes e agressões anteriores por parte do empresário. Augusto Gomes foi detido e confessou o crime, admitindo tê-la estrangulado após descobrir que ela o traía enquanto ele esteve ausente, levando-o a fazer, de acordo com as suas palavras. "o que um homem honrado sempre faz".

Maria Alves foi sepultada em Campo de Ourique, no “Cemitério dos Prazeres”. O assassinato da atriz teve uma enorme repercussão na época, servindo de inspiração para o filme e para a peça de teatro “O Táxi N.º 9297”, ambos escritos pelo jornalista Reinaldo Ferreira, conhecido como Repórter X.

Do que fica exposto infere-se que, sobretudo na década dos anos vinte, os lisboetas depois de terem estado fechados e controlados pela “I Grande Guerra”, pela gripe “Pneumónica” e pelas consequências dessas situações nas experiências e na sociabilidade, trouxeram a vida para as ruas e para locais como cabarés, clubes, cafés, entre outros. O clima festivo passou a ser uma presença constante. Campo de Ourique, em processo de crescimento urbano, continuava ainda fechado sobre si mesmo.

4.7 PRESENÇA DA MULHER

O quadro delineado da Lisboa nos anos vinte é revelador sobre a transformação nas suas sociabilidades. As novas atitudes associadas a uma nova classe média colidem com uma sociedade antiga de tradições conservadoras. A capital tradicionalista voltava-se agora para a Lisboa contemporânea, trazendo consigo novas experiências incorporadas com novos padrões de mundanidade.

Muitas mulheres passam a chamar sobre si a atenção com a moda e o vestuário, valorizando o corpo e a aparência, de modo a revelar a libertação feminina em relação aos preceitos tradicionais. Surge o perfil andrógino com as “melindrosas”, também conhecidas como *flappers*, jovens que cortam o cabelo à *garçonne* e abdicam dos vestidos longos em favor de curtos e silhuetas mais largas. O novo preceito feminino tem notícia no Diário de Lisboa, na sua edição de 20 de Fevereiro de 1926 (fig. 4.30).



Fig. 4.30 - Diário de Lisboa, 20 de Fevereiro de 1926

A notícia do vespertino mostrava uma estatística curiosa: “Os cabelos cortados encheram caixotes. Trezentas senhoras por dia submeteram-se à tortura do cabeleireiro. Os estabelecimentos da Travessa do Salitre, ao Chiado, da Rua Serpa Pinto, da Praça dos Restauradores, trabalharam noite e dia; despelaram meia Lisboa. Na Rua do Loreto, dizem que houve bicha. Um barbeiro na Rua do Carmo, elegante e discreto, com gabinete cor-de-rosa, fez uma fortuna; deve ter servido, entre cabelos cortados e ondulações, cerca de quinhentas senhoras.”²⁷⁵

A libertação da mulher ao nível dos “costumes”, permitiu aos clubes noturnos ganharem espaço na oferta de lugares de prazer e de excesso, de extravagâncias morais e físicas. As mulheres, ditas da sociedade, as elites, começaram a frequentar os clubes noturnos em ocasiões especiais como festas de fim de ano ou no carnaval. As outras, a maioria, mulheres “emancipadas”, as *papillons*,²⁷⁶ de cabelo curto, saia subida e cigarro comprido faziam parte do ambiente do clube. A sua função era estar, dançar, conversar, criar ambiente e fazer que os clientes consumissem. Eram pagas para lá estar, a animar a noite.

Os jornais e revistas tornaram-se o principal veículo de divulgação e promoção dos clubes noturnos. Para os cronistas da época, tudo era bem aceite. Os cabarets tornam-se um símbolo e um exemplo do espírito dos tempos então vividos, onde a transgressão era vista como mote de modernidade.

Embora muitas ou algumas mulheres passassem a frequentar os clubes noturnos de maneira sociável, aparentemente a sua presença sugere um elemento de transgressão moral ligada à extrema erotização da figura feminina, patente no desvendar do corpo, quer pela diminuição do tamanho das saias ou pelo aumento dos decotes, quer pela apresentação de números de *strip-tease*. Numa sociedade entregue ao deleite, o espetáculo é parte indispensável, e deve ser lúdico para satisfazer os caprichos de uma assistência volúvel e pouco dada a profundas reflexões.

Neste ponto, a bailarina Lea Niako (1908-?), na sua passagem por Portugal em 1927/1928, lançou uma mancha de modernismo exótico nos palcos de Lisboa. O que mais a celebrizou foi a plena assunção, então inédita, da nudez, num dos mais significativos sinais de liberalidade da década de 1920. Dizia-se originária da Indochina mas era, na verdade, natural de Hamburgo, nascida em 1908, de pai alemão e mãe persa; o seu verdadeiro nome era Maria Kruse. Foi capa de várias revistas, posando nua sem censura e todas as referências que lhe foram feitas elogiavam o seu espetáculo e a elegância das suas formas esculturais.

²⁷⁵ Diário de Lisboa, 20 de Fevereiro de 1926

²⁷⁶ As *papillon* corporizam uma prostituição de matriz cosmopolita; v. MATTOSO, José - *História da Vida Privada em Portugal*, Temas e Debates, 2011.

Atendendo ao contexto social da época, o sucesso da artista residia, sobretudo, no modo exótico e, certamente, erótico com que fazia bailar um corpo sem roupa. A sua aparição foi anunciada nos jornais e revistas de Lisboa em Junho, Novembro e Dezembro de 1927, Janeiro, Agosto, Novembro e Dezembro de 1928. (fig. 4.31)



Fig. 4.31 - Léa Niako – Revista CINE, Dezembro 1928

A revista “Cine” reproduziu, pormenorizadamente, passagens do espetáculo de Lea Niako, no “Teatro São Luiz”:

“As primeiras notas vibrantes da orquestra fustigam os nervos, despertando-nos para a vida intensa dum mundo novo. Lentamente, o pano sobe e Léa Nako surge abandonada, molemente, sobre um divan. Seu corpo miúdo e frágil vive do relevo de linhas que se descobrem no véu de côr bizarra que a envolve.

Em cadências suaves, a música marca vôos subtis de asas que se abrem para a eternidade – e ela, a dançarina de mágico poder ergue um braço agora, logo outro, em arabescos singulares.

Ergue-se, por fim, desnudada, precipitando-se no palco, dominada pelo delírio da música que a orienta e a faz vibrar. Estátua de carne viva, em cuja Arte há crispações ardentes e ritmos sensuais, exuberâncias plásticas que assombram e aspectos de nevrose que subjugam.

Léa tomou conta de nós, e a nossa alma eleva-se para o culto dela na apoteose fulgurante da sua beleza. Dançam os nossos corpos com o seu corpo, brilham os nossos olhos com os seus olhos, vibra a nossa emoção com a sua arte... É quando o encanto se soberanamente – pelo que nos fez sofrer, pelo que fez amar” ²⁷⁷

A elite portuguesa, ou pelo menos uma fração dela, começava a se deixar encantar pela liberdade da imagem proposta pelas “folias” de Paris, tanto nos teatros de variedades quanto nos clubes e casinos que surgiram em Lisboa. Além disso, esses assuntos e ambientes influenciaram produções mais sérias, como “Montmartre”,²⁷⁸ que foi apresentado pelo “Teatro Nacional” em 1919, com atos de títulos igualmente sugestivos como “Moulin Rouge”, onde se destacavam personalidades como as atrizes Palmira Bastos, Erico Braga e Ilda Stichini.²⁷⁹

Novos padrões de comportamento da mulher nos anos 20 emergem nas rotinas diárias inovadoras, como sair sozinhas, frequentar cinemas, restaurantes, teatros e salões de dança. Cultivando-se, como nunca antes, o encanto físico da mulher e se descobre o seu corpo, surgem os primeiros concursos de beleza feminina, em busca de um ideal estético que passa por considerável emagrecimento, se comparado com os padrões do princípio do século.

Foi assim que, em 1927, é eleita a primeira “Miss Portugal”, para representar o país em Maio de 1927 no certame de “Miss Universo”, em Galveston, no Texas. A imprensa diária fez eco do acontecimento, como o “Diário de Notícias”, na sua edição de 16 de Março de 1927, convidando a encontrar a mais bela do país para participar na competição, escrevendo: “Miss Portugal, um dever patriótico. É necessário que as mulheres bonitas da nossa terra se apresentem para a sedutora e patriótica viagem à América do Norte.” ²⁸⁰

Os pedidos do jornal repetem-se diariamente a convidar todas as mulheres solteiras entre 16 e 25 anos para se inscreverem no primeiro concurso de “Miss Portugal”, com o envio de fotos para a sede do matutino. No dia apazado, no Salão Nobre dos Paços do Concelho de Lisboa, reúnem-se 21 das 23 candidatas escolhidas originalmente (uma do Porto e outra da Figueira da Foz desistem) e mais 11, selecionadas apenas horas antes. Na Praça do Município, uma hora antes do concurso, juntara-se uma multidão que a polícia e a GNR mal conseguiam conter e ali permaneceu ao sol durante mais de quatro horas. À sua chegada de automóvel, as concorrentes eram cercadas e interpeladas pelos transeuntes.

²⁷⁷ Lea Niako, Revista CINE Ano 1, nº 7, Dezembro de 1928

²⁷⁸ Montmartre é um bairro histórico e artístico de Paris, conhecido pelas suas influências boémias e pela presença de artistas como Picasso e Van Gogh.

²⁷⁹ LUZO, João - *De Relance: Nacional-Montmartre*, Jornal dos Teatros, 24 de Outubro de 1926, p 7

²⁸⁰ Diário de Notícias, 16 de Março 1927

O júri da primeira eliminatória é composto pelo escritor Júlio Dantas, o pintor Columbano Bordalo Pinheiro, o professor de Educação Física Carlos Gonçalves, o aguarelista Alberto Sousa, o escultor Francisco Santos, o arquiteto Raul Lino e o chefe de redação do DN, Rocha Júnior, que examinam mais de quinhentas fotografias das jovens. São escolhidas as 23 mais belas, mas não se divulgam nomes, apenas as iniciais e a localidade de origem.

As concorrentes começam por comparecer juntas, na sala do júri, e depois apresentaram-se uma a uma. No final só restam três. Margarida Bastos Ferreira, de 20 anos, da Amadora, seria a vencedora, enquanto Virgínia Lima e Maria Emília Casanova Ferreira, ambas de 19 anos e de Lisboa, ocuparam o segundo e terceiro lugares. Finalizada a eleição, a emoção invade as ruas, enquanto a eleita Margarida desfila no varandim do Salão Nobre, perante palmas, acenos, ovações, e a agitação das capas negras dos estudantes.

No Porto, aclamada como uma verdadeira rainha, uma multidão aguardava-a na estação de São Bento, a caminho de Vigo para embarcar no paquete Niagara para os EUA. A revista “Domingo Ilustrado” exibiu, na sua edição de 17 de Abril a representante portuguesa com as congéneres de Itália e França (fig. 4.32).



Fig. 4.32 - Margarida Bastos Ferreira com a Miss Itália e a Miss França
O Domingo Ilustrado, 17 de Abril 1927

Margarida Bastos Ferreira regressou de Galveston sem qualquer título. Mas por cá não deixou de ser aclamada como uma verdadeira rainha, com direito a aglomeração à porta da casa na Amadora, onde vivia, com uma ampla cobertura da imprensa, que seguia todos os seus passos, elogiando-lhe a simpatia e a formosura.

A jornalista Liliana Monteiro (2016) reportou ao acontecimento:

“No final, a concorrente portuguesa não obteve qualquer classificação. O júri americano não lhe deu o prémio a que muitos a julgavam com direito, mesmo não usando maquilhagem em nenhuma das competições. António Ferro criticou a preferência do júri pelas concorrentes americanas. Rapidamente a polémica instalou porque a primeira e segunda classificadas eram ambas casadas e o regulamento determinava que as candidatas teriam de estar solteiras. Adicionalmente, cada país deveria ter apenas uma representante, o que não aconteceu no caso dos EUA.

Margarida Bastos Ferreira regressou à Europa, passando por Paris no início de Junho onde, segundo o *Diário de Notícias*, um encontro casual com o político republicano exilado Afonso Costa apenas lhe confirmou a admiração dos seus conterrâneos, declarando-lhe o antigo chefe do Governo que os americanos tinham sido muito injustos e que ela seria sempre a “Rainha de Portugal”. Sem título, mas não sem glória, Margarida regressou a Portugal na véspera de Santo António.”²⁸¹.

Não obstante a abertura da sociedade, sobretudo lisboeta, a estas novas iniciativas, a opinião pública não era unânime. Os papéis femininos e masculinos continuavam bem definidos e delimitados. Alguns magazines e periódicos, que aparentemente demonstravam alguma modernidade e abertura em relação às transformações sociais que a nova década proporcionou, davam nota de como essas transmutações não eram muito bem vistas por grande parte da população. Mesmo entre os homens havia controvérsia sobre o papel da mulher na sociedade mundana vigente.

Recordando José Valentim Fialho de Almeida (1857-1911), o escritor e jornalista era um acérrimo observador da sociedade lisboeta, acerca da qual refletiu em diversas crónicas e contos. Um dos atores sociais que lhe chamou a atenção foi a mulher, nomeadamente a mulher urbana de Lisboa, sobre a qual tecia considerações dúbias. Vários analistas deram conta desta tendência de Fialho de Almeida, como por exemplo, Ricardo Revez (2012) que escreveu:

“O escritor tinha uma visão algo ambígua na forma como concebia o carácter e o papel sociofamiliar da mulher. Por um lado, considerava que as mulheres deveriam ser “noivas ideais, mães de família imaculadas, ídolos do lar; o seu papel básico na família deveria ser, a maternidade, a culinária, a economia doméstica, a enfermagem ou a alfaiataria. Por outro lado, na sociedade urbana moderna, a jovem mulher burguesa encontrava-se exposta a uma série de estímulos que espicaçavam a tendência feminina natural biológica para o vício, em geral, e para

²⁸¹ MONTEIRO, Liliana Lopes - *A primeira Senhorita de Portugal*, in Academia Edu, História (Lisboa) por Fabiana Barros, Visão História, nº 36, Julho, Edimpresa. 2016.

o sexo, em particular. A cidade parece surgir aqui como propiciadora do vício, da imoralidade, da emergência da parte mais animalesca da mulher.”²⁸²

Idêntica apreciação da mulher foi retratada em a “*Leviana*”, por António Ferro, escrito em 1919, no qual reflete a nova mulher que circulava - ou se queria a circular - pela Lisboa, na Avenida e no Chiado, descrevendo a “situação mundana em que o modernismo se comprazia”²⁸³. Assim como em *Colette*, escrito em 1921, no qual se pronuncia negativamente sobre a capacidade das mulheres para a criação dramática: “Para se fazer teatro é preciso ser inteligente, primeiro que tudo. As mulheres só são inteligentes, quando não têm mais nada que fazer. (...) Não. Elas nunca saberão fazer teatro; limitam-se, infelizmente, a fazer cenas.”²⁸⁴

Havia contudo quem olhasse a mulher com maior condescendência relativamente aos seus comportamentos, muitas vezes mal interpretados. O enxerto literário, escrito na linguagem eloquente de João Ameal (1922), publicado na “*Ilustração Portuguesa*”, é elucidativo disso mesmo:

“A hora da saída dos teatros- hora montra de silhuetas e civilizações - espanejava-se, na noite cálida e branca. Os poucos automóveis serpeavam, como magias barulhentas, com sinfonias bárbaras nos gritos ásperos das sirênes.

As mulheres, processionalmente iam passando, desnudadas nos decotes exibicionistas de verão, como aves estranhas de plumagens poli-fulgurantes.

Uma delas, uma loira flébil com olhos de peppermint e flexiúsidades de caule, impressionou Celestino Alter, que perguntou a um amigo próximo, numa curiosidade:

- Não é a Graça Aranda?

- Creio que sim - respondeu o outro – parece-me ser ela. Agora, exhibe mais uma ligação com aquele francês glabro da embaixada...

Graça Aranda acabava justamente de tomar o braço dum rapaz musculoso e dandy, cuja expressão bonômica e cuja viatura, de cinza reluzente, ocupavam as atenções da rua.

- Como lhe surgiu agora este “bégni”?

- Contaram-mo, de leve. Um encontro, algumas frases banais, um “rendez-vous” para o dia seguinte, em casa dela - onde ele queria ir beijar-lhe as mãos longas. Depois, um delíquio, uma tontura, um enovelamento - e agora, o “affichage”...

Celestino Alter travou do braço do amigo e, enquanto ambos caminhavam sobre o “macdam” aluarado, comentou:

- A tendência daquela mulher para se entregar ao primeiro homem que lhe apareça á primeira esquina da vida...

Os últimos grupos mundanos sumiam-se, pelas ruas embranquecidas, no torvelinho das “aigrettes”, das risadas e dos vagos escândalos ignorados. Celestino Alter retomou ainda o seu comentário:

- Bandelaire, Huysmans, todos os misóginos que lançaram á mulher a sua censura e o seu desprezo tinham bem razão. Nós temos esforços, lutas, conflitos, pelo destino fora. A mulher passeia pela vida como por uma álea dum parque, onde só lhe estão reservadas volúpias inéditas e caprichos incoerentes ...

Mas o amigo não concordou, argumentou até, numa rebeldia:

- Deixe-se das eternas teorias banais e superficiais. Há mulheres que sentem, que vibram, que sofrem, que beijam com a veemência febril das sinceridades. Você não as

²⁸² REVEZ, Ricardo – *A Reflexão sobre a Mulher em Fialho de Almeida*, Faces de Eva, nº 27, Edições Colibri, Universidade Nova de Lisboa, Setembro de 2012, pp 92-93

²⁸³ FERRO, António - *Leviana*, Livraria Civilização, 1919.

²⁸⁴ FERRO, António - *Colette, Colette Willy, Colette*, Rio de Janeiro, H. Antunes Editor, 1921.

conhece; julga-as todas, apenas, mercenárias do instinto, á disposição do primeiro abraço que as cinja! Pois aí tem justamente um desmentido, nessa Graça Aranda, que desfilou, em frente de nós, como um manequim de luxo e sensualismo....

-Um desmentido!

-Sim, um desmentido. Conheci-a, há quatro anos, casada ainda, em plena honorabilidade. Graça Aranda não é, como você afirmou levianamente, uma viciosa libertina; o que ela é, é uma criatura frágil e nervosa, incapaz de reações varonis, facilmente arrastada, submergida, na lama fascinante do “ruisseau”. E se ela é, como hoje, uma figura de turbilhão e de cronica equivocada, a culpa é, essencialmente, esmagadoramente, desses homens que a tiveram e a poluíram e cada vez a foram tornando mais dominável, mais inconsistente, mais irremediavelmente escrava dos seus sentidos e das suas fraquezas...”²⁸⁵

Vivia-se, entretanto, o período do modernismo instalado desde 1915, com a publicação da revista *Orpheu*. Também aqui, na esfera da literatura, o apagamento das mulheres era praticamente total. Não era visível somente na dificuldade em se consolidarem como escritoras, mas também por desvalorização das suas narrativas. Ou seja, a literatura escrita era pertença maioritariamente dos homens sobre dramas em que as mulheres comumente funcionavam como personagens acessórias aos tramas muitas vezes confinados a estereótipos.

A misoginia e o antifeminismo são temas que também fizeram parte do pensamento político e filosófico de Fernando Pessoa. É importante destacar que, além da sua dimensão literária, Pessoa foi igualmente um filósofo social e político. Há investigação voltada para estes aspetos da obra do autor, como o ensaio de José Barreto,²⁸⁶ que os incorpora na sua visão filosófica, com textos inéditos e controversos.

De assinalar que, no período descrito, no discurso feminino, noventa e cinco por cento das mulheres portuguesas ainda não sabiam ler, facto com destaque na primeira página de “*A Capital*”, de 25 de Agosto de 1915. Com efeito, o censo de 1911 registara 77,4 por cento de analfabetas no total da população feminina de idade superior a 7 anos, número que em 1920 desce para 72,5 por cento.²⁸⁷ Em “*A Capital*” trabalhava então Virgínia Quaresma (1882-1973), a primeira mulher jornalista profissional em Portugal e destacada militante feminista.

É verdade que na edição do segundo número de *Orpheu* - revista sem mulheres – surge um nome falsamente feminino, o de Violante de Cysneiros, com poemas de Armando Côrtes-Rodrigues (1891-1971). Fernando Pessoa recomendou ao poeta Côrtes-Rodrigues a “duplicação da personalidade”, sugerindo a este que arranjasse um pseudónimo de mulher; e ele escolheu o nome de Violante de Cysneiros.²⁸⁸

²⁸⁵ AMEAL, João - *Mulher*, Ilustração Portuguesa, 24 de Junho 1922, pp 594-595.

²⁸⁶ BARRETO, José - *Misoginia e Anti-Feminismo em Fernando Pessoa*, Ática. 2011.

²⁸⁷ AAVV - *Uma vergonha! A ignorância da mulher portuguesa*, *A Capital*, 25 de Agosto 1915.

²⁸⁸ Projecto Vercial. *alfarrabio.di.uminho.pt*

É neste ambiente adverso que surge Judith dos Ramos Teixeira (1880-1959), escritora e poetisa portuguesa, figura conhecida de Campo de Ourique. Nasceu em Viseu, em 25 de Janeiro de 1880. Em 1907 casou com Jaime Levy Azancot, e com ele viveu em Lisboa até 1913, altura em que o casamento foi dissolvido por alegado adultério da esposa e abandono do lar. Em 1914, Judith fez o segundo casamento com Álvaro Virgílio de Franco Teixeira, de quem ganhou o apelido. Em Campo de Ourique viveu primeiro na Rua do Arco do Carvalhão e, nos últimos anos, na Praceta Padre Francisco.

Judith Teixeira foi uma presença feminina chave do modernismo português. Começou a escrever na adolescência, mas foi entre os anos de 1922 e 1927 que, editou, praticamente, toda a sua obra. Dirigiu a revista *Europa* e publicou artigos em vários jornais sob o pseudónimo de Lena de Valois.

O seu primeiro livro, “Decadência” foi editado em Janeiro de 1923, pela Imprensa Libânio da Silva (fig. 4.33). O segundo livro “Castelo de Sombras” foi publicado em 1923. Ambos os livros não escondem ser de alguém que fazia gala da sua homossexualidade.

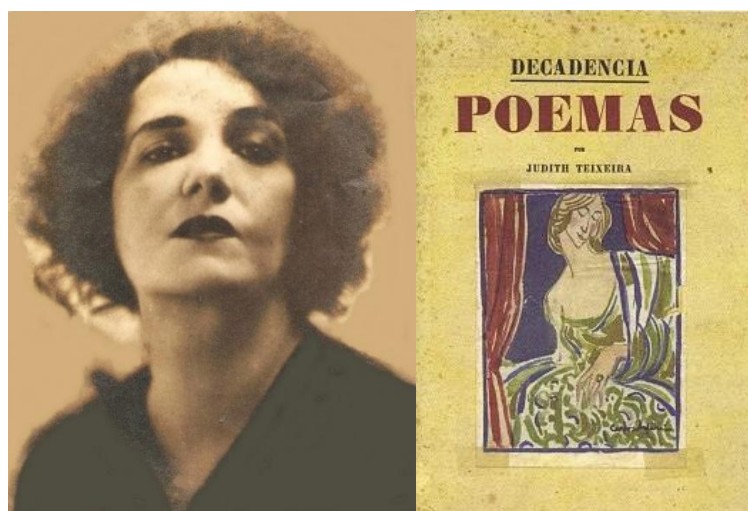


Fig. 4.33 - Judith Teixeira e a sua primeira obra, Ed. Líbano da Silva. Janeiro 1923

Os poemas de Judith Teixeira são duplamente transgressores, na medida em que não apenas falam do amor entre mulheres, mas, principalmente, porque aludem a um corpo feminino libidinoso, que desperta e sente desejo. Aponta para uma sexualidade que a sociedade da época considera imprópria para ser publicamente exposta.

“No meio do turbilhão provocado pela geração de Orpheu, o meio literário português, predominantemente masculino, não aceitou bem a poesia impactante e provocativa de Judith Teixeira, trazendo para os seus textos não apenas o corpo feminino, mas um corpo que deseja, é desejado e vive múltiplas formas de prazer. O conteúdo erótico dos seus poemas ditará a sua

O “Diário de Lisboa” de 6 de Março de 1923 (fig. 4.34) anuncia a decisão com o título “O caso da apreensão dos livros e o que nos afirma D. Judith Teixeira.”



Na notícia, quando questionada acerca da apreensão de Decadência, a poetisa responde ironicamente: “Encaro-a com a maior serenidade possível, confiada em que o equívoco se vai desfazer, porque, sobre nenhum aspeto, o meu livro merece tamanha celebridade. (...) Que impressão lhe causou a notícia da apreensão? - Contrariedade... De ordem material em caso nenhum, tanto mais que o livro já se tinha vendido regularmente. Senti uma pequena impressão moral, lembrando-me que os que me não conhecem seriam capazes de supor-me com tão mau gosto que fosse publicar um livro menos delicado.”²⁹⁰

Em 1926, aquando da edição do livro de poemas “Nua. Poemas de Bizâncio”, Judith Teixeira volta a estar no centro da discussão. Sobre a obra se insurge, então, Marcello Caetano, por questões de política e moralidade, criticando a autora, a que chama “desavergonhada”, pela imoralidade da sua literatura que titula de “arte avariada”.²⁹¹

Apesar da exclusão e marginalização a que foi sujeita, Judith foi tida por alguns investigadores a única poetisa modernista da sua geração. Só ficou na margem desde que afirmou a sua poesia de tom explicitamente erótico e sáfico.”²⁹² Nas palavras de Andreia Oliveira (2013), professora de literatura, “Judith Teixeira, poetisa e ficcionista dos anos 20 do século XX, foi um caso singular da literatura portuguesa.”

Sabe-se pouco da vida de Judith Teixeira após os escândalos dos anos 20. Colaborou episodicamente no Suplemento Literário do “Diário de Lisboa”. Veio a morrer, a 17 de Maio de 1959, viúva, sem filhos e sem bens para legar, na sua casa em Campo de Ourique.

Não obstante as adversidades, a cultura portuguesa, no século XX, foi enriquecida por mulheres que se destacaram em áreas como a literatura, a política e ativismo, deixando um legado cultural e social notável. O trabalho e a luta dessas mulheres contra o preconceito e por igualdade foram cruciais para a visibilidade da voz feminina na cultura portuguesa, com o seu legado a inspirar gerações.

Uma dessas mulheres, também com rasto histórico em Campo de Ourique, foi Genoveva de Lima Mayer Ulrich, renomada Veva de Lima, tendo como marca de personalidade o lema

²⁹⁰ Diário de Lisboa, 6 de Março de 1923: *O caso da apreensão dos livros e o que nos afirma D. Judith Teixeira*.

²⁹¹ CAETANO, Marcelo - *Arte sem moral nenhuma*, in *Ordem Nova*, nº 4-5, junho-julho, 1926, pp 156-158.

²⁹² OLIVEIRA, Andreia - *Judith Teixeira: a boca é o vazio cheio da periferia*, *Cadernos de Literatura Comparada* nº 29, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Dezembro de 2013, pp 246

“trembler ne peux, tromper ne veux, flâchir ne daigne”.²⁹³ O bairro foi palco do esplendor dos saraus culturais que promovia na sua residência à rua S. João dos Bem-Casados (Rua Silva Carvalho) onde a elegância e a imaginação se uniam em ambiente enaltecido pela singularidade criativa da anfitriã. Ali tinham lugar as tertúlias, na tradição romântica dos salões lisboetas, onde juntava elites do meio artístico, intelectuais e políticos. Por lá passaram António Ferro, Fernanda de Castro e consta que, ocasionalmente, Calouste Gulbenkian.



Fig. 4.35 - Genoveva de Lima Maia Ulrich – 1917

Nascida em 1886, em Lisboa, Veva de Lima coube-lhe em sorte nascer no ambiente onde a literatura era uma tentação de família. O pai, Carlos de Lima Mayer (1846-1910), médico e industrial, embora não fosse escritor, pertencia aos “Vencidos da Vida”, o grupo político que deixou marcas indeléveis na cultura portuguesa através das suas páginas literárias. Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Condes de Sabugosa, de Arnoso, e de Ficalho, Carlos Lobo d’Ávila, António Cândido, Guerra Junqueiro eram frequentadores assíduos da casa de Carlos Mayer.

Veva de Lima casou com Rui Ennes Ulrich (1883-1966), monárquico, professor de finanças na Universidade de Coimbra, que foi também administrador do Banco de Portugal e,

²⁹³ CASTRO, Zília Osório & ESTEVES, João - *Genoveva de Lima Mayer Ulrich*, Livros Horizonte, 2005, pp 368-369

por duas vezes, embaixador em Londres. O casamento com Ulrich permitiu-lhe viajar pela Europa, África e Estados Unidos e facultou-lhe a criação, em sua casa, de um salão frequentado por intelectuais e diletantes. No período em que Ruy Ulrich esteve como embaixador em Londres, em 1933, Veva de Lima, bonita, insinuante e bem vestida, desperta um sinal de apreço pela Casa Real e simpatia de Isabel II, de tal modo que a própria diligenciou o prolongamento da missão do marido para que o casal pudesse marcar presença na cerimónia da sua coroação, em Junho de 1953.

O palacete que habitou, onde tinham lugar as tertúlias, foi construído em 1894 por Joaquim Augusto Ponces de Carvalho, primeiro e único Conde de Vilar Seco. Posteriormente passaria, por herança, para a posse da casa de Anadia. É a esta família que, em 1920, Rui Ulrich arrenda o palácio, procedendo à sua recuperação, com grande fausto e embelezamento interior. A casa tem cinco pisos, com cave, sótão, jardim, garagem e anexos, destacando-se a entrada nobre do palácio, a escadaria de decoração neoclássica, a imitação das pedras decorativas e o empedrado do átrio com as suas pilastras coríntias (fig. 4.36).



Fig. 4.36 - Palacete Ulrich – Rua S. João dos Bencasados (Rua Silva Carvalho) – AML s. d.

Os encontros ocorriam com algum requinte excêntrico e o seu quê de exótico, como receber os convidados, sentada com uma chita aos pés, que o irmão havia trazido de África. Ela própria tivera a sua experiência africana, que se saldara por um lote assinalável de peles com que forrava as escadarias do palacete.

As tertúlias de Veva Lima eram correntemente notícias na imprensa. O “Diário de Lisboa”, na edição de 1 de Abril de 1925, noticiava:

“A Sra. D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich e o Sr. Ruy Ulrich ofereceram ontem, na sua elegante residência, a S. João dos Bencasados, um esplêndido “chá” às pessoas das suas relações. Durante a tarde, além da animada conversação, o distinto ator Chaby Pinheiro, disse magistralmente versos em português, francês e espanhol, e o Sr. Armando da Câmara Rodrigues, cantou algumas canções francesas e brasileiras, os

quais receberam da assistência vibrantes aplausos. Na assistência marcaram presença Lady Carnegie, Condessa de Planas Suarez, Madame Veretzch, Madame Garet Watson, Madame Keley, Lady Marie Carnegie, Marquesa de Gouveia, Condessa das Alcaçovas, D. Maria Teresa de Lima Mayer de Magalhães, entre meia centena d e outras distintas senhoras.”²⁹⁴



Fig. 4.37 – Veva de Lima entrevistada para a “Ilustração Portuguesa”, 14.12.1921 - AML

A fantasia não faltava à dona da casa, mas nem por isso ofuscava a manifestação de fortes exigências no campo da cultura e de um acentuado sentido filantrópico, quer sob a forma de ações de caridade individuais ou coletivas, organizadas a favor dos desprotegidos da sorte.

Foi notícia no “Diário de Lisboa” (fig. 4.38) a sua participação na festa de caridade no “Teatro Nacional” em que ela própria se dispõe a interpretar dois originais seus, não lhe poupando elogios: “Dona Genoveva de Lima Mayer Ulrich é uma das mais ilustres senhoras da sociedade portuguesa. E é tanto pelo seu nome e pela sua posição, como pelo seu talento excecional e pela sua apurada sensibilidade. Mas esta ilustre senhora tem uma qualidade que irrita certas mulheres e certos homens livres de pensar por natureza: pensa. Pensa e sente – o diz, o escreve, por vezes o que pensa e o que sente.”²⁹⁵

²⁹⁴ Diário de Lisboa, 1 de Abril de 1925

²⁹⁵ Diário de Lisboa, 30 de Abril de 1925: “Veva de Lima vai interpretar dois originais seus no Teatro Nacional”.



Fig. 4.38 – Festa de caridade de Veva de Lima – Diário de Lisboa 30.4.1925

Uma das outras iniciativas que a ela se deveu foi a “Venda da Flor” a favor das vítimas da Primeira Grande Guerra (1914-1918), onde e sobretudo na zona da baixa lisboeta, senhoras elegantes vendiam e colocavam flores artificiais na lapela dos casacos de senhores (fig. 4.39).



Fig. 4.39 – Veva de Lima na “Venda da Flôr”, I Grande Guerra, Joshua Benoliel, AML 1917

Ademais, outras particularidades da vida de Veva de Lima ficaram retratadas nas cartas que escreveu a Alfredo Pimenta (1882-1950) historiador, crítico literário e filosófico, poeta e político, nas quais a qualidade literária é um dos aspetos mais relevantes.²⁹⁶ Veva de Lima, pela sua inclinação para a atividade literária não podia deixar de apreciar o peso das opiniões de Alfredo Pimenta.²⁹⁷

É por isso que em 1916, ao deparar com uma nota do escritor sobre uma peça de teatro que mandara recentemente para a luz do público, escreve uma reconhecida carta datada de 2 de Outubro desse ano:

“Meu querido Poeta

(Meu caro Alfredo Pimenta)

Grata, comovida, envaidecida, incrédula e contente, a sorrir de effusão, de dúvidas e incertezas, releio pela terceira vez o artigo que me dedica, amavel e galante como uma flôr entre laços e rendas que beijo, ainda a sorrir e a córar porque sou vaidosa, porque o aprecio e porque sou mulher... (...)

E ouvindo o seu agrado pelo meu livro (...), escutando as suas fórmulas sensíveis e delicadas de me compreender, sinto uma profusa, confusa alvorada de fé e de confiança no meu céu toldado de descrença, de tédio, de diluidas apathias que me afogam e me impedem de lutar (...)

Boa noite

Veva Lima”²⁹⁸

Mais atarde, já nos anos 30, quando Veva de Lima encontra a “Autobiografia Filosófica” de Alfredo Pimenta, escrita para uma conferência proferida em 1935 na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra aos estudantes de Direito, não hesita e escreve-lhe uma longa carta que aliás é também a reação a outra que Alfredo Pimenta lhe escrevera, preocupado, com a possibilidade de ela se encontrar doente. A carta que escreve a Alfredo Pimenta, revela o estado emocional que expressa no momento e circunstância:

“Embaixada de Portugal em Londres

Meu qdº Amigo

(...) Do fundo da minha morte ponho-me em bicos de pés, como quem se chega a uma janella alta, para lhe dizer: «Olá! Bom dia! Quem passa?! É Você? Está bem?... Eu?... Bem, muito obrigada...

Passaram-se 20 annos. Não sei já se passaram... Quando se chega ao que eu cheguei, já nada passa, de repente o passado, o presente, o futuro crystalizam n’uma mesma unidade e o tempo ficou imovel.

Eu hoje SOU um instrumento articulado, com um cérebro simples, magistralmente imbecilizado. Eu sou? = uma parva. Estou embrutecida, idiota, não tenho espirito, não tenho critério, posso sorrir seis quartos d’hora a fio sem dizer nada, ou dizer imbecilidades seis quartos d’hora a fio sem pensar um segundo.

Autómato perfeito, manequim de gala, bonéca de cartão pintada trez vezes ao dia, instrumento docil do futil, do pueril, nulla no encéphalo e na falla, possuidora de todo o material da banalidade civilizada que é a educação suprêma, fantóche macábrio e

²⁹⁶ PIMENTA, Maria Teresa - *Cartas de Genoveva de Lima Mayer a Alfredo Pimenta (entre 1916-1935)*, in “FACES de Eva – Estudos sobre a Mulher”, nº 10, Edições Colibri. 2003.

²⁹⁷ LIMA, Veva – *Alfredo Pimenta, Fantaisie du Printemps*, 1 de Outubro de 1916

²⁹⁸ PIMENTA, *op cit* (2003)

amavel, sacerdotiza dos sonobismos rytuaes, cretinêta «em série» com diadêma na testa, tornei-me estúpida integralmente.

Sou avatar? Sobrevivente? Reincarnada? Morta? Morta! Atravez da vida incohercível, eu sou, eu vim a ser uma Embaixatriz n'este grande império, o maior de todos os tempos, faltando apenas saber, se sou embaixatriz porque este é o maior império de todos os tempos ou se o império é o maior de todos os tempos porque eu sou n'elle embaixatriz (...)

Adeus meu querido ingrato e monstruoso amigo. Se soubesse como eu tenho saudades minhas – que o mesmo é dizer que as tenho de si! Resta-me uma grande gêma translúcida cor de absynte que trago suspensa ao pescoço. Ella lembra-se de si

Eu também...

A minha maior estima.²⁹⁹

Em fase mais adiantada da vida, sob irreprimível impulso de amor filial, Veva de Lima escreveu a biografia de seu pai, sob o significativo título “O Único Vencido da Vida Que Também O Foi Da Morte”, justificando a ausência de qualquer obra escrita que lhe desse um lugar na memória coletiva.³⁰⁰

Nesse entretempo, à margem dos acontecimentos, a vizinhança de Campo de Ourique estava longe de imaginar o que se passava naquele palacete da Rua Silva Carvalho, com o brilho dos saraus culturais ali organizados por Genoveva de Lima Mayer Ulrich. Assumida no pensar e decidida nas atitudes levava-os aos últimos efeitos, entre o escândalo ou a polémica, mesmo se isso implicasse exotismo ou excentricidade.

²⁹⁹ Veva de Lima, carta a Alfredo Pimenta, sem indicação de data, mas o sobrescrito tem o carimbo de 13 de Agosto de 1935.

³⁰⁰ LIMA, Veva - *O Único Vencido da Vida que também o foi da Morte*, Liv. Luso-Espanhola, 1945.

4.8 SÚMULA DO CAPÍTULO 4

Este capítulo, percorrendo as décadas de 1910 e 1920, é nuclear na tese, circunstância que o torna mais extenso na sua explanação. Tem aqui lugar uma maior aproximação aos aspetos que contextualizam o tema em estudo.

Campo de Ourique irrompe na década de 1910 com grande protagonismo e notoriedade. É no Quartel do bairro que se inicia a revolução que pronuncia a queda da monarquia e implantação da Primeira República em Portugal. A intervenção do Regimento de Infantaria 16 consta das notas escritas por Machado dos Santos, o oficial da marinha que conduziu o golpe. Aí confirma o auxílio dos revolucionários civis de Campo de Ourique, mobilizados pela Carbonária. Já anteriormente o bairro havia sido lugar de conspirações contra a monarquia. O palacete do Conde das Antas, para os lados da paróquia de Santa Isabel, era local habitual de reunião do clube dos Makavenkos, criado por Francisco Grandela, maçom e boémio, como os demais.

A tese traça o panorama resultante da mudança de regime, fazendo notar as transformações na toponímia de Lisboa, substituindo nomes de figuras monárquicas e religiosas por nomes que remetem aos ideais republicanos. Destaca-se a presença no bairro do poeta Guerra Junqueiro, uma das maiores personalidades associadas à causa republicana. A sua morte em 1923 provocou um imenso luto em todo o país. O cortejo fúnebre saiu de sua casa no bairro para a Basílica da Estrela, com a bandeira nacional sobre a urna.

No período analisado, em que prossegue a urbanização do bairro, retrata-se o novo cenário político e social com o surgimento de novos personagens migrados de outras paragens do território nacional, portadores de novos costumes populares, e o seu efeito nas mudanças na afirmação na sociabilidade em várias dimensões da vida pública. Observa-se que em razão do aumento da população no espaço urbano a escassez de casas disponíveis intensificou-se, conducente à construção de pátios e vilas, de que Campo de Ourique tem marca histórica da sua presença.

Constata-se que o novo regime político, em presença, trouxe a ampliação do ensino da educação pautado pelos princípios do pensamento republicano e da liberdade. Observa-se que Campo de Ourique, antes da queda da Monarquia, dispunha apenas desde 1905 de uma escola, as Oficinas de S. José. A partir de então, diversos colégios vão surgindo no bairro. Em simultâneo, observa-se o aumento do movimento associativo, em novos espaços de tertúlias, onde as ideias são debatidas, lugares onde se estava, e que passaram a influenciar a trajetória pessoal e a dimensão política e social do bairro.

Nesse processo de urbanização, Campo de Ourique ainda contava com limitados espaços de convívio. Existiam poucos locais para socializar e consumir bebidas, com a presença mais evidente das tradicionais tascas e adegas, muitas delas propriedade de galegos. Mas gradualmente, aqui e ali, foram surgindo as leitarias, as pastelarias e os cafés, dos quais “A Tentadora”, inaugurada em 1912, se tornou o ex-libris desses estabelecimentos no bairro

É no meio da segunda década de noventa que emerge a vanguarda do movimento modernista. Em 25 de Março de 1915, decorria a Primeira Guerra Mundial - tempo de intensa agitação política e económica no país - é lançado o primeiro número da revista “Orpheu”. Foi o marco inicial do modernismo em Portugal, quebrando com a tradição, logo emergindo as respostas dos diferentes quadrantes em função da inovação formal e estilística nos âmbitos literário e artístico. Naturalmente, a revista gerou uma forte estranheza em um ambiente cultural caracterizado pelo conservadorismo. O facto é que o Orpheu acabou por ter vida efémera, não passando dois números editados.

Rematada a jornada de “Orpheu”, permaneceu o ideário na figura de Fernando Pessoa, como ícone central do movimento modernista. A tese estende-se com proeminência sobre a vida do poeta, opção que se justifica quer como ícone da literatura na cultura portuguesa, quer a sua presença definitiva em Campo de Ourique, a partir de 1920, permitir o epíteto de bairro literário, cimentado, posteriormente, com a institucionalização da “Casa Fernando Pessoa”.

Após o seu falecimento, diversos biógrafos se empenharam em conhecer o homem para além do poeta, evidenciando se a vida de Fernando Pessoa correspondeu ou não à percepção que dela foi criada; no fundo, compreender os pequenos detalhes, do dia-a-dia, que fazem de nós humanos. A tese dá um apontamento sobre o assunto.

O trabalho prossegue dando nota da urbanidade e sociabilidade que Campo de Ourique foi ganhando com a presença de novas correntes culturais, transformando o bairro de um núcleo militar histórico para um novo modelo urbano, com áreas de convivência renovada e novas maneiras de interação social. Assim, não obstante os anos subsequentes à primeira guerra mundial e à pandemia da Gripe Espanhola, marcados por uma instabilidade social e política que se estendeu no tempo, à entrada da década de 1920, emergiu um período de agitação que os franceses caracterizavam como “Anos Loucos Vinte”.

Aqui a tese entra no tema da boémia; excentricidade, leviandade, sensacionalismo tornam-se conceitos centrais que se estabelecem no vocabulário urbano. Lisboa mostra-se como um espaço de cosmopolitismo mundano, onde todos convergem. Nesse cenário quotidiano, os clubes noturnos emergem como símbolos da interação social lisboeta, evoluindo rapidamente na paisagem urbana e adquirindo uma reputação singular. Os jornais e revistas tornam-se o principal

meio de divulgação e promoção das casas noturnas. Para os cronistas daquele tempo, tudo era amplamente aceito.

Os cabarets tornam-se um ícone e uma representação do espírito da época, onde a transgressão era considerada um sinal de modernidade. Além dos clubes noturnos, outros locais emblemáticos e antigos de Lisboa, distribuídos por diferentes espaços da cidade, estão representados nos cafés que se tornaram também famosos como lugares de sociabilidade, sobretudo frequentados por intelectuais porfiando no debate político e cultural.

A investigação realizada evidencia que uma capital tradicionalista tende agora à Lisboa moderna, trazendo novas vivências, novos padrões de mundanidade. As mulheres atraem olhares, enfatizando o corpo e a beleza, evidenciando a emancipação feminina em relação aos costumes tradicionais. No entanto, continuava notória a exclusão das mulheres em alguns domínios da sociedade, como na literatura, praticamente total. Era um domínio exclusivamente dominado por homens, com enredos nos quais as mulheres apenas surgiam como personagens secundárias em tramas frequentemente limitados a lugares-comum.

Com o que foi possível observar, é naquele contexto feminino hostil que emergem em Campo de Ourique duas mulheres, Judith dos Ramos Teixeira (1880-1959) e Genoveva de Lima Mayer Ulrich (1886-1963), ambas pertencentes à mesma geração, mas afastadas na matriz social. Judith Teixeira representou um caso ímpar na literatura portuguesa. A natureza erótica dos seus poemas determinou a sua “morte artística”. A sua obra foi queimada após campanhas contra o que consideravam uma “Literatura de Sodoma”.

Em Veva de Lima, o bairro foi cenário do resplendor dos saraus culturais que fomentava na sua casa, à rua S. João dos Bem-Casados (Rua Silva Carvalho), onde a sofisticação e a criatividade se mesclavam em um ambiente exaltado pela originalidade e bom gosto. A fantasia não faltava à anfitriã, mas nem por isso diminuía a manifestação de fortes exigências que também punha no âmbito cultural e forte sentido filantrópico, seja por meio de iniciativas, individuais ou coletivas, de caridade organizadas em prol dos mais desamparados.

A história que foi possível traçar, no decurso das décadas de 1910-1920, com as fontes e autores examinados, permite avaliar o panorama vivido na época estudada, oferecendo suporte para a sua interpretação.

**5. CAMPO DE OURIQUE NA “LISBOA NOVA”
1926-1950**

No início da década de trinta de mil e novecentos, segundo o Censo de 1930, existiam em Portugal 6,8 milhões habitantes, continuando Lisboa a ser o centro mais populoso com cerca de 600 mil cidadãos.³⁰¹ Em 1938, a Câmara Municipal de Lisboa, à data presidida por Duarte Pacheco, contratou o arquiteto-urbanista Étienne de Groër³⁰² que, em colaboração com os serviços técnicos municipais, estabeleceu as principais diretrizes para o desenvolvimento da cidade.

O Plano de Groër, ou Plano Geral de Urbanização e Expansão de Lisboa, definiu as orientações para o crescimento da cidade, priorizando a expansão para o norte e o surgimento de novas áreas urbanas. O plano visou atender às necessidades de habitação e infraestrutura da cidade, levando em conta o aumento populacional e as transformações sociais e económicas do período.

É a partir então da década de trinta que mais de metade do total da população da capital passa a residir fora do tradicional núcleo histórico da cidade. Lisboa cresce, pelo desenvolvimento dos bairros em franca expansão. A periferia não é mais um espaço sem urbanidade, é já cidade. A periferia entendida como um espaço de novas oportunidades levou o arquiteto Manuel de Sòla-Morales a designá-la de periferia “esplêndida”,³⁰³ valorizando o seu carácter identitário.

A Companhia Carris de Ferro de Lisboa (CARRIS) contribui para a aproximação às novas zonas urbanizadas e habitadas.³⁰⁴ “Desde o começo do século o “elétrico” foi tomando conta, lentamente, dos transportes coletivos da capital, enquanto, lentamente também, a cidade crescia em área e em população e os tipos de transporte anteriores se tornavam insuficientes ou incómodos. A Companhia Carris de Ferro, entrando no novo século, inaugura a primeira carreira em 31 de Agosto de 1901. A cidade, enleada na euforia da inovação, sente-se dignificada e feliz. O “elétrico” acabou por tomar conta das ruas de Lisboa, da Baixa e das colinas.”³⁰⁵

³⁰¹ MARQUES DA SILVA, F. - *O Povoamento da Metrópole Observado através dos Censos*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística. 1971.

³⁰² Étienne de Groër foi um arquiteto urbanista suíço que, em Portugal, projetou os planos de urbanização em várias cidades, entre os quais o de Lisboa, Costa do Sol, Sintra, Almada, Abrantes, Évora, Beja e Coimbra.

³⁰³ SOLÀ-MORALES, M. - *Territoris sense model*. Revista Papers, región Metropolitana de Barcelona, 1997, p 23

³⁰⁴ CARRIS - *História da Companhia Carris de Ferro de Lisboa em Portugal*, vol. I, II, III. 2006.

³⁰⁵ MOITA, Luís – *O Metropolitano e as (Sete Colinas) Olisiponenses*, OLISIPO, - Boletim do Grupo “Amigos de Lisboa” Ano XIX, Abril de 1956, nº 74, pp 92-94

Antes da expansão da CARRIS, o planalto de Campo de Ourique estava longe do coração de Lisboa. A aproximação entre o bairro e a baixa pombalina só se deu, quando em 1928 a transportadora introduz na sua rede de transportes a carreira da linha 28 Rossio-Estrela e, quatro anos mais tarde, a linha 28A, fazendo o percurso Rua da Conceção-Prazeres.

5.1 CAMPO DE OURIQUE ABRE-SE À CIDADE

É na década de trinta, e nas duas que se seguiram, que Campo de Ourique ganha, gradualmente, nova animação. Abrem portas a novos cafés e restaurantes, dos quais poucos se tem data da sua génese.

A “Pastelaria Aloma”, no gaveto da rua Almeida e Sousa com a rua Francisco Metrass, foi constituída em Janeiro de 1949, pelos sócios João António Barreto e Daniel Luís Serrano Barreto. Nesta rua, quase frontal à pastelaria, o cinema Europa exibiu na sua programação, dessa altura, o filme *Aloma of the South Seas*. A atriz Dorothy Lamour encarnava a personagem *Aloma*, uma lindíssima mulher que surgia meio-despida numa ilha paradisíaca. Os proprietários da pastelaria, hesitantes em dar um nome ao estabelecimento e fascinados pela beleza daquela personagem, não tiveram dúvidas, que o seu “sonho”, também ele arrebatador e polvilhado com romantismo, só se poderia chamar *Aloma*! Quase vizinha da *Aloma*, na Rua Francisco Metrass, uma ex-taberna/carvoaria, mudou a ementa e passou a chamar-se “Cervejaria Europa”.

O “Café Ruacaná”, fundado já nos anos 50, abriu o café também na Rua Almeida e Sousa. O nome do estabelecimento parece ter tido influência africana das quedas de água existentes em Angola. Durante o período do Estado Novo, nas caves do estabelecimento, ocorriam reuniões contra o regime na clandestinidade e guardavam os panfletos e as literaturas que eram impressas na “Livraria Ler” situada na mesma rua, no lado oposto do “Jardim da Parada”.

Na mesma época, duas casas abrem portas ao público no “Jardim da Parada”: o “Café Raiano” na Rua 4 do Infantaria e “O Meu Café” na rua Infantaria 16. Este último tinha um cliente inusitado que se deslocava montado a cavalo; apeava-se, prendia o animal à porta e, entrava, para saborear o café. Na rua de Campo de Ourique, o restaurante “Tico-Tico” era o local para tertúlias dos militares, do quartel vizinho.

Na rua Ferreira Borges, abriram a leitaria “A Vencedora”, o restaurante “Nova Aurora”, a cervejaria “Sevilhana”, o café-pastelaria “Ertilas” e o “Café Latino”. Na “Sevilhana” tinham lugar as tertúlias dos toureiros e aficionados no final das faenas no Campo Pequeno. O “Ertilas” tinha a particularidade de ter duas entradas: de um lado era café para homens e, de outro, pastelaria para senhoras.

O “Café Latino” era o mais frequentado. Ali também se jogava bilhar, entretenimento da moda na época. Um jogo que começou por habitar os salões e foi mesmo indispensável nas casas apalaçadas e moradias de bom-tom, onde um aposento lhe era especificamente reservado. Um desporto de habilidade, paciência e cálculo.

Escreve Maria Alexandra Lousada, (2004) que este jogo já era praticado em Lisboa no século XIX, por todas as classes sociais. Na sua investigação, afirma que “o bilhar era um jogo “tipicamente urbano, praticado no interior de uma sala e adequado ao espaço e à clientela dos cafés”, referindo que “entre 1810 e 1833, foi possível recensear cento e sete locais com mesas de bilhar entre o Cais do Sodré e São Paulo, entre o Loreto e São Roque, no Rossio e imediações.”³⁰⁶

Popularizou-se depois, desceu ao terreiro, inundou as agremiações e os cafés. Masculinizou-se, ao mesmo tempo; o jogo passou a ser só de homens. Nenhum estabelecimento do género poderia pensar em ter farta freguesia, certa e pontual, se não possuísse uma ou várias mesas, umas dúzias de tacos, umas dezenas de paus de giz.

A socióloga Isabel Dias (2017) refere que na época, nos cafés da Baixa, “uma multidão acorria aos bilhares, para admirar a fabulosa técnica de Alfredo Ferraz (1901-1960), o primeiro português a conquistar o título de campeão mundial de bilhar, no ano de 1939, em Lausanne, Suíça, na modalidade de bilhar livre. Foi, aliás, a brilhante carreira deste jogador que levou à criação da primeira organização oficial do bilhar em Portugal, a Associação Portuguesa dos Amadores de Bilhar.”³⁰⁷

No “Café Latino” (fig. 5.1), além da prática do jogo de bilhar, tinham também lugar os fados e guitarradas aos fins-de-semana, promovidos por José Miguel (1908-1971), proprietário e concessionário de algumas das casas de fado e café concerto de Lisboa, e mais tarde, empresário do “Parque Mayer”.³⁰⁸ Na época, na casa atuavam grandes nomes do fado, entre outros, Alfredo Marceneiro (1891-1982) e Amália Rodrigues (1920-1999).

“Naquela época o fado era vulgar ser cantado em cafés e cervejarias. O público do fado eram pessoas de classes mais remediadas e menos das classes mais altas, porque havia ainda preconceito com o género musical devido às suas origens. Depois de cantado nas ruas e vielas, nas tabernas, nos cafés e nas casas daqueles que apreciavam estilo musical, começou gradualmente a registar-se o diálogo da elite burguesa e aristocrática boémia com as classes sociais mais modestas da população lisboeta.”³⁰⁹

Alfredo Marceneiro nasceu no bairro, em Santa Isabel, no dia 25 de Fevereiro de 1891. Deu os primeiros passos cantando o fado em locais populares começando a ser solicitado pela facilidade com que cantava e improvisava a letra das canções. Iniciou-se cantando em festas

³⁰⁶ LOUSADA, *op cit* (2004), 129-153.

³⁰⁷ DIAS, Isabel - *Salões de bilhar de Lisboa são locais de aprendizagem e devoção à modalidade*, “Cidade de Lisboa”, O Corvo, Sítio de Lisboa, 12 Maio 2017.

³⁰⁸ Informações recolhidas junto de Carlos Amaral (aposentado), ex-médico militar no Quartel Campo de Ourique, residente de longa data no bairro.

³⁰⁹ LAINS, Leonor – *Amália Rodrigues*, Vidas Lusófonas, 10 Dez. 2000, p 8.

populares que frequentava. É nesse período, em 1908, que estreia na cegada do poeta Henrique Lageosa, baseada no enredo do filme mudo “O Duque de Guise”, onde representa o papel da amante do Duque.

Marceneiro era um rapaz vaidoso, sempre bem vestido, o que lhe conferiu a alcunha de Alfredo “Lulu”. “Era o comumente chamado “janota”, muitas vezes mencionado como um dos “tipos de Lisboa”, ainda que o conceito tenha a sua etimologia no francês *janot* “tolo”, tomado, em alguma medida, como boémio por ser típico de Paris.”³¹⁰

Muito namoradeiro, apaixonou-se por várias raparigas, mas as aventuras terminaram quando conheceu Judite de Sousa Figueiredo, amor que durou até à sua morte e com a qual teve três filhos.” (Biografia do cantor no Museu do Fado).



Fig. 5.1 - Programa de fados no “Café Latino” - 1947

³¹⁰ GAMA, Viviane L. O. – *Um estudo grafemático das letras “G” e “J” em português*, Mestrado em Língua Portuguesa, Universidade Católica de São Paulo, 2007, p 126.

De seu nome completo, Alfredo Rodrigo Duarte, foi alcunhado de Marceneiro, o seu primeiro ofício. Ele próprio conta no seu “Livro de Oiro” como o apelido ficou: “Uma noite fui convidado por amigos que já me tinham ouvido cantar em paródias próprias da idade a ir ao “Club Montanha”. Dirigia a festa o poeta Manuel Soares e perguntou: «Quem é este rapazinho? Como se chama? Que ofício tem?» Então, quando me apresentou ao público, esquecendo o meu apelido, anunciou: “Vai cantar a seguir o principiante Alfredo... Alfredo... Olhem não me ocorre o apelido. É Alfredo... Marceneiro...” E ainda hoje sou o Alfredo Marceneiro.”³¹¹

Norberto Araújo (2001) definiu o fadista, com a autoridade de conhecedor perfeito da alma alfacinha: “Fado tem tido muitas mulheres, algumas, mesmo, heroínas da canção dolente e bonita. Homens, só um, Alfredo Marceneiro. Ligava o passado ao presente, e com a sua alma errante, luminosa e ingénua, colocou o Fado num plano de “Auto do Povo”, que ficará na história do nosso tempo”.³¹² Marceneiro interpretava, falando mais do que cantando, dando vida própria a cada palavra e sabendo, por dom inato, fazer as pausas onde convinha.



Fig. 5.2 - Alfredo Marceneiro – Museu do Fado, s. d.

Muitas são as histórias de fado, à volta de Marceneiro, como a “saga” da “Mariquinhas”, feito ao jeito da “cantiga fado”, um poema criado pelo jornalista e poeta Silva Tavares (1893-1964), que deu início à “novela”, inspirada na vida noturna de Lisboa:

³¹¹ DUARTE (MARCENEIRO), Alfredo - *Livro de Oiro*, Museu do Fado. 1948.

³¹² ARAÚJO, Norberto (1948), in “*Aqui mora o fado*”, Susana Duarte (bisneta), Outubro 2001.

“Mariquinhas vivia regalada com algumas outras raparigas numa casa para onde as vizinhas não podiam espreitar por causa das tabuinhas que cobriam as janelas”. Nos versos cantava: “É numa rua bizarra / A casa da Mariquinhas / Tem na sala uma guitarra / E janelas com tabuinhas...”³¹³

De passagem cantando pelo “Café Latino”, Amália Rodrigues acabou por viver os últimos 44 anos em Campo de Ourique, na Rua de São Bento, n.º 193. Nascida a 23 de Julho de 1920, faz a sua estreia profissional no Retiro da Severa, em 1939. No ano seguinte atua no Solar da Alegria, como artista exclusiva com repertório próprio. Marcou presença nos retiros de fados que tinham lugar no “Café Latino” em Campo de Ourique.

“Pedro Homem de Mello e David Mourão Ferreira escreveram para a fadista, cantando os grandes poetas da língua portuguesa, dos trovadores a Camões, de Bocage aos poetas contemporâneos guiada pela sua grande intuição. Conhece o compositor luso-francês Alain Oulmain. Canta também os poetas de esquerda: Ary dos Santos, Manuel Alegre, O’Neill, David Mourão-Ferreira.”³¹⁴

Amália Rodrigues faleceu em 1999, no dia 6 de Outubro e os seus restos mortais repousam no Panteão Nacional desde 8 de Julho de 2001. Por sua própria vontade foi instituída a Fundação Amália Rodrigues, constituída em 10 de Dezembro de 1999, tendo a sua sede na casa da Rua de São Bento.

Um dos primeiros editores de Amália Rodrigues, na década de 50, que a levou a Londres para gravar nos estúdios de *Abbey Road Studios*,³¹⁵ foi Valentim de Carvalho, pioneiro da indústria discográfica em Portugal (fig. 5.3).



Fig. 5.3 - Valentim de Carvalho com Amália Rodrigues – AML s. d.

³¹³ SOTTOMAYOR, *op. cit.* (1993).

³¹⁴ LAINS, *op cit* (2000).

³¹⁵ Fundado em Novembro de 1931 pela *Gramophone Company*, uma antecessora da empresa musical britânica EMI, o estúdio mais famoso do mundo por ter sido utilizado pelos *The Beatles* .

Rui Valentim de Carvalho nasceu em Campo de Ourique, na paróquia de Santa Isabel e morou no primeiro andar do prédio gaveto da rua Ferreira Borges com a rua Correia Teles. Descendente de uma família pioneira na indústria discográfica em Portugal, começou por frequentar o ensino técnico, mas cedo se iniciou, na “Casa Valentim de Carvalho, Lda,” na baixa de Lisboa, na reparação de aparelhos de rádio.

Fruto de grande atração pelos equipamentos de gravação e uma curiosidade pelas especificidades do som, depressa o levaram a trabalhar com o técnico Hugo Ribeiro -colaborador da Valentim de Carvalho durante mais de seis décadas - nas sessões de gravação de música, dando início a uma experiência na indústria discográfica para toda a sua vida. Aos 15 anos, incentivado pelo tio, que desde 1940 mantinha fortes relações empresariais com a EMI, passou uma longa temporada na companhia inglesa – nos estúdio, fábrica de discos e na loja da *His Master's Voice* em *Oxford Street* – num contacto com os padrões de qualidade internacionais que o marcariam para sempre.³¹⁶

O historiador José Sarmiento de Matos (1946-2018), olisipógrafo por excelência da cidade de Lisboa - morava na Estrela, mas almoçava em Campo de Ourique - conheceu de perto Valentim de Carvalho e traçou a sua biografia: “Sabe-se que frequentou o ensino técnico, mas aos 15 anos, incentivado pelo tio, que desde 1940 mantinha fortes relações empresariais com a EMI, passou uma longa temporada nos diversos sectores daquela companhia inglesa – estúdio, fábrica de discos e na loja da *His Master's Voice* em *Oxford Street*.”³¹⁷

Valentim de Carvalho teve um papel crucial na indústria musical. Com investigação e iconografia inéditas, Leonor Losa (2010) contextualiza o papel do empresário na indústria: “No contexto português, foi o grande pioneiro e visionário do negócio discográfico. Quando da fusão das corporações americanas Victor com a RCA decide, na década de 30, associar-se com a EMI. Segundo Losa, promoveu tanto a fonografia quanto a TSF através da Eufonia. Foi reconhecidamente um pioneiro na história do mercado fonográfico, pois anteviu que a relação entre discos e rádio constituía potencialmente uma mais-valia comercial, o que se verificaria globalmente.”³¹⁸

Outro nome ligado ao mundo musical, também nascido em Campo de Ourique, em 26 de Dezembro de 1932, foi Jorge Costa Pinto, que animava as noites quentes da Baixa, atuando em

³¹⁶ SANTOS, Rogério - *Valentim de Carvalho: um homem da indústria discográfica a recordar*, Indústrias Culturais. 2003.

³¹⁷ MATOS, José Sarmiento - *Sons de Lisboa. Uma biografia de Valentim de Carvalho*, Publicações Dom Quixote. 1989.

³¹⁸ LOSA, Leonor - *Industria Fonográfica*, in Castelo-Branco, Salwa (dir.), *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*, Círculo de Leitores, 2010.

cabarés, como o “Arcádia” e o “Negresco”, onde tocava bateria, piano e acordeão. Coursou piano e composição na “Academia de Amadores de Música”, tendo como professores, entre outros, Fernando Lopes Graça (1906-1994) e Francine Benoit (1894-1990). Cedo se tornou músico profissional com a “Orquestra Vieira Pinto”.

Com 26 anos foi convidado a integrar a orquestra do “Ray Martino”³¹⁹ que fez furor nas noites que pediam dança e frenesim. Com ele nasce o primeiro grupo de jazz, sob o patrocínio de Luís Vilas Boas (1924-1999), com quem foi cofundador do “Hot Clube de Portugal”. Atuou em vários países com sua Orquestra Sinfónica, interpretando música portuguesa e internacional.



Fig. 5.4 – Orquestra Sinfónica de Costa Pinto – TECLA/RTP - s.d.

Os anos trinta vão ser também afirmação do cinema como espetáculo de multidões. Ao voltar da terceira década do séc. XX, Lisboa albergaria já várias salas especialmente construídas tendo em vista a exploração comercial dos êxitos cinematográficos. A primeira sala, em Lisboa, exclusivamente dedicada à projeção de animatógrafo foi o “Salão Ideal”, situado na Rua do Loreto, desde de 1904. Mas os tempos da “Lisboa Nova” em breve chegariam aos bairros mais distantes do centro.

³¹⁹ Pseudónimo de Mario Martiradonna, cantor e compositor italiano.

Os cinemas de bairro em Lisboa emergiram como uma opção aos cinemas de estreia do centro, atraindo um público cada vez maior. O aparecimento dos cinemas de bairro criou uma experiência cinematográfica distinta dos cinemas de estreia, ajudando a popularizar o espetáculo. Estes cinemas, situados em áreas urbanas mais afastadas, democratizaram o acesso ao cinema e estabeleceram novas formas de fruição, sendo vistas como "de reprise".

O investigador e crítico de cinema Félix Ribeiro (1978) apontou “a multiplicação de cinemas de bairro entre o final dos anos 20 e o início dos 30 usada como indicador do crescimento da cidade por aqueles mesmos anos. Entre 1928 e 1930 surgiram quase uma vintena de pequenas salas, que passavam filmes em reposição, ou em *reprise*, para usar a expressão da época; filmes que já tinham passado, em estreia, pelos cinemas da Baixa.”³²⁰

Campo de Ourique inaugurou, em 1931, duas salas de cinema, o “Paris Cinema” e o “Astória”. O primeiro (fig. 5.5) abriu na Rua Domingos Sequeira, em edifício próprio com todas as características arquitetónicas e decorativas da época, traço do Arquiteto Victor Carvalho Pinto, marcando, reconhecidamente, a nota cosmopolita no bairro.



Fig. 5.5 - Paris Cinema – Cinemateca Portuguesa, Museu de Cinema - 1931

Na inauguração, a publicidade rezava assim: “A empresa do Paris Cinema, no ardente desejo de conquistar a simpatia do público, estudou com o máximo escrúpulo todas as condições de conforto e visibilidade, que a todos os títulos reputa magníficos, não esquecendo também as de temperatura, como poderá ser verificado pela existência de termómetro no balcão. Os camarotes estão providos de pequenas mesas para serviços de chá ou refrescos.”³²¹

³²⁰ RIBEIRO, M. Félix - *Os mais antigos cinemas de Lisboa, 1896-1939*, Instituto Português de Cinema & Cinemateca Nacional. 1978, 188-193.

³²¹ RIBEIRO, *op cit* (1978), p 192.

Porém a história do cinema “Paris” tem início antes, quando abriu as portas ao público, em Janeiro de 1916, com a designação de “Cine-Paris”, no final da Rua Ferreira Borges, fazendo gaveto com a Rua Campo de Ourique. Era um espaço modesto, sem grande comodidade, instalado num barracão dotado de um animatógrafo. Acabou por ser encerrado, pela Inspeção de Espetáculos, por não assegurar as condições de segurança exigidas para o efeito. Em 1917, Vítor da Cunha Rosa – importante empresário cinematográfico da época – retomou a sua atividade com a edificação da nova sala, em 1931, mantendo-o no bairro de Campo de Ourique.

No mesmo ano de 1931, foi inaugurado o “Astória” sob iniciativa do proprietário de edifícios no gaveto da rua Almeida e Sousa com a rua Francisco Metrass. Com projeto do arquiteto Raúl Martins (1892-?), esta primeira versão adotou a *Art Deco*, numa mistura de clássico e moderno que o tornou um cinema diferente dos demais, não só pela dimensão como também pela imponente arquitetura da fachada e dos interiores.

O projeto acabou por fracassar devido a má gestão e a sala foi encerrada para ser reestruturada e ampliada, o que aconteceu em 1936, com o traço do arquiteto João Carlos Silva e já com o novo nome “Europa” (fig. 5.6).



Fig. 5.6 - Cinema Europa – Estúdio Mário Novais - 1936

O destaque da nova sala ressalta pela decoração, feita num estilo que combinava elementos clássicos e modernos, incluindo o belíssimo painel de azulejos de Fred Kradolfer (1903-1968), que ocupa uma parede inteira junto ao bar. A fachada com a escultura de Euclides Vaz (1916-1991) representa a Europa e o Touro.³²²

³²² RIBEIRO, *op. cit.* (1978).

Os cinemas de bairro foram, assim, ganhando o estatuto de arte, “rodeada de ritos sociais cada vez mais complexos. O compromisso entre deixar os espectadores sentirem-se acima da sua situação social e a opção por uma maior funcionalidade dos cada vez mais importantes átrios, escadarias e corredores e ainda dos bufetes, bares, salões de fumo e varandas. Nestas áreas, durante as entradas e saídas e durante os vários intervalos das sessões, desenrolavam-se os rituais de sociabilidade que construíram a atmosfera de *glamour* dos cinemas e deram à “ida ao cinema” um lugar de destaque entre os consumos culturais do seu tempo.”³²³

É neste período temporal, nas festas de Santo António, padroeiro de Lisboa, que o povo de Campo de Ourique rejubila com a vitória do bairro na primeira edição das marchas populares de Lisboa, promovidas em 1932. Costa Garcês, um poeta popular, conhecido por dar voz às tradições de Lisboa, escreveu letras que se tornaram hinos das Marchas, capturando o espírito dos bairros e o Fado. O próprio retrata o início do evento:

“As Marchas de Santo António de Lisboa tiveram início em 1932, por iniciativa de Leitão de Barros, instigado pelo administrador do Parque Mayer, Campos Figueira. Segundo Appio Sottomayor, olisipógrafo e estudioso da história de Lisboa e das suas Marchas, um dos grandes méritos de Leitão de Barros foi, em anos posteriores, ter sabido «...reunir à sua volta outros amantes de Lisboa que tiveram larga influência no lançamento dos desfiles que povoam a imaginação e o labor de uma boa parte da cidade.

Um dos primeiros nomes a ser lembrado foi o de Norberto de Araújo...» *o qual*, «Numa atividade fervilhante, além de ter marcado a sua época como repórter de enorme qualidade, ainda arranjou tempo para ser romancista, autor teatral e poeta popular.

Em prol das marchas, além de usar o seu “Diário de Lisboa” como tribuna de propaganda, percorreu os bairros interessados um por um, procurando chamar a atenção das coletividades organizadoras para as características próprias e a história de cada um. Era preciso que as marchas fossem essencialmente lisboetas e, portanto, que cada uma delas mostrasse o que tinha de particular.

A título de curiosidade, diga-se que Norberto ainda formou uma célebre parceria com o maestro Raul Ferrão. Ele fazia as letras e Ferrão as músicas.”³²⁴

Gustavo Matos Sequeira, (1953), político e escritor olisipógrafo, dizia: “Norberto de Araújo, adorava a sua cidade natal, Lisboa, que conhecia de ponta a ponta. Sabia dos pátios aos telhados, dos palácios às barracas, dos becos às Avenidas. Conhecia das grandes personalidades urbanas aos tipos comuns, tudo gravara na memória, nas suas constantes caminhadas pela cidade. Sabia, como ninguém, contar histórias de vizinhança, uma fábula, uma desconfiança de fato histórico, com a habilidade de um grande escritor popular, treinada nas intensas atividades do jornalismo onde era mestre.”³²⁵

³²³ BAPTISTA, Tiago - *Cinemas de estreia e cinemas de bairro em Lisboa (1924-1932)*, Ler História, 52, Dossier: Descrever a Cidade. 2007, p 29-56.

³²⁴ GARCÊS, Costa – *Marchas Populares*, OLISIPO - Grupo “Amigos de Lisboa”, Ano XXXIX nº 113/114, Abril 1966, p 55.

³²⁵ SEQUEIRA, Matos – *Norberto Araújo*, OLISIPO – Grupo Amigos de Lisboa, Ano XVI, nº 61, Janeiro 1953, pp3-4



Fig. 5.7 – Norberto Araújo - Diário de Lisboa, 4 de Junho 1932

No primeiro concurso realizado em 1932, do qual Campo de Ourique saiu vencedor, na noite do desfile, no “Parque Mayer”, as marchas desfilaram perante um júri presidido por Alfredo Roque Gameiro e constituído por Gustavo de Matos Sequeira, aqui na posição de escritor e folclorista, pelo compositor Frederico de Freitas, por Jaime Martins Barata da parte do “Notícias Ilustrado”, Norberto Lopes da parte do “Diário de Lisboa”, Augusto Soares como artista de teatro e encenador e J. Barbosa de Lacerda em nome do Parque Mayer.³²⁶

Campo de Ourique chegou a inscrever no concurso duas coletividades – “Sociedade Filarmónica Verdi” e “Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo”. Como a organização do evento só permitia a representação de uma marcha por bairro, a marcha da “Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo” apresentou-se, isoladamente e extra concurso, na Praça da Figueira.³²⁷ A vitória do popular concurso foi atribuída à marcha do bairro de Campo de Ourique, vestindo trajes do Minho e cantando num dos versos:

³²⁶ Diário de Lisboa, 9 de Junho de 1932: *O Concurso de marchas populares na noite de Santo António*.

³²⁷ MELO, Daniel - *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Estudos e Investigações nº 22, Instituto de Ciências Sociais, 2001, p 285

Não posso bailar na roda,
Deixá-lo pouco importa;
Quero andar a noite toda
À roda da tua porta.

Ai-ló! Ai-ló! Ai-ló!
Ai-ló é coisa boa
A gente é que ganha o prémio
Do “Diário de Lisboa”.³²⁸

No dia seguinte à exibição das marchas no Parque Mayer, o “Diário de Lisboa” dava notícia do êxito do acontecimento: “Excedeu em muito a expectativa, o êxito que, aliás, já prevíamos para o Concurso de Marchas Populares e que ontem se realizou no Parque Mayer. A marcha de Campo de Ourique, que ganhou o 1º prémio de imponência – um conto de reis, oferta do “Diário de Lisboa” – era a mais numerosa e seguramente a melhor ensaiada.



Fig. 5.8 - Diário de Lisboa, 12 de Junho de 1932

Mas não foi pela quantidade das suas figuras que ela ganhou o Concurso, mas pelo conjunto de circunstâncias, apresentação, combinações coreográficas, colorido e, de uma maneira geral, imponência, sob a orientação musical e coreográfica da Sociedade Filarmónica Verdi e o grupo de jazz “Os Galos”.³²⁹

³²⁸ PINTO, Afonso Cortez - *Portugal (1928-1968): um filme de J. Leitão de Barros*, tese de doutoramento em História de Arte Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa, FCSH, 2015, p. 378.
³²⁹ Diário de Lisboa, 12 de Junho de 1932: “O êxito das Marchas Populares de Santo António”.

João Ricardo da Silva Pinto, morador em Campo de Ourique, e autor de uma dissertação de mestrado, que tem como tema as marchas populares de Lisboa, explicita: “são vários os testemunhos que provam que os elementos usados nas Marchas Populares de Lisboa, aquando da sua primeira edição em 1932, eram rurais e que foram trazidos para a cidade pela imigração que se fez sentir em direção aos bairros lisboetas.”³³⁰

Naturalmente, a migração interna da província para Lisboa nesse período, motivada por fatores económicos, sociais e políticos, resultou no surgimento de novas maneiras de sociabilidade. Esses imigrantes trouxeram com eles as tradições mas, ao mesmo tempo, ajustaram-se ao novo contexto urbano, resultando na criação novos espaços de relações de vizinhança, que contribuíram na preservação da identidade cultural. Uma vez na cidade, os migrantes buscaram locais para dividir experiências e criar novas redes sociais, como bares, cafés e grupos comunitários, onde pudessem preservar as suas tradições e, simultaneamente, interagir com as novas realidades urbanas.

A expansão do bairro na década de 1930 tem o contributo da inauguração, em 1934, do “Mercado de Campo de Ourique” que veio servir uma população crescente, que estava isolada e carecia de abastecimentos e ligações eficientes. O “Mercado”, um dos mais antigos de Lisboa, tornou-se também ele um ponto central para o convívio social. Situado no quarteirão entre as ruas Correia Teles e Francisco Metrass, foi uma iniciativa de José Dionísio Nobre, empresário e residente do bairro, sob o projeto do arquiteto Couto Martins.

Apesar do processo de urbanização ser sequente, a década de 30 marcou um período de expansão de novas zonas residenciais e comerciais. Lisboa desenvolveu-se nesse período como cidade através da criação de novos bairros na periferia, um movimento que tinha como objetivo atender ao aumento populacional e que se manifestou na urbanização de áreas antes suburbanas. Campo de Ourique traduz essa evolução do planeamento urbano na periferia da capital.

³³⁰ PINTO, João Silva - *Marchas Populares de Lisboa: a performance musical bairrista*, Dissertação de Mestrado em Ciências Musicais, Universidade Nova de Lisboa, FCSH. 2004, pp 23-28.

5.2 DO MODERNISMO À MODERNIDADE

O tópico do “modernismo” foi abordado no capítulo três, dentro do subtema “O despontar do modernismo”. Importa reiterar que se refere a um movimento artístico e cultural que emergiu com o propósito de romper com o “tradicionalismo”, experimentando novas formas de criação artística.

O apogeu deu-se em 1915 com a edição da revista “Orpheu”, período, a partir do qual, ficou marcado por transformações vertiginosas e caóticas, além da efeméride e sensação de fragmentação da realidade. Os artistas modernistas acreditavam que as formas “tradicionais” das artes plásticas, *design*, literatura, música e cinema estavam totalmente ultrapassadas, havendo que criar uma nova cultura a representar.

Cogita-se agora, na tese, fazer a passagem do modernismo para a fase da modernidade, entendendo-se esta como a consciência que uma época tem de si própria. O seu trajeto já não é resultante de um projeto individual, de uma só pessoa – apanágio do modernismo – mas da escolha, por muitos, de variados cometimentos.

A modernidade tem, como principal característica, as transformações sociais, culturais e tecnológicas introduzindo mudanças nos valores e nos comportamentos. Talvez a principal causa dessas mudanças esteja correlacionada às transformações do ambiente da cidade, dando-lhe as características do que se considera o ambiente urbano.

Fernando Pessoa (1993) fez uma aproximação a este ponto de vista, no sentido histórico da modernidade, ao afirmar: “A época moderna, tomando esta frase no sentido usual (...) resume-se tipicamente na ação de um fenómeno principal. Esse fenómeno é a passagem do elemento comercial e industrial da vida para o primeiro plano da existência social mercê do acréscimo da vida científica, das invenções e aperfeiçoamentos constantes da ciência”.³³¹

Nesta perspetiva, quando falamos do “homem moderno”, referimo-nos a esse ser altamente ágil, competitivo, adaptável e perseverante. Em conformidade, o artista moderno passa a ser definido como aquele que se utiliza das experiências no novo mundo emergente, apreendendo-as e codificando-as para produzir um trabalho artístico. Na arte que produz, atende-se às diferenças de condição existencial e parâmetros de pensamento da sociedade moderna em relação aos que se propuseram fazer arte em momentos históricos anteriores.

³³¹ PESSOA, Fernando - *Obras em prosa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar. 1993.

Duas personalidades conviveram nesta passagem de testemunho: Fernando Pessoa e António Ferro. O sociólogo e historiador José Barreto (2010), no texto que apresentou ao II Congresso Internacional Fernando Pessoa, conta a relação entre eles.

“Os dois homens ligaram-se de amizade, através do amigo comum Mário de Sá-Carneiro, por volta de 1912. Pessoa tinha 24 anos e Ferro era um rapaz de 17. Foi pois no início da juventude que António Ferro se começou a interessar pelo Modernismo. No entanto, seria a partir de 1913, quando ingressou na Universidade de Lisboa para cursar Direito, que esta sua inclinação literária se manifestaria com mais entusiasmo.

Mas, em 1915, pouco depois da publicação do segundo número do *Orpheu*, as relações entre Ferro e Pessoa romperam-se por razões políticas. Só mais tarde reataram contactos e cortesias, mas mantendo sempre uma grande distância entre si.

Eram personalidades muito diferentes, por vezes nos antípodas um do outro: Pessoa era de espírito confessadamente “enrolado para dentro”, cerebral, elitista, misantropo e misógino, escrevendo mais por compulsão do que para a tipografia. Ferro era igualmente elitista, mas extrovertido, frívolo, *charmeur* e mundano. No fundo, duas figuras do modernismo português, além disso “modernistas” de feição e espírito muito diferentes.

Em António Joaquim Tavares Ferro, de 1920 para 1940, mudou a importância concedida ao passado e à tradição. Ele foi o primeiro a sentir a distância que se cavou entre as duas épocas. A identidade nacional foi o elemento domesticador do pensamento de Ferro, que se explica na articulação entre três noções: arte moderna, arte popular e arte nacional. Confere à identidade nacional uma prioridade absoluta. Os artistas que o seguem, depois da necessária transposição intelectual, passam a ter a certeza de fazer obra moderna – pintura, arquitetura, bailado ou poesia.”³³²

O próprio Ferro, assim o diria, mais tarde, no discurso de inauguração do Museu de Arte Popular (1948): “Este Museu fica sendo, portanto, se for bem aproveitado, uma nascente de arte moderna portuguesa, paleta para os pintores, pedra para os escultores, régua e compasso para os arquitetos, poesia para todos... Por mim, confesso-me francamente satisfeito por ter realizado uma das grandes aspirações da minha vida: preparar a casa, o templo para o casamento, a fusão da nossa arte moderna, isto é, da arte viva com o espírito do nosso povo, com o espírito eterno da Nação.”³³³

Dá para subentender que a trajetória de António Ferro do modernismo à modernidade representou uma mudança de um pensador vanguardista para um operador político e ideológico do “Estado Novo”, onde assumiu o cargo de diretor do “Secretariado de Propaganda Nacional” (SPN). Ele, que na sua juventude atuou como escritor, jornalista e homem de cinema e teatro, usou a cultura como ferramenta para validar o regime e formar uma imagem pública benéfica, incentivando a modernização de Portugal em um ambiente ditatorial, o que se refletiu nas funções que desempenhou como comissário de exposições internacionais.

³³² BARRETO, José - *Fernando Pessoa e António Ferro: do espírito do Orpheu à “Política do Espírito”*, Comunicação ao II Congresso Internacional Fernando Pessoa, Casa Fernando Pessoa, 23-25 Nov. 2010.

³³³ Discurso proferido na inauguração do Museu de Popular, em 15 de Julho de 1948, Edições SNI.

Nesse propósito, alude Isabel Ferreira (2014), “Ferro acreditava que os mais cultos e os mais instruídos tinham a obrigação moral e ética de fazer alguma coisa pelo seu país, que não podiam limitar-se a contestar, mas que tinham a obrigação de realizar algo, de passar à ação. A urgência em “modernizar Portugal”, era uma ideia antiga que se foi desenvolvendo ao longo da década de 1920/1930. Para concretizar essa modernização era preciso uma ação pensada a partir do conhecimento profundo dos males que nos afetavam; era preciso agir para modificar, mas para tal era necessário saber o que fazer.”³³⁴

Com esse pensamento, Ferro foi, desde cedo, intervindo em diferentes áreas culturais, de modo a modernizar o gosto cultural nacional. Em 1919, assume a chefia da redação de “O Jornal”, órgão dos partidários do falecido Presidente Sidónio Pais. Os seus artigos são notados e discutidos. Um livro seu, “A Teoria da Indiferença”, impressiona livreiros e leitores. Ao lado de Joaquim Manso, trabalha no “Diário de Lisboa” como crítico literário e teatral.

Em 1922 dirige a “Ilustração Portuguesa”, a que logo deu um aspeto europeu, com a pretensão que fosse “o Chiado do Século” e que ela “reinventaria Lisboa.” Na entrevista que deu ao magazine que passou a dirigir, foi perentório: “Eu pretendo modernizar a “Ilustração Portuguesa”: pôr vinte e quatro anos nas suas vinte e quatro páginas... Mais do que o livro, mais do que o teatro, o “magazine” tem de viver a sua época, tem que documentá-la, tem que fixar-lhe as memórias. Olhe-se com ternura para o passado, não se viva no passado.”³³⁵

Nesse intento, Ferro chama alguns dos nomes mais representativos do modernismo, quer nas letras quer nas artes. Entre estes contam-se as colaborações de Jorge Barradas, Almada Negreiros, Cottinelli Telmo, Stuart Carvalhais, António Soares, Eduardo Viana, José Pacheco e outros mais. Da qualidade literária da publicação encarregar-se-ão, além do próprio Ferro, entre outros, João Ameal, Fernando Pessoa, Afonso Lopes Vieira, Vitorino Nemésio e uma jovem poetisa de nome Fernanda de Castro, com quem Ferro casou em 1922.

Em simultâneo, com a revista, publica “Leviana”, “uma curta novela que teve um êxito bem orquestrado pelo autor.”³³⁶ Em 1923 é convidado para fazer parte da redação do “Diário de Notícias”. Em 1925 funda o “Teatro Novo”, onde se estreia o bailarino Francis e se representa *Knock*, de Jules Romain. Em 1927, parte para os EUA de visita aos centros portugueses da Califórnia e da Nova Inglaterra. As lusas conferências marcam, assim como os livros relativos a essas viagens: “Novo Mundo – Mundo Novo” (1930) e “Hollywood, capital das imagens”

³³⁴ FERREIRA, Isabel Lino - *António Ferro: Modernismo e Nacionalismo*, Dissertação de mestrado em Ciência Política, Universidade da Beira Interior. 2014, pp 35-37

³³⁵ Ilustração Portuguesa: “A entrevista da semana – A “Ilustração Portuguesa” entrevista a “Ilustração Portuguesa”, 8 de Outubro 1921.

³³⁶ FRANÇA, *op. cit.* (1992).

(1931). Ainda nesse mesmo ano de 1931 organizou em Lisboa o “V Congresso da Crítica Dramática e Musical”. Eleito, no ano seguinte, presidente da “Federação Internacional da Crítica”, organizou em Paris uma série de conferências na “Casa de Portugal”.

Entretanto, antes deste seu trajeto, um acontecimento marcante havia ocorrido na sociedade portuguesa. Em 28 de Maio de 1926, o general Gomes da Costa lidera a revolta militar que põe fim ao sistema parlamentar, implantado em 5 de Outubro de 1910, e inicia-se a II República Portuguesa. A revolta de 1926 não foi o golpe de uma minoria; a conjura resultou da ação de muitas sensibilidades, de esquerda e de direita, inclusive de monárquicos.

Ilustrativo do caos a que se tinha chegado na Primeira República é o facto de o próprio Fernando Pessoa ter apelidado o regime vivido de "conspuração espiritual"³³⁷ e em 1928 ter escrito "O Interregno Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal" onde afirmou que: “É hoje legítima e necessária uma ditadura militar em Portugal ”³³⁸

Dois anos decorridos, o então Presidente da República, Óscar Carmona (1869-1951) convoca António de Oliveira Salazar (1889-1970) – professor de economia e finanças na Universidade de Coimbra - para abraçar a pasta das Finanças e colocar ordem nas contas públicas da Nação, o que foi alcançado logo no primeiro ano, com saldo positivo das contas do Estado.

Como refere Augusto França (1991): “A situação financeira equilibrada permitiu ao “Estado Novo” gastar em obras públicas, promovendo um novo e vigoroso alento à arquitetura portuguesa. A partir de então, o novo regime toma em mãos a obra de modernizar, rasgar novos espaços, edificar em estilo e em grandeza. À frente dos destinos das obras públicas colocou Salazar o engenheiro Duarte Pacheco (1900-1943). Este engenheiro com funções de ministro das Obras Públicas e Comunicações gizou e mandou executar projetos viários e urbanos e encontrou em alguns arquitetos portugueses projetistas que corresponderam aos seus planos.”³³⁹

É duma "cidade nova" que ele se proclama: Uma “Lisboa Nova”, não mais a “Lisboa Antiga”, saudosista, tauromáquica e fadista. Não mais a Lisboa das vielas estreitas e sombrias, dos becos tristes. Não mais a Lisboa a crescer anárquica e desordenada; uma Lisboa nova-rica, que romperia com o passado que não tem presente nem planeia o futuro. Queria-se uma Lisboa com avenidas largas e praças amplas e pequenos parques acolhedores, arborizados, verdes. Uma

³³⁷ PESSOA, Fernando - *Da República (1910-1935)*, Recolha de textos de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Morão, Ática Editora. 1978.

³³⁸ PESSOA, Fernando - *O Interregno. Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal*, Núcleo de Ação Nacional. 1928.

³³⁹ FRANÇA, José-Augusto - *A Arte em Portugal no século XX – 1911-1961*, 3ª ed., Ed. Bertrand. 1991.

Lisboa de mármore e granito, e de cimento e de cristal. Também uma Lisboa casada com o Tejo, unida ao rio que será o seu lago maior, a sua sala de visitas, a sua avenida mais larga e mais bela.

Neste ambiente favorável do regime, António Ferro que se havia também iniciado “no campo da reportagem e da entrevista às grandes figuras da cena internacional, propôs-se entrevistar António de Oliveira Salazar, pois considerava fundamental e urgente que a obra do governante fosse conhecida, embora sabendo que o político era avesso às multidões, tão pouco a manifestações.”³⁴⁰ As cinco entrevistas realizadas entre 18 e 24 de Dezembro de 1932 serão “uma combinação perfeita de propósitos e objetivos”.³⁴¹ As entrevistas são publicadas no “Diário de Notícias” entre 18 e 24 de Dezembro de 1932 e, dois meses depois, não tardam a surgir em livro “Salazar - o homem e a sua obra”. É a Empresa Nacional de Publicidade que edita o livro, com uma tiragem de 125.000 exemplares. Com o recurso à empresa de publicidade norte-americana George Peabody Jr. And Associates, o livro é traduzido em vários idiomas.

O ano de 1932 foi inquestionavelmente uma etapa decisiva no percurso público e político de António Ferro. Em 1933, Salazar nomeia-o, formalmente, para assumir a direção do “Secretariado da Propaganda Nacional” (SPN). A sua ação começa a tornar-se notada e, em breve, consegue o reconhecimento público como promotor da cultura portuguesa.

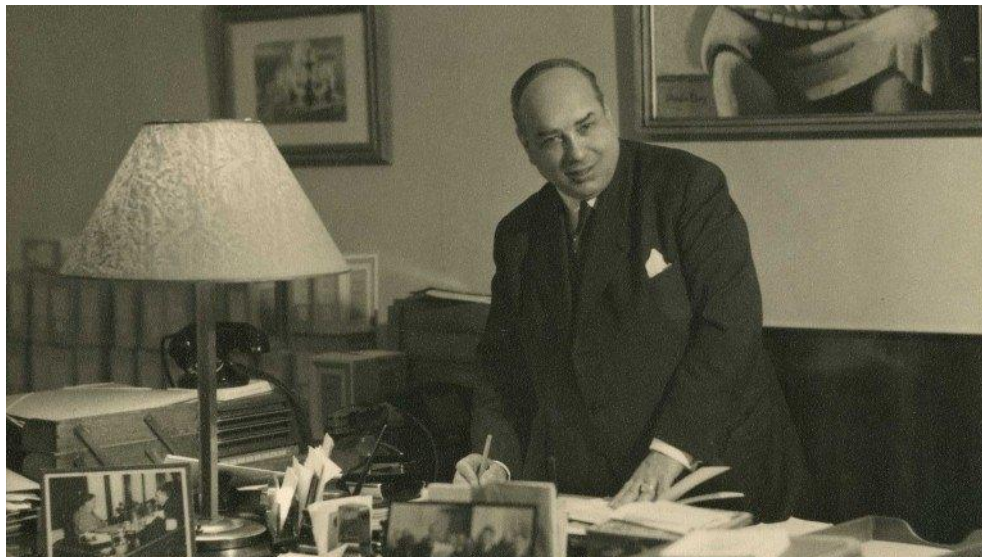


Fig. 5.9 - António Ferro, no seu gabinete no Palácio Foz – AML 1933

³⁴⁰ BRITO, *op. cit.* (1991).

³⁴¹ LEAL, Ernesto Castro - *António Ferro – Espaço político e imaginário social (1918-32)*, Edições Cosmos, Lisboa, 1994.

Em Outubro desse ano, concede uma entrevista ao “Diário de Lisboa” (fig. 5.10), na qual expõe o plano de ação para dar cumprimento aos objetivos do decreto que instituiu o SPN. Quando questionado sobre o propósito do novo organismo, António Ferro é assertivo:

“Devo dizer-lhe, antes de mais nada, que o Secretariado de Propaganda Nacional não é uma ideia do sr. dr. Oliveira Salazar. Ela está no clima da nossa época e é filha do estado de espírito de muitos portugueses que a reclamavam incessantemente como indispensável à vida deste momento político; digo melhor, deste momento nacional. E tanto assim que todos os que me falam, hoje, daquele decreto – oficiais do exército, funcionários, jornalistas, etc – me dizem, invariavelmente: Excelente! Pena foi que não se tivesse feito há mais tempo.”³⁴²

15

11

10

9

8

7

6

5

4

3

2

1

GLASURIT

Emaltes verdadeiros de 1ª qualidade

Para todas as aplicações

Adiade

UMA ENTREVISTA OPORTUNA

O DIRECTOR DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

expõe-nos o seu plano de acção para dar cumprimento ao recente decreto que criou aquele organismo

Val servir o Estado como director do novo Secretariado da Propaganda Nacional, com funções de certa maneira largas, o sr. António Ferro, nosso grande camarada de imprensa, escritor e jornalista das mais distintas do país, um dos homens da moderna geração mais administrativa e mais descafeinada, e por isso mesmo, aparentemente, mais eficaz, como tal, procede em entrevistas para, ao qual não basta ter uma pena e um cérebro, mas a clareza da consciência, e este seu pensamento político não é de agitação de emprego, inocente, ninguém lhe pode chamar.

Dele se pode dizer, como homem de letras e como jornalista: vem do domínio de toda a parte e qualidades que raro possuem. Como político não temos que o apreciemos.

O jornalismo é uma grande escola de actividade e bastas vezes de direcção e orientação. Não apenas lá fora e nos países mais adiantados, sobem, ou desçam a altos pontos da política, da burocracia, da diplomacia e das corporações superiores, figura que passaram ou continuam os jornalismo efectivo. Em Portugal isso tem sucedido com frequência, e muitas vezes com justiça e brio.

Correspondido pelo chefe do governo a ingressar na vida pública, dirigindo por contrato, um departamento novo, e para o qual não precisa, por natureza, de experiência e actividade, e sr. António Ferro, portanto, o lugar de director de um secretariado de propaganda do país está no seu tempo, e não apenas apenas na sua função.

Direcção, porém, e jornalista, acompanhado e em contacto com trabalhadores de jornal não devem entrevistar-se uns aos outros.

Quando o funcionamento público sobre os seus projectos, sobre a sua actividade. Vejamos, os entrevistados, através das suas palavras, o que poderá vir a ser obra, e a sua importância do Estado de grande responsabilidade, dentro a plena do director do Secretariado de Propaganda Nacional:

—Devo dizer-lhe, antes de mais nada, que o Secretariado da Propaganda Nacional não é uma ideia puramente original do sr. dr. Oliveira Salazar. Ela está no clima da nossa época, e é filha do estado de espírito de muitos portugueses que a reclamavam incessantemente como indispensável à vida deste momento político. E tanto assim, que todos os que me falam, hoje, daquele decreto – oficiais do exército, funcionários, jornalistas, etc – me dizem, invariavelmente: Excelente! Pena foi que não se tivesse feito há mais tempo.

—Falam em momento político e em momento nacional. Qual em conclusão a verdadeira finalidade do Secretariado?

—No título do organismo está a sua síntese: propaganda nacional. Valorizar, dinamizar, multiplicar, se possível, por todos as actividades nacionais é um dos nossos principais objectivos. Simplesmente esse trabalho, de pura propaganda nacional, identifica-se perfeitamente com o momento político que estamos vivendo.

E marca bem:

—Fazer hoje propaganda nacional interna ou externa é fazer a propaganda, quer queiram, quer não, da obra epopéica da actual primeira unidade, da nova geração, novas escolas e ideias, administração impessoal, regime corporativo, assistência pública, princípios essenciais da nova Constituição, inovação moral e social, etc. Para que a Nação sinta essa obra cada vez mais, levá-la a efeito, através da propaganda, a todos os sectores da vida portuguesa, e sobretudo às escolas primárias e secundárias, onde há precedentes que se permitem reduzir, com frequência, a favor da pobreza e, sobretudo, da pobreza envergonhada, convergindo os ricos, os felizes, a sacrifício de um pouco da sua opulência, da sua felicidade em benefício dos que nada têm. Fazer uma série de publicações de carácter nacionalista, e imediatamente, um grande álbum de luxo: «Portugal-1934», que documente os graves aspectos, irremediáveis, de que se tem feito em Portugal nos últimos sete anos. Mais: animar e estimular toda a vida do espírito, criando anualmente prémios literários e prémios de arte. Considerar todos os artistas portugueses colaboradores do novo organismo, e provido dando-lhe trabalho sempre que for possível. Organizar grandes publicações sobre questões nacionais, e promover a criação de um jornal sonoro de actualidade. Defender o teatro nacionalista. Colocar a sério para a causa do desporto da educação física, de que ainda não se soube tirar o partido necessário. Tratar a Portugal, para a educação, algumas das figuras mais notáveis e eficientes do jornalismo e da literatura do nosso tempo. Levá-lo, por isso, ao estrangeiro todos aqueles portugueses que possam honrar-nos, que possam contribuir para o nosso prestígio, desde de tudo a maioria dos que têm sido até hoje, com raras excepções, os estranhos e os doentes, bem intencionados, mas não insensíveis, da nossa propaganda, divulgar e impor ao mundo a nossa obra de grande e nobreza. Organizar festas que se definem, e arrancando a música da Torre de Marfim, em que dá vive em Portugal, trazendo-a para as ruas. Preparar ambiente dentro do país e lá fora, para a realização de uma exposição internacional que seja o nosso grande cartão diante do mundo.

A acção política

Observamos, naturalmente:

—Programa vasto.

—Compreendo o seu espanto. Como fazer tudo isto com a verba modestíssima que nos foi atribuída, não é verdade? E que são mil contos, incluindo os vencimentos do pessoal, para fazer em nove meses a propaganda de um país? Há empresas comerciais e industriais que gastam tanto ou mais, 80 quem desconhecem o que é publicidade ou propaganda, pode atrever-se a achar exagerada tão pequena soma...? Padeço de delírios ou o que poderemos, e a serem sempre, para além do nosso reduzido organismo, aqueles que animados de todas as iniciativas e boas vontades que faltava em Portugal. Queremos perguntar:

—Qual a acção concreta do novo organismo no campo político?

—Li a disse. Fazer a propaganda nacional dentro e fora do país, do momento interessante que estamos vivendo, do «momento Salazar», e a que preside, com notável bom senso e inteligência, a alta e prestigiosa figura do sr. general Carmona.

—O «momento Salazar»... «oberta».

—Sim. Eu evocarei Salazar significa, mais do que o nome de um homem, uma grande ideia, uma grande realização, um grande pensamento em acção. Salazar, para mim, tanto é a unidade da Pátria e da família, como a rede de estradas do país, a nova equidade, o organismo equilibrado, o combate contra a pobreza, o Estado corporativo, a nova Pátria Nacional.

Fig. 5.10 - Entrevista de António Ferro ao “Diário de Lisboa” em 11 de Outubro 1933

³⁴² Entrevista de António Ferro ao “Diário de Lisboa” em 11 de Outubro 1933

218

Com a criação do SPN e a ascensão de António Ferro, os temas centrais na participação de Portugal em mostras, feiras e exposições nacionais e internacionais, assumem contornos algo diferentes de anteriores representações, sendo direcionados às “artes e técnicas da vida moderna.” Em Junho de 1936, o embaixador Armindo Monteiro (1896-1955), a propósito da anunciada “Exposição Internacional de Paris”, a realizar em 1937, dirigiu uma carta a Salazar na qual referia: “vão a Paris quase todos os países do Mundo. Uns vão ali fazer a propaganda das suas indústrias, outros a propaganda da sua ação política, do seu valor como agentes de civilização ou criadores de riqueza.”

Salazar acata a recomendação do embaixador e decide participar na Exposição. “Era o primeiro grande teste internacional para o “Secretariado de Propaganda Nacional” e para o seu diretor. Após a confirmação da participação de Portugal no certame, António Ferro desloca-se à cidade luz a 26 de Junho de 1936, escolhendo o lote para o pavilhão e traçando os limites gerais do orçamento. Seriam alocados dois mil contos para a construção do pavilhão, num orçamento total de 6.500 contos, incluindo o transporte dos objetos, publicações e prémios. Assim, logo no dia seguinte, é publicado o decreto-lei da participação nacional no certame, tornando pública a iniciativa e procurando mostrar a eficiência do SPN e do comissariado nomeado para o efeito, com Ferro na liderança.”³⁴³

Precedendo em dois anos o início da segunda Grande Guerra, “a Exposição Internacional de Paris” foi a última encenação da habitual celebração da paz, no meio de graves crises económicas e sociais. O evento decorreu entre Maio e Novembro de 1937, tendo contado com 44 países participantes e cerca de 31 milhões de visitantes. Apelidada de internacional, e não de universal, unicamente por motivos políticos, adaptada à generalizada recessão económica, o tema oficial da exposição francesa era “Artes e técnicas na vida moderna”, e pretendia fomentar a cooperação intelectual da humanidade.”³⁴⁴

Antecedendo a inauguração da “Exposição de Paris”, a imprensa não se fez esperar, elogiando a iniciativa e a adesão portuguesa. O “Diário de Lisboa” (fig. 5.11), escrevia: “A experiência de Paris vai ser um formidável espetáculo, aberto à contemplação do orbe, em que o génio das nações terá ocasião de revelar-se, na sua variedade e na sua invicta tenacidade.”³⁴⁵

³⁴³ Diário do Governo, 27 de junho de 1936, decreto- lei nº 26:730, I série, nº 149.

³⁴⁴ CARVALHOS, Isabel Marques - *Os Pavilhões de Portugal e as Exposições Universais*, Mestrado em História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 2006, p 15.

³⁴⁵ “Exposição 1937” – Diário de Lisboa, 15 de Abril 1937

Diário de Lisboa

Numero avulso 50 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO—Rua de São, 37, 8.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRETOR
JOAQUIM MANZO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA DO RIZZ, 20, LISBOA, 4-4
TELEFONE—1 507, 2 071 e 1 087
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

NUM jornal que se publica na Índia—em Bombaim—«O Anglo Português» encontra-se um artigo editorial no qual se defende a modificação do ensino secundário na Índia Portuguesa, e assinala que infinitamente mais útil, mais pratica e mais profunda teria sido a vida intelectual e o clima cultural da Índia Portuguesa se o sistema do seu ensino primário e secundário não tivesse por seu figurino a organização do ensino secundário de Portugal.

Depois tem estas afirmações que não primam pela moderação, e sem que sejam as razões de queza do ensino secundário ali ministrado, nos parecem expuzadas:

«O nosso ensino secundário só produz anal-fabetos «ilustrados» literatos sem literatura, pensadores sem pensamento e mesmo sonhadores sem sonhos.

É tempo de mudarmos de rumo. É necessário que esse pintado de idéas caducas e de ciência ôca que é ôca tenha o seu fim. Os nossos liceus são apenas um luto, uma superficialidade que pôde ser dispensada.

As razões invocadas para ali não se seguir o sistema da mãe patria—tem, porém, aparente fundamento. Tal qual está o ensino não se ajusta às necessidades culturais e economicas daquelas regiões essencialmente agricolas, onde pouco se produz e onde o capital moeda é o homem, exportado em larga escala para todos os pontos do mundo. As características do ensino têm que adaptar-se—escrevem—da necessidade da população; não diremos: ao seu destino.

URBANO Rodrigues publicou Jornadas de uma Corte Marroquina em que nos dá conta das suas últimas aventuras em Marrocos. O seu novo livro, dum fulgor jornalístico invulgar, participa da grande actualidade—a guerra de Espanha. Ele o diz:—Este livro parece-me de oportunidade. Quando se fizer a historia da revolução nacionalista espanhola, ha-de verificar-se que ela se haveria fatalmente alogorado, se a zona do Imperio Marroquino, entregue pelos tratados à protecção da Espanha, não se tornasse, desde a primeira hora, o seu principal ponto de apoio, a sua maior fonte de energias.

Entre os muitos agraçados que se notam, nas Jornadas de uma Corte marroquina, sobressai este—o inédito dos quadros e a sequencia pitoresca dos episódios. Nem todos os jornalistas têm a sorte de, em pleno século XX, descobrir um assunto proprio do tempo em que os povos vivem separados por altos fossos e muralhas.

E' HOJE, quinta-feira, pelas 21 e 30, que o sr. João de Barros realta na Universidade Popular Portuguesa, rua Luiz de Rouet, a sua annunciada conferencia sob o tema «Brasil de hoje e de amanhã». A entrada é livre.

“Exposição 1937”

O trabalho não interrompe a sua faina, ora demolindo para reconstruir, ora criando para aumentar o imperio do homem. O esforço duro, sofrido ou insofrido, paciente ou desesperado, suaviza-se, humaniza-se, graças ao poder crescente da intelligencia e ao emprego metódico das energias da natureza. A «exposição 1937» vai ser um formidável espectáculo, aberto à contemplação do orbe, em que o génio das nações terá occasião de revelar-se, na sua variedade e na sua invicta tenacidade.

Quando os pessimistas não fazem mais que apregoar guerras e catástrofes, declarando a civilização em estado de falencia, a arte, a ciencia, a tecnica, a educação e a cultura, num crescendo de forças combinadas, contrapõem-se a tudo que signifique recuo ou desergão.

O espirito confia no seu destino. Ainda que vivamos numa epoca de intranquilidade e de conflitos sociais, que se desenvolvem, temerosamente, além das nossas fronteiras, consola-nos e alenta-nos a certeza de que os labores da intelligencia, no triplo campo da ciencia, da industria e da solidariedade «inter-gentes» vão em linha ascendente.

A «exposição 1937» obedece a um pensamento construtivo, optimista e saudavel—mostrar como o homem se liberta da natureza e como a natureza revela a sua riqueza, á medida que se conhecem os seus segredos. Segundo os jornalistas que têm visitado o Campo de Marte, assiste-se ao fabrico repentino duma metropole que congrega nos seus efemerios palacios e pavilhões os produtos em que melhor se traduz a nossa ansia de novidade.

Inventou-se um termo destinado a fazer carreira—dinamismo. Mais ou menos, todos os povos se apoderaram dele, porque nenhum deixa de sentir o mesmo desejo de caminhar depressa, diminuindo o desconforto e o sofrimento.

A «exposição 1937» precede a «exposição 1938», como um progresso outro progresso, uma descoberta outra descoberta. Durante demoradissimos seculos, a humanidade viu-se no seu aspecto fragmentario, dividindo-se em periodos, dentro de cada um dos quais resolvia uma duvida, curava uma ferida ou erguia um monumento.

Actualmente aspira-se ao homem integral—o fisico e o moral, a razão e a sensibilidade, o consciente e o inconsciente fundidos no mesmo movimento e influidos pelo mesmo sópro.

Acabou o sistema por infiltrações lentas das inovações nas tradições sonolentas: ha um ritmo de marcha, desconhecido das velhas idades, que não tolera longas pausas nem suspensões bruscas, nos transitos da historia.

Qual a importancia da aeronautica na «exposição 1937»? Segundo se prevê, excederá os mais arrojados calculos: o dominio da asa no espaço obterá uma consagração tão brilhante como nenhuma outra, entre as que marcam o maravilhoso das vitorias e das aventuras.

As artes decorativas, num crescendo de arrojões tão bellos como originaes, hão-de aproveitar-se do avião, a fim-de o tomarem como simbolo vivo da alma duma epoca que pretende encurtar a duração no espaço e no tempo, reduzindo aquelle a pontos geometricos e este a segundos dinamicos.

A “Evocação do Leão de Ouro”



O celebre «Grupo do Leão», pintado por Columbano

RECHEBEMOS a carta que segue, a que na simplicidade da exposição, não detra de oferecer interesse:

«Sr. Director:—Visitei ha dias a Batalha, essa joia de arquitectura sum igual em todo o Mundo, que através de seculos, nos vem dizendo quem foram e onde repousam alguns dos nossos maiores. Ha 30 anos que visito o belo mosteiro, sendo esta a segunda vez que recorro á Imprensa, para pedir providencias sobre o que all tenho visto de atentatório á arte e ao bom gosto.

Ao fundo da nave central, existiu em tempo o altar mór, cuja simplicidade e composura se casavam bem com a grandeza do monumento. Hoje, ao que parece devido a obras, tal altar foi retirado, e em sua substituição collocados alguns degraus cobertos com uma larga passadeira, encimados por objectos do culto. O aspecto deste improvisado altar é o pior possível olhando de frente, mas visto pela retaguarda (pela o mesmo não está encostado á parede), é desolador, porque dall se vê o esqueleto do mesmo altar, sem o mais insignificante resguardo que possa atenuar o seu desagradavel espectáculo.

Ora o templo de Santa Maria da Victoria não é qualquer igreja de freguesia, onde o aspecto do altar e objectos necessarios ao culto pôdem deixar de estar em relação com o estilo e valor arquitectónico do edificio. A Batalha, é visitada por muitos nacionaes e estrangeiros. Não está certo que uns e outros tenham que fazer reparos sobre um templo que, mostrando a falta de gosto de quem de direito por decorações, denuncia um pouco a falta de apreço pela obra architectonica.—Um leitor coidense.

UMA recentissima estatística, elaborada por autoridades na ciencia demographica e urbanistica—os sr. Cabouat et Guillet—dá-nos a noticia de que desde 1370 até á data a area da cidade de Paris aumentou 41 vezes e que a densidade da população foi multiplicada apenas por 11.

Em 1370 Paris contava 984 habitantes por hectare hoje não conta mais de 276, (referencia aliás atrasada: 1911). Este fenomeno só aparentemente desconcertante, é uma lei de urbanismo: as cidades que se alargam não mantem uma intensa densidade de população.

É por isso mesmo que alargam. Se compararmos Livros de hoje com a de 1650, por exemplo, veriamos que se dá fenomeno identico.

O PROFESSOR sr. dr. Henrique de Vilhena publicou agora a notavel conferencia que realizou sobre a obra do celebre mathematico dr. Francisco Gomes Teixeira, na Academia das Ciencias. Trata-se dum estudo completo, que fixa em linhas definitivas não só a bibliografia do grande sabio português, mas ainda a sua vida austera, cortada duma vida e humana bondade. O volume do sr. dr. Henrique de Vilhena, além da conferencia, tem ainda o interesse de numerosas notas e documentos, que são um precioso auxilium para quem quiser conhecer, em todos os pormenores, a biografia do illustre cientista.

O “DIÁRIO DE LISBOA DE HOJE É DE 16 PAGINAS

Fig. 5.11 – “Exposição 1937” – Diário de Lisboa, 15 de Abril 1937

Ferro rodeou-se de artistas e artífices de características modernistas, muitos dos quais se vieram a tornar nomes sonantes das artes-gráficas, artes decorativas, escultura e pintura. Foi morosa e minuciosa a preparação e a instalação do pavilhão, com estadias mais ou menos longas dos colaboradores. A tensão entre classicismo e modernismo estava patente num bom número de pavilhões da “Exposição de Paris”. Vence o concurso para a construção do Pavilhão de Portugal, com a difícil equação de moderno e nacionalista, o anteprojeto traçado pelo arquiteto Francisco

Keil do Amaral (1910-1975), então em início de carreira. Interpelado na questão do estilo, afirma categoricamente: “O meu trabalho é como um cartaz de Portugal, que ficará bem visível, nas margens do Sena. Tem, sobretudo, o carácter de um pavilhão de exposição. Um corpo maior tem numa das faces um grande escudo de Portugal.”³⁴⁶

O pavilhão português (fig. 5.12) procurou também “conciliar o moderno com as velhas tradições, repartindo por dois andares as produções de um país que se tentava apresentar, não tanto como moderno, mas como país onde o progresso não tinha destruído as heranças de uma cultura ancestral.”³⁴⁷ Sem descurar a componente histórica, com a sua dimensão colonial presente, com a edição de postais *types de L’Empire Portugais*, a exposição, representada por artesanato típico e por dois barcos rabelos, apostou sobremaneira na promoção do turismo, surgindo os típicos bairros populares de Lisboa como verdadeiras atrações - série de postais de Álvaro Canelas - lado a lado com as regiões de turismo mais consagradas de Portugal, como a Costa do Estoril.



Fig. 5.12 - Anteprojeto do Pavilhão de Portugal, na Exposição Internacional de Paris
Keil do Amaral - 1936

Encerrada a “Exposição de Paris”, no ano seguinte uma “Nota Oficiosa da Presidência do Conselho” instituindo as comemorações centenárias de Portugal, é publicada a 27 de Março de 1938 no “Diário de Notícias” e impressa nas páginas do número um da “Revista dos Centenários”, em Janeiro de 1939. A resolução teve, inegavelmente, um propósito político, de projeção histórica do 800º aniversário da “Fundação do Estado Português” (1140) e o 300º

³⁴⁶ Diário de Lisboa, 22 de Setembro de 1936: “*Portugal na Exposição Internacional de Paris. O que nos disse Francisco Keil do Amaral, o autor do ante-projeto premiado.*”

³⁴⁷ OLIVEIRA, Rosa Neves - *Exposições universais: Paris 1937, Expo’98*. 1996, p 15.

aniversário da “Restauração da Independência” (1640). “Meticulosamente disposto em treze pontos principais, o programa é ainda sucintamente, uma ideia, uma aspiração, mas contem já os fins a atingir, os meios, as condições de trabalho.”³⁴⁸

Sandra Silva (2008) dissertou sobre o tema descrevendo: “Na Nota Oficiosa, o Presidente do Conselho começa por definir e identificar claramente as razões que justificam as comemorações centenárias da mais antiga nação da Europa e refere-se aos dois anos de comemorações. Induz, a partir daí, que o facto de se ter oito séculos de História, transmitirá ao povo português um tónico de alegria e confiança em si próprio, o que, aliado à pressão do tempo e ao seu entusiasmo criador, fará com que nos serviços públicos e particulares o ritmo da atividade seja acelerado e se afirme mais uma vez a capacidade criadora de Portugal.”³⁴⁹

A tutela do projeto de construção, em Lisboa (Belém), entre Junho e Dezembro de 1940 foi entregue ao arquiteto Cottinelli Telmo (1897-1948). Belém era, à data, um lugar desordenado, com hortas e olivais encostados a bairros operários, com casas de curtumes e estamparias ao lado de alguns palacetes. O arquiteto descreve nas suas “Memórias”:

“A Exposição do Mundo Português foi inaugurada em plena guerra... Nas últimas noites que antecederam a abertura dormi no meu gabinete, entre pranchetas e papelada.

Ao amanhecer acordam-me... Eram 6 da manhã? Da Praça do Império vinha um rumor de artilharia pesada, um reboar trágico que devia corresponder a um enorme volume de tanques, de baterias, de engenhos de guerra avançando com a lentidão cínica da massa de aço que sabe que nada a fará parar. No cinzento triste e húmido da hora vejo sinais de invasão iniciada durante a noite... E isto no próprio dia em que, horas depois, devia ser inaugurada a Exposição!...

Visto-me à pressa e caminho estremunhado, acreditando no que a minha imaginação cria. Vejo massas de soldados, prontos a dominar com violência sem palavras, olhares traiçoeiros e duros rasgando o bordo dos capacetes de guerra... O que os nossos olhos viram, não se descreve nem se repete!... Espetáculo único que me ficou para sempre na memória!... Tudo era como prevíamos, mas os tanques, as baterias e os engenhos de guerra não eram mais... que os camiões de limpeza da Câmara Municipal de Lisboa – e os invasores teutónicos... humildes “almeidas” de vassoura aperrada, disciplinados como soldados, sentados costas com costas nas viaturas que rolavam e se distribuíam ocupando pontos estratégicos, rigorosamente previstos por um comando invisível. Imponente parada!

O claro da manhã ia subindo e as mangueiras da rega, apagando o incêndio da poeirada, davam à Praça do Império o acabamento de uma última demão a tinta de esmalte!... O exército retirava em boa ordem... A Exposição – lavada, fresca como uma alface – recebia o pó de arroz dos primeiros raios de sol, preparava-se para receber os convidados, os milhares de portugueses que por ela deviam passar!...”³⁵⁰

³⁴⁸ Oliveira Salazar, “Nota Oficiosa da Presidência do Conselho”, Março de 1938, v. Diário de Notícias. 27 de Março de 1938: p. 1 e *Revista dos Centenários*, Número 1, Janeiro de 1939.

³⁴⁹ SILVA, Sandra Gonçalves - *A Exposição de Belém: Novos elementos para a construção de uma “memória”*, Dissertação de Mestrado Expressão Gráfica, Cor e Imagem, Universidade Aberta, 2008, p 29.

³⁵⁰ TELMO, Cottinelli – *Memórias de Cottinelli Telmo*, Espólio de Cottinelli Telmo – Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU): Arquivo Pessoal de José Cottinelli Telmo, s.d.

O evento acabou por constituir um instrumento essencial para o “Estado Novo”, em processo de consolidação, exaltar o regime, a sua ação e a proposta de sociedade.



Fig. 5.13 - Exposição do Mundo Português – Eduardo Portugal – AML 1940

Na sinopse do livro do historiador Luís Trindade (2008) “O estranho caso do nacionalismo português - O salazarismo entre a literatura e a política”,³⁵¹ relata uma estória acerca da repercussão do evento: “Em 1940, depois de visitarem a Exposição do Mundo Português, dois minhotos trocavam impressões, quando um disse ao outro: “Agora já tu sabes o que é ser português!...”

É provável que isto não se tenha passado assim, que nunca ninguém se tenha deixado despojar tão completamente da sua identidade, mas Augusto de Castro, o escritor e jornalista que contou a história, achou-a verosímil. Naquele momento, o nacionalismo era o consenso mais evidente na sociedade portuguesa. O resultado foi uma representação do país donde desapareceu a realidade social mas onde muitos portugueses se reviram. Foi esse “O Estranho Caso do Nacionalismo Português”.

O certo é que o início dos anos 40 ficou, indelevelmente, para sempre ligado à “Exposição do Mundo Português”. Em pleno conflito da II Guerra Mundial (1939-1945), dizia-se na época “lá fora há guerra, por cá a exposição de Belém”. Assim se entende o artigo na primeira página do “Diário de Lisboa” (fig. 5.14), publicado no dia de abertura de portas da exposição ao público,

³⁵¹ TRINDADE, *op cit* (2008).

vangloriando o sonho realizado, a evocação de oito séculos de história e a obra exclusiva dos portugueses. Noticiava o jornal, publicado à tarde, facto inédito na capital:

“O sonho converteu-se em realidade. A esta mesma hora, no local sagrado, donde em quinhentos partiram as caravelas para a Índia, nesse quadro de grandeza histórica, que é, porventura, o mais alto como significado universal da raça e mais belo como espírito épico das nossas marinhas — o Chefe de Estado, na sua representação de poderes, inaugura a Exposição do Mundo Português.

É, sem dúvida, uma hora ardente, vitória de exaltação pátria! Sente-se como um roubo místico nesta consagração de oito séculos de história, com os seus monumentos verdadeiros, as suas recordações venerandas, as suas preclaras alegorias, em imagens alternadas de ontem e de hoje, numa síntese admirável do que Portugal representa na civilização do mundo.”(...)

“Pode dizer-se, com verdadeiro orgulho, que estamos vivendo uma hora bem portuguesa de fé nos nossos destinos, que coincide exatamente com a progressão máxima da vida nacional. Só fazem exposições desta natureza os povos felizes, e nos períodos de franca prosperidade.”³⁵²



Fig. 5.14 - Inauguração da Exposição do Mundo Português
Diário de Lisboa, 25 Junho 1940

³⁵² Diário de Lisboa, 25 Junho 1940: “Inaugura-se hoje a Exposição do Mundo Português”.

A “Exposição do Mundo Português” decorreu durante quase seis meses, encerrando a 2 de Dezembro de 1940 contabilizando cerca de 2.800.000 entradas, com um custo do empreendimento na ordem dos 35.520 contos, como dava conta a notícia editada no “Diário de Lisboa”.³⁵³

Revela-se, que na realidade a década de 40, sob o regime do Estado Novo, impulsionou Lisboa para um período de mudança urbana caracterizado pelo centralismo do regime e pela ideologia nacionalista que influenciava a nação. A cidade avançava rumo à modernidade, com o impulso de grandes construções de carácter monumental e simbólico, com o objetivo de reafirmar a identidade nacional. Novos bairros foram criados nas proximidades da cidade, concebidos para receber a população crescente, consequência do êxodo rural que atraiu milhares de pessoas na procura de uma vida melhor. O período fica, sobremaneira, marcado pelo feito na zona de Belém, previamente renovada para receber a “Exposição do Mundo Português”, celebrando as conquistas históricas e coloniais de Portugal.

³⁵³ Diário de Lisboa, 6 de Dezembro 1940: “O custo da Exposição”.

5.3 O PÁTIO DOS ARTISTAS

Como reconheceu e escreveu José-Augusto França, (1991) a grande “Exposição do Mundo Português” (1940) “foi um vértice interessante da produção artística do Estado Novo, onde concorreram pintores, escultores, arquitetos, cineastas e fotógrafos, tanto na preparação como no registo do evento.”³⁵⁴

De facto, muitos dos obreiros na exposição prosperaram nos ofícios em anos vindouros. A realização do evento deixou um legado crucial com o desenvolvimento de um novo rumo na arquitetura nacional. Muitos dos arquitetos, que foram centrais na organização da exposição, marcaram uma forte componente ideológica e um novo rumo no contexto e estilo arquitetónico nacional.

De Campo de Ourique saíram muitos desses artífices, com ateliês num espaço conhecido como “Pátio dos Artistas” (ou “Pátio das Três Artes”) com acesso pela entrada em arco do prédio nº 69 da Rua Coelho da Rocha (fig. 5.15). Anteriormente, esse espaço era um sítio de quintais propriedade de Jaime Gonçalves (de quem só se conhece o nome) que, por influência do escultor Leopoldo de Almeida, acedeu num ato filantrópico a que fosse utilizado para a construção de um conjunto de espaços adequados ao exercício da profissão dos artistas plásticos, reunindo todas as condições para darem asas às suas criações.



Fig. 5.15 – Espaço antigo do “Pátio dos Artistas” - Rua Coelho da Rocha, nº 69
Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian. s. d.

³⁵⁴ FRANÇA, *op. cit.* (1991).

O projeto de construção pertenceu ao arquiteto Cristino da Silva (1896-1976), traçando um agrupamento de ateliês todos idênticos, com duplo pé direito e grandes vidraças, construídos em banda, separados por três pequenas ruas de acesso (fig. 5.16).

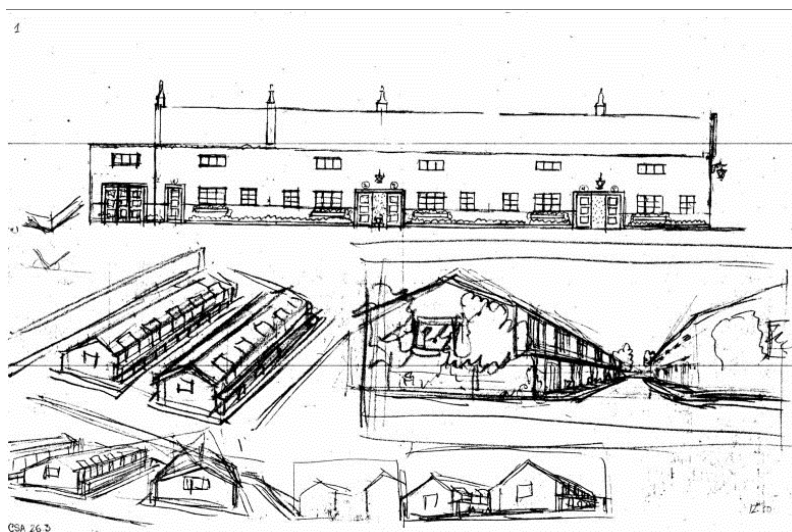


Fig. 5.16 - Esboço do Projeto de construção do “Pátio dos Artistas” - s. d.

Algumas das edificações exibem nas fachadas e empenas esculturas em baixo-relevo figuras de cunho *Art Deco* esculpidas pelo escultor espanhol Juan de Ávalos y Taborda, que trabalhou no pátio no ateliê do também escultor Leopoldo de Almeida.

O “Pátio dos Artistas” era local de tertúlias e de intensa efervescência cultural, funcionando como verdadeiras escolas. Os artífices ali conviviam, num ambiente profícuo, contribuindo para a partilha de conhecimento das obras uns dos outros. Pelo pátio foram passando nomes sonantes do panorama artístico da capital: os arquitetos Bento de Almeida (1918-1997), António Lino (1914-1996), Cottinelli Telmo (1897-1948), Cristino da Silva (1896-1976) Victor Palla (1922-2006); os escultores António Duarte (1912-1998), Leopoldo de Almeida (1898-1975), Roque Gameiro (1864-1935), Pedro Anjos Teixeira (1908-1997), António Duarte (1912-1998), João Fragoso (1913-2000), Álvaro de Brée (1903-1962); os pintores Domingos Rebelo (1891-1975), João Reis (1899-1982, Manuel Lapa (1914-1979).

Deste painel de intérpretes das artes tiveram participação ativa nas exposições internacionais (1937 e 1940), Cotinnelli Telmo, Leopoldo de Almeida e Cristino da Silva, três arquitetos que ficaram ligados indissociavelmente aos principais representantes do modernismo no domínio da arquitetura e das artes plásticas.

Fizeram igualmente parte do grupo de artífices, com ateliê no “Pátio dos Artistas”, os arquitetos Victor Palla e Bento d’Almeida, integrantes da geração aderente aos princípios do

Movimento Moderno. Os dois criadores, que se conheceram durante a frequência da Escola de Belas-Artes do Porto, ficaram sobretudo conhecidos pela arquitetura dos primeiros *snack-bars* inaugurados em Lisboa, como o “Términus”, o “Pique Nique”, o “Pam-Pam” e o “Galeto”.

Patrícia Bento de Almeida, neta de um dos arquitetos, conta a propósito:

“À data - estávamos no final dos anos quarenta - as pessoas não entendiam o conceito, a palavra *snack-bar*; não havia ainda entrado no vocabulário. Os dois arquitetos precisavam de explicar, para a Câmara Municipal de Lisboa, na memória descritiva de cada projeto, o que era um *snack-bar*, “Um restaurante do tipo *snack-bar*”, isto é, com refeições rápidas servidas a um balcão.”

O avô chegou a dizer-lhe: “Ó Patrícia, imagina o que era na altura uma senhora ter de levantar a perna para se sentar ao balcão ao lado de um estranho? O projeto original do primeiro *snack-bar*, o *Pique-Nique* (de início chamado *Términus*) na Baixa lisboeta (Rua 1º de Dezembro), ostentando um painel de Júlio Pomar atrás do balcão, previu um acesso de elevador junto à entrada para que as senhoras não tivessem de atravessar a zona do balcão.”³⁵⁵

A dupla foi ainda responsável por outros projetos de edificação, proporcionando, simultaneamente, estágios aos alunos de arquitetura e obras relacionadas com as artes plásticas e decorativas (fig. 5.17).



Fig. 5.17 - Victor Palla e Bento d’ Almeida - Arquivo do atelier – s. d.

Campo de Ourique marcou, assim, de forma evidente, um papel na arquitetura modernista, dando guarida a uma geração de arquitetos, escultores e pintores, que estiveram na primeira linha de tudo quanto se produziu a partir da década de quarenta.

Rememorar que já nos anos trinta o bairro tinha sido agraciado com o Prémio Valmor, instituído na sequência do testamento deixado pelo último Visconde de Valmor, Fausto Queiroz Guedes (1837-1898), que foi governador civil de Lisboa e grande apreciador de belas

³⁵⁵ ALMEIDA, Patrícia Bento - *Victor Palla e Bento d’ Almeida: obras e projectos de um atelier de arquitectura, 1946-1973*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 2006.

artes. Com efeito, em 1931 o prémio foi atribuído a um edifício situado na Rua de Infantaria 16, números 92-94 (fig. 5.18), da autoria dos arquitetos Miguel Simões Jacobetty Rosa (1901-1970) e António Maria Veloso dos Reis Camelo (1899-1985), propriedade do pintor Manuel Roque Gameiro (1892-1944).

O Prémio Valmor” em 1931 premiava-se o advento do movimento modernista. A expressão horizontal da residência de Roque Gameiro condensava então as características desse movimento internacional: tendências abstratas, ausência de elementos decorativos, grandes superfícies lisas, o funcional a sobrepor-se ao representativo.³⁵⁶



Fig. 5.18- Casa Roque Gameiro, Prémio Valmor em 1931
Rua Infantaria 16, Campo de Ourique – CML 2015

Roque Gameiro esteve também ligado a Campo de Ourique como autor da reconstrução da “Fonte Santa”, na Rua Possidónio da Silva, um chafariz cujo nome deriva das propriedades milagrosas que eram atribuídas às suas águas, ao contrário das restantes bicas de Lisboa. Ele foi um pintor e desenhador, especializado na arte da aguarela. Os seus trabalhos foram selecionados para integrar a participação portuguesa na “Exposição Universal de Paris” (1937), onde recebeu uma Medalha de Honra. Não deixou apenas uma vasta coleção de obras, deixou também uma família de artistas. Todos os seus cinco filhos foram importantes artistas por direito próprio

³⁵⁶ Prémio Valmor e Municipal de Arquitetura, Camara Municipal de Lisboa

Dizer ainda que no “Pátio dos Artistas” funcionou o “Clube Arte e Sport”, fundado também por Leopoldo de Almeida, que juntou arte, desporto e uma secção de filatelia. Ali teve início a organização do “Rally das Camélias”, uma das provas mais emblemáticas do automobilismo nacional, quando ainda se realizava em Lisboa.³⁵⁷ Entre outras iniciativas, do “Clube Arte e Sport”, veio juntar-se a “Associação Portuguesa Ex-Libris” fundada por Aulo-Gélio Severino Godinho, uma figura proeminente na Associação, homem multifacetado, que praticou a escultura, a pintura, a gravura e a cerâmica.”³⁵⁸

O “Pátio dos Artistas” perdurou no tempo como um *ícone* de Campo de Ourique. Os armazéns da década de 40, do século passado, foram moradas de artistas nas suas diversas áreas de atividade - arquitetos, escultores, pintores, ceramistas, entre outros artistas plásticos. Ali, sob o arco do prédio 69 da Rua Coelho da Rocha, criou-se um refúgio de artistas, um pátio com moradas e *ateliers*, que remetia para a ideia de uma “vila operária”, como que ligando a atividade artística à indústria, ou seja, com as artes e os ofícios.

³⁵⁷ Informação recolhida pessoalmente com Luís Aragão, de 75 anos, o morador mais antigo do pátio, para onde veio viver com 13 anos, com os seus pais, ainda do tempo do escultor Leopoldo de Almeida.

³⁵⁸ AULO- GÉLIO, *A Arte do Ex-Libris*, Boletim da Associação Portuguesa de Ex-Libris, Ano XXIII, Vol. XI, nº 5, 1978, p 87.

5.4 O MODERNISMO REVISITADO

Após a II Guerra Mundial, como já antes referido, Lisboa teve um notável crescimento no setor imobiliário. Nunca em tão pouco tempo se havia construído tanto; aproximadamente um terço da cidade, ou ao menos de sua malha urbana consolidada, foi edificado ou reformado na década de 1950.

Iniciativas surgidas na mesma época em outros países europeus foram consequência da necessidade de construção após o conflito. Portugal não enfrentou diretamente os problemas da guerra, mas sentiu o impacto da grande pressão pelo êxodo rural em direção às cidades, especialmente para a capital, acentuando a procura por casa. A edificação existente estava superlotada, o subaluguer era prática corrente, com diversas famílias a dividir a mesma habitação. Os poderes públicos deram então início a um processo de execução de políticas de moradia social, acentuando o começo de uma ação mais abrangente e indispensável na defesa da população.

É dessa década quase toda a mancha urbana que vai da Alameda Afonso Henriques até à Avenida do Brasil, a zona poente do Parque Eduardo VII, parcelas substanciais de Campolide e de Campo de Ourique, o bairro de Santos (da Avenida de Berna até à linha de comboio), a envolvente da Estrada das Laranjeiras, toda a área que se estende do Jardim Zoológico até ao Califa. Simultaneamente, verifica-se uma generalizada proliferação de novos edifícios, dispersos por bairros mais antigos.

Muitas e importantes foram as obras levadas a cabo e em breve tempo, na cidade de Lisboa. Num salto excessivamente brusco, entrou na classe das cidades de 700 mil habitantes. Dizia o jornalista e escritor Agostinho de Campos (1870-1944):

“Portugal corre o risco de vir a não levantar cabeça por a ter muito grande. A capital alberga um décimo da população de todo o país. Quase toda a gente que não habita Lisboa vive na errada ilusão de que aqui é que a vida é risonha e fácil, próspera e feliz. Nada mais enganoso; se todos soubessem como a verdade é tão diferente, como aqui custa a triunfar, como aqui custa ser alguém, o preço fabuloso de vestir colarinho engomado. No entanto a cidade continua a ser loucamente procurada por aqueles que julgam residir aqui a felicidade e a abundância. Há, sobretudo, uma indústria na capital, cuja existência - pelos braços que emprega - se não pode ignorar: a construção civil.”³⁵⁹

³⁵⁹ RAPOSO, Hugo – *Crónica de um milhão de habitantes é demais*, OLISIPO - Grupo “Amigos de Lisboa”, nº 13, Janeiro 1941, pp 26-28.

Apesar do *boom* de modernidade urbana nos anos que se seguiram, o crítico e historiador de arte, Rui Mário Gonçalves (1992) classificou os anos 50 como a “década do silêncio”,³⁶⁰ enumerando alguns dos principais impasses da época; considerando que os desenvolvimentos artísticos nessa década foram secundarizados pela historiografia de arte portuguesa, que valorizou sobretudo os movimentos ideológicos e contestatários dos anos de 1940.

Na análise de Leonor de Oliveira (2016), investigadora do Instituto de História da Arte na Universidade Nova de Lisboa (FCSH), “o Secretariado Nacional da Informação (SNI) recuperou, ao longo da década de 1950 – já sem a orientação de António Ferro - um papel importante no panorama artístico, nomeadamente através da divulgação da arte moderna portuguesa no exterior. O SNI desenvolveu uma ação relevante de recuperação e consagração de figuras históricas do modernismo português, como Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918). Em 1958 organizou uma grande exposição em Paris, na Casa de Portugal, ao pintor português e, em 1959, promoveu a primeira grande retrospectiva da sua obra, em Lisboa e no Porto.”³⁶¹

Amadeo de Souza-Cardoso transformou-se, de facto, em uma referência significativa no cenário artístico de Portugal na década de cinquenta. Tanto os artistas ligados ao abstracionismo quanto os pintores que buscavam uma nova abordagem figurativa tinham como referência o pintor do primeiro modernismo português.

José-Augusto França foi desde o início uma presença constante nas exposições organizadas por artistas e críticos que homenagearam o pintor.³⁶² O historiador e crítico de arte, na primeira monografia que lhe foi dedicada, traçou o percurso do pintor e defendeu a atualidade da sua obra, lançando um repto às novas gerações da arte portuguesa: “O pintor apresentou-se como impressionista, cubista, futurista, abstracionista, de tudo um pouco, por não seguir escola alguma e só procurar a originalidade. O resultado foi o que podia ser, mas, no meio lepidóptero do país, era bem a primeira descoberta de Portugal na Europa do século XX, como então escreveu, em grande manifesto de camaradagem, Almada Negreiros!”³⁶³

Coincide, também nos anos cinquenta, um maior reconhecimento pelas obras de Pessoa e Sá-Carneiro, nomeadamente com o surgimento da revista *Presença* em 1927, que se dedicou à

³⁶⁰ GONÇALVES, Rui Mário - *A década do silêncio, 1951-1960*, in “Arte Portuguesa nos Anos 50”, Biblioteca Nacional da Câmara Municipal de Beja, Outubro-Novembro; Fundação Calouste Gulbenkian. 1992.

³⁶¹ OLIVEIRA, Leonor - *Anos 50: Portuguesismo, Modernidade e Aspirações a Internacionalização. A apresentação das artes plásticas portuguesas em feiras e exposições internacionais*, Instituto de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa. 2016, pp 7-9.

³⁶² I Salão de Arte Abstrata, 1954; Primeiro salão dos artistas de hoje, 1956; Retrospectiva da pintura não figurativa em Portugal, 1958

³⁶³ FRANÇA, José-Augusto - *Amadeo de Souza Cardoso*, Editorial Sul, 1956, p 148.

divulgação e análise das suas obras e de outros modernistas, com o objetivo de consolidar a revolução estética iniciada por eles. A revista *Presença* centra-se na análise da obra de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, defendendo a sua produção literária e promovendo uma interpretação crítica do modernismo português, através de publicações e de movimentos literários.

Importa reconhecer que a geração dominante nos anos 50 era já uma geração mais alfabetizada e politizada, talvez por efeito da Guerra Mundial - da procura do noticiário que ela implicava - que já não dispensava os jornais, a rádio, e por lazer o cinema e depois a novidade da televisão.”³⁶⁴ Como tudo na sociedade e na vida em geral, também o papel da mulher foi evoluindo, mudando e ganhando diferentes influências ao longo da nova época.

O tempo se encarregou de revelar, em Campo de Ourique, uma autora de referência no campo literário: Maria Gabriela Llansol, nascida em 1931 no bairro, numa família de ascendência catalã, da qual recebeu uma educação tradicional e católica. Licenciou-se em Direito e em Ciências Pedagógicas, tendo trabalhado em áreas relacionadas com a educação.

Gabriela Llansol viveu um período fora do país, na Bélgica, onde foi tomando contacto com algumas personagens, descobrindo nelas outras perspetivas de estar e olhar a humanidade, como Maître Eckhart, Espinoza, Thomas Müntzer, Friedrich Hölderlin, Nietzsche ou músicos como Bach. Foi uma experiência que lhe proporcionou encontrar na história da europa essas figuras que, pelo seu exemplo, a levou a questionar o mundo e a si própria de outro modo.

Mas é em Campo de Ourique que Maria Gabriela Llansol desperta para a escrita. É no bairro onde nasceu e viveu, que correm a sua infância e juventude, entre os afetos familiares e os lugares do bairro, entre a Rua Domingos Sequeira e o Jardim da Estrela.

Estuda com professores particulares até ir para o Liceu Pedro Nunes, escreve diários, onde já encontramos certas escolhas que deixam vislumbrar futuras propensões de conteúdos e a estilística da sua escrita:

“Chamo-me Maria Gabriela, tenho 17 anos e faço amanhã a última prova escrita do meu exame do 7.º ano. Depois, ou orais... ou não. Já muitas vezes tentei ter o meu diário, não um diário de menina romântica, de colegial, mas um diário de rapariga que procura, através das impressões que deixou escritas, compreender-se melhor a si e compreender a vida. Não vou preocupar-me com frases recortadas, nem exigências de estilo. Interessa-me simplesmente escrever as minhas ideias, as minhas reações, o que eu sinto e o que os outros sentem.”³⁶⁵

³⁶⁴ TEIXEIRA, Ramiro - *A geração portuguesa dos anos 50*, Intermedia Review 1, Génération de 50, Culture, Littérature, Cinéma. n°1, Novembre 2012, pp 97-98.

³⁶⁵ BARRENTO, João & SANTOS, Etelvina (org.) - *Llansol uma vida de escrita: De Campo de Ourique... ao infinito*, Espaço Llansol/Mariposa Azual, Lisboa 2018, pp 90-91

Mais tarde, da sua vivência no bairro, ela contava:

“A casa da Rua Azedo Gneco, onde nasci, ficou presente a minha primeira casa. Essa casa é para mim um único lugar, a sala de visitas, onde havia uma mobília da época (1930), e estofos verdes. Era uma mobília em que a regra do jogo era a estrutura de madeira em tiras finas de madeira polida geometricamente dispostas.

Sem dúvida é casa do meu livro, a grande casa de um só quarto e de uma só janela. Da janela via-se o quintal do vizinho, o senhor Alves, e resumo-o como um lugar azul nublado, atravessado por uma fogueira nas noites dos santos populares. O senhor Alves tinha muitos filhos, mas eu não ia brincar com eles no quintal, certamente por medida de precaução.”

As duas casas da Rua Domingos Sequeira, a dos pais no número 50 e a da “avó azul” no 64, são os lugares em que desperta para o mundo e para escrita, nos anos da infância e sobretudo nos da adolescência e juventude, antes do exílio belga, e depois de ter casado com o Augusto, na Igreja de Santa Isabel”.³⁶⁶

Considerada uma autora de escrita hermética e de difícil inteligibilidade para o leitor comum, é, contudo, apontada por muitos como um dos nomes mais inovadores e importantes da ficção portuguesa na sua temporalidade, como foi sublinhado por Eduardo Lourenço (2008): “O próximo grande mito literário a seguir a Fernando Pessoa” (...) Nunca será uma autora fácil e consensual. É uma espécie de fenómeno misterioso. Alguém vindo de uma outra espécie de planeta. Quem a encontra é difícil não ficar fascinado por essa escrita (...) Ela vem de outra constelação. Vem de um lugar onde não é fácil chegar, é preciso insistir na leitura e, como existem ali muitas portas, cada um encontra a sua própria porta. Era disso que ela gostava. Era isso que ela queria.”³⁶⁷

Na opinião do poeta, romancista e crítico literário Eduardo Pitta (2008), “Llansol foi um dos grandes nomes e provavelmente a grande prosadora da literatura portuguesa do século XX. Não era uma romancista no sentido tradicional”, ressaltando que neste como noutros casos, as classificações feitas não são o mais importante e nenhuma retira à escritora o lugar de relevo que é o seu na literatura.”³⁶⁸

Em Maria Gabriela Llansol nunca se vê na representação da sua escrita uma narrativa linear, privilegiando mais a materialidade da palavra, a intensidade das frases e as imagens. Ela privilegia uma escrita que se fundamenta no concreto e utiliza objetos da própria vida para formar figuras errantes ou itinerantes nas suas obras.

Vários autores de literatura portuguesa convergem que o conjunto da obra de Llansol é constituído por uma escrita fragmentária. As suas histórias não seguem um modelo tradicional,

³⁶⁶ BARRENTO & SANTOS, op cit (2018)

³⁶⁷ Eduardo Lourenço, na entrevista à revista LER-Livros e Leitores, Setembro 2008, referindo-se à Obra de Maria Gabriela Llansol.

³⁶⁸ PITTA, Eduardo - *Maria Gabriela Llansol, "provavelmente a grande prosadora" do século XX*. LUSA - Agência de Notícias de Portugal. 2008.

em que encontraríamos a tríade princípio-meio-fim. Muito pelo contrário, intuitivamente, cada livro se apresenta como uma parte ou um grande excerto dos demais livros. É como se cada texto compusesse um grande fragmento, tal que, em conjunção com todos os outros, formasse um livro em devir, o qual, entretanto, não está sob o domínio da sequencialidade. É o que afirma a própria escritora: “o que escrevo é uma narrativa, uma só narrativa que vou partindo, aos pedaços.” ³⁶⁹



Fig. 5.19 - Maria Gabriela Llansol – Revista Polichinelo, s. d.

Maria Carolina Fenati (2015), na sua investigação académica, refere:

“Os livros, os diários e as milhares de páginas que restam no seu espólio são testemunhas da decisão de Maria Gabriela Llansol em dedicar a sua vida à escrita e escrever todos os dias. Ela escreveu livros, diários, cartas, folhas avulsas e muitos fragmentos os quais foram guardados e destinados aos leitores futuros. Escreveu durante toda a vida, e a imensidão de páginas de seu espólio poderá ser lida por inúmeros leitores. Todavia, “cada trabalho que a partir dela [da obra] se fizer partirá sempre de um recorte arbitrário do qual nasce uma resposta incompleta; isto não é um lamento, nem exatamente uma limitação, é uma condição”³⁷⁰

A leitura de Silvina Rodrigues Lopes (2013) segue o mesmo sentido:

“O projeto literário da autora é irredutivelmente fragmentário: os fragmentos são fragmentos de nenhum todo, constituem uma pluralidade irredutível, podem participar de todas as maneiras ou de todos os géneros, porém existem sempre no equilíbrio instável de serem atraídos para novos mundos, de participarem da conjunção de memória e invenção. (...) Na escrita de Llansol, não há nem história e nem resistência à história, pois na sua escrita não há necessidade de parar o tempo para poder escrever

³⁶⁹ LLANSOL, Maria Gabriela. *Entrevistas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p 48

³⁷⁰ FENATI, Maria Carolina J. - *Escrever, escrever: diários, exílio e escrita em Maria Gabriela Llansol*. “Tese de Doutoramento em Estudos portugueses – Especialidade em Estudos de Literatura”, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2015, p 4

“História para si”, pois a passagem é simultaneidade de todos os tempos (...) O que distingue a escrita de Llansol é o quebrar de laços e relações evidentes. Trata-se, pois, de uma escrita que mostra o que não se pode dizer.”³⁷¹ Llansol não hesitava afirmar, ela própria: “Não há literatura. Quando se escreve só importa saber em que real se entra, e se há técnica adequada para abrir caminho a outros”.³⁷²

Llansol marcou a sua presença em Campo de Ourique, frequentando assiduamente os cafés do bairro, com o simples propósito de se sentar a ler e a escrever, sobretudo no Jardim da Parada, à sombra da grande “metrosideros excelsa”, comumente conhecida como árvore-de-fogo, que haveria de evocar em páginas de “Amigo e Amiga”.³⁷³

João Barrento (1940), ensaísta e crítico literário, conheceu pessoalmente a escritora e criou, com colegas da Universidade Nova de Lisboa, o “Grupo de Estudos Llansolianos” (GELL), uma iniciativa em grande parte impulsionada por Augusto Joaquim, marido e companheiro de escrita de Llansol. Guardador oficial do espólio inédito da escritora, dedicou-se ao estudo e divulgação da sua obra singular. Juntamente com Maria Etelvina Santos – com tese de doutoramento sobre a escritora – trataram e organizaram o acervo de escrita, de leituras, de vivências, de lugares, de casas, de relações da autora.

No livro “Llansol: uma vida de escrita, de Campo de Ourique... ao infinito : instantâneos biográficos”, com textos organizados por ambos, João Barrento (2018) descreve:

“É frequente a escrita de café em Llansol, mas não propriamente um hábito regular, muito menos um ritual. Era antes o prolongamento natural da escrita dos dias e do apelo dos cadernos, que quase sempre a acompanhavam. E quando isso não acontecia – à semelhança de Pessoa - também o jornal, o guardanapo de papel ou um envelope podiam servir de suporte de escrita imediata.

A escrita de café era, no caso de Llansol, muitas vezes o resultado da observação do que se passa à sua volta, logo seguida do imperativo de escrever. Para Llansol, o café é um espaço neutro, sem matéria figural visível ao primeiro olhar. Como lemos num dos seus cadernos, trata-se de um lugar “onde se encontram pessoas que se desconhecem; umas por detrás das outras, surgem sem aparição.

Nos cafés de Llansol, não há, assim, a atmosfera efervescente, animada, *snob*, antiburguesa dos cafés literários, os dos movimentos de vanguarda por toda a Europa, entre 1900 e os anos trinta. Eram os cafés de Llansol de toda a gente, e neles a escritora passeante, isolada e atenta, observava e escrevia; tinha de escrever, obedecendo ao imperativo que sobre ela descia em qualquer lugar onde se encontrasse e sempre que o mundo envolvente viesse ter com ela.”³⁷⁴

Llansol, ela própria confessava:

“Gosto de escrever estes textos nos cafés, nos lugares que rumorejam sobre a minha cabeça (...) Ouço mexer o café com uma colher de metal. Além do texto, que prossegue na página, continuo sem ver. Olhar baixo, ouvido sublimemente atento, é o segredo desta captação imediata. Ouço a tosse, uma tosse feminina. Ouço assobio. É assim que

³⁷¹ LOPES, Silvina Rodrigues. *Teoria da Des-posseção: sobre textos de Maria Gabriela Llansol*. Porto: Europress, 2013, p 64, 66 e 67

³⁷² LLANSOL, Gabriela - *Um Falcão no Punho (Diário 1)*, Ed. Rolim. 1985.

³⁷³ LLANSOL, Gabriela - *Amigo e Amiga - Curso de silêncio de 2004*, Assírio & Alvim. 2006.

³⁷⁴ BARRENTO & SANTOS, *op cit* (2018).

se chamam. E não tenho nenhuma opinião sobre isso. Os assobios são tentativas musicais de travessia do espaço. Ouço cadeiras a arrastar-se. A sala está cheia. Devo ir-me embora, sempre a ouvir. Último ruído: dão 11 horas”.³⁷⁵

No bairro, gostava dos cafés do Jardim da Parada, mas tinha particular preferência pelo “Raiano”:

“Este, é o meu país estrangeiro em Portugal, Campo de Ourique. Basta que aqui chegue para ouvir as palavras na sua própria alegria. Ou na alegria que, assim, se manifesta. Não sei. O sentimento de existir, no lugar por o lugar por onde eu passei para chegar aqui, não aflora. (...)

Estou bem aqui em Campo de Ourique, como se estivesse numa casa de espera em que não se espera. Estou no Raiano (café no Jardim da Parada), sinto-me bem. Carioca e torrada seca.

Os cafés prefiguram este lugar, com as suas portas abertas e mesas escolhidas; um criado circula para servir e as vozes são a moeda de troca. Quem troca não está perdido; nos cafés, trocar é uma tentativa, um símbolo de ignorância e de desejo, tal como o meu. Tenho vários cafés à minha volta, mas o que prefiro é o do Jardim da Parada, com a entrada aberta sob as árvores.

O jardim quadrado da cidade deixa uma praça quadrada quando desaparece, se desaparecesse, e o seu estímulo é humano e vegetal, uma vigília do vegetal sobre o humano, e a minha vigília que os liga. O café padece de palavras úteis; mas as inúteis são um rumor que me entrega a clorofila de que eu preciso.

Quando passo as mãos pelas palavras escritas, admiro-me de que elas não tenham relevo. Isto é, poderiam ter, se os momentos estivessem outra vez presentes, fossem esquecidos, e redobrassem de vida dupla quando escritos”.³⁷⁶

Maria Gabriela Llansol faleceu em Março de 2008. Com 24 livros publicados e oito traduções, deixou um espólio com mais de 30 mil páginas, espalhadas por cadernos, agendas e dossiês, que foram trabalhadas e editadas sob o título genérico “Os Livros de Horas”, editados em 8 volumes. No livro V, com o subtítulo “O azul imperfeito”,³⁷⁷ a narrativa orienta-se para a construção de uma figura maior na obra de Llansol - a figura de AOSSEP, anagrama de Pessoa, que resulta da leitura e escrita que Llansol fez do poeta Fernando Pessoa na sua obra, ao longo de toda a sua vida literária.

No dia 24 de Novembro de 2017, data em que se assinalavam oitenta e seis anos do nascimento de Llansol, foi inaugurado, em Campo de Ourique, o “Espaço Llansol”, dispondo de todas as obras da escritora já editadas.

A História, dos anos 50, de Campo de Ourique, tem no seu registo a presença de uma outra personalidade da cultura portuguesa que fixou residência no bairro em 1957. Rómulo de Carvalho. Nasceu em Lisboa, em 24 de Novembro de 1906, formou-se em Ciências Físico-Químicas e, depois de oito anos de ensino em Coimbra, regressou a Lisboa para prosseguir a

³⁷⁵ BARRENTO, João & SANTOS, *op cit* (2018)

³⁷⁶ BARRENTO, João & SANTOS, *op cit* (2018)

³⁷⁷ LLANSOL, Gabriela - *Os Livros de Horas: o azul imperfeito (Pessoa em Llansol)*, Vol. V, Assírio & Alvim. 2015.

docência no Liceu Pedro Nunes. Alugou casa na rua Sampaio Bruno, n. °18, 3.º andar direito, onde permaneceu, durante 40 anos, até ao fim da vida.

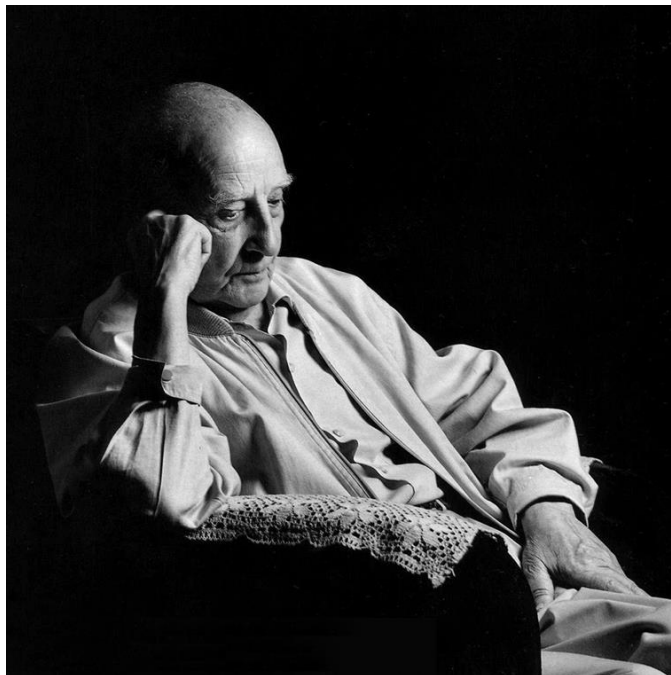


Fig. 5.20 - Rómulo de Carvalho /António Gedeão.
Eduardo Gageiro – s. d.

Nas suas “Memórias” escritas em segredo ao longo de doze anos, só descobertas após a sua morte, descreve o episódio do aluguer da casa em Campo de Ourique:

“Fui colocado no Liceu de Pedro Nunes, em Lisboa, em Outubro de 1957. Já tinha então alugado casa no bairro de Campo de Ourique, na Rua Sampaio Bruno, nº 18, 3º andar, direito. A rua fica no sopé da serra de Monsanto, o que lhe concede bom ar, mas também lhe trás mais frio e mais ventos do que outros locais da cidade.

Boa casa. Tem casa de entrada, cinco assoalhadas, cozinha, dispensa e duas casas de banho. Só tem o inconveniente de ser um terceiro andar sem elevador. À medida que os anos passam, a subida dos 66 degraus até cá chegar a acima vai-se tornando penosa.

A vossa avó Natália queixa-se muito da escada e da frialdade dos compartimentos. Quando chega à porta do prédio com algum saco pesado nas mãos, e eu estou em casa, deito-lhe cá de cima, do corrimão do 3º andar, uma corda com um gancho numa extremidade onde ela fixa a bagagem e puxo-a até cá acima.”³⁷⁸

Personalidade multifacetada, era um homem de “duas culturas”. Rómulo Vasco da Gama Carvalho foi professor e metodólogo de Ciências Físico-Químicas no ensino secundário, autor de trabalhos nos domínios da didática das disciplinas da sua especialidade, e da historiografia e divulgação científicas. Tinha um outro lado, sob o pseudónimo de António Gedeão, poeta, que

³⁷⁸ As “Memórias” de Rómulo de Carvalho, só foram publicadas em 2010, sob a iniciativa do filho Frederico Carvalho, com edição da Fundação Calouste Gulbenkian.

se estreia em 1956 com o seu primeiro livro de poemas, “Movimento Perpétuo”, uma obra espantosa, plena de domínio de linguagem e de musicalidade.

Contemporâneo do grupo da “Presença”, no momento em que se estreia como poeta é manifesto, entre os autores emergentes, a consciência de fazerem parte de uma tradição moderna que remonta aos tempos do “Orpheu”. Jorge de Sena (1968) dizia que Gedeão “realiza, na sua poesia, uma síntese das grandes conquistas do Modernismo, e, em certo sentido, poderá mesmo afirmar-se que ele é um dos primeiros a levá-las a um público mais alargado que a lírica moderna, com algumas das suas ousadias, ainda não fora capaz de aliciar”.³⁷⁹

Quando António Gedeão, no outono da sua vida, escreveu “Movimento Perpétuo”, fê-lo em segredo. O poeta que sempre foi, na sua requintada sensibilidade, em criança quis continuar “Os Lusíadas” de Camões, mas as suas outras grandes paixões, a Ciência e a História, fizeram que os versos ficassem na intimidade. O livro, editado pela Atlântida de Coimbra, foi recebido com espanto pela crítica.

O primeiro a referir-se foi David Mourão Ferreira, escrevendo no matutino “Diário de Notícias” (20 de Junho de 1956): “De súbito, quando menos se espera eis que surge uma obra com um tom, uma temática, um vocabulário, uma inquietação que denuncia uma estrutura poética perfeitamente diferenciada.” (...) “Exaltante missão seria a do crítico se apenas tivesse de acorrer a saudar obras como esta.”³⁸⁰

Em Agosto desse ano, ainda no “Diário de Notícias” do dia 23, pronunciava-se sobre o livro o mais notado de todos os críticos literários, João Gaspar Simões, aquele mesmo que organizara a Antologia do Ateneu Comercial do Porto

O filho Frederico Carvalho, que organizou as suas “Memórias”, revela: “No princípio, a poesia foi, para o meu pai, a expressão íntima de uma inadaptação à vida, um solitário desabafo. Quando tinha ainda 30 anos, passava para o papel o que sentia para depois destruir o que escrevia. Só mais tarde viria a publicar os primeiros poemas que reuniu em seis volumes, com um pseudónimo.”³⁸¹

Revela-se na sua primeira obra, onde consta um dos poemas que a versão musicada popularizou, “Pedra Filosofal”, no final dos anos 60. Musicado por Manuel Freire, em 1969, os primeiros versos dizem: “Eles não sabem que o sonho / é uma constante da vida”.

³⁷⁹ SENA, Jorge - *A poesia de António Gedeão (esboço de análise objetiva*, com um “Post Scriptum”, a partir da 2ª ed. das *Poesias Completas*, 1968.

³⁸⁰ Diário de Notícias de 20 de Junho de 1956

³⁸¹ CARVALHO, Rómulo - *Memórias*, Org. Frederico Carvalho, Fundação Calouste Gulbenkian. 2010.

Em “Memórias” contam-se todos os pormenores sobre a génese literária do “Movimento Perpétuo”:

“Em 1954 concorri ao prémio Almeida Garrett, organizado pelo Ateneu Comercial do Porto, para comemorar o centenário da morte do poeta ocorrida em 1854. Reuni, de memória, o que foi possível, reuni-as em volume e dei-lhe um título: “A experiência dolorosa.

Três dias depois, no jornal do dia 6, dava notícia do êxito da sua iniciativa. Tinham concorrido ao prémio Almeida Garrett noventa e uma obras poéticas. O jornal publicava os nomes de todos os concorrentes, por ordem alfabética. Eu era o penúltimo: Rómulo de Carvalho. Não gostei nada de ver ali o meu nome. Não, não me soava bem para o efeito. Pensei, porque não um pseudónimo? António? Porque não? Gosto muito de António. E o resto? António quê?

Na altura dava aulas no liceu D. João III, em Coimbra. No princípio de cada ano escolar perguntava a cada aluno, a um por um, como se chamava, e escrevia o seu nome na caderneta.

Naquele ano de 1956, quando cheguei a um rapazito que estava sentado na carteira do meio da fila central e lhe perguntei: “E tu como te chamas?” Resposta: Aristides Gedeão. O quê? E ele repetiu. Aristides Gedeão? Mas que nome! Comentei.

Quando recebi a carta do Ateneu e pensei em substituir o meu nome por outro que viria a figurar na tal Antologia, veio-me este episódio à memória, e escolhi, para meu pseudónimo, António Gedeão.

Escrevi então ao Ateneu pedindo o favor de substituírem o nome de Rómulo de Carvalho pelo de António Gedeão. A resposta: “Concordamos plenamente com o seu pedido no sentido de não aparecer na Antologia do Ateneu com o seu nome civil. De facto, o poeta do Movimento Perpétuo (este era o nome de um dos poemas selecionados) é António Gedeão.”³⁸²

No respeitante à vida familiar, Rómulo de Carvalho teve dois filhos, Frederico, também formado em ciências, fruto do primeiro casamento, e de Maria Cristina, do segundo matrimónio, em 1945, com a escritora Natália Nunes (1921-2018).

A filha Cristina Carvalho, nascida em Campo de Ourique, também escritora como a mãe, recorda o bairro como um espaço protegido, com quintais, a liberdade com que brincava na rua com o grupo de amigos. Numa conversa com o jornalista José Cabrita Saraiva, deu a conhecer alguns dos aspetos da personalidade do pai, como ele cultivava o silêncio e a sua ironia.

“O meu pai era uma pessoa muito, muito discreta, não comentava muito. E, quando comentava, comentava ironicamente, mas uma ironia muito inteligente e oportuna. Era uma pessoa introvertida, bastante silenciosa. Era uma pessoa pesada, amargurada, sentia-se ali o peso da humanidade.

Uma coisa que nunca vi o meu fazer – mas nunca – foi rir-se, dar uma gargalhada. Sorria, mas um sorriso sem dentes, só com os lábios.

Se eu fazia anos e reunia um grupo de amigos em casa, o meu pai desaparecia e só voltava no dia seguinte. Não suportava aquilo. A casa era grande, um andar em Campo de Ourique, ele podia-se recolher, mas não, saía. Aquelas reuniões de jovens, com 16, 17 anos, para ele eram uma tortura.

³⁸² CARVALHO, *op cit*, (2010).

Deixe-me contar-lhe uma coisa do tremor de terra de 1969.³⁸³ Foi no dia 28 de Fevereiro, por volta das duas da manhã. Um tremor de terra é uma coisa de que a pessoa nunca mais se esquece – um susto horrível, uma sensação de impotência, de mortalidade imediata. Os nossos quartos eram ao lado um do outro e eu, em pânico, fui-me meter na cama deles, e fiquei entre os dois.

Aquilo ainda durou um bocado. Caiu tudo, caíram os livros das estantes, e ouvia-se muita gritaria pelo prédio, mas lá em casa estava um silêncio total. Os meus pais tinham um sofá ao fundo do quarto, ao pé da janela. Ao fim de aquilo tudo parar de tremer, ele levantou-se, sentou-se no sofá, e só disse isto: “Chiça!”. A exclamação de pânico ficou por aqui.

O meu pai lia imenso. Era uma pessoa interessada em tudo o que o rodeava, era uma pessoa culta. E realmente escrevia muito, muito bem. Não só a poesia, mas a prosa é magnífica.

Tem contos extraordinários. Foi um poeta tardio, mas escrevia poesia desde os seis anos. Com nove, dez anos, escreveu um canto inteiro dos Lusíadas.

Escrevia muito, mas nunca se sentava. Só se sentava para comer. De resto andava sempre em pé. Mandou fabricar um armário - nós designávamos por “o armário” – no escritório, uma sala grande ao fundo da casa, todo recoberto a estantes com livros.

Estava encostado à parede e escrevia tudo e fazia as correções dos testes, no armário, virado para a parede. Por cima do armário existia uma moldura grande com a icónica fotografia do Einstein com a língua de fora. Sempre virado para a parede.”

Faz um bocado de confusão como é que trabalhou a vida toda virado para uma parede. Soube que ele foi criado na janela e na varanda da casa onde nasceu, num quarto andar. Toda a infância dele foi ali, o que ele mais adorava era aquele quarto andar e a vista para o Tejo. Não passava sem a vista para os telhados e para o rio.”³⁸⁴

Rómulo de Carvalho viveu toda a vida numa espécie de sala de espelhos, que refletiam ora o físico, ora o pedagogo, ora o historiador, ora o poeta, ora tão-só o homem comum, que gostava de preservar a sua privacidade a todo o custo. Era avesso a mostrar-se, recolhido, discreto, muito calmo, mas ao mesmo tempo algo distante, homem de saberes múltiplos e de humor subtil, nunca teve pressa, mas em vida tanto fez, que deixou, em morte, uma saudade imensa da parte de todos quantos o conheceram e à sua obra.

Fechou as suas “Memórias”, três semanas antes de falecer, com um espaço em branco no fim do manuscrito, para que nele fosse inscrita a data da sua morte, que a sua mulher Natália mais tarde preencheu, acrescentando à data do óbito: “Não te digo adeus, a minha alma estará sempre contigo”.³⁸⁵

Rómulo de Carvalho / António Gedeão jaz no Jazigo dos Escritores Portugueses, no Talhão dos Artistas do “Cemitério dos Prazeres”, junto de outros vultos notáveis das letras portuguesas.

³⁸³ O “Diário de Lisboa, nas duas edições de 1 de Março de 1969, noticiava, em quatro páginas a tragédia que assolou Lisboa, com a chamada na capa: “*Treze réplicas ao sismo de ontem às duas da manhã de hoje.*”

³⁸⁴ “*Há quem me diga que o meu pai é considerado um poeta menor.*” Entrevista de Cristina Carvalho a José Cabrita Saraiva, Semanário Sol, Cultura, 22 de janeiro 2019.

³⁸⁵ CARVALHO, *op cit*, (2010).

Cristina, filha de ambos, diz sobre a mãe: “A minha mãe era bibliotecária arquivista; trabalhou na Torre do Tombo muitos anos e depois foi para as Belas Artes. Mas escreveu mais de vinte romances. Foi uma grande escritora, ensaísta, tradutora, traduziu todo o Tólstoi e Dostoievski, que não havia cá, para uma editorial brasileira. Foi uma figura pouco destacada – talvez porque a figura do meu pai a abafasse – mas era uma intelectual à sério, como se diz agora. Aqueles dois seres humanos, com 15 anos de diferença, lá viveram juntos 57 anos.”³⁸⁶

Natália Nunes, nascida em Lisboa, a 18 de Novembro de 1921, destacou-se nas letras, através de romances como “Autobiografia de Uma Mulher Romântica” e “A Vénus Turbulenta”, mas também como dramaturga e ensaísta, e construiu uma das mais vastas obras, como contista, na literatura portuguesa, com títulos como “Ao Menos um Hipopótamo”, “As Velhas Senhoras”, “Louca por Sapatos”.

Duas outras mulheres, ambas nascidas em Campo de Ourique, marcaram a época da cultura musical nos anos 50. Na área artística da composição, o bairro teve a presença de Maria Cândida de Sá Machado Araújo, nascida na Rua Azedo Gneco, a 16 de Abril de 1923, permanecendo no bairro toda a sua vida, com morada nos últimos anos na Rua Silva Carvalho.

Estudou no Conservatório Nacional de Música de Lisboa onde obteve a aprovação nas disciplinas curriculares para seguir o curso de piano. No curso geral foi aluna de Campos Coelho e, no curso superior, de Jaime Silva e Helena Moreira de Sá e Costa. Estudou Harmonia com Fernando Lopes Graça e Venceslau Pinto.

Produziu obras para piano e canto, para as mais variadas expressões musicais, como hinos, música litúrgica, canções, fados, marchas, valsas e música para crianças. Criou o “Hino de Freixo de Espada à Cinta”, tendo sido condecorada com a medalha de Guerra Junqueiro. Em 1991, compôs a partitura para piano e canto do “Hino da Cidade de Lisboa”,³⁸⁷ com letra de Celeste Reis e orquestração de Carlos Santos Silva. Por ter sido escrita em fim de carreira e em dedicação à sua cidade, ofereceu a peça musical à edilidade de Lisboa que, em 2010, propôs e concedeu um Voto de Louvor à pianista e compositora. Faleceu em 2019.

Na área do canto lírico, Campo de Ourique regista a presença de Maria Cristina de Castro, nascida a 7 de Janeiro de 1931, na Rua Tomás da Anunciação, onde viveu. Iniciou a carreira aos 20 anos, estudando canto com Elena Pellegrini. Estreou-se no Teatro Nacional de São Carlos, em 1955, com um papel em *Tannhauser*, e no Coliseu dos Recreios com a ópera “Um Sonho de

³⁸⁶ Entrevista de Cristina Carvalho a José Cabrita Saraiva, *Semanário Sol*, Cultura, 22 de janeiro 2019.

³⁸⁷ “Hino da Cidade Lisboa: melodia de Maria Cândida de Sá Machado Quadrado de Araújo; letra de Celeste Reis; orquestração de Carlos Alberto Ferreira dos Santos Silva. Arquivo Municipal de Lisboa, 26/9/1993.

D. João V”, da autoria do Conde da Esperança. Um dos pontos altos da carreira, deu-se em 1958 quando fez parte do elenco da ópera “La Traviata”, de Verdi, no papel de *Annina*, ao lado de Maria Callas (“*Viолletta*”) e Alfredo Kraus, no Teatro S. Carlos, em Lisboa. Mais tarde será Cristina de Castro a desempenhar o papel de “*Violetta*”.

Na sua brilhante carreira colaborou com a “Companhia Portuguesa de Ópera”. Atuou no “Teatro da Trindade”, como no elenco da ópera “Barbeiro de Sevilha” de Gioachino Rossini. Retirada dos palcos, prossegue a sua carreira como professora de canto no Conservatório Nacional e também em aulas particulares a vários artistas portugueses, tanto líricos como ligeiros. Faleceu no dia 12 de Outubro de 2010. Recebeu a título póstumo, em 10 de Junho de 2010, a comenda da Ordem do Infante D. Henrique.³⁸⁸

A resenha histórica de Campo de Ourique, nos anos 50, evidencia ser um espaço urbano da capital de grande preferência dos artistas e intelectuais da época. Aqui nasceram uns, residiram outros, homens e mulheres que marcaram a cultura portuguesa. Não apenas a poesia, com a presença impar de Fernando Pessoa, mas muitos mais que estenderam os traços culturais do bairro: Bento de Jesus Caraça (1901-1948), António Ferreira de Macedo (1887-1959), Joel Serrão (1919-2008), Jorge Borges de Macedo (1921-1996), Luís Sttau Monteiro (1926-1993).

Nas casas que habitaram muitas destas personalidades, que se destacaram na vida cultural, podem ser vistas e lidas as placas evocativas da sua presença no bairro, à semelhança das célebres “placas azuis” nas fachadas das edificações em Londres que, desde 1866, evocam os locais onde viveram e trabalharam pessoas extraordinárias.

³⁸⁸ “Cantores de Ópera Portugueses”, (Mário Moreau, III Volume, Bertrand Editora), “Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX” (Direcção de Salwa Castelo-Branco, 1º Volume, A-C, Temas e Debates, Círculo de Leitores, 1ª Edição, Janeiro de 2010

5.5 SÚMULA DO CAPÍTULO 5

Este capítulo da tese corresponde ao período das décadas de 30 a 50, durante o qual se inteira a urbanização de Campo de Ourique, com a configuração que hoje se conhece. Compatibiliza com a altura na qual a maior parte da população residente na capital passa a fixar-se fora do tradicional núcleo histórico da cidade. Lisboa expande-se, enquanto urbe, por meio da construção de novos bairros na periferia, fazendo face ao crescimento demográfico e que se traduziu na urbanização de zonas anteriormente suburbanas.

Em consequência, a vida social e cultural da cidade diversifica-se pelos bairros, com novos movimentos sociais e culturais. Campo de Ourique reflete essa evolução com o desenvolvimento urbano. O bairro vai ganhando nova vitalidade; a vida social e o lazer transformaram-se com a presença de mais estabelecimentos, de restaurantes e cafés, que passam a ser pontos de encontro e de entretenimento. De maneira sucinta, a tese disserta sobre os espaços e as personalidades que vão marcando a identidade do bairro, no campo cultural artístico e literário.

Na esfera popular, o fado cantava-se no “Café Latino”, onde atuavam Alfredo Marceneiro e Amália Rodrigues, expoentes da canção nacional. Marceneiro, nascido no bairro (freguesia de Santa Isabel), foi célebre pelo modo como interpretava e improvisava as letras das canções, muitas das quais ainda hoje são interpretadas. Amália, que viveu as últimas quatro décadas na freguesia de Campo de Ourique, com um percurso artístico de todos conhecido, no país e no estrangeiro, teve como primeiro editor discográfico Valentim de Carvalho - também nascido no bairro - que acompanhou a fadista a Londres para gravar nos estúdios de “Abbey Road Studios”.

Campo de Ourique teve igualmente eco na cena musical mais erudita, através de duas mulheres, que nasceram e viveram no bairro. No campo artístico da composição, a presença de Maria Cândida de Sá Machado Araújo, pianista e compositora cobrindo diversas expressões musicais, como hinos, canções, fados, marchas, valsas, músicas litúrgicas e infantis. Foi de sua autoria a música para piano e voz do Hino da Cidade de Lisboa. Na esfera do canto lírico, obteve visibilidade através Maria Cristina de Castro, professora de canto, com trajetória pelo Conservatório Nacional, pela Companhia Portuguesa de Ópera, pelo Teatro de S.Carlos, onde atuou ao lado Maria Callas e Alfredo Kraus.

Durante o período em foco, tem lugar a consagração do cinema como espetáculo de multidões. As salas de cinema de bairro surgem como uma alternativa aos cinemas de estreia na Baixa da cidade, passando os filmes em “reprise”. Campo de Ourique inaugura, em 1931, duas salas de cinema, o “Paris” e o “Europa”. A ida ao cinema passa a constituir um elemento

importante entre os consumos culturais da época, como espaços rituais de sociabilidade em atmosfera de “glamour”.

É nesse período, em 1932, durante as festas populares Santo António, que a gente de Campo de Ourique celebra a conquista da primeira edição das marchas populares de Lisboa, com a curiosidade dos trajes e componentes utilizados na marcha serem campestres, trazidos pelos minhotos com presença marcante no bairro.

Entrando na esfera literária, a tese faz referência à circunstância de ser na década subsequente dos anos 1950, que as obras de Pessoa e de Sá Carneiro começam a ganhar notoriedade, especialmente através da difusão na revista “Presença”. Tal propósito atingiu o objetivo, porquanto a geração predominante nos anos 50 era já uma geração mais instruída e envolvida politicamente, não prescindindo dos jornais, da rádio e, posteriormente, da televisão.

O tempo estudado revelou uma nova escritora na literatura: Maria Gabriela Llansol, oriunda de uma família de origem catalã. Foi em Campo de Ourique, onde nasceu e cresceu, que se desenrolam a sua infância e juventude, entre os laços familiares e os espaços do bairro, especialmente os cafés onde gostava de estar e escrever a sua ficção.

Na temporalidade, Campo de Ourique passa a contar com outra presença da cultura, Rómulo de Carvalho, professor de Ciências Físico-Químicas no liceu Pedro Nunes. Era um homem de duas culturas; existia em si um outro lado, simulado sob o nome António Gedeão, poeta, que se estreia com o livro de poemas “Movimento Perpétuo”.

Consagra a tese a passagem do modernismo para a etapa da modernidade, entendendo-se esta como a percepção que uma era tem de si mesma. O seu percurso já não é fruto de um projeto pessoal, de uma única pessoa – característica do modernismo – mas da decisão, por muitos, de múltiplos cometimentos. O que marca agora a contemporaneidade é o propósito de uma “nova cidade” que se declara uma “Lisboa Nova”, já não a Lisboa Antiga, das ruas apertadas e escuras, das vielas sombrias. Desejava-se uma Lisboa com largas avenidas, praças amplas e pequenos parques agradáveis, sombreados e verdes. Uma Lisboa de pedra e granito

Faz-se referência às duas figuras que coexistiram nessa passagem de testemunho: Fernando Pessoa e António Ferro. Relativamente a António Ferro, foi possível inferir que o seu percurso, entre o modernismo e a modernidade simbolizou uma transição de um intelectual vanguardista para um agente político e ideológico do Estado Novo, ocupando a direção do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN). Nesse intuito, Ferro convoca alguns dos nomes mais emblemáticos do modernismo, tanto nas letras quanto nas artes, onde figuram Jorge Barradas, Almada Negreiros, Cottinelli Telmo, Stuart Carvalhais, António Soares, Eduardo Viana, José Pacheco e mais alguns.

Foi nesse novo contexto que António Ferro, dois anos antes do início da segunda Grande Guerra, leva Portugal a participar na “Exposição Internacional de Paris”, um evento que aconteceu entre Maio e Novembro de 1937, com a participação de 44 países e cerca de 31 milhões de visitantes. Concluída a exposição francesa, a Presidência do Conselho, da governação vigente, decide levar a cabo, em 1940, a “Exposição do Mundo Português”, visando a celebração histórica do 800º aniversário da “Fundação do Estado Português” (1140) e do 300º aniversário da “Restauração da Independência” (1640)

A “Exposição do Mundo Português” constituiu um ponto relevante na produção artística do Estado Novo, reunindo arquitetos, escultores, pintores, cineastas e fotógrafos, na organização e implementação do evento. Do “Pátio dos Artista”, em Campo de Ourique, saíram muitos dos artesãos que participaram ativamente na exposição, onde ressaltam os nomes de Continnelli Telmo, de Leopoldo de Almeida e de Cristino da Silva, intrinsecamente ligados ao modernismo nos domínios da arquitetura e das artes plásticas. Do grupo de artesãos, com ateliê no Pátio dos Artistas, fizeram também parte da geração do Movimento Moderno, os arquitetos Victor Palla e Bento d’Almeida., os dois criadores com os seus nomes ligados aos primeiros *snack-bars* abertos em Lisboa.

Acrescenta-se que o Pátio dos Artistas foi também lugar do “Clube Arte e Sport”, criado por Leopoldo de Almeida, que uniu arte, desporto e uma seção de filatelia, ao qual se veio juntar a “Associação Portuguesa Ex-Libris”, criada por Aulo-Gélio Severino Godinho.

A resenha histórica de Campo de Ourique, no período estudado, evidencia como o bairro se tornou um espaço multisciente da capital, reconhecido pela presença dos artistas e intelectuais que viveram no bairro naquele período. Ficou relevado que no bairro nasceram alguns, residiram outros, homens e mulheres que influenciaram a cultura portuguesa, não só a poesia, com a singularidade de Fernando Pessoa, mas muitos outros que ampliaram os traços literários e artísticos do bairro.

6. CONCLUSÕES

O trabalho, que aqui se conclui, incidiu sobre o singular lugar urbano de Lisboa: o bairro de Campo de Ourique. A pesquisa, a avaliação e a escrita, levadas a cabo, revelaram-se um desafio profícuo e surpreendente. Campo de Ourique dispõe de um acervo histórico que instigou a explorá-lo. Os primeiros passos foram dados há cerca de cinco anos e, desde então, as surpresas não pararam de surgir no decurso da investigação.

Ao longo da explanação da tese não deixámos de fazer constantes referências a alguns factos sociais e seus protagonistas, à partida supostamente fastidiosos e laterais à questão inicial formulada. Afigurou-se indissociável do trajeto da investigação procurar contextualizar o ambiente político, cultural e social na época demarcada, salientando alguns dos acontecimentos que fizeram eco na imprensa periódica, para depois serem analisados, nas suas implicações práticas.

Os resultados, agora apresentados, derivam dessa pesquisa agregando dois sentidos:

- No sentido amplo, sistematizar e analisar o fenómeno sociocultural da boémia e do modernismo que se manifestaram em Lisboa, nas primeiras décadas do século XX, em diferentes contextos, formas diversas e com cronologias variadas;
- No sentido restrito, averiguar se o espaço urbano de Campo de Ourique se adaptou ao imaginário boémio e modernista vivido na capital, no tempo demarcado, refletindo idênticas transformações na sociabilidade do bairro.

Antecedendo as inferências resultantes da investigação não é despidendo voltar à base conceptual dos conceitos nucleares da tese. De quanto se deixou dito, a boémia e o modernismo não são significativamente conflituantes entre si, podendo aceitar-se a boémia como uma forma de modernismo transgressiva e, do mesmo modo, o modernismo como sendo uma boémia intelectualizada. A par desta influência mútua, há naturalmente algumas subtilidades próprias de cada um dos conceitos.

A boémia, no sentido mais amplo, é um estilo de vida que enfatiza a liberdade, a não conformidade, desafiando as convenções sociais e explorando com independência outros estilos de sociabilidade. O modernismo, por seu lado, é também marcado pela rutura com as tradições culturais do passado, mas a sua essência caracteriza-se pela busca por novas formas de expressão intelectual e artística.

Um terceiro termo se coloca de permeio, o mundanismo. A valorização das sociabilidades mundanas é uma característica quer da boémia, quer do modernismo, facilitando as relações de integração no meio artístico e intelectual. O seu papel enfatiza a importância das relações sociais, da integração e valorização do reconhecimento social.

Neste contexto conceptual, a intenção da tese não foi trazer toda a suposta narrativa histórica da sociabilidade boémia e modernista na primeira metade do século XX. O que se pretende, preferencialmente, é seguir as referências que surgiram através das principais figuras que nesses domínios ou congéneres povoaram o imaginário de Lisboa, por um lado, e Campo de Ourique, por outro, dentro de um quadro de mudanças sociais, vivido em período de revoluções e mudanças políticas.

Nesta história urbana, partiu-se para a identificação da vivência da cidade e dos atores que nela se movimentaram, nas situações construídas, procurando destacar eventos, personalidades e aspetos pertinentes e preponderantes na metamorfose da relação entre a boémia e o modernismo. Intenta-se uma recolha de episódios ou acontecimentos marcantes com informações práticas sobre os discursos e comportamentos dos “atores” e o seu mundo contemporâneo. Mediante a noção de “pitoresco”, o propósito é fazer transparecer os movimentos observados pela sua singularidade.

Para o efeito, recorreu-se às fontes da imprensa periódica, escrita na altura, sediada em Lisboa, capazes de retratar o ambiente moderno e cosmopolita, que então se vivia na capital da primeira metade do séc. XX. No domínio dos jornais diários, a consulta incidiu nos principais periódicos noticiosos, abrangendo o período demarcado.

A par da consulta dos jornais de referência, procuraram-se as notícias *fait divers* nas revistas que então se publicavam, um fenómeno de época, e como tal o seu espelho e consciência. Nelas se refletia o pulsar de um quotidiano alterado pela força dos acontecimentos e a necessidade de reflexão que daí advinha. Ao recorrer a estas fontes impressas teve-se em consideração as especificidades de texto, citando locais reais, personagens facilmente identificáveis com pessoas da época e descrevendo costumes que não remetem para a pura ficção literária. Naturalmente, não seria possível elaborar um posicionamento sobre os dois temas objeto da tese, e desenvolver uma crítica ou progredir na pesquisa, sem ter conhecimento do que já se escreveu sobre o assunto.

Foi, assim, esse o propósito do Estado da Arte: fazer o levantamento do que já foi publicado sobre determinado tema num dado período, na tentativa de identificar os pontos convergentes e divergentes. Além do mais, permitir agregar mais conhecimento para determinada temática do que já foi escrito e os aspetos abordados em detrimento de outros.

Com suporte na exploração e reflexão sobre as fontes consultadas e analisadas, a investigação foi eminentemente qualitativa, sabendo-se à partida que sendo baseada na coletada

de textos, estes só podem ser interpretados hermenêuticamente.³⁸⁹ Os textos publicados nos periódicos têm características muito próprias, juntando a factualidade jornalística - muitas vezes comprovadas por citações transcritas de outros periódicos, reproduções de vivências presenciadas pelo próprio jornalista - à parcialidade literária, consentindo estratégias de estilos e a inserção de opiniões sensacionalistas com propósitos meramente comerciais dos *media*.

Vale por dizer que o texto escrito da tese é intrínseco à construção da narrativa de investigação com a montagem dos fragmentos dessas fontes. Diante disso, a pesquisa montada e escrita só pode dizer aquilo que os dados permitiram. É com essas condicionantes que se alinham as asserções, ou seja as provas que a investigação procurou lograr.

A boémia e o modernismo são temas já com muitos estudos publicados, nos quais se incluem dissertações e teses académicas, com foco em uma ou outra das temáticas. Desta forma, o levantamento bibliográfico realizado permitiu identificar algumas dessas obras de referência que constituem contributo importantes para o estudo, na medida em que tratam de grande parte das questões em análise.

Em termos temporais, a estrutura da tese corresponde à sucessão de eventos identificados nos limites da primeira metade do século XX, narrados e dispostos numa sequência diacrónica dos decénios nessa temporalidade. Esta forma de organizar os acontecimentos em blocos de decénios pretende revelar que um determinado tempo se diferencia do outro. Nesta perspetiva temporal, a tese foi estruturada em três blocos, pelos eventos identificados: Lisboa na alvorada de novecentos – 1900-1910; Campo de Ourique na “Lisboa Louca” – 1910-1926; Campo de Ourique na “Lisboa Nova” – 1926-1950.

Seguindo a cronologia dos decénios, dentro da temporalidade demarcada, importa agora retirar as inferências da investigação. O primeiro momento nasce com a incursão à entrada de novecentos, período de acontecimentos políticos que marcaram a época, designadamente o regicídio, conducente à queda da monarquia no início da década posterior, e de alguns dos antecedentes que conduziram à tragédia. À época Lisboa era uma capital em transformação, económica, social e cultural, propícia a uma certa liberalização dos costumes, com reflexo na marginalidade e transgressão no quotidiano da capital, particularmente centrada no Chiado e na Baixa onde pulsava o coração da cidade.

Na periferia, o planalto de Campo de Ourique, isolado da urbe, era ainda um chão rústico de quintas, sítio de hortas, terra de cultivo, com casas dispersas. A sua presença na cidade era

³⁸⁹ FLICK, Uwe, KARDORFF, Ernst & STEINKE, Ines – *A Companion to Qualitative Research*, SAGE Publications, 2004.

marcada pela monumentalidade do Quartel de Campo de Ourique e pelo Cemitério dos Prazeres que ali se erguiam e serviam a capital. A construção do bairro dava os primeiros passos, conduzida pela edilidade, depois da primeira iniciativa de urbanização ser implementada por José Maria do Espírito Santo e Silva, patriarca da dinastia de banqueiros portugueses, através da firma *Silva, Esteves, Lopes & C^a*. com a construção dos primeiros edifícios na Rua Ferreira Borges (antiga rua da Parada).

No historial de urbanização do bairro não deixámos de evocar o memorandum da eventualidade do novo palácio real ter sido edificado em Campo de Ourique, após a tragédia que assolou Lisboa em 1 de Novembro de 1755. O segundo período histórico estudado – décadas 1910 e 1926 – corresponde ao espaço nuclear da tese, sendo neste intervalo cronológico que a boémia e modernismo se assumem em absoluto e geram maiores repercussões.

Antecedendo essa fase primordial da sociabilidade, relevamos a presença de Campo de Ourique, com a participação do Regimento de Infantaria 16, no despoletar da revolução iniciada em Outubro de 1910, que culminou com o fim da monarquia e subsequente implantação da I República. Facto que não surpreendeu, porquanto eram conhecidas as tradições republicanas e reivindicativas na população do bairro, com ligações à Carbonária.

Com o novo regime instalado nascem no bairro iniciativas com o ideário republicano, como o “Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique (GILCO)” e a “Universidade Popular Portuguesa”, tendo como dinamizadores António Augusto Ferreira de Macedo (1887-1959) e Bento de Jesus Caraça (1901-1948).

O ano 1915 assinala o ponto charneira no despoletar do primeiro movimento modernista em Portugal, pelas influências que chegavam de fora, com a edição do primeiro número de “Orpheu”, revista que se tornou “símbolo” da “Geração Orpheu”, constituída por um grupo de jovens, entre os quais Fernando Pessoa. Não tarda que Campo de Ourique ganhe visibilidade no movimento modernista, quando Pessoa, a partir de 1920, passa a residir no bairro, na casa que seria a sua última morada, e onde o poeta criou a parte substancial da sua produção literária.

A par de Fernando Pessoa, Campo de Ourique teve a presença feminina do modernismo português em Judith Teixeira, escritora e poetisa, que viveu no bairro. Adepta de um estilo provocativo, criou uma obra que despertou reações importantes do meio literário. O opúsculo de poemas intitulado “Decadência – Poemas”, editado em 1923, acabou incinerado por ordem do Governo Civil de Lisboa.

No campo da boémia, terminada a I Grande Guerra (1914-1918) e debelada a gripe pneumónica que havia atingido a população (1918-1919), os anos que seguiram à entrada da década de 1920, borbulham como um período de efervescência que os falantes do francês

chamavam o período de *années folles*. Lisboa assume-se como o lugar privilegiado da boémia, mas à medida que a população se transfere para os subúrbios da capital, novas formas de sociabilidade surgem nos espaços urbanos dos bairros em construção.

Campo de Ourique, no seu processo de crescimento urbano, ainda não dispunha de muitos espaços de estar e de beber. Mas, desde 1912 tinha o privilégio de dispor de um espaço icónico, ombreando entre os cafés-pastelaria mais renomados da Baixa de Lisboa: “A Tentadora”, projetada com o *glamour* dos tempos e traça da *Art Nouveau*, onde marcava presença a vida social e cultural do bairro.

A mundanidade também já se fazia representar em Campo de Ourique, no Palácio Ulrich - Rua S. João dos Bem-casados (Rua Silva Carvalho) - tendo como anfitriã Veva de Lima, onde promovia tertúlias, na tradição romântica dos salões lisboetas, reunindo as elites do meio artístico e intelectual.

O último percurso da investigação cobre o espaço temporal da década de 30 à década de 50. Corresponde ao período de maior abertura de Campo de Ourique à cidade, com a inauguração do primeiro transporte urbano (elétrico 28-A) a ligar o planalto à Baixa pombalina. A partir de então, abrem no bairro novos estabelecimentos comerciais, cafés e restaurantes, dando ao espaço urbano maior animação e sociabilidade.

No “Café Latino”, na rua principal do bairro, já se cantava o fado, tendo como figuras marcantes Alfredo Marceneiro, o popular intérprete da canção nacional, ali nascido, na freguesia de Santa Isabel, tal como Amália Rodrigues, que teve em Campo de Ourique a sua última morada, hoje a Casa Museu Amália Rodrigues. Outros talentosos, com residência no bairro, atuavam na Baixa animando o centro da boémia lisboeta. No Chiado, Valentim de Carvalho promovia as tertúlias no “Salão Neuparth” recebendo a elite lisboeta. Jorge Costa Pinto, co-fundador do primeiro grupo de jazz, com o “Hot Clube de Portugal”, atuava nos *cabarets* da moda, os chamados “clubes da Baixa”, da Lisboa noturna.

O espetáculo cinematográfico, em período de grande expansão, chega a Campo de Ourique, com a inauguração, em 1931, de duas salas, o “Paris Cinema” e o “Europa”. Na época, tem início o concurso das Marchas Populares, alusivas às Festas de Santo António, padroeiro de Lisboa. As gentes do bairro rejubilaram, em 1932, com a vitória da Marcha de Campo de Ourique, trajando à minhota.

Em 1935 ocorre a morte de Fernando Pessoa, pouco depois de ver a sua obra “Mensagem” - primeira e única obra publicada em vida – contemplada com o Prémio Literário Antero de Quental, na categoria de “poema ou poesia solta”. Tal aconteceu com o empenho de

António Ferro, seu companheiro da geração “Orpheu” que, à data, dirigia o Secretariado de Propaganda Nacional (SPN).

Simultaneamente, é após a morte do poeta que se observa alguma recuperação do modernismo ou vanguardismo da geração “Orpheu”, com as suas obras a serem mais reconhecidas e divulgadas. Campo de Ourique recupera o simbolismo literário de Pessoa com Maria Gabriela Llansol, nascida no bairro, reconhecidamente nas palavras do grande pensador e ensaísta Eduardo Lourenço: "o próximo grande mito literário a seguir a Fernando Pessoa".

Mais tarde, Campo de Ourique recebe no convívio urbano um novo morador, também insigne artífice da palavra: Rómulo de Carvalho, assinando sob o pseudónimo António Gedeão, deixou com a sua obra mais famosa “Movimento Perpétuo”, um livro de poemas, pleno de domínio de linguagem e de musicalidade.

A cultura musical continuou representada em Campo de Ourique com o nascimento de duas famosas intérpretes, com vida permanente no bairro: Maria Cândida de Sá Machado Araújo, pianista e compositora, autora do “Hino da Cidade de Lisboa”, e Maria Cristina de Castro, cantora lírica, intérprete de vátios libretos de ópera ao lado de cantores famosos como Maria Callas.

É, nesta temporalidade, em pleno regime de Estado Novo que cresce a “Lisboa Nova”, feita de mármore e granito, com obras arquitetadas em Campo de Ourique, no “Pátio do Artistas” (ou “Pátio das Três Artes”). O prestígio dos artífices que ali trabalharam foi materializado com os trabalhos realizados para a “Exposição do Mundo Português”, realizada em Dezembro de 1940, assinalando as Comemorações do Duplo Centenário da “Nação”, que celebravam os anos de 1140, Fundação da Nacionalidade, e de 1640, Restauração da Independência. Evento que nasceu do engenho de António Ferro, diretor do “Secretariado da Propaganda Nacional” (SPN), e teve como obreiros, entre outros, Conttinenti Telmo, Cristino da Silva e Leopoldo de Almeida.

Do “Pátio dos Artistas” também saiu a arte e engenho de Victor Palla e Bento d’Almeida que, marcando a arquitetura do Movimento Moderno, foram precursores na introdução em Portugal do conceito americano de “snack-bar”, implementados em Lisboa.

O período final, nos anos 50, na resenha histórica de Campo de Ourique, mostram um espaço urbano da capital de grande preferência dos artistas e intelectuais da época. Aqui nasceram uns, residiram outros, homens e mulheres que marcaram a cultura portuguesa.

Aqui chegados, é importante fazer o balanço dos pontos principais das decisões e conclusões a retirar, de forma clara e eficiente, para a discussão da tese. Uma vez que o propósito deste trabalho foi procurar refletir sobre as possíveis implicações na sociabilidade em Campo de Ourique, na conjuntura boémia e modernista vivenciada em Lisboa na primeira metade do século

XX, pareceu relevante escolher, precisamente, como alvo da observação o papel dos protagonistas que deixaram a sua marca no espaço urbano.

Caracterizado como um espaço que vai além do urbano, um espaço social de representações - com o seu carácter único e particular - ele mesmo impõe e determina a gama de interações sociais das quais é palco. No sentido em que lhe é dado por Henri Lefebvre (1991)³⁹⁰ o espaço é interpretado aqui como algo mais do que um local passivo - como um objeto – e ser visto mais como resultado das interações entre atores. O espaço é fruto da ação dos seus protagonistas, expressando os interesses e as necessidades das classes sociais envolvidas, desempenhando um papel ativo nas formas de sociabilidade.

Assim, evocando um tempo histórico recuado, na observação dos transeuntes com marca identitária e sociocultural em Campo de Ourique – ver “Apêndice I: Os Precusores do Bairro” - é plausível discorrer sobre duas evidências que essa observação permite lograr:

- A evolução da sociabilidade, observada em Campo de Ourique, foi marginal ao ambiente boémio e transgressor experienciado nos meandros da Baixa de Lisboa;
- Ao invés, foi ativo e relevante o papel de homens e mulheres da literatura e das artes - nascidos ou/ residentes no bairro - participando nos movimentos do modernismo e da modernidade que despontaram na temporalidade estudada.

O crescimento urbano e populacional de Campo de Ourique, nas primeiras décadas de novecentos, alterou os padrões de sociabilidade até então observados, face ao isolamento inicial do bairro, no contexto da cidade. É certo que surgiram espaços de tertúlias nos cafés, mas as práticas sociais eram geralmente de carácter mais político e cultural, sendo conhecido o cunho liberal e republicano dos seus habitantes. Mesmo o que acontecia no Palácio Ulrich, com os tradicionais salões organizados pela anfitriã, Veva de Lima, o seu mundanismo não tinha carácter transgressor; eram reuniões de gente ilustre dos meios literais e artísticos da *nata* da sociedade lisboeta.

Ao invés da boémia, os movimentos do modernismo e da modernidade, guiados, respetivamente, pela geração “Orpheu” e pela geração de artífices do “Estado Novo”, foram ambas mobilizações em que Campo de Ourique teve gente com protagonismo ativo e significativo. Foi manifesto no movimento modernista português a contribuição de Fernando Pessoa, Judith Teixeira e mais tarde Gabriela Llansol, com a maior parte das obras produzidas em Campo de Ourique, onde habitaram. No período do “Estado Novo”, toda a expansão de

³⁹⁰ LEFEBVRE, Henri – *The production of space*, Oxford: Blackwell Publishing, 1991.

modernidade da cidade, teve o cunho de artífices com obra arquitetada nos seus *ateliers* do “Pátio dos Artistas” em Campo de Ourique.

Ao concluir este trabalho longo e complexo, há um vazio na tese que fica na interrogação: - Que tipo de “sociedade de bairro” é Campo de Ourique? Se mergulharmos no conceito mais arcaico, o “bairro” era caracterizado como uma parcela da cidade ocupada por povos da mesma raça ou classe, com algumas, onde moravam fidalgos, reputadas como “coutadas”.³⁹¹ A partir das últimas três décadas o conceito de “sociedade de bairro” evoluiu nas ciências sociais, tomando lugar privilegiado de observação e análise, definindo-se então como uma área geográfica específica em uma cidade ou vila, onde residem indivíduos com um certo nível de proximidade e identidade.

De quanto ficou exposto na tese, há algo que é absolutamente inegável e incontestável: Campo de Ourique nunca foi, não é, um bairro popular, como os típicos bairros das vielas de Lisboa. Não é o bairro de “Alfama” de António Firmino da Costa, nem o bairro da “Bica” de Graça Cordeiro, tão pouco foi o bairro de “Alcântara” de Frédéric Vidal. As suas histórias são vincadamente peculiares às tradições que marcaram no tempo essas ruelas do espaço urbano (e.g. o fado, os santos populares, o operariado fabril).

O bairro de Campo de Ourique tem uma existência de múltiplas manifestações e identidades sociais e culturais, com a particularidade de não ser um local de passagem, tornando um lugar distinto, tranquilo, com uma identidade própria, ainda que atrativo para ser visitado. O sentido profundo deste tipo específico de configuração territorial, onde habitaram pessoas com um determinado grau de proximidade e identidade, deu a Campo de Ourique características de dinâmica cultural e intelectual que lhe imprimiram um carácter muito particular de “sociedade de bairro”. Ao longo da sua história, atraiu gente que o prestigiou, imprimindo, sobremaneira, uma relação íntima com a literatura e a arte: um campo de letras.

Um bairro também com tradições nos seus cafés, espaços de tertúlias dos residentes e visitantes. Tertúlias de cariz político, artístico, filosófico, literário ou puramente mundano. Serviu de cenário ao despertar de novos ideais, acesas polémicas com direito a célebres batalhas de verbo, em que a troca de palavras chegou a ser substituída pela escolha das armas no advento da República. Não custa assim admitir a sua analogia com o *Quartier Latin* de Paris.³⁹² Este bairro

³⁹¹ Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Editorial Enciclopédia, 1936.

³⁹² CONSIGLIERI, *op cit* (1995), p 50.

lisboeta, dotado de um *campus* escolar considerável, sempre gozou de um ambiente intelectual e político, frequentado por estudantes e gente do espectáculo.

O tempo, enquanto realidade subjetiva apreendida, se encarregou de dar forma a novas realidades sociais em Campo de Ourique, potenciando a aproximação entre pessoas e espaços de outras origens. Há tantos tempos diferentes quantas as sociedades diferentes. É assim que, no tempo que hoje corre, os franceses nos descobriram e se têm instalado em Campo de Ourique, criando a maior comunidade francesa de Lisboa. O efeito urbano é imediatamente visível, com lojas de produtos alimentares e restaurantes a reformatarem-se para esta nova clientela.

Nos bastidores da história há sempre novos factos e estórias que se descobrem, merecedores de serem contados; ironias da história. Em 1945, a atriz Mirita Casimiro (1914-1970) dava voz, na opereta “A Invasão”, à canção “Lisboa não sejas francesa”, um hino de alegria ufana, que se inspirava no exemplo de patriotismo que Portugal tinha demonstrado face à invasão francesa de 1807, sob o comando do general Junot, que se dizia protetor do reino contra os ingleses.

A memória das invasões napoleónicas era uma oportunidade para enaltecer os valores da realidade portuguesa face à força da imagem de Paris e de França, centros da vida cultural europeia durante séculos e, em especial, durante todo o Séc. XIX. A canção enaltecia a Lisboa portuguesa, os valores naturais de que nos deveríamos orgulhar e que, é claro, não desmereciam face à luz intensa que vinha de Paris.

Terminara a II Guerra Mundial, juntamente com o Plano Marshall, os Estados Unidos invadiam a Europa com pastilhas elásticas e calças de ganga. Era tempo de mudar de costumes e de amigos. Lisboa era a principal cidade propagadora dos galicismos e da vida *à la française* que adentrou o século XX. O comércio da Baixa de Lisboa ressoava influência francesa por todos os lados. A realidade inspirou a música “Lisboa, não sejas francesa” imortalizada na voz de Amália Rodrigues.

*Lisboa não sejas francesa
Com toda a certeza
Não vais ser feliz.*

*Lisboa, que ideia daninha
Vaidosa, alfacinha,
Casar com Paris.*

*Lisboa, tens cá namorados
Que dizem, coitados,
Com as almas na voz.*

Lisboa, não sejas francesa

*Tu és portuguesa
Tu és só pra nós.*³⁹³

Contar a História tem este atrativo de olhar atrás, mostrar de onde viemos, o que construímos para aqui chegarmos. Na História, cada história possui uma interpretação e essa interpretação é plasmada após uma reflexão, esta bem mais profunda.

Estudar a História representa construir significados a partir de relatos, testemunhos e documentos de terceiros. Fundamentada com suporte bibliográfico, tem o propósito principal de extrair da narrativa um conteúdo que possa beneficiar os leitores a que se destina, deixando-os com a compreensão do passado reconstruído.

Recorde-se que, não há muitos anos, ainda se via, em muitos lugares do bairro, o carvoeiro geminado com a taberna, e o corvo na entrada. Latoeiros, quinquilharia, mercearias à moda antiga, capelistas, tudo se encontrava em Campo de Ourique. A mentalidade daquele período também era diferente. Existia o prazer de caminhar pelas ruas e pelos jardins.

A toponímia do bairro representa claramente o período da sua urbanização. Os nomes das artérias fazem referência a figuras associadas ao regime liberal após 1820, assim como a republicanos do tempo da monarquia constitucional e a pensadores socialistas. Evocam, além disso, figuras das artes, artistas, arquitetos, arqueólogos. Um bairro escolhido por personalidades para residirem, onde a Arte Nova evidenciou as suas influências nas fachadas de vários edifícios.

A um século de distância dos acontecimentos narrados, esta investigação, ao percorrer a história contemporânea de Lisboa, nessa temporalidade, ajudou a entender a relevância de “Campo de Ourique”, fazendo salientar a significativa contribuição deste lugar no espaço urbano cultural da capital, por ventura, de muitos desconhecida. Foi esse o intento posto na tese.

³⁹³ Fado canção de Raul Ferrão (musica) e José Galhardo (letra) para a estreia da opereta *A Invasão*, em 1952, Fundação de Amália Rodrigues.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES

Imprensa periódica

Capital (A), 3 de Outubro de 1910
Capital (A), 4 de Outubro de 1910
Capital (A), 30 de Março de 1915
Capital (A), 25 de Agosto de 1915
Capital (A), 10 de Março de 1925
Capital (A), 18 de Dezembro de 1925
CINE Ano 1, Dezembro de 1928
Contemporânea, Março de 1926
Diário da Câmara dos Deputados, 7 de Abril de 1914
Diário do Governo, 27 de Junho de 1936
Diário Ilustrado, 4 de Outubro de 1910
Diário de Lisboa, 7 de Abril de 1921
Diário de Lisboa, 6 de Fevereiro de 1923
Diário de Lisboa, 6 de Março de 1923
Diário de Lisboa, 20 de Julho de 1923
Diário de Lisboa, 1 de Abril de 1925
Diário de Lisboa, 30 de Abril de 1925
Diário de Lisboa, 20 de Fevereiro de 1926
Diário de Lisboa, 20 Dezembro de 1926
Diário de Lisboa 21 Dezembro de 1927
Diário de Lisboa 4 de Junho de 1932
Diário de Lisboa, 9 de Junho de 1932
Diário de Lisboa, 12 de Junho de 1932
Diário de Lisboa, 11 de Outubro de 1933
Diário de Lisboa, 14 de Dezembro de 1934
Diário de Lisboa, 31 de Dezembro de 1934
Diário de Lisboa, 2 de Dezembro de 1935
Diário de Lisboa, 22 de Setembro de 1936
Diário de Lisboa, 29 de Fevereiro de 1937
Diário de Lisboa, 15 de Abril de 1937

Diário de Lisboa, 25 Junho de 1940
Diário de Lisboa, 6 de Dezembro de 1940
Diário de Lisboa, 1 de Março de 1969
Diário da Manhã, 25 de Janeiro de 1935
Diário de Notícias, 30 de Março de 1904.
Diário de Notícias, 2 Fevereiro de 1908
Diário de Notícias, 2 de Março de 1921
Diário de Notícias, 7 de Abril de 1925
Diário de Notícias, 16 de Março de 1927
Diário de Notícias, 27 de Março de 1938
Diário de Notícias de 20 de Junho de 1956
Diário de Notícias, 6 de Agosto de 2018
Diário Popular, 4 de Outubro de 1950
Domingo Ilustrado (O), 17 de Abril de 1927
Domingo Ilustrado (O), 25 Dezembro 1927
El Eco de Santiago, Abril de 2015
Gazeta dos Caminhos-de-Ferro. 16 de Junho de 1902
Ilustração Portuguesa, 17 de Outubro de 1910
Ilustração Portuguesa, 19 de Abril de 1915
Ilustração Portuguesa, 5 de Novembro de 1915
Ilustração Portuguesa, 12 de Março de 1917
Ilustração Portuguesa, 2 Abril de 1917
Ilustração Portuguesa, 25 de Março de 1918
Ilustração Portuguesa, 22 de Novembro de 1920
Ilustração Portuguesa, 27 de Novembro de 1920
Ilustração Portuguesa, 8 de Outubro de 1921
Ilustração Portuguesa, 14 Dezembro de 1921
Ilustração Portuguesa, 24 de Junho de 1922
Ilustração Portuguesa, 14 de Julho de 1923
Ilustração Portuguesa, 15 de Julho de 1923
Indústria Portuguesa, nº. 109, Março de 1937
Le Matin, 4 de Fevereiro de 1908
Lucta (A), 12 de Fevereiro de 1908
Notícias Ilustrado (O), 24 de Fevereiro de 1932

Primeiro de Janeiro (O), Suplemento “Das Artes e das Letras”, 24 de Maio de 1950
 Revista dos Centenários, 1939-1940
 Revista Colóquio/Letras, nº 91, Maio de 1986.
 Revista Militar, Agosto/Setembro de 2013
 Seculo (O), 11 de Dezembro de 1900
 Século (O), n.º 14870, 8 de Julho de 1923
 Século (O), n.º 14871, 9 de Julho de 1923
 Século (O), n.º 14872, 10 de Julho de 1923.
 Século (O), n.º 14874, 12 de Julho de 1923
 Século (O), n.º 14877, 15 de Julho de 1923.
 Vanguarda (A), 23 de Outubro de 1908
 Visão História, nº 36, Julho de 2016

Literatura e outras fontes publicadas

AAVV - *Alterações na toponímia da cidade de Lisboa*. Fundação Mário Soares e Maria Barroso, Arquivo & Biblioteca, 6 de Outubro de 1910

ALMEIDA, Fialho de - *A Mulher na Família*, in *Ribaltas e Gambiarras*, nº 39, 3 de Setembro 1881

_____ *Lisboa Galante*, Círculo de Leitores. 1920.

_____ *Cidade do Vício*, Círculo de Leitores. 1922.

_____ *Liceus de mulheres; mais enfermeiras e menos doutoras!* Círculo de Leitores, 1992

_____ *Os Gatos*, Inquérito à Vida Portuguesa, vol. 2, Livraria Clássica Editora. 1945.

_____ *Lisboa honesta - Como é que o júri compreende esta noção abstrata da beleza*, in *Os Gatos* - Publicação Mensal de Inquérito à Vida Portuguesa, vol. 2, Livraria Clássica Editora, 1945

ARAÚJO, Norberto (1948), in “*Aqui mora o fado*”, Susana Duarte (bisneta), Outubro 2001.

AZEVEDO, José - *O frequentador de café*, in *O Café da Guia*, Comércio da Póvoa, 26 de Maio 2011.

BARRETO, José - *Fernando Pessoa e António Ferro: do espírito do Orpheu à “Política do Espírito”*, Comunicação ao II Congresso Internacional Fernando Pessoa, Casa Fernando Pessoa, 23-25 de Novembro 2010.

_____ *A chamada ‘nota autobiográfica’ de Fernando Pessoa de 30 de Março de 1935*, Pessoa Plural, “Journal of Fernando Pessoa Studies”, nº. 12. 2017.

_____ *A Mensagem de Fernando Pessoa e o prémio de poesia do SPM de 1934*, Pessoa Plural. “Journal of Fernando Pessoa Studies”, 14 Fall (revisto). 2018.

BLANCO, José - *Pessoana*, Assírio & Alvim. 2008.

BRANCO, Camilo Castelo - *Maria da Fonte*, Lello & Irmão Editores. 1901.

CARVALHO, Mário de - *Tanto Pessoa já enjoe*, Diário de Lisboa, 23 de Maio 1985.

CARVALHO, Rómulo - *Memórias*, org. Frederico Carvalho, Fundação Calouste Gulbenkian. 2010.

CASTRO, Ferreira – *A Propagação do Jazz-band*, Ilustração Portuguesa, nº. 935, 19 de Janeiro 1924.

CASTRO, Zília Osório - *Veva de Lima (1886-1963)*, Modernismo, Arquivo da Geração Orpheu. 2021.

CORREIA, Félix - *Crónicas de Verão: As noites de Lisboa depois da meia-noite nos «clubs» bairristas e nos «clubs» cosmopolitas*, Diário de Lisboa, 3 de Julho 1927.

COSTA, Eduardo Freitas - *Fernando pessoa: notas a uma biografia romanceada*, Ed. Guimarães. 1951

COSTA, Mário - *O Chiado, pitoresco e elegante. História, figuras, usos e costumes*, Associação de Arqueólogos Portugueses, Município de Lisboa, 1987.

DIAS, Carlos Malheiro - *Cartas de Lisboa*, 1905

_____ *Do Desafio à Debandada*, 2 volumes, Livraria Clássica Editora. 1912.

DUARTE, Lélia Parreira - *Heteronímia e ironia em Fernando Pessoa*, Revista Letras, nº 10-11, UFMG. 1995.

DUNDER, Mauro - *Corpo e Insurreição na Poesia de Judith Teixeira*, Revista do NEPA/UFF, Niterói, v.13, n.26, jan.-jun. 2021.

ELEUTÉRIO, Victor L. - *Grandella*, Montepio Geral. 1997.

FERNANDES, Eduardo (Esculápio) - *Os Petiscos de Lisboa*, Conferência realizada na sede Grupo Amigos de Lisboa, OLISIPO nº 16, Outubro 1941.

FERRO, António - *Cartas do Martinho – População*, O Século, 3 de Março 1918.

_____ *Colette, Colette Willy, Colette*, Rio de Janeiro, H. Antunes Editor. 1921.

_____ *Discurso proferido na inauguração do Museu de Arte Popular, em 15 de Julho*, Museu de Arte Popular, Edições SNI. 1948.

FRANÇA, Isabel Murteira - *Fernando Pessoa na Intimidade*. Publicações Dom Quixote. 1987.

GAYO, Afonso - *Os Novos. Romance da Vida Boémia*, Livraria Escolar Editora. 1913.

GALLIS, Alfredo - *A Baixa. Lisboa no Século XX (A Grande Aldeia)*, Parceria António Maria Pereira, 1910.

- GEDEÃO, António - *Movimento perpétuo (poemas)*, Coimbra, Oficina Atlântida. 1956.
- GRANDELLA, Francisco Almeida - *Memórias e Receitas Culinárias dos Makavenkos*, Editora Marginália. 1994.
- GOMES, José Sousa - *Lisboa: Da sua vida e da sua beleza*, Pub. “Amigos de Lisboa”, Empresa Nacional de Publicidade. 1937.
- GUIMARÃES, Luiz d’Oliveira - *Eça de Queiroz e o Chiado*, Olisipo, Ano XXIV, Nº 94, Abril 1961.
- HAUSER, Philip M. & SCHNORE, Leo F. - *The study of urbanization*, John Willey & Sons Inc. 1967.
- ILHARCO, João - *Libelo contra a Poesia Modernista*, edição de autor. 1955.
- JUNQUEIRO, Guerra - Carta de Guerra Junqueiro. Transcrição da carta publicada no jornal “Norte”. *Jornal de Cambra*. 15 de Fevereiro de 1908.
- LEITE, Berta - *Oficinas de São José*, O Século Ilustrado, Ano III, nº 115, 16 de Março 1940.
- LE MOS, Alfredo Tovar - *Prostituição*. “Estudo Anthropologico da Prostituta Portuguesa”, Centro Typographico Colonial, Biblioteca Nacional de Portugal, 1908.
- LEVY, Tatiana Salem - *Deslize na linguagem* (uma leitura de Maria Gabriela Llansol), LITCULT, 17 Novembro 2012.
- LIMA, Henrique C. F. - *Casa onde, em Lisboa, residiu Almeida Garrett*, Olisipo, Ano II, nº 8, Outubro, Hemeroteca CML. 1939.
- LIMA, Veva - *Alfredo Pimenta, Fantaisie du Printemps*, 1 de Outubro de 1916
 _____ *O Único Vencido da Vida que também o foi da Morte*”, Liv. Luso-Espanhola, 1945.
- LLANSOL, Gabriela - *Um Falcão no Punho (Diário 1)*, Ed. Rolim. 1985.
 _____ *Amigo e Amiga - Curso de silêncio de 2004*, Assírio & Alvim. 2006.
 _____ *Entrevistas*, Belo Horizonte, Autêntica. 2011.
 _____ *Os Livros de Horas: o azul imperfeito (Pessoa em Llansol)*, Vol. V, Assírio & Alvim. 2015.
- LOPES, David - *Páginas Olissiponenses*, Publicações Culturais, Câmara Municipal de Lisboa, 1968.
- LOURENÇO, Eduardo - *Fernando Pessoa, rei da nossa Baviera*, Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda. 1993.
- LUZO, João - *De Relance: Nacional-Montmartre*, Jornal dos Teatros, 24 de Outubro de 1926

MEIRELES, Raimundo de Castro - *O modernismo: Fernando Pessoa*, “Novidades”, Suplemento Artes e Letras, 27 de Abril 1948.

MENDES, João - *Fernando Pessoa e seus heterónimos*, “Brotéria”, XLVIII, 4 Outubro 1948.

MONTEIRO, Liliana Lopes - *A primeira Miss Portugal*, in “Os loucos Anos 20”, Visão História, nº 36, Julho, Edimpresa. 2016.

MORAIS, Castelo de - *Eu conheci Fernando Pessoa*, O Século Ilustrado, Ano VIII, nº 348, 2 de Setembro 1944.

MOREIRA, Manuel Vicente - *Problemas da Habitação. Ensaio Sociais*, Lisboa, 1950.

NEMÉSIO, Vitorino - *Leitura Semanal: Fernando Pessoa*, Diário Popular nº2876, 4 de Outubro 1950.

NORONHA, Eduardo - *A tragédia de Lisboa*, Serões - revista mensal ilustrada nº. 32, Fev. 1908.

OLIVEIRA, Maria José - *A história de Francisco Grandella: maçom, boémio e visionário*, Diário de Notícias, 26 Agosto. 2018.

PACHEKO, José – *O Bristol Club, manifestação de arte moderna*, Contemporânea, 3ª Série, nº 1, Maio de 1926.

PASSOS, Francisco S. - *A Prata fosca dos cabarets. As noites de Lisboa*, O Noticias Ilustrado, Série II, nº 54, 23 de Junho 1919, Arquivo de recortes Diário de Notícias. 1919.

PESSOA, Fernando - *Carta a Camilo Pessanha*, Arquivo Pessoa, Obra Aberta, Obra Édita. 1915?

_____ *Saudação a Walt Whitman*, (Álvaro de Campos), Obra Édita, Arquivo Pessoa. 1915.

_____ *Carta a Ofélia Queiroz*, 29-4-1920.

_____ *O Interregno. Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal*, Núcleo de Ação Nacional. 1928.

_____ *Obra Édita*, Aguilar. 1965.

_____ *Da República (1910-1935)*, Recolha de textos de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Morão, Ática Editora. 1978.

_____ *Livro do Desassossego*, Vol. II (Fernando Pessoa), Mem Martins, Europa-América. 1986.

_____ *Obras em prosa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar. 1993.

_____ *Correspondência Inédita*, Organização e notas de Manuela Parreira da Silva, Livros Horizonte. 1996.

_____ *Correspondência, 1905-1922*, Edição de Manuela Parreira da Silva. 1998.

_____ *Correspondência 1923-1935*. (M. P. Silva, Ed.), Assírio & Alvim. 1999.

_____ *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*, Edição e posfácio de Richard Zenith, com a colaboração de Manuela Parreira da Silva, Assírio & Alvim. 2003.

_____ *Poesia 1931-1935*, Imprensa Nacional Casa da Moeda. 2005.

_____ *Livro do Desassossego*, org. Richard Zenith, Companhia das Letras. 2006.

PATO, Bulhão – *Memórias*, Volume I, Academia Real das Ciências, 1894

PRATA, Mateus & FARNEL, Julião - *Cadastro: um tanto jocoso (...): poetas de valor*, Tip. da Gazeta dos Caminhos de Ferro, 1925.

PIMENTA, Maria Teresa - *Cartas de Genoveva de Lima Mayer a Alfredo Pimenta (entre 1916-1935)*, in “FACES de Eva – Estudos sobre a Mulher”, nº 10, Edições Colibri. 2003.

PITTA, Eduardo - *Maria Gabriela Llansol, "provavelmente a grande prosadora" do século XX*. LUSA - Agência de Notícias de Portugal. 2008.

PRATA, Mateus & FARNEL, Julião - *Cadastro: um tanto jocoso (...): poetas de valor*, Tip. da Gazeta dos Caminhos de Ferro. 1925.

QUEIROZ, Carlos - *Homenagem a Fernando Pessoa*, Editorial Presença. 1936.

QUEIROZ, Eça de – *A Capital*, Livraria Chardron, 1925 (póstumo).

QUEIROZ, Maria da Graça - *O Fernando e eu - Ofélia Queiroz* (relato em 1978 de sua sobrinha-neta), in ZENITH, Richard (Coordenação) - *Fernando Pessoa & Ofélia Queiroz – Correspondência amorosa completa 1919-1935*, Rio de Janeiro, Capivara Editora. 2013.

REIS, Fernanda - *Alfacinhas*, OLISIPO – Boletim do Grupo “Amigos de Lisboa” nº 34, Outubro 1943.

RIBEIRO, M. Félix - *Os mais antigos cinemas de Lisboa, 1896-1939*, Instituto Português de Cinema & Cinemateca Nacional. 1978.

SANTOS, Augusto César - Câmara Municipal de Lisboa, Repartição Técnica, AML-AC. PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/11/899, 1880.

SANTOS, César dos - *O Despresado. Memórias do Autor do Marquez da Bacalhoa*, Edição do autor, 1924.

SANTOS, Feliciano - *Os Futuristas de todos os tempos*, “O Notícias Ilustrado”, nº 37, Série II, 24 de Fevereiro, arquivo de recortes do “Diário de Notícias”. 1929.

SANTOS, Machado - *A Revolução Portuguesa: 1907 - 1910* (Relatório de Machado dos Santos), 1ª ed.: Typographia Liberty, 1911), ed. facsimilada: Arquimedes Livros, 2007.

SARAIVA, Arnaldo - *Jorge de Sena e Fernando Pessoa, Studies on Jorge de Sena, by his Colleagues and Friends*, A Colloquium, edited by H. Sharrer and Frederick G. Williams, University of California, Santa Bárbara. 1981.

SEIGEL, Jerrold - *Paris boémia: cultura, política e os limites da vida burguesa 1830-1930*, L&PM, 1992.

SENA, Jorge - *Prefácio aos Poemas Ingleses*, Edições Ática. 1974.

_____ *Fernando Pessoa & Cª. Heterónima (1940-1978)*, Edições 70. 1982.

SEQUEIRA, Matos – *Norberto Araújo*, OLISIPO – Grupo Amigos de Lisboa, Ano XVI, nº 61, Janeiro 1953

SERRA, João B. - *Portugal, 1910-1940: da República ao Estado Novo* - in “Portugal Moderno 1910-1940”, coord. Paulo Henriques, Catálogo Exposição Portugal-Frankfurt. 1997.

SILVA, Augusto Vieira - *Epifácios curiosos de sepulturas do Cemitério dos Prazeres*, OLISIPO nº 16, Outubro 1941.

_____*Chafariz do Loreto e a estátua do Chiado*, OLISIPO - Grupo Amigos de Lisboa, Ano X, nº 40, Outubro de 1947,

SILVA, Manuel Emídio - *Os Decotes*, Dário de Notícias, 19 de Novembro 1904.

SILVA, Patrícia - *Orpheu*, Modernismo – "Revista Trimestral de Literatura", Arquivo Virtual da Geração de Orpheu. 2020.

SILVA, Susana Maia - *A Panificadora Mecânica, onde de pão se fez história*, Boletim Informativo da Junta de Freguesia N.º 9, Junho/Julho/Agosto, 2018.

SIMÕES, João Gaspar - *Vida e obra de Fernando Pessoa: história duma geração*, vol. I e II, Livraria Bertrand. 1950.

SOARES, Bernardo - *Livro do Desassossego*, Vol. II (Fernando Pessoa), Mem Martins, Europa-América. 1986.

SOUZA, Fernando de - *Extravagâncias sebastianistas: Mensagem por Fernando Pessoa*, A Voz, 10 de Maio de 1940.

SOUSA, R. Machado - *O Quartel de Campo d Ourique*, OLISIPO – Boletim do Grupo “Amigos de Lisboa”, nº 34, Outubro. 1943.

SOUZA, Fernando de - *Extravagâncias sebastianistas: Mensagem por Fernando Pessoa*, A Voz, 10 de Maio 1940.

SUCENA, Eduardo - *Os Cafés na vida política, social e intelectual de Lisboa*, Olisipo, nº 151, 5 Março 1988, Hemeroteca CML, 1988.

ULRICH, Veva de Lima Mayer - *Fantaisie du Printemps*, 1 de Outubro de 1916

VELLOSO, Rodrigo - *Aspetos de Lisboa*, Livraria Clássica Editora. 1911.

VIEIRA, Casimiro José - *Apontamentos para a história da Revolução do Minho em 1846 ou da Maria da Fonte*, Tipografia Lusitana. 1884.

ZENITH, Richard - *Pessoa. Uma Biografia*. Quetzal Editores, 2022.

BIBLIOGRAFIA

AAVV - *Fernando Pessoa – Vida, Cronologia*, Biblioteca Particular Fernando Pessoa, Casa Fernando Pessoa, EGEAC.

AAVV - Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria. Conselho dos Melhoramentos Sanitários – Inquérito aos pateos de Lisboa: ano de 1902, Imprensa Nacional, 1903

AAVV - *Chiado, meu amor*, Lucidus Publicações. 1989.

AAVV - CARRIS - *História da Companhia Carris de Ferro de Lisboa em Portugal*, vol. I, II, III. 2006.

AAVV - *A Padaria do Povo – Local de refúgio para estudantes, políticos e maçons durante o Estado Novo*, Revista Lisboa, nº 39, Ano XII, Junho/Agosto 2009.

AAVV - *Pátio dos Artistas*, Revista da Junta de Freguesia do Santo Condestável nº 45, Ano XIV, Abril/Junho 2009.

AAVV - *Manuel Lopes Coelho, irmão da “Loja Acácia”: um dos pedroguenses que, com as armas na mão, fez República...*, Museu da República e Maçonaria. 26 de Novembro de 2014.

AAVV - *The Lisbon Players - Theatre in English since 1947*, Portugal Connexions, Arts & Entertainment, 2021.

ACCIAIUOLI, Margarida - *Os cinemas de Lisboa – Um fenómeno urbano do século XX*, Bizâncio Editorial. 2012.

ADRAGÃO, J., PINTO, N., RASQUILHO, R. - *Lisboa*, Editorial Presença. 1985.

ADRIÃO, Vitor M. - *Lisboa Secreta, capital do Quinto Império*, Lisboa, Nova Veja. 2015.

AFONSO, Aniceto & MEDINA, João Medina - *História contemporânea de Portugal (2º Volume) – Monarquia Constitucional: das origens do liberalismo à queda da realeza*, Mutilus. 1990.

AGAREZ, Ricardo Costa - *O Moderno Revisitado: Habitação Multifamiliar em Lisboa nos Anos de 1950*, Câmara Municipal de Lisboa. 2009.

AGIER, Michel - *Antropologia da Cidade, lugares, situações, movimentos*. Trans. Graça Cordeiro. Antropologia Hoje. São Paulo: Editora Terceiro Nome. 2011.

AGULHON, Maurice - *Le Cercle dans la France bourgeoise 1810-1848 – Étude d’une mutation de sociabilité*, Paris, Armand Colin. 1977.

A.H. - *A cidade que apostava tudo em noites polvilhadas a coca*, Público, 26 de Março 2006.

ALEXANDRE, Paulo Morais - *Garrett e a Moda*, Ensaios de Teatro na Casa de Garrett, Atas das Jornadas Garrett, 23 e 24 Junho 1999

ALMEIDA, Adriana B. - *O Outro Lado do Enclave: Projeto de paisagem em espaços marginalizados*, Dissertação de Mestrado em Arquitetura Paisagista, Instituto Superior de Agronomia, 2014.

ALMEIDA, Fialho de - *Os Gatos*. Lisboa: Clássica Editora. 1992

ALMEIDA, João F. - *Velhos e novos aspectos da epistemologia das ciências sociais: sociologia, problemas e práticas*, CIES-ISCTE/CELTA, 2007.

ALMEIDA, Justino M. - *De Olisipo a Lisboa – Estudos Olisiponenses*, Lisboa, Ed. Cosmos. 1992.

ALMEIDA, M. Antónia Pires – *A epidemia da cólera de 1853-1856 na imprensa portuguesa*, História, Ciência e Saúde, vol. 18, nº 4, out-dez 2011.

ALMEIDA, Patrícia Bento - *Victor Palla e Bento d' Almeida: obras e projectos de um atelier de arquitectura, 1946-1973*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 2006.

_____. *Bairro (s) do Restelo. Panorama Urbanístico e Arquitetónico*, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa, 2013.

ALVES, Daniel R. - *A República atrás do balcão: os lojistas de Lisboa na fase final da monarquia (1870-1910)*, Dissertação de doutoramento em História Económica e Social Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa. 2010.

_____. *Uma cidade em mudança: A evolução do comércio de retalho de Lisboa no final da Monarquia*, in Aurora Almada e Santos *et al*, um Acervo para a História, Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa), 2015.

ALVES, Francisco & MONICO, Reto - *O Regicídio Português nas Páginas da Imprensa Rio-Grandina*, CLEPUL/Biblioteca Rio-Grandense, Lisboa / Rio Grande, 2016

AMARAL, Abílio Mendes – *A Fonte Santa, na lenda da História*, OLISIPO- Grupo Amigos de Lisboa, Ano XXXV, Nº 134, Janeiro/Junho/ 1972

ANDRADE, Luís – *O Tempo das Revistas*, Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias (II Série) vol. 26, Centro de História da Cultura da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2009.

ANDRADE, Miguel & RITA, Salomé – *A Pandemia da Gripe Pneumónica em Lisboa*, Histórias de Lisboa, 27 novembro 2024.

ANDRÉ, Paula - *Modos de pensar e construir os Cemitérios Públicos Oitocentistas em Lisboa: o caso do Cemitério dos Prazeres*, Edições Colibri / Instituto de História da Arte - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/UNL. 2006.

ANJOS, Amador - *Oficinas de S. José, os Salesianos em Lisboa*, Edição Salesiana, 1999

ANUNCIAÇÃO, Paulo - *Grandes bebedores - Fernando Pessoa (1888-1935)*, Público, 11 de Novembro 2002.

ARAÚJO, Norberto de - *Inventário de Lisboa*, Câmara Municipal de Lisboa. 1944-1955.
_____. *Peregrinações em Lisboa*, livro XI, Veja, 1993.

ARAUJO, Viviane S. - *Retratos do pitoresco: tipos urbanos entre modernidade e tradição*, Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina, S. Paulo, 2016.

AUGÉ, Marc - *Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Bertrand. 1994.

BAGANHA, Maria Ioannis - *As correntes emigratórias portuguesas no século XX*, *Análise Social*, vol. XXIX (128), 1994,

BALANCHO, M. & Martins, O. - *Cartas de Amor a Campo de Ourique*, Revista da Junta de Freguesia Santo Condestável. 2001.

BANDEIRA, Filomena - *A Universidade Popular Portuguesa nos anos 20. Os intelectuais e a educação do povo: entre a salvação da República e a revolução social*. Dissertação de Mestrado. Universidade Nova de Lisboa. 1994.

BAPTISTA, Tiago - *Cinemas de estreia e cinemas de bairro em Lisboa (1924-1932)*, *Ler História*, 52, Descrever a Cidade. 2007.

BARBIERI, Cláudia - *Lisboa em cena: a personagem capital das páginas queirosianas*, Tese de Doutoramento em Estudos Literários, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2012.

BARCIA, Don Roque - *Primer Diccionario General Etimológico de la Lengua Española*. Madrid, Álvares Hermanos, 1881.

BARNES, Julian - *The Man in the Red Coat (Belle Époque)*, Vintage Publishing. 2019.

BARREIRA, Cecília - *História dos nossos avós. Retrato da burguesia em Lisboa 1890-1930*, Ed. Colibri. 1994.

BARREIRA, Irllys - *Usos da cidade: conflitos simbólicos em torno da memória e imagem de um bairro*, *Análise Social*. ISSN 0003-2573, nº 182. 2007.

BARRENTO, João & SANTOS, M. Etelvina - *Llansol : uma vida de escrita, de Campo de Ourique... ao infinito : instantâneos biográficos*. Mariposa Azul, 2018.

BARRETO, José - *Fernando Pessoa e António Ferro: do espírito do Orpheu à “Política do Espírito”*, Comunicação ao II Congresso Internacional Fernando Pessoa, Casa Fernando Pessoa, 23-25 Nov. 2010.

_____. *Misoginia e Anti-Feminismo em Fernando Pessoa*, *Ática*. 2011.

_____. *A última paixão de Fernando Pessoa*, *Pessoa Plural*: 12 O./Fall. 2017.

_____. *A chamada ‘nota autobiográfica’ de Fernando Pessoa de 30 de Março de 1935*, *Pessoa Plural*, *A Journal of Fernando Pessoa Studies*, nº. 12, 2017.

_____. *A Mensagem de Fernando Pessoa e o prémio de poesia do SPM de 1934*, *Pessoa Plural*. *A Journal of Fernando Pessoa Studies*, 14 Fall (revisto). 2018.

BARROS, Eurico - *O Pátio das Antigas: Uma feira no Marquês*. Coisas e coisas da Lisboa de outras eras. 2021.

BARROS, Helena - *Cada um é muita gente. A esquizofrenia em Pessoa*, Seda Publicações, 2017.

BARROS, Júlia Leitão - *Os night clubs de Lisboa nos anos 20*, Lucifer Edições, 1990.

_____*Leitão de Barros – A Biografia Roubada*, Ed. Bizâncio. 2019.

_____*Veva – A aristocrata intelectual e excêntrica que desafiou Salazar e os costumes da sua época*, Oficina do Livro. 2022.

BATISTA, Isaac, SALES, Sueleide, BEZERRA, Amílcar - *A Massificação do Estilo New Look dos Anos 1950: Mudanças contextuais, estéticas e simbólicas*, in VIII Encontro de Pesquisa em Comunicação – ENPECOM, 28 de Setembro 2014.

BAUER, M. W.; AARTS, B. - *A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos*. Ed. Petrópolis, Vozes, 2008.

BENIS, Arqa Khadija - *Vielas de Alfama entre a revitalização e gentrificação: impactos da gentrificação sobre a apropriação do espaço público*, Dissertação de Mestrado em Estudos Urbanos em Regiões Mediterrâneas, Faculdade de Arquitetura, UTL, 2011.

BERGER, Peter L. - *Invitation to sociology: A humanistic perspective*, New York: Knopf Doubleday Publishing Group. 1963.

BLANCO, José - *Pessoana*, Assírio & Alvim, 2008.

_____*Fernando Pessoa: nem tudo são Rosas*, in “Literatura Culta e Popular em Portugal e no Brasil – Homenagem a Arnaldo Saraiva”, Ed. Afrontamento, 2011.

BLOCH, Marc - *Apologia da história ou os ofícios do historiador*. Ed. Jorge Zahar, 2001.

BORJA, Jordi - *Barcelona, una historia reciente y contradictoria*, Catalunya Plura, 5 de Noviembre, 2014.

BOURDIER, Pierre - *As regras da Arte. Gênese e estrutura do campo literário*, Ed. Presença, 1996.

BRADBURY, Malcolm & MCFARLANE, James - *Guia geral do modernismo*, Companhia das Letras. 1999.

BRANCO, Camilo Castelo - *Maria da Fonte*, Lello & Irmão Editores. 1901.

BRANDÃO, Raul - *Memórias*, Tomo I, Relógio D'Água, 1998.

BRAUDEL, Fernand - *Escritos sobre a história*, Publicações D. Quixote, 1969.

BRECHON, Robert - *Estranho Estrangeiro - uma Biografia de Fernando Pessoa*, Quetzal Editores, 1996.

BRITO, Gomes de - *Lisboa do Passado. Lisboa dos Nossos Dias*, Livraria Ferin. 1911.

BRITO, Margarida Tavares - *Os Anos 40 em Portugal. O País, o Regime e as Artes: “Restauração” e “Celebração”*, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa, 1991.

BROCHADO, Costa - *Memórias de Costa Brochado*, Livraria Popular Francisco Franco, Lda. 1987.

CABRAL, Manuel Villaverde - *A Estética do Nacionalismo - Modernismo literário e autoritarismo político em Portugal no início do século XX*, Cadernos de Pesquisa, Estudos em Avaliação Educacional, Coleção Textos FCC, Fundação Carlos Chagas, 23 Agosto 2013.

CADAVEZ, Maria Cândida P. - *A Bem da Nação. As Representações Turísticas no Estado Novo entre 1933 e 1940*. Tese de Doutoramento em Estudos de Literatura e de Cultura, na Especialidade de Ciências da Cultura. Faculdade Letras da Universidade de Lisboa. 2012.

CAETANO, Emília - *Vera Lima, a anfitriã de Lisboa*, in “Os loucos Anos 20”, Visão História, nº 36, Julho, Edimpresa, 2016

_____*Os anos da “maldita”*, in “Os loucos Anos 20”, Visão História, nº 36, Julho, Edimpresa. 2016.

CALÇADA, Marta - *Jardim da Estrela / Jardim Guerra Junqueiro*, CML, Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, 2001.

CAPUTO, R. Feliciano – *O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico*, Saber Académico - UNIESP, n.º 06, Dez. 2008.

CARITA, Helder - *Dois alçados inéditos do Palácio Real de Campo de Ourique*, in Revista de História da Arte, n.º 11. 2014.

CARRIS - *História da Companhia Carris de Ferro de Lisboa em Portugal*, vol. I, II, III. 2006.

CARVALHO, David Luna - *O significado das acções colectivas de repertório tradicional na I República*, *Ler História*, 59, 2010

CARVALHO, José Eduardo - *Metodologia do Trabalho Científico: saber fazer da investigação para dissertações e teses*, Escolar Editora, 1ª edição 2002 (2ª edição 2009).

_____*Campo de Ourique, a aldeia de Lisboa - História do bairro escrita nas ruas* (volume I), Quimera Editores, 2014.

_____*Campo de Ourique, a aldeia de Lisboa - História do bairro, nas histórias da gente* (volume II), Quimera Editores, 2016.

_____*Campo de Ourique, a aldeia de Lisboa - História do bairro, dos fregueses e dos paroquianos* (vol. III), Quimera Editores, 2020.

CARVALHO, Pinto (Tinop) - *Lisboa d’Outros Tempos. Figuras e Cenas Antigas*, Vol. I. Fenda, 1991.

CARVALHO, Rómulo - *História do ensino em Portugal. Desde a fundação da nacionalidade ao fim do regime de Salazar-Caetano*. Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

CARVALHOS, Isabel Marques - *Os Pavilhões de Portugal e as Exposições Universais*, Mestrado em História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 2006.

CASTELA, L. - *A Guitarra Portuguesa e a Canção de Coimbra Subsídios para o seu estudo e contextualização*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2011

CASTRO, Fernanda - *Ao Fim da Memória - Memórias II (1939-1987)*, Editorial Verbo. 1986.

CASTRO, Zília Osório - *Veva de Lima (1886-1963)*, Modernismo, Arquivo da Geração Orpheu. 2021.

CASTRO, Zília O. & ESTEVES, João - *Genoveva de Lima Mayer Ulrich*, Livros Horizonte, 2005

CATROGA, Fernando - *O Republicanismo Português (Cultura, história e política)*, Revista da Faculdade de Letras - HISTÓRIA - Porto, III Série, vol. 11, 2010.

CAVALCANTI FILHO, José Paulo - *Fernando Pessoa: uma (Quase) Biografia*, Porto Editora, 2012.

CERTEAU, Michel – *A Invenção do Cotidiano*, vol. 1 e 2, Vozes, 1974.

_____ *L'Écriture de l'histoire*, Gallimard, Paris, 1975.

CHANEY, Lisa - *Chanel: An Intimate Life*. London, Penguin. «Coco Chanel aphy». Biography.com (FYI/A&E Networks). 2011.

CHANTAL, Suzanne - *A vida quotidiana em Portugal, ao tempo do Terramoto*, Lisboa, Ed. Livros do Brasil. 1960.

COELHO, Joaquim-Francisco - *Microleituras de Álvaro de Campos*, Publicações Dom Quixote. 1987.

COELHO, Teresa - *O Inquilino do 1º Direito*, Grupo Impresa, 1993.

CONDE DE MAFRA - *Diário de um Monárquico 1911-1913*. Fundação Engenheiro António de Almeida, 1994.

CONNERTON, Paul - *Como as sociedades recordam*, Oeiras, Celta. Sage, 1999.

CONSIGLIERI, Carlos, *at al – De Campo de Ourique às Avenidas*, in “Pelas Freguesias de Lisboa”, Vol. 3, Câmara Municipal de Lisboa – Educação, 1995

CONTUMÉLIAS, Mário M. S. - *Uma aldeia na cidade: Telheiras, o que é hoje e como se produz um bairro?* Tese de Doutoramento em Sociologia, ISCTE, 2008.

CORDEIRO, Graça Í. - *O Jogo na cidade de Lisboa: a Laranjinha*, dissertação mestrado, Universidade Nova de Lisboa. 1988.

_____ *Bases éticas para práticas lúdicas: associativismo e sociabilidade numa colectividade de Lisboa*, in Lugares de Aqui – Actas do Seminário “Terrenos Portugueses”, Etnográfica Press. 1991.

_____. *Um bairro no coração da cidade: Um estudo antropológico sobre a construção social de um “bairro típico” de Lisboa (Bairro da Bica)*, Tese de Doutoramento em Antropologia, ISCTE, 1996.

_____. *Trabalho e Profissões no Imaginário de uma Cidade: Sobre os Tipos Populares de Lisboa*, Etnográfica, V, (1), Oeiras, Celta Editora, 2001.

_____. *Entre a rua e a paisagem. Reflexões em torno da urbanidade de Lisboa. Ler História*, nº 52, 2007.

_____. *Um lugar na cidade. Quotidiano, memória e representação no bairro da Bica*, Dom Quixote, 1997.

CORDEIRO, Graça & GARCIA, Joaquim - *Lisboa, Freguesia de S. Paulo*. Guias Contexto, Contexto Editora, 1993.

CORDEIRO, Graça Í., & VIDAL, Frédéric - *A Rua : espaço, tempo, sociabilidade*, Livros Horizonte. 2008.

CORONEL, Luciana P. - *A poesia em prosa de Charles Baudelaire e Fernando Pessoa: cruzamentos*, Nau Literária - Crítica e Teoria de Literatura, PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre – Vol. 3 Nº 2, Jun/Dez 2007.

CORREIA, Hélia - *Jornal de Letras*, 15-25, Março 2008,

COSTA, Anouk - *Área urbana das Amoreiras e Campolide*, Sistema de Informação para o Património Arquitetónico, Direção-Geral do Património Cultural, Ministério da Cultura, 2013.

COSTA, António Firmino - *Sociedade de Barro - Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural (Bairro de Alfama)*, Tese de Doutoramento em Sociologia, ISCTE, 1999.

_____. *Estilos de Sociabilidade*, in “Etnografias Urbanas” Graça Cordeiro *et al*, Etnográfica Press, 21 Março 2018.

COSTA, João Pedro *et al* - *Análise Urbanística de Campo de Ourique como Zona Homogénea de Lisboa*, Estudo no âmbito da disciplina de História do Urbanismo do Mestrado de Arquitetura Paisagística, Faculdade de Arquitetura, Universidade Técnica de Lisboa. 2015.

COSTA, Mário - *O Chiado, pitoresco e elegante. História, figuras, usos e costumes*, Associação de Arqueólogos Portugueses, Município de Lisboa, 1987.

COUTO, Jorge - *1908: do Regicídio à ascensão do Republicanismo*, Mostra bibliográfica/Biblioteca Nacional de Portugal. 2008.

DAMAS, Carlos A. - *José Maria do Espírito Santo e Silva, de cambista a banqueiro, 1869-1915*, Lisboa, *Análise Social*, vol. xxxvn (164), in *História do Banco Espírito Santo*. 2002.

DANTAS, Júlio - *Lisboa dos nossos avós*, Publicações Culturais, Câmara Municipal de Lisboa, 1966.

DESCARTE, René - *Discurso do Método*, Edições 70, 2008.

DIAS, Carlos Malheiro - *Cartas de Lisboa*, 1905,

DIAS, Isabel - *Salões de bilhar de Lisboa são locais de aprendizagem e devoção à modalidade*, “Cidade de Lisboa”, O Corvo, Sítio de Lisboa, 12 Maio 2017.

DIAS, Marina T. – *Lisboa Desaparecida: cafés e tertúlias*, volume 1, Quimera Editores, 1987

_____ *Os Cafés de Lisboa*, Quimera Editores, 1999.

_____ *Lisboa Desaparecida*, volume 7, Lisboa, Quimera Editores. 2001.

_____ *Lisboa Desaparecida* - volume 9, Lisboa, Quimera Editores, 2007

DIX, Steffen - *O ano do Orpheu*, Tinta-da-China, 2015.

_____ *O Orpheu ou o “momento histórico” da modernidade/modernização sociocultural em Portugal*, Pessoa Plural: 11 (P./Spring 2017), Universidade Católica Portuguesa. 2017.

DOSSE, François - *O espaço habitado segundo Michel de Certeau*, ArtCultura, vol. 15, nº 27, Julho-Dezembro 2013

DUARTE (MARCENEIRO), Alfredo - *Livro de Oiro*, Museu do Fado. 1948.

DUARTE, Lélia Parreira - *Heteronímia e ironia em Fernando Pessoa*, Revista Letras, nº 10-11, UFMG. 1995.

DUNDER, Mauro - *Corpo e Insurreição na Poesia de Judith Teixeira*, Revista do NEPA/UFF, Niterói, v.13, n.26, jan.-jun. 2021

ELEUTÉRIO, Victor L. - *Grandella*, Montepio Geral. 1997.

FAIR-SCHULZ - Axel, *Golo Mann: A Literary Historian*, Swiss American Historical Society Review, vol. 46, nº 1, article 7. 2010.

FENATI, Maria Carolina J. - *Escrever, escrever: diários, exílio e escrita em Maria Gabriela Llansol*. “Tese de Doutoramento em Estudos portugueses – Especialidade em Estudos de Literatura”, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2015

FERNANDES, António Teixeira – *Espaço social e suas representações*. Revista da Faculdade de Letras: Sociologia. Vol. II, Série I, 1992.

FERREIRA, Antero (coord.) – *A epidemia reinante: a pneumónica no concelho de Lisboa, 1918*, in “A Gripe Espanhola de 1918”, Antero Ferreira (coord.), Universidade do Minho, 2020

FERREIRA, António Mega - *Fazer pela vida. Um retrato de Fernando Pessoa, o empreendedor*, Assírio & Alvim, 2015.

FERNANDES, Eduardo (Esculápio) - *Os Petiscos de Lisboa*, Conferência realizada na sede Grupo Amigos de Lisboa, OLISIPO nº 16, Outubro 1941.

FERREIRA, Isabel Lino - *António Ferro: Modernismo e Nacionalismo*, Dissertação de mestrado em Ciência Política, Universidade da Beira Interior. 2014.

FERREIRA, Luís Miguel - *Artes gráficas en Portugal en el periodo de las vanguardias históricas (1909–1926)*, Tesis Doctoral en Estudios Avanzados en Producciones Artísticas, Facultad de Bellas Artes, Universidad de Barcelona. 2014.

FERREIRA, Vítor Matias - *A cidade de Lisboa: de Capital do Império a centro da Metrópole Recenseamento Geral da População*, Publicações D. Quixote.1986.

FERRO, António - *Cartas do Martinho – População*, O Século, 3 de Março 1918.

FERRO, Mafalda - *Prémio Literário Antero de Quental 1934*, Fundação António Quadros, Newsletter 088, Maio 2015.

FIGUEIRINHAS, Rita do Carmo (2011), *Bairro, identidade, interação: Um olhar etnográfico sobre o Centro Social do Bairro 6 de Maio*, Dissertação de Mestrado em Estudos Africanos, ISCTE/IUL, 2011.

FILHO, João Quintino - *Moda e Género: o vestuário sexualizado no New Look de Christian Dior (anos50)*, MNEME, revista de humanidades, Dossier História do Corpo, Julho/Dezembro 2015.

FLICK, Uwe, KARDORFF, Ernst & STEINKE, Ines – *A Companion to Qualitative Research*, SAGE Publications, 2004.

FOUCAULT, Michel - *Les mots et les choses: une archéologie des sciences humaines*, Gallimard. 1966.

FRAGOSO, Fernando & RIBEIRO, M. Félix - *Filmes, figuras e factos da história do cinema português 1896-1949*. Lisboa, Cinemateca Portuguesa. 1983.

FRANÇA, José-Augusto - *Amadeo de Souza Cardoso*, Editorial Sul. 1956.

_____ *O Romantismo em Portugal*, Vol. 2, Livros Horizonte. 1974.

_____ *A reconstrução de Lisboa e a arquitectura pombalina*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1976.

_____ *O Modernismo na Arte Portuguesa*, Biblioteca Breve, Instituto da Cultura Portuguesa. 1979.

_____ *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*, Lisboa, Livros Horizonte, 1980.

_____ *Sondagem nos anos 20 - cultura, sociedade, cidade*, Análise Social, vol. XIX (77-78-79), 1983-3.º, 4.º 5.º, Agosto 1981.

_____ *A Arte em Portugal no século XX – 1911-1961*, 3ª ed., Ed. Bertrand. 1991.

_____ *Os anos 20 em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

_____ *A Arte e a Sociedade Portuguesa no século XX: 1910-2000*, Livros Horizonte. 2000.

_____ *Introdução à leitura*, in António de Albuquerque, Marquês da Bacalhoa, 2002.

FRANCISCO, Rui & RAMOS José – *Mayer, O Parque Triste*, in Castanheira, José Manuel; Arqueologia e Recuperação dos Espaços Teatrais, 1991.

FRANCO, Anísio - *Quando se vê esta cidade dá vontade de dizer Aleluia*, Semanário Sol, nº. 512, 18 Junho, in entrevista de José Cabrita Saraiva. 2016.

- FRANCO, António Cândido – *O Essencial sobre Guerra Junqueiro*, Imprensa Nacional, 2023.
- FREITAS, Maria Helena G. – *Ilustração e grafismos nos anos 20*, Dissertação de Mestrado em História de Arte Contemporânea, Departamento de História da Arte Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa. 1985.
- FURQUIM, Késsio G. - *A Construção de Lugares da Boémia*, Dissertação de mestrado em Planeamento Urbano e Regional da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPUR-UFRGS). 2017.
- GALLIS, Alfredo - *A Baixa. Lisboa no Século XX (A Grande Aldeia)*, Parceria António Maria Pereira, 1910
- GAMA, Viviane L. O. – *Um estudo grafemático das letras “G” e “J” em português*, Mestrado em Língua Portuguesa, Universidade Católica de São Paulo, 2007.
- GANDRA, Manuel J. - *Drama em Gente. Heterónimos e Personalidades de Fernando Pessoa*, Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica, Mafra, CESDIES. 2019.
- GARCÊS, Costa – *Marchas Populares*, OLISIPO - Grupo “Amigos de Lisboa”, Ano XXXIX nº 113/114, Abril 1966
- GATO, M. Assunção - *A Multipli(cidade) do Bairro*, Second International Conference of Young Urban Researchers, ISCTE-IUL, 11 a 14 de Outubro, 2011.
- _____. *São as pessoas que fazem o bairro*, Estudo Prévio: Revista do Centro de Estudos de Arquitetura, Cidade e Território Nº 4, UAL, 2013.
- GEBRA, Fernando M. - *Orpheu e a imprensa no caderno de Alfredo Guisado: “Recortes” de uma revista literária*. Soletas nº 40, 2020.
- GEORGE, Francisco - *Memórias de Família*, Dossier de Lutas, Verão 2011
- _____. *Campo de Ourique – Memórias da vida até à adolescência*, Dossier de Lutas, Março 2015.
- GEORGE, João Pedro - *O Super-Camões. Biografia de Fernando Pessoa*. Dom Quixote, 2022.
- GIL, José - *O Devir – Eu de Fernando Pessoa*, Relógio d’Água. 2010.
- GLINOER, Anthony - *A sedução da boémia*, Le Monde Diplomatique, 3 de Outubro 2016.
- GLUCK, Mary - *Popular Bohemia: Modernism and Urban Culture in nineteenth-century*, Cambridge: Harvard University Press, 2005.
- GOMES, Bruno M. S. (2011), *A Rua e o Bairro na Construção da Imagem de Lisboa (Bairro da Bica)* Dissertação de Mestrado em Antropologia, ISCTE/IUL, 2011.
- GOMES, Carlos - *Regionalismo em Portugal: subsídios para a sua história*, Casa do Concelho de Ponte de Lima. 1997.

GOMES, Maria Amélia R. - *Fernando Pessoa, Amigo de Lisboa*, Olisipo, n.ºs. 150,151, 152, Hemeroteca CML. 1987/1989.

GONÇALVES, Rui Mário - *A década do silêncio, 1951-1960*, in “Arte Portuguesa nos Anos 50”, Biblioteca Nacional da Câmara Municipal de Beja, Outubro-Novembro; Fundação Calouste Gulbenkian. 1992.

GRAVANO, Ariel - *El barrio en la teoría social*, Buenos Aires, Espacio Editorial, 2005.

GUIMARÃES, Júlio - *Fados para Rir...*, «Coleção Economia», 46 s. d.

GUIMARÃES, Luiz d'Oliveira - *Eça de Queiroz e o Chiado*, Olisipo, Ano XXIV, Nº 94, Abril 1961.

GUINOTE, Paulo - *The Old Bohemian Lisbon (c.1870-c.1920): prostitutes, criminals and bohemians*, Portuguese Studies (vol. 18), Modern Humanities Research Association, 2002.

GUSMÃO, Manuel - *A História e o projecto [do]humano. Que quer dizer o texto quando diz: “o que o texto tece advirá ao homem como destino”?*», Ariane, nº 18-20 (Cartographies. Méritolanges offerts à Maria Alzira Seixo). Faculdade de Letras, 2003-2005

HARVEY, David - *The condition of postmodernity: an enquiry into origins of cultural change*, UK, Ed. Basil Blackwell, Ltd. Loyola. 1989.

HARVEY, O. D. - *Social Justice in the City*, London, in *Urbanismo y Desigualdad Social*, 1978.

HAUSER, Philip M. & SCHNORE, Leo F. - *The study of urbanization*, Published by John Wiley & Sons Inc. 1967.

HEIDEGGER, Martin – *Ensaio e Conferências*, Ed. Vozes, 2001.

HOBBSBORN, Eric - *Age of extremes: the short twentieth century XX – 1914/1991*, Penguin Group, Vinte Books. 1994.

HOMEM, Amadeu Carvalho - *Um Livro Infame "O Marquês da Bacalhôa"*, Lagos da República, 7 Fevereiro. 2011.

HOHENBERG, Paul M. & LEES, Lynn Hollen - *The Making of Urban Europe, 1000–1994*, Published by Harvard University Press, 1995.

HORTON, Ros & SIMMONS, Sally - *Women Who Changed the World*, [S.l.] Quercus. 2007.

ILHARCO, João - *Libelo contra a Poesia Modernista*, edição de autor, 1955.

JUNG, Carl G. - *Os arquétipos e o inconsciente colectivo*, Editora Vozes. 2002.

KIERKEGAARD, Søren - *O conceito de ironia*, Ed. Vozes. 1991.

KILLINGRAY, David - *A pandemia de gripe de 1918-19: causas, evolução e consequências?* in J. M. Sobral et al. (eds), “A pandemia esquecida: Olhares comparados sobre a Pneumónica (1918/1919)”, Imprensa de Ciências Sociais. 2009.

LADRIÈRE, Jean - *Filosofia e praxis científica*, ed. Francisco Alveza, 1978.

LAINS, Leonor – *Amália Rodrigues, Vidas Lusófonas*, 10 Dez. 2000.

LEAL, Ernesto Castro - *António Ferro – Espaço político e imaginário social (1918-32)*, Edições Cosmos, Lisboa, 1994.

LEAL, Joana C. & SANTOS, M. P. D. - *As "sete cabeças" do modernismo*, in N. Crespo (Ed.), “*Arte crítica política*”, Tinta-da-China, 2016.

LEANDRO, Sandra - *Genoveva de Lima Mayer Ulrich, Dicionário no Feminino*, t. 1, dir. Zília Osório de Castro e João Esteves, Lisboa, Livros Horizonte. 2005.

LEFEBVRE, Henri – *The production of space*, Oxford: Blackwell Publishing, 1991.

LE GOFF, Jacques - *História e Memória*. Ed. UNICAMP, 1996

LEITÃO, André O. - *Entre cifras e factos: a toponímia de Lisboa como locus memoriae*, 7as Jornadas de Toponímia de Lisboa, Memória do Tempo, 19 e 20 de Setembro 2013.

LEMOS, Alfredo Tovar - *Prostituição. Estudo Anthropologico da Prostituta Portuguesa*. Lisboa: Centro Typographico Colonial, Biblioteca Nacional de Portugal, 1908.

_____. *O Serviço de Inspeção de Toleradas em 1937*, Imprensa Nacional, 1938.

LENCASTRE, Isabel - *Bastados Reais*, Oficina do Livro. 2012.

LINK, Heinrich Friedrich - *Notas de uma viagem a Portugal*. Biblioteca Nacional. 2005.

LIPOVETSKY, Gilles - *O Império do Efêmero – A moda e o seu destino nas sociedades modernas*, Dom Quixote. 2010.

LLANSOL, Maria Gabriela - *Finita; Diário 2*, Edições Rolim, 1987, p 140.

LOCHERY, Neill - *Lisboa: A Guerra nas Sombras da Cidade da Luz 1939-1945*, Casa das Letras, 2021.

LOPES, Silvina Rodrigues - *Teoria da Des-Possessão*, Black Son Editores. 1988.

LOSA Leonor - *Industria Fonográfica*, in Castelo-Branco, Salwa (dir.), *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*, Círculo de Leitores, 2010.

LOURENÇO, Eduardo - *Fernando Pessoa, rei da nossa Baviera*, Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda. 1993

LOUSA, Teresa – *Modernismo e nacionalismos: casos paradigmáticos em Portugal e Espanha*, Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis, vol. 17, 2020.

LOUSADA, Maria Alexandre - *Espaços de Sociabilidade em Lisboa: finais do século XVIII a 1834*, Tese de doutoramento em Geografia Humana, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1995.

_____. *A rua, a taberna e o salão: elementos para uma geografia histórica das sociabilidades lisboetas nos finais do Antigo Regime*, in Maria Graça Mateus Ventura “Os espaços de sociabilidade na Ibero-América, sécs. XVI-XIX, (Ed. Colibri, 2004.

_____. *Uma cidade em mudança: população e sociabilidades em Lisboa, finais do século XVIII – início do século XX*, Museu de Lisboa. 2017.

LUDOVICE, Nuno - *Lisboa 1918:... cidade de aparência alegre e louca*, “As Esquinas do Tempo”, Cadernos de Arquivo Municipal, nº 4. 2000.

LUHMANN, Niklas - *Legitimação pelo procedimento*, (tradução Maria da Conceição Côrte-Real). Editora Universidade de Brasília, 1980

LYNCH, Kevin - *The Good Urban Form*, MIT Press, Cambridge, 1981

LUNA, Sérgio - *Planeamento de pesquisa: uma introdução*, EDUC – Editora da PUC-SP. 1997.

MANGORRINHA, Jorge (2000), *Arquitecturas de Esquina em Lisboa*, Cadernos do Arquivo Municipal, n.º 4, CML. 2000.

MANSO, João Caetano - *Génese e evolução de um quarteirão de Campo de Ourique e duas intervenções contemporâneas*, Universidade Lusíada de Lisboa, 1990.

MANZO, A. J. - *Manual para la preparación de monografías: una guía para presentear informes y tesis*. Buenos Aires, Editorial Humanistas, 1971.

MARQUES, A. H. de Oliveira - *Portugal. Da Monarquia para a República*, Editorial Presença, 1991.

_____. *A Primeira República Portuguesa*, Texto Editores, 2010
_____. (coord.), *Nova História de Portugal, XI – Portugal da Monarquia para a República*, 1991

MARQUES, Gabriela Mota - *Cabelos à Joãozinho. A garçonete em Portugal nos Anos Vinte*, Livros Horizonte. 2007

MARQUES DA SILVA, F. - *O Povoamento da Metrópole Observado através dos Censos*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística. 1971.

MARTINS, Guilherme d’Oliveira - *A Vida dos Livros: Campo de Ourique*, Centro Nacional de Cultura. 2018.

MARTINS, Helder Bruno J. R. – *Jazz em Portugal (1920-1956)*, Edições Almedina, 2006.

MARTINS, Nuno – *Luz e sombra: 100 imagens do mundo operário no limiar do século X*, Cadernos do Arquivo Municipal, 2ª Série, nº 13, Jan/Jun 2020

MATA, E. & VALÉRIO, N. - *História Económica de Portugal – Uma Perspectiva Global*, Lisboa, Editorial Presença, 1994

MATEUS, Inês Vaz - *Adaptabilidade e Novos Usos – Do Teatro Variedades à Casa de Jazz*, Dissertação de mestrado em Arquitetura de Interiores, Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Arquitetura, 2012

MATOS, José Sarmiento - *Sons de Lisboa. Uma biografia de Valentim de Carvalho*, Publicações Dom Quixote. 1989.

_____ *A invenção de Lisboa*, livro 2, *As vésperas*, Temas e Debates, 2009.

MATTOSO, José - *A Escrita da História*. Conferência na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, 22 de Outubro, 1986

_____ *Novos rumos da histografia*, Conferência pronunciada no ciclo de extensão cultural para professores, organizada pelo SINDEP, Lisboa, 28 de Maio 1987

_____ (dir.) VAQUINHAS, Irene [coord] - *História da Vida Privada em Portugal*. Volume 3, Temas e Debates, 2011, p.337.

MCLUHAN, Marshall - *The Medium is the Message: An Inventory of Effects*, Harmondsworth, Penguin, 1967.

McNEILL, Patrícia Silva - *Orpheu e Blast – Intersecções do Modernismo Português e Inglês*, in Steffen Dix, *1915 - O ano do Orpheu*, Tinta-da-China. 2015.

MELO, Daniel - *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Estudos e Investigações nº 22, Instituto de Ciências Sociais, 2001

MOITA, Luís – *O Metropolitano e as (Sete Colinas) Olisiponenses*, OLISIPO, - Boletim do Grupo “Amigos de Lisboa” Ano XIX, Abril de 1956 ,Nº 74

MÓNICA, Maria Filomena - *A queda da Monarquia – Portugal na viragem do século*, Publicações D. Quixote. 1987.

MONTEIRO, Liliana Lopes - *A primeira Senhorita de Portugal*, in Academia Edu, História (Lisboa) por Fabiana Barros, Visão História, nº 36, Julho, Edimpresa. 2016.

MOURA, Carlos - *Tertúlia "Hoje...Falamos de Saloios"*, Conversas com Princípio e Fim, 2010.

MURGUER, Henri - *Cenas da vida boémia*, (1851), Lello Editores, 1990.

NEGRÃO, Albano Zink - *Parque Mayer. Cinquenta anos de vida*, Editorial Notícias. 1969.

NETO, Margarida Sobral - *Problemática do saber histórico –Guia de Estudo*, Polimage, Imagem Palavra. 2016.

NOBRE, Gustavo - *José Pacheko*, in Colóquio-Artes, nº 35, Dezembro, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian. 1977.

NORA, Pierre - *Entre história e memória: a problemática dos lugares*. Revista Projeto História, São Paulo, v. 10, 1993

OLIVEIRA, Andreia - *Judith Teixeira: a boca é o vazio cheio da periferia*, Cadernos de Literatura Comparada nº 29, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Dezembro de 2013

OLIVEIRA, Leonor - *Anos 50: Portuguesismo, Modernidade e Aspirações a Internacionalização. A apresentação das artes plásticas portuguesas em feiras e exposições internacionais*, Instituto de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa. 2016.

OLIVEIRA, Maria José - *A história de Francisco Grandella: maçom, boémio e visionário*, Diário de Notícias, 26 Agosto. 2018.

OLIVEIRA, Maria Genoveva - *Ernesto Korrodi: roteiro na cidade de Leiria*. CEPAE - Centro do Património da Estremadura, Delegação Distrital de Leiria da Ordem dos Arquitetos. 2004.

OLIVEIRA, Rosa Neves - *Exposições universais: Paris 1937, Expo'98*. 1996.

PAILLER, Jean - *A mulher que queria ser Rainha de Portugal*, Bertrand, 2006.

PAIS, José Machado Pais - *A prostituição na Lisboa boémia dos inícios do séc. XX*, Análise Social, vol. XIX, 1983.

PARK, Robert E. - *The City as a Social Laboratory*, in: SMITH, T.V. & WHITE, Leonard D. (Ed.). Chicago: *Experiment in Social Science Research*, University of Chicago Press, 1929.

PEREIRA, Nuno Teotónio - *Pátios e Vilas de Lisboa, 1870-1930: a promoção privada do alojamento operário*, Análise Social, 4ª série, vol. XXIX, nº 127, 1994.

PIMENTA, Maria Teresa - *Cartas de Genoveva de Lima Mayer a Alfredo Pimenta (entre 1916-1935)*, in “FACES de Eva – Estudos sobre a Mulher”, nº 10, Edições Colibri. 2003.

PINTASSILGO, Joaquim & COSTA, Rui A. (2018), “Guerra Junqueiro” in *Morte e pedagogia cívica em contexto republicano: os funerais de «mortos ilustres» nos anos 10 e 20 do século XX*, Cadernos de História da Educação, v.17, n.1, jan.-abr.

PINTO, Afonso Cortez - *Portugal (1928-1968): um filme de J. Leitão de Barros*, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. 2015.

PINTO, João Silva - *Marchas Populares de Lisboa: a performance musical bairrista*, Dissertação de Mestrado em Ciências Musicais, Universidade Nova de Lisboa, FCSH. 2004.

PINTO, Paulo Tormenta - *Cassiano Branco, 1897-1970 – arquitetura e artifício*, Caleidoscópio. 2007.

PINTO, Sónia C. I. - *Vilas Operárias em Lisboa: emergência de novos modos de habitar*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Instituto Superior Técnico. 2008.

PITTA, Eduardo - *Maria Gabriela Llansol, "provavelmente a grande prosadora" do século XX*. LUSA - Agência de Notícias de Portugal. 2008.

PIZARRO, Jerónimo - *Essa Besta»: sobre Orpheu, Egas Moniz e Júlio de Matos*, in “Orpheu em Pessoa”, Cid Seixas e Adriano Eysen (Org.), Simpósio Internacional 100 anos da revista Orpheu: Fernando Pessoa e as Poéticas da Modernidade, Editora Universitária do Livro Digital. 2015.

PORTELA, Ricardo Correia - *História da gravação sonora em Portugal*, Mestrado em Som e Imagem, Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, 2016.

QUEIRÓZ, Ana Isabel & ALVES, Daniel – *Lisboa, Lugares da Literatura*, Apenas Livros Lda., 2012.

RAIMUNDO, Orlando – *António Ferro: o inventor do Salazarismo*, Dom Quixote, 2015.

RAINHORN, Judith & TERRIER, Didier - *Étranges voisins : Altérité et relations de proximité dans la ille depuis le XVIII^e siècle*, Presses Universitaires e Rennes, 2010.

RAMA, Angél - *A cidade das letras*, São Paulo, Brasiliense, 1985.

RAMALHO, Margarida Magalhães - *Lisboa uma cidade em tempo de Guerra*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 2012.

RAMOS, Rui - *D. Carlos*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2006.

RAPOSO, Hugo – *Crónica de um milhão de habitantes é demais*, OLISIPO - Grupo “Amigos de Lisboa”, nº 13, Janeiro 1941.

RELVAS, Eunice & RIJO, Delminda – *A epidemia reinante: a pneumónica no concelho de Lisboa, 1918*, in “A Gripe Espanhola de 1918”, Antero Ferreira (coord.), Universidade do Minho, 2020

RÉMY, Jean & VOYÉ, Liliane - *A Cidade: rumo a uma nova definição*, Lisboa, Edições Afrontamento, 1994.

REVEZ, Ricardo – *A Reflexão sobre a Mulher em Fialho de Almeida*, Faces de Eva, nº 27, Edições Colibri, Universidade Nova de Lisboa, Setembro de 2012

RIBEIRO, Aquilino - *Um escritor confessa-se*, Lisboa, Bertrand, 2008.

ROCHA, Ana Luíza C. & ECKERT, Cornélia - *Etnografia de Rua: estudo de antropologia urbana*, RUA vol. 9 nº 1. 2003.

RODI, Sara - *O Quanto Amei. Fernando Pessoa e as mulheres da sua vida*, Editorial Planeta. 2021

RODRIGUES, Maria João Madeira - *Transição, Tradição e Mudança – A produção do espaço urbano na Lisboa Oitocentista*, Assembleia Distrital de Lisboa, 1979.

ROMANOWSKI, Joana P. - *As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte”*, in Diálogo Educacional, Curitiba, v. 6, nº 19, Set/Dez 2006.

ROSSA, Walter - *Alem da Baixa: indícios de planeamento urbano na Lisboa setecentista*, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico. 1998.

ROXO, Carlos - *O poder e a cidade no limiar do século XXI: uma reflexão sobre o passado próximo da cidade até à actualidade*, Lisboa, Estado Social, nº 1723. 2013.

SADER, Eder - *Quando novos personagens entram em cena*, Revista Labirinto – Ano XIII, nº 18, Junho 2013.

SALIBA, Elias Thomé - *Modernismo: Lado Oposto e os Outros Lados*, Edusp, 2012.

SAMARA, Maria Alice - *As Repúblicas da República: história, cultura política e republicanismo*, Tese de Doutoramento em História Contemporânea Institucional e Política de Portugal, Universidade Nova de Lisboa, FCSH. 2010.

SANTANA, Francisco & SUCENA, Eduardo - *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, Carlos Quintas & Associados. 1994.

SANTOS, Augusto César – Projeto “PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/11/899”, Câmara Municipal de Lisboa, Repartição Técnica, 1880.

SANTOS, Carlos - *Maxime: 30 anos de história*, Jornal “O Dia”, 23 Novembro, arquivo de recortes do “Diário de Notícias”. 1989.

SANTOS, Filipa V. Serpa – *Entre Habitação e Cidade Lisboa, os projectos de promoção pública: 1910|2010*. Tese de doutoramento em Urbanismo. Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa, 2015.

SANTOS, Luís Miguel - *A recepção dos Ballets Russes na sua passagem por Lisboa em 1917*, Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM - NOVA FCSH). 2013.

SANTOS, Rogério - *Valentim de Carvalho: um homem da indústria discográfica a recordar*, Indústrias Culturais. 2003.

SARAIVA, José Hermano - *História concisa de Portugal*. Lisboa: Europa-América, 1995

SARAIVA, José Hermano & GUERRA, Maria Luísa - *I República - 5 de Outubro: o filme dos acontecimentos*, Diário da História de Portugal, Selecções do Reader's Digest. 1998.

SARAIVA, Mário - *Graforreia em Fernando Pessoa*, “Correio da Manhã”. 8 de Janeiro 1991.

SARAMAGO, José – *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, Porto Editora, 2016.

SEELING, Charlotte - *Moda – O século dos estilistas 1900-1999*, Ed. Konemann. 2000.

SEIGEL, Jerrold - *Paris boémia: cultura, política e os limites da vida burguesa 1830-1930*, L&PM, 1992.

SEIXAS, João - *Em Todas as Ruas*, Escritório Editora BLX, 2015.

SENA, Jorge - *A poesia de António Gedeão (esboço de análise objetiva, com um “Post Scriptum”*, a partir da 2ª ed. das *Poesias Completas*, 1968.

SERRA, João B. - *Portugal, 1910-1940: da República ao Estado Novo* - in “Portugal Moderno 1910-1940”, coord. Paulo Henriques, Catálogo Exposição Portugal-Frankfurt. 1997.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *História de Portugal, IX: O terceiro liberalismo (1851- 1890)*, 1986

SERRÃO, Joel - *Dicionário da História de Portugal*, Porto, Livraria Figueirinhas. 1981.

SILVA, Álvaro Ferreira - *A construção residencial em Lisboa (1860-1930)*, *Análise Social*, Lisboa, vol. XXXI (136-137), 1996

SILVA, A. Malheiro *et al* – *Machado Santos o o intransigente da República (1878-1921)*, Assembleia da República, Divisão de Edições.

SILVA, Augusto Vieira - *Epifácios curiosos de sepulturas do Cemitério dos Prazeres*, OLISIPO nº 16, Outubro 1941.

_____ *As Freguesias de Lisboa: Estudo Histórico*, 1943.

_____ *Chafariz do Loreto e a estátua do Chiado*, OLISIPO - Grupo Amigos de Lisboa, Ano X, nº 40, Outubro de 1947

SILVA, Armando M., CORDEIRO, Carlos & TORGAL, Luis F. - *Machado Santos – O intransigente da República (1875-1921)*, Edição Assembleia da República, Divisão de Edições, 2013

SILVA, Carlos S. - *Portugal no século XX – Os Anos de 1900*, 15 volumes, Book Cover Editora. 2022.

SILVA, José Álvaro F. – *Crescimento Urbano, Regulação e Oportunidades Empresariais: a Construção Residencial em Lisboa, 1860-1930*, s. d.

SILVA, Luís Octávio - *História Urbana: uma revisão epistemológica*, EURE, vol. 28, nº 83 Santiago (Chile), 2002.

SILVA, Manuela Parreira - *Realidade e Ficção: Para uma biografia epistolar de Fernando Pessoa*, Assírio & Alvim. 2004.

SILVA, Patrícia - *Orpheu*, Modernismo – “Revista Trimestral de Literatura”, Arquivo Virtual da Geração de Orpheu. 2020.

SILVA, Sandra Gonçalves - *A Exposição de Belém: Novos elementos para a construção de uma “memória”*, Dissertação de Mestrado Expressão Gráfica, Cor e Imagem, Universidade Aberta, 2008.

SILVA, Susana Maia Dinis - *O bairro de Campo de Ourique: projectos e actuações (1878-1958)*, Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa (FCSH), 2013.

_____ *Quartel de Campo de Ourique*, Revista da Junta de Freguesia do Santo Condestável, nº 46, Ano XIV, Outubro/Dezembro 2008.

SILVA, Zacarias - *Sociedade de Instrução de Campo de Ourique*, OLISIPO - Boletim do Grupo “Amigos de Lisboa”, Ano XXVIII nº 109, Janeiro 1965

SILVEIRA, Maria de Aires - *Os Cafés e Botequins Lisboetas*, Lisboa Revista Municipal, XLVII, nº 21, 3º Trimestre 1987.

SIMMEL, Georg - *Philosophie de la modernité*, Paris, Ed. Payot. 1989.

SIMÕES, João Gaspar - *José Régio e a História do Movimento da Presença*, Brasília Editora, 1977, in ROCHA, Clara - *Modernismo, Presença*, Revista Trimestral de Literatura, Arquivo Virtual da Geração de Orpheu. 2020.

SOARES, Joaquim F. - *Santo Condestável, história de uma freguesia de Lisboa*, Lisboa, Junta de Freguesia de Santo Condestável. 1991.

SOLÀ-MORALES, M. - *Territoris sense model*. Revista Papers, región Metropolitana de Barcelona, 1997

SOTTOMAYOR, Appio - *O Poço da Cidade – crónicas lisboetas*, Volume I, Editorial Notícias, 1993.

SOUSA, Anabela Diniz - *Judith Teixeira: emancipação e construção de uma nova identidade feminina no início do século XX*, Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais, Universidade da Madeira. 2017.

SOUSA, Martim de Gouveia - *Daqui houve gente de Portugal*, Revista Millenium, Instituto Politécnico de Viseu, 1999

SOUZA, Ricardo Nicolay (2018), *Alfama, Mouraria e Bairro Alto: distintas territorialidades e a constituição de processos diferenciados de territorialização do fado na cidade de Lisboa*, Tese de Doutoramento em geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

TEIXEIRA, Manuel Domingos de Moura – *Mundanismo, Transgressão e Boémia em Lisboa dos Anos 20 – O Clube Noturno como Paradigma*, 2012,

TEIXEIRA, Ramiro - *A geração portuguesa dos anos 50*, Intermedia Review 1, Génération de 50, Culture, Littérature, Cinéma. nº1, Novembre 2012.

TELMO, Cottinelli – *Memórias de Cottinelli Telmo*, Espólio de Cottinelli Telmo – Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU): Arquivo Pessoal de José Cottinelli Telmo, s.d.

TELO, António José - *Decadência e queda da I República Portuguesa – Volume I*, Regra do Jogo. 1980.

TERCEIRO, Carla S. F. (2013), *De social a privilegiado: narrativas de bairros sociais em Lisboa. O Bairro da Encarnação e a sua vivência*. Dissertação de Mestrado em Engenharia do Território, Instituto Superior Técnico.

TORGAL, Luís Reis & VARGUES, Isabel Nobre - *Da Revolução à Contra-revolução: Vintismo, Cartismo, Absolutismo. O Exílio Político*, in *História de Portugal* (Dir. José Mattoso), Volume 5, Editorial Estampa. 1998.

TRIGO, Jorge & REIS, Luciano - *Parque Mayer, (1922/1952)*, vol. I, Sete Caminhos. 2004.

TRINDADE, Luís - *O estranho caso do nacionalismo português, O salazarismo entre a literatura e a política*, Imprensa de Ciências Sociais, 2008.

VAQUINHAS, Irene - *A Época contemporânea – Introdução. A redefinição do público e do privado (1820-1950)* in MATTOSO, José (dir.). *História da Vida Privada em Portugal* Círculo de Leitores/Temas e Debates, 2011.

VAZ, Cecília Santos - *Clubes noturnos modernos em Lisboa: sociabilidade, diversão e transgressão (1917-1927)*, Dissertação de Mestrado em História Moderna e Contemporânea, ISCTE. 2008.

_____. *Entre estroinas e vadios: a vida boémia em Lisboa 1890-1910*, Comunicação no III Congresso de História Contemporânea, ISCTE/IUL. 2014.

_____. *Identidades boémias em Lisboa: discursos e vivências (1850-1914)*, Tese de Doutoramento em História Moderna e Contemporânea, ISCTE/IUL. 2021.

_____. *Os Loucos Anos 1920*, Lua Eléctrica, 2021

VEIGA, Teresa - *O lento recuo do mundo rural e o crescimento rural*, in “A População Portuguesa no Século XIX,” s. d.

VEILLON, Dominique - *Moda e guerra: um retrato da França ocupada*, Jorge Zahar Editora. 2004.

VELHO, Gilberto - *Antropologia urbana: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento*, UFRJ. MANA 17, 2011.

VIDAL, Frédéric - *Les Habitants d’Alcântara, Histoire Social d’un Quartier de Lisbonne au Début du 20^{ème} Siècle*, Univerdade Lumière Lion 2, 2003

_____. *Dossier Descrever a Cidade*, Ler História, nº 52, ISCTE-IUL, 2007.

VIEIRA, Alice - *Esta Lisboa*, Editorial Caminho, 1993.

VIEIRA, Casimiro José - *Apontamentos para a história da Revolução do Minho em 1846 ou da Maria da Fonte*, Tipografia Lusitana. 1884.

VIEIRA, Joaquim (1999), *Portugal Século XX – Crónica em imagens 1910-1920*, Circulo dos Leitores.

VIEIRA, Maria Carmo G. - *O Percurso Lisboaeta de Fernando Pessoa*, Lisboa Revista Municipal, Ano XLVI, nº 12, 2º Trimestre 1985.

VIEIRA, Paula Pinto - *Os Cemitérios de Lisboa no século XIX – Pensar e Construir o novo palco da Memória*, Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Lisboa, FCSH, UNL. 1999.

WAKEMAN, Rosemary - *A Modern History of European Cities 1815 to the Present*, Bloomsbury Academic, 2020.

ZENITH, Richard (org.) - *Fernando Pessoa & Ofélia Queiroz – Correspondência amorosa completa 1919-1935*, Rio de Janeiro, Capivara Editora. 2013.

_____*Fernando Pessoa, o poeta de muitos rostos*, Biblioteca da Casa Fernando Pessoa, Cronologia, 2013.

_____*Fernando Pessoa: O Poeta dos Muitos Rostos*, Casa Fernando Pessoa, Cronologia. 2020.

_____*Pessoa. Uma Biografia*. Quetzal Editores, 2022.

_____*Biografar Pessoa*, Gerador – Plataforma independente de jornalismo, cultura e educação, 8 de Abril 2023.

ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins, *Nobreza de Portugal e do Brasil*, vol. II, Editorial Enciclopédia, 1961

APÊNDICES

APÊNDICE I

OS PRECURSORES DO BAIRRO

Os sinónimos de "precursores" dependem do contexto, mas geralmente se referem a pessoas ou coisas que vêm antes ou preparam o caminho para algo ou alguém. Algumas semelhanças comuns incluem precursores, pioneiros, antecessores e prenunciadores. No fundo, o precursor é alguém que vai à frente, abrindo caminho ou anunciando algo. Refere-se àqueles que são os primeiros a fazer algo, abrindo novos caminhos ou explorando territórios. No fundo são os antecessores, ou seja, aqueles que vieram antes, como em uma linha de sucessão ou geração.

Similarmente, cada bairro possui uma característica marcante; para cada visitante há uma faceta, pois esse conjunto de espaços e casas pensa, possui uma mente e manifesta o seu caráter. É um organismo na forma de gostar ou não gostar daqueles que dele se aproximam.

Múltipla literatura, desenvolvida nas últimas décadas, concorda que são as pessoas e suas personalidades que exercem um papel crucial na construção da identidade de um espaço ou lugar. Por meio da interação entre pessoas e suas características, como traços, valores, tradição, o passado de um grupo revela-se influenciando e moldando a atmosfera e o significado de um lugar. A identidade é moldada com relações sociais no espaço, de modo que o sujeito traça as características fundamentais do seu *habitat*. Daí, muito assertiva, a expressão de Martin Heidegger que nos diz “habitar é a maneira como os mortais estão sobre a terra”.³⁹⁴

Neste assentimento, fazendo aproximação à antropologia urbana assumida por Graça Cordeiro e Frédéric Vidal, de que “são as ruas e os seus transeuntes que formam as identidades dos espaços urbanos”, abraçaram-se estes princípios para relevar os atores sociais que marcaram pela sua presença e empreendedorismo em Campo de Ourique, colocando-os como protagonistas da identidade do bairro.

Reconhece-se que um instrumento de parecer desta natureza não é isento de subjetividade, mas as heurísticas não podem deixar ser evitadas na realidade observada. As heurísticas são, em si mesmas, atalhos de análise que usamos como estratégias que nos permitem funcionar sem estarmos de posse de todos os fatores, sendo úteis em situações de incerteza.

Foi vasto o número de transeuntes com notoriedade que passaram por Campo de Ourique, na temporalidade estudada; na tese identificam-se cerca de meia centena. Alguns nasceram no

³⁹⁴ HEIDEGGER, Martin – *Ensaio e Conferências*, Ed. Vozes, 2001.

bairro e por aqui permaneceram; sequentes vieram de outras paragens e por aqui ficaram. Seria redutor entrar na sociabilidade da população de Campo de Ourique, sem antes referir alguns antecedentes do *modus vivendi* desses atores sociais com repercussão pública nas comunidades lisboetas da época.

Considerando o percurso que os levou a surgirem neste território urbano, pretende-se através da natureza do seu protagonismo, avaliar em que medida as transformações de sociabilidade do bairro acompanharam a vivência boémia e modernista registada na capital na temporalidade observada.

Sintetizando, o problema central de que se ocupa agora a investigação é colocado na identidade sociocultural de Campo de Ourique na vivência boémia e modernista na primeira metade do século XX. Quais os principais atores que pesaram nas dinâmicas sociais que lhe estão associadas, isto é, que convergiram de modo significativo na sua produção?

A diversidade de protagonistas que habitaram o bairro tiveram configurações culturais, sociais e singularidades próprias, mas puderam constatar-se situações de preponderância de uns ou outros que constituíram marca de identidade. Considerando essas naturais idiossincrasias, considerou-se que a melhor forma de avaliar os protagonismos fosse separá-los pelos domínios em que intervieram e influenciaram: urbanismo, instrução/cultura, mundanismo, modernismo e modernidade.

URBANIZAÇÃO

A urbanização de Campo de Ourique, com a configuração que hoje a conhecemos, foi obra de três protagonistas, cada um na sua vertente: José Maria Espírito Santo e Silva, Augusto César dos Santos e Manuel Lopes Coelho.

JOSÉ MARIA ESPÍRITO SANTO E SILVA (1850-1915) - Nasceu em Lisboa na Travessa dos Fiéis de Deus (Bairro Alto) e foi deixado na roda da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Sendo filho de pais incógnitos, é um padre que lhe atribui o nome de registo.	É com este homem de negócios que surgem em Campo de Ourique os primeiros edifícios urbanos em andares, após adquirir o primeiro imóvel em 1875, na Rua do Sol ao Rato. No início de 1878, cria a firma “Silva, Esteves, Lopes & C^a.” e compra uns terrenos denominados Pacheca Grande e Pacheca Pequena, na rua do Campo da Parada (atual Rua Ferreira Borges). Em 18 de Outubro de 1878, a firma obtém aprovação da Câmara Municipal de Lisboa, para o projeto de edificação de oito prédios nos ditos terrenos.
AUGUSTO CÉSAR DOS SANTOS (n. ?) - Não estão disponíveis dados que identifiquem a sua origem, nem o local e data de nascimento. Sabe-se que foi desde 1874 Chefe da Repartição Técnica da Câmara Municipal de Lisboa.	Assume a liderança do projeto de urbanização do bairro, na sequência da iniciativa privada da construção dos primeiros edifícios de andares. O traçado da primeira fase de urbanização inclui dezanove ruas, três praças e um jardim. No delineamento da urbe adota os mesmos princípios seguidos por Eugénio dos Santos (1711-1760), na reconstrução da Baixa Pombalina, com o mesmo esquema ortogonal.
MANUEL LOPES COELHO (1875-1958) - Natural de Pedrógão Grande, maçom convicto, foi conhecido e estimado em Campo de Ourique como comerciante de víveres, regressado do Brasil.	Marcou lugar na história dos cafés e pastelarias da capital, ao inaugurar, em 1912, <i>A Tentadora</i>, ocupando o rés-do-chão do prédio que edificou no gaveto entre as ruas Ferreira Borges e Saraiva de Carvalho, arquitetado pelo escultor-decorador Ernesto Korrodi (1870-1944), com o <i>glamour</i> da traça da <i>Art Nouveau</i>, que passou a constituir o espaço icónico na vida social e cultural do bairro.

INSTRUÇÃO E CULTURA

No campo da instrução e cultura, dois pilares fundamentais para o desenvolvimento e a vitalidade de um espaço urbano, encontramos, na época estudada, uma instituição e quatro personalidades que se revelaram nesse âmbito: o “Grémio de Instrução Liberal”, António Augusto Ferreira de Macedo, Bento de Jesus Caraça, Guerra Junqueiro e Rómulo de Carvalho.

GRÉMIO DE INSTRUÇÃO LIBERAL DE CAMPO DE OURIQUE (GILCO) - Fundado no dia 10 de Junho de 1910 por um grupo de republicanos habitantes do bairro, entre outros, Abel Pereira Marta, António Maria Cardoso e Magalhães Lima.	Foi criado com o propósito de “ministrar gratuitamente o ensino primário aos filhos dos seus associados, auxiliar alunos pobres, seus protegidos, a quem oferece livros, vestuário e calçado e promover passeios escolares a lugares históricos, fábricas e monumentos nacionais.” (art.º 1º dos Estatutos). A partir de 23 de Setembro de 1941 passou a gozar da condição de “Instituição de Beneficência” mantida exclusivamente pela quotização dos seus sócios e, por vezes, auxiliada por entidades oficiais”.
ANTÓNIO AUGUSTO FERREIRA DE MACEDO (1887-1959) BENTO DE JESUS CARAÇA (1901-1948) - Os dois matemáticos e pedagogos, residentes no bairro, ligados à revista “Seara Nova”, foram os protagonistas da criação, em 1919, da “Universidade Popular Portuguesa.”	A “Universidade Popular Portuguesa” foi fundada com sede na Cooperativa “A Padaria do Povo”, sita à Rua Luís Derouet. O seu projeto pedagógico aponta à formação cultural especialmente direcionado para a classe operária. Do seu primeiro Conselho Administrativo faziam parte cinco professores e sete operários, demonstrativo do caráter popular da instituição. A 10 de Maio de 1919, foi declarada instituição de utilidade pública.
GUERRA JUNQUEIRO (1850-1923) - De seu nome completo <i>Abílio Manuel Guerra Junqueiro</i>, a par de poeta, prosador, jornalista e político, destacou-se como um dos maiores escritores do realismo, movimento literário que reitera o movimento social e político da segunda metade do século XIX.	Escolheu Campo de Ourique para sua última morada, na Rua Silva Carvalho, nº 52. Faleceu nesta sua casa no dia 7 de Julho de 1923. A sua morte causou grande movimento de pesar em todo o país, enaltecendo-o como herói nacional. O funeral realizou-se no dia 14 de Julho de 1923, com o cortejo que partiu da Basílica da Estrela, fez uma homenagem na Assembleia Nacional e terminou no Mosteiro dos Jerónimos entre filas compactas de gente,
RÓMULO DE CARVALHO (1906-1997) - Professor de Ciências Físico-Química, é colocado em Lisboa, no liceu Pedro Nunes, em 1957, data a partir da qual fixa morada em Campo de Ourique, na Rua Sampaio Bruno, nº18, que ostenta na fachada uma “placa comemorativa” da sua presença no bairro durante 40 anos.	A par de professor de ciências, tinha um outro lado, sob o pseudónimo de António Gedeão, como poeta. Nesta esfera de trovador, estreou-se em 1956 com o seu primeiro livro de poemas, <i>Movimento Perpétuo</i>, obra que se revelou uma balada para a versão da <i>Pedra Filosofal</i>, musicada por Manuel Freire.

MUNDANISMO

A valorização das sociabilidades mundanas é uma característica quer da boémia, quer do modernismo, facilitando as relações de integração no meio artístico e intelectual. Campo de Ourique, na esfera do mundanismo reúne três figuras singulares e uma coletiva: Genoveva de Lima (1886-1963), Alfredo Marceneiro (1891-1982), Cristina de Castro (1931-2010) e a Sociedade Filarmónica Alunos Apolo (1872-).

GENOVEVA DE LIMA MAYER HULRICH (1886-1963) - Nasceu em Lisboa, filha de Carlos de Lima Mayer (1846-1910), médico e industrial, membro dos “Vencidos da Vida”, o grupo literário e político que deixou marcas indeléveis na cultura portuguesa. O casamento com Rui Ennes Ulrich (1883-1966), monárquico, embaixador de Portugal em Londres, permitiu viajar pelo mundo e ser distinguida como a única presença portuguesa na cerimónia da sua coroação da Rainha Isabel II, em Junho de 1953.	Campo de Ourique foi palco do esplendor das tertúlias que promovia na sua residência à rua S. João dos Bem-Casados (Rua Silva Carvalho), na tradição romântica dos salões lisboetas, onde juntava elites do meio artístico, intelectuais e políticos. Os encontros ocorriam com algum requinte e o seu quê de exótico, como receber os convidados, sentada com uma chita aos pés, que o irmão havia trazido de África. A excentricidade não ofuscava as suas fortes exigências no campo da cultura e um acentuado sentido filantrópico, quer sob a forma de ações de caridade, organizadas a favor dos desprotegidos da sorte.
ALFREDO RODRIGO DUARTE (1891-1982) - Alcunhado de MARCENEIRO, dada a sua profissão, nasceu no bairro, na paróquia de Santa Isabel, Era também conhecido por "Alfredo Lulu" pelo cuidado na forma elegante e apumada de se vestir	Foi longa a sua carreira, passando por diferentes fases e géneros em que atuou, dos bailes de bairro, cafés de camareiras e retiros até às casas de fado. Em Campo de Ourique, atuava frequentemente no Café Latino, na Rua Ferreira Borges. Senhor de um “estilo” pessoal, com o boné e lenço ao pescoço, foi o primeiro fadista a cantar de pé, colocando-se atrás dos guitarristas, para melhor se fazer ver pelo público.
CRISTINA DE CASTRO (1931-2010) - Nasceu e viveu em Campo de Ourique, na Rua Tomás da Anunciação. Com uma longa carreira iniciada aos vinte anos, foi professora de canto no Conservatório Nacional. Depois de reformada, na sua casa no bairro, deu aulas do canto, tanto lírico como ligeiro, a vários artistas.	Campo de Ourique marcou, com a soprano Cristina de Castro, a representação do bairro no canto lírico. Teve presença regular no Teatro Nacional de São Carlos, onde se estreou em 1955, na ópera La Traviata, de Verdi, ao lado de Maria Callas. Colaborou igualmente com a Companhia Portuguesa de Ópera, do Teatro da Trindade
SOCIEDADE FILARMÓNICA ALUNOS DE APOLO - É uma instituição com história centenária no bairro, criada ainda no século XIX, por iniciativa de um grupo de cabos de polícia da freguesia de Santa Isabel e, posteriormente, pela união dos cabos de polícia e civis da zona urbana. Está instalada na Rua Silva Carvalho, 225.	A primeira atividade promovida pela sociedade foi a banda filarmónica, atuando no meio recreativo, cultural e social do bairro. Também se fez representar, desde 1932, nas festas da cidade através da marcha popular de Campo de Ourique. Tornou-se depois a catedral da dança de salão. É, desde 30 de Janeiro de 1993, Membro-Honorário da <u>Ordem do Mérito, criada em 1927.</u>

MODERNISMO

Foi o movimento cultural e artístico surgido no início do século XX, marcado pela quebra com as tradições artísticas e pela procura de novas formas de expressão artística, refletindo as transformações sociais e culturais do período. Três protagonistas, com presença em Campo de Ourique, integraram o movimento, cada um a seu jeito e em momentos diferentes: Fernando Pessoa, Judith Teixeira e Gabriela Llansol.

FERNANDO ANTÓNIO NOGUEIRA PESSOA (1888-1935) - Nasceu em Lisboa, na zona do Chiado. Corria o ano de 1920 quando chegou a Campo de Ourique e arrendou a casa que viria a ser a sua última morada, o 1º andar direito do nº 16 da Rua Coelho da Rocha. Tinha então 32 anos de idade. As suas relações sociais no bairro eram, particularmente, circunscritas a dois ou poucos mais comerciantes, onde se aviava, no dia-a-dia. Ninguém ainda reconhecia em Pessoa o indivíduo ilustre da cultura literária. O que se dizia no bairro era que “o Sr. Pessoa sabia muitas línguas e, quando chegavam barcos estrangeiros, ele fazia de intérprete.”	Fernando Pessoa esteve na vanguarda do Modernismo em Portugal e foi um dos principais impulsionadores da revista <i>Orpheu</i>. A publicação, lançada em 1915, juntamente com outros artistas como Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros, é considerada o marco inicial do Modernismo português. Após a morte em 1935, deixou todo o acervo literário em Campo de Ourique, na casa onde habitou – “Casa Fernando Pessoa” - que reabilitada, preserva hoje a atmosfera da sua época e a imersão da vida e obra do poeta.
JUDITH DOS REIS RAMOS TEIXEIRA (1880-1959) - Conhecida por Lena de Valois, uma freguesia Ocidental da Sé, em Viseu, onde nasceu, escolheu Campo de Ourique para morada, na Praceta Padre Francisco, e aí permaneceu o resto da vida.	Foi presença feminina chave do modernismo português, entre 1922 e 1927, período em que publicou todos os seus livros e dirigiu a revista <i>Europa</i>, usando o pseudónimo de <i>Lena de Valois</i>. Os seus poemas eram transgressores, por falarem do amor entre mulheres. Começou por escrever um opúsculo de poemas intitulado <i>Decadência – Poemas</i>. Obra que acabou por ser incinerada por decisão do Governo Civil de Lisboa, na sequência de uma campanha liderada pela Liga de Ação dos Estudantes de Lisboa, contra “os artistas decadentes, autores de livros imorais”.
MARIA GABRIELA LLANSOL (1931-2008) - Nasceu em Campo de Ourique, em uma família de origem catalã. É no bairro, entre a Rua Domingos Sequeira e o Jardim da Estrela, que viveu e correu a sua infância e juventude. Frequentava com assiduidade o Jardim da Parada, no bairro, com preferência pelo Café Raiano, onde imaginava a escrita a partir do que observava à sua volta.	Considerada uma figura singular na literatura portuguesa do século XX, foi uma das poucas escritoras a ganhar duas vezes o prestigiado prémio de melhor romance da Associação Portuguesa de Escritores. Publicou durante mais de quatro décadas, 23 romances, três diários, várias traduções para o português e muitos outros textos. O espólio dos seus livros e dos seus diários constam no “Espaço Llansol” existente em Campo de Ourique, na Rua Saraiva de Carvalho.

MODERNIDADE

A partir do ano de 1926, início do “Estado Novo”, o modernismo vai transformar-se em modernidade. António Ferro, que integrou, em 1915, o grupo *orphista* do movimento modernista, aderiu às ideologias do regime vigente e, ao assumir a direção do Secretariado de Propaganda Nacional, promove um “Portugal à parte”, com um nacionalismo forte, para uma modernidade utilitária voltada para a opinião pública. A modernidade manifestou-se em vários aspetos, mas sobretudo com a arquitetura e as artes plásticas. O estilo do regime dependia da capacidade para conjugar a estética moderna com a tradição da história.

É neste desígnio do “Estado Novo” que Campo de Ourique marca uma posição relevante com a colaboração dos arquitetos, escultores e pintores, domiciliados com os seus *ateliers* no “Pátio dos Artistas”. Marcaram participação nesse espaço, também chamado “Pátio das Três Artes”, entre outros, Cristino da Silva, Continnelli Telmo, Leopoldo de Almeida, Victor Palla e Bento d’Almeida.

LUIS RIBEIRO CRSTINO DA SILVA (1896-1976) - Arquiteto diplomado, em 1919, pela Escola de Belas Artes de Lisboa, estudou depois em Paris entre 1920 e 1925. Figura basilar do primeiro modernismo português, contribuiu, mais tarde, para a configuração do formulário da arquitetura oficial do <u>Estado-Novo</u> .	Autor do projeto de construção do “Pátio dos Artista”, em Campo de Ourique, traçando um conjunto de <i>ateliers</i> onde o próprio produziu os seus trabalhos, convivendo com outros arquitetos, escultores e pintores. Teve relevante contribuição para a Exposição do Mundo Português (1940); foi autor do emblemático conjunto urbano da Praça do Areeiro, Lisboa; foi arquiteto-chefe do projeto da Cidade Universitária de Coimbra.
JOSÉ ÂNGELO CONTTINELLI TELMO (1897-1948) - Frequentou o Liceu Pedro Nunes e formou-se em Arquitetura, em 1915, na Escola de Belas-Artes de Lisboa. Homem da confiança de Duarte Pacheco, foi responsável por obras de vulto do período do Estado Novo.	Tem participação relevante na “Exposição do Mundo Português” (1940). Pessoa multidisciplinar, dedica-se a diversas áreas, do desenho e artes gráficas (banda desenhada) à escrita ou à música. Realiza “A Canção de Lisboa”, o primeiro filme sonoro integralmente português.
LEOPOLDO NEVES DE ALMEIDA (1898-1975) - Começou por frequentar, em 1913, o Curso Geral de Desenho da Escola de Belas-Artes de Lisboa e, mais tarde, na mesma escola, o Curso Especial de Escultura em 1920.	A par da participação nos trabalhos da Exposição do Mundo Português (1940), destacam-se a participação nas construções do monumento aos Mortos da Grande Guerra (1924), e do monumento ao Marquês de Pombal (1934).
VICTOR PALLA (1922-2006) & BENTO D’ALMEIDA (1918-1997). - Estudaram ambos na Escola de Belas-Artes de Lisboa. Instalaram-se em Campo de Ourique com <i>atelier</i> no “Pátio dos Artistas”.	Projetam, em parceria, um conjunto de obras públicas, e particulares (indústria, comércio e habitação) Mas, os seus trabalhos ganharam notabilidade com a inovação e arquitetura dos primeiros “snack-bar” abertos em Lisboa.

De quantos os precursores referenciados é indubitável que há duas figuras, entre as demais, que ficam com a vinheta de *ex-libris* do mundanismo e do modernismo em Campo de Ourique, respetivamente, Veva de Lima e Fernando Pessoa. Inquestionavelmente, Fernando Pessoa e Veva de Lima foram duas personalidades, cada uma a seu jeito, que marcaram o tempo boémio e modernista – ambos movimentos artísticos e literários - no espaço urbano de Campo de Ourique. Dois intelectuais que ficaram indelevelmente ligados ao tempo histórico de Lisboa que ficou conhecido por “Loucos Anos 20”.

Ambos foram palcos onde se desenrolaram, no seu tempo, as mais importantes cenas da vida cultural e política do país. Fernando Pessoa como inspirador de uma estratégia de transformação mental e estética da sociedade portuguesa, promotor da geração “Orpheu”, justamente considerado um marco na viragem do século XIX para o século XX. Veva de Lima foi a anfitriã, em Campo de Ourique, do último salão lisboeta, na tradição romântica de centros de reunião de figuras relevantes dos meios literários artísticos e políticos da capital.

Esta evidência explica a preservação, em Campo de Ourique, das casas onde ambos viveram, transformadas hoje em espaços de acervos culturais. O Palacete Ulrich (Rua Silva Carvalho, 260), visando manter viva a tradição dos encontros culturais, deu lugar à Associação Veva de Lima, criada em 1980 entre particulares e o Município de Lisboa, organizando eventos culturais de forma regular de acesso público.

A Casa Fernando Pessoa (Rua Coelho da Rocha, 18) foi inaugurada a 30 de Novembro de 1993, dia do aniversário da morte do poeta. Após remodelação do edifício, mantendo-se como originais a fachada, as escadas que levam ao primeiro andar e duas divisões do apartamento da família, a casa, gerida pela EGEAC, empresa municipal, sob a marca Lisboa Cultura, está aberta ao público.

APÊNDICE II
BREVE CRONOLOGIA 1900 -1950

1903

- Fundação da cooperativa Padaria do Povo, na Rua Luís Derouet

1904

- Fundação do *Estrela Hall*, pelo *British Protestant School Fund* sede da companhia *Lisbon Players*

1905

- Abertura do café “A Brasileira do Chiado”

1906

- Instalação do Centro Escolar de Santa Isabel, na Rua de Campo de Ourique

1908

- Regicídio, em 1 de Fevereiro, de D. Carlos (1863-1908) e do príncipe-real D. Luís Filipe
- Instalação das Oficinas de São José, na Praça São João Bosco
- Início da *Feira de Agosto* no Parque Eduardo VII e praça Marquês de Pombal
- Alfredo Marceneiro (1891-1982), nascido em Santa Isabel, inicia-se como fadista na estreia da cegada do poeta Henrique Lageosa, baseada no enredo do filme mudo *O Duque de Guise*.

1910

- Fundação do Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique, no dia 10 de Junho, na Rua da Piedade nº 26 (atual Rua Infantaria 16)
- Intervenção do Quartel de Campo de Ourique na revolução no dia 3 de Outubro, liderada por Machado dos Santos, que conduziu à I República Portuguesa.
- Proclamação da I República Portuguesa, no dia 5 de Outubro, na varanda dos Paços do Concelho de Lisboa

1911

- Conclusão da primeira fase de urbanização de Campo de Ourique, entre as ruas Ferreira Borges e Tomás da Anunciação

1912

- Instalação da Companhia de Saúde (Quartel de Campo de Ourique)
- Inauguração da pastelaria *A Tentadora*, no gaveto dos prédios das ruas Ferreira Borges e Rua Saraiva de Carvalho, com traça *Art Nouveau*, projeto do arquiteto Ernesto Korrodi (1870-1944)

1913

- Abertura da primeira farmácia no bairro, na Rua 4 de Infantaria, fundada por Joaquim de Castro Fonseca (1884-1964)

1914

- Início em 28 de Julho da Primeira Guerra Mundial que se estendeu até 1918.

1915

- Lançamento, no dia 25 de Março, do primeiro número da revista *Orpheu*

- Funeral, no dia 24 de Dezembro, de José Maria do Espírito Santo e Silva (1850-1915) promotor da edificação dos primeiros prédios de andares em Campo de Ourique.

1916

- Constituição da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique

- Abre o cinematógrafo *Cine-Paris*, em Campo de Ourique, no gaveto das ruas Ferreira Borges e Rua Campo de Ourique, que acabou encerrado pela Inspeção de Espetáculos, por não assegurar as necessárias condições de segurança.

1918

- Participação portuguesa na I Guerra Mundial, na batalha de *La Lys* - entre 7 e 29 de Abril – com balanço de 1300 mortos, 4000 feridos e mais de 7000 prisioneiros de guerra.

- Primeira vaga da gripe pneumónica em Lisboa, entre Maio e Junho

- Inauguração dos clubes noturnos de Lisboa, *Bristol Club*, *Magestic Club* e *Palace Club*.

1919

- Fundação da *Universidade Popular Portuguesa*, com sede na Cooperativa “A Padaria do Povo”, à Rua Luís Derouet (Campo de Ourique), por iniciativa de António Augusto Ferreira de Macedo (1887-1959) e Bento de Jesus Caraça (1901-1948),

1920

- Fernando Pessoa arrenda casa em Campo de Ourique, no 1º andar direito, do nº 16 da Rua Coelho da Rocha, onde permaneceu os últimos 15 anos de vida

- Instalação do Regimento de Sapadores de Caminho-de-Ferro (Quartel de Campo de Ourique)

- Inauguração, em 27 de Setembro, da estátua “Maria da Fonte” no Jardim Teófilo de Braga.

1922

- Inauguração, no dia 15 de Junho, do *Parque Mayer*, junto à Avenida da Liberdade, e Praça da Alegria, iniciativa do empresário teatral Luís Galhardo (1905-1967)

1923

- Morre o poeta Guerra Junqueiro, no dia 3 de Junho, na sua casa em Campo de Ourique (Rua Silva Carvalho). Em 14 de Julho foi transladado para o Mosteiro dos Jerónimos.

- Judith Teixeira (1880-1959), escritora e poetisa, edita o seu primeiro livro *Decadência*. No mesmo ano incinerado pelo Governo Civil de Lisboa, na sequência de campanha liderada pela Liga de Ação dos Estudantes de Lisboa.

- Nasce, no dia 16 de Abril, na Rua Azedo Gneco em Campo e Ourique, Maria Cândida de Sá Machado Araújo, autora da partitura para piano e canto do *Hino da Cidade de Lisboa*. Permanece no bairro toda a sua vida, com morada nos últimos anos na Rua Silva Carvalho.

1925

- Abertura do *Café Canas*, na Rua Saraiva de Carvalho, antiga taberna e carvoaria na Rua do Patrocínio, propriedade do galego Domingos António Ramiro

- Genoveva de Lima Mayer Ulrich (Veva de Lima) promove, dia 1 de Abril, mais uma das tertúlias que tinham lugar no palacete à Rua S. João dos Bencasados (Campo de Ourique), noticiado na edição nesse dia do *Diário de Lisboa*

1926

- No dia 28 de Maio, a mudança do regime político com a implantação da Segunda República

- Maria Alves (1897-1926), atriz de teatro no Parque Mayer, é assassinada pelo empresário teatral Augusto Gomes, por motivos passionais

1927

- Estreia em Lisboa, do espetáculo de nu com a bailarina stripper Lea Niako (Maria Kruse)

- Primeiro concurso de Miss Portugal, do qual saiu vencedora Margarida Bastos Ferreira, de 20 anos, representando Portugal no concurso de Miss Universo nos EUA

1931

- São inauguradas, em Campo de Ourique, duas salas de cinema, o *Paris Cinema* e o *Europa*. O primeiro, na Rua Domingos Sequeira, com traço do Arquiteto Victor Carvalho Pinto. O segundo, no gaveto das ruas Almeida e Sousa e Francisco Metrass, começou por chamar-se *Astória*, com projeto do arquiteto Raúl Martins, depois reedificado em 1936, com o traço do arquiteto João Carlos Silva.

- Atribuição do Prémio Valmor ao edifício 92-94 na Rua de Infantaria 16, em Campo de Ourique, da autoria dos arquitetos Miguel Simões Jacobetty Rosa (1901-1970) e António Maria Veloso dos Reis Camelo (1899-1985), propriedade do pintor Manuel Roque Gameiro (1892-1944).

- Campo de Ourique viu nascer, no dia 24 de Novembro, Maria Gabriela Llansol, considerada por Eduardo Lourenço (1923-2020) como "O próximo grande mito literário a seguir a Fernando Pessoa".

1932

- Viagem inaugural do “elétrico” da linha 28, entre a Baixa (Rua da Conceição) e os Prazeres.

- O povo de Campo de Ourique rejubila com a vitória do bairro (representado pela Sociedade Filarmónica Verdi) na primeira edição das Marchas Populares nas festas de Santo António, padroeiro de Lisboa

1934

- Inauguração do Mercado de Campo de Ourique, entre as Ruas Francisco Metrass, Tenente Ferreira Durão e Coelho da Rocha.

- Criação, em 21 de Maio, da paróquia de Santo Condestável, provisoriamente instalada na capela do Amor da Virgem Nossa Senhora das Dores, na Rua do Patrocínio
- Fernando Pessoa concorre aos Prémios Literários, atribuídos pelo Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), com o seu livro de poemas *Mensagem*, ficando em segundo lugar na categoria “poema ou poesia solta” do Prémio Antero de Quental.

1935

- Morre Fernando Pessoa no dia 30 de Novembro, depois de ser internado na véspera no hospital de S. Luís dos Franceses, no Bairro Alto, em Lisboa.

1938

- Conclusão da segunda fase de urbanização de Campo de Ourique, entre as ruas Tomás da Anunciação e Sampaio Bruno

1939

- Início da II Guerra Mundial que se estendeu até 1944.

1940

- Realização, entre Junho e Dezembro, da *Exposição do Mundo Português* - 800º aniversário da Fundação do Estado Português (1140) e o 300º aniversário da Restauração da Independência (1640) – sob a tutela do arquiteto-chefe Cottinelli Telmo (1897-1948) e colaborações de Leopoldo de Almeida e Cristino da Silva

1944

- Edificação do “Pátio dos Artistas” ou “Pátio das Três Artes”, em Campo de Ourique, com entrada pelo prédio nº 69 da Rua Coelho da Rocha, projetado por Leopoldo de Almeida, por onde passaram nomes marcantes da arquitetura, escultura e pintura do panorama artístico português

1948

- Constituição do *Hot Clube de Portugal* (HCP), tendo como cofundadores os músicos Luís Vilas Boas (1924-1999) e Jorge Costa Pinto, nascido em Campo de Ourique (26 de Dezembro de 1932, que também atuava os cabarés da Baixa – Arcádia e Negresco - tocando bateria, piano e acordeão.

1949

- A *Pastelaria Aloma*, no gaveto da rua Almeida e Sousa com a rua Francisco Metrass, é constituída em Janeiro, pelos sócios João António Barreto e Daniel Luís Serrano Barreto.

1950

- Início da geração de *snack-bar* em Lisboa, projetados pelos arquitetos Vitor Palla e Bento de Almeida, nos seus *ateliers* (Pátio dos Artistas), em Campo de Ourique

1951

- Inauguração, a 14 de Agosto, da Igreja de Santo Condestável (iniciada em 1946), projetada pelo arquiteto Vasco Regaleira (1897-1968)

1952

- Rui Valentim de Carvalho (1931-2013), nascido em Campo de Ourique, promove e acompanha Amália Rodrigues na primeira edição da cantora para a Valentim de Carvalho nos estúdios de *Abbey Road Studios* em Londres

1955

- Amália Rodrigues morre no dia 6 de Outubro, em Campo de Ourique, na Rua de São Bento, onde viveu durante cerca de 44 anos, período em que se firmou como a grande fadista de Portugal.

1956

- A Sociedade Filarmónica Alunos Apolo (fundada em Campo de Ourique em 1872) transfere-se para as atuais instalações na Rua Silva Carvalho, 225.

1958

- Conclusão da última fase de urbanização de Campo de Ourique com a abertura das últimas três ruas a poente do bairro.

- Morre Manuel Lopes Coelho, assumido maçom, proprietário d'A *Tentadora*, no dia 14 de Maio, na freguesia de Santa Isabel.

- Neste ano, a cantora lírica Maria Cristina de Castro, nascida em Campo de Ourique, a 7 de Janeiro de 1931, na Rua Tomás da Anunciação, participa no elenco da ópera La Traviata, de Verdi, no papel de Annina, ao lado de Maria Callas (Violetta), no Teatro S. Carlos

1957

- Rómulo de Carvalho/António Gedeão fixa residência em Campo de Ourique, na Rua Sampaio Bruno nº 18, onde permaneceu durante 40 anos, até ao fim da vida.

1959

- Criação da freguesia de Santo Condestável, com uma população de cerca de 40 mil habitantes, desanexada do território da freguesia de Santa Isabel

- Morre Judith Teixeira, dia 17 de Maio, na sua última mora em Campo de Ourique, na Praceta Padre Francisco

Factos precedentes a 1900

1717

- Instalação do Cemitério dos Ingleses

1735

- Reconstrução do “Chafariz da Fonte Santa” (construção do final do século XI)

1741

- Criação da paróquia e da freguesia de Santa Isabel

1742

- Construção da igreja de Santa Isabel

1759

- D. José aprova o projeto de edificação do novo Palácio Real em Campo de Ourique (Decreto de 2 de Julho)

1762

- Chega a Portugal, no dia 3 de Julho, Frederico Guilherme Ernesto (1724-1777), conde reinante de Shaumberg-Lippe.

1780

- Construção do núcleo original do Quartel de Campo de Ourique
- Construção da Igreja de N^a Senhora das Dores, na Rua do Patrocínio

1803

- Motins em Campo de Ourique protagonizados pelo Regimento 4 de Infantaria.

1806

- Instalação do Regimento de 4 de Infantaria, (Quartel de Campo de Ourique)

1824

- Abertura do Café “Martinho da Arcada” (conhecido desde 1778 por Café do Gelo).

1833

- Construção da primeira fase do Cemitério dos Prazeres

1842

- Instalação do Regimento Infantaria 16 (Quartel de Campo de Ourique)

1846

- Revolta da “Maria da Fonte”

1863

- Abertura do último troço da Rua Saraiva de Carvalho para dar acesso ao Cemitério Ocidental de Lisboa (Cemitério dos Prazeres)

1878

- Edificação dos primeiros oito prédios de andares em Campo de Ourique, na Rua n^o 1 (Rua Ferreira Borges), iniciativa do banqueiro Espirito Santo e Silva

1884

- Fundação do “*Clube dos Makavenkos*”, sociedade secreta promovida por Francisco Grandella (1853-1934), com as primeiras reuniões boémias em Santa Isabel (Campo de Ourique), no palacete do Conde das Antas, propriedade da família Silva Pereira.

1893

- Proibição da Feira dos Prazeres junto do cemitério, transferida para as Amoreiras.